

GILBERTO RICARDO

ESTRATIFICAÇÃO DA AUTORIDADE TRADICIONAL SUA RELAÇÃO COM A UTILIZAÇÃO COMUNITÁRIA DOS RECURSOS NATURAIS NA ILHA DO BAZARUTO

"Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do Grau de Licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane".

Maputo
1999

F. LETRAS E.E.B. 26

R. E.	27106
DATA	16/fever/00
ADMISSÃO	infecta
GT-50	

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

DEDICATÓRIA

Esta dissertação é dedicada em primeiro lugar à minha filha Gérsia Florinda, que, durante os anos do Curso, foi sacrificada, e privada de amor, carinho e uma educação condigna, o que resultou em traumas psicológicos de difícil reparação. Em segundo lugar, dedica à memória póstuma dos meus queridos pais Florinda António Maxamale e Ricardo Marrunguja, que, devotados ao abandono e esquecimento, não puderam esperar por este momento solene e, deram a vida ao Criador, a 24 de Dezembro de 1994 e 16 de Fevereiro de 1996 respectivamente, deixando um grande vazio no meu âmago.

Por estes entes queridos, honrarei os seus nomes usando o património académico, cultural e científico adquirido, para o bem da Família e da Sociedade.

AGRADECIMENTOS

O autor desta Dissertação de Licenciatura em Geografia, quer antes de mais agradecer cortêsmente ao:

Dr. Leonel Leite Lopes seu supervisor oficial, por ter conseguido fundos para custear todas as despesas inerentes à pesquisa e realização do trabalho final e, sabido conduzir pacientemente o supervisando até à conclusão do trabalho.

Dr^a Eva Tobisson e à sr^a. Prudence Woodford-Berger, da Universidade de Estocolmo _ Suécia, pessoas que dirigem o Projecto que patrocinou a realização deste trabalho investigativo no campo e a elaboração da presente Dissertação.

dr. Domingos Zeferino Gove, Departamento de Biologia da UEM, que, admistrando um fundo de investigação marinha e costeira, criou condições para que o fundo fosse extensivo ao Departamento de Geografia da UEM, contemplando em especial o autor desta Dissertação.

Prof. Doutor José Negrão, ao Prof. Doutor Ebenizário Chonguiça, ao Dr. Zacarias Hombe, ao dr. Carlos Samaniego, à Dr^a Mercedes Pedrero, ao dr. Inocêncio Pereira, por terem fornecido ideias e alguma bibliografia de base, que permitiram elaborar, conduzir e realizar a presente Dissertação.

Prof. Doutor Manuel Araújo, actual director do CEP, por ter permitido continuar a usar dos meios técnicos aí existentes para a realização final desta Dissertação.

Dr. António Sopa, do Arquivo Histórico da UEM, pelo apoio em bibliografia.

Dr. Estêvão James, do INAHINA pelo apoio técnico (fornecimento do GPS) carinho e amparo nos momentos ao pela supervisão na produção da cartografia digital.

dr. João Neto dos Santos, pela supervisão na produção final da cartografia digital e ao pessoal do Departamento de Gestão dos Recursos Hídricos da DNA em Maputo.

dr. Feliciano Chimbutana, do Departamento de Letras Modernas da UEM, pela revisão e correção ortográfica na realização final desta Dissertação.

dr. Augusto Correia, Administrador do PNB e à Dr^a. Susanne, Coordenadora do Projecto do PNB; à sra Célia Enosse Assistente Social do PNB e ao senhor António J.L.M. Reina, Director Regional da Fundação Natureza em Perigo, por terem criado facilidades e apoio logístico na realização do trabalho de campo para esta Dissertação.

Dr^a Teresa Nogueira e ao dr. Alberto Mulenga _ Departamento das Matemáticas _ UEM por ter fornecido o Programa Estatístico e auxiliado no processamento dos dados para as correlações matemáticas e pelas sugestões e correcções Estatísticas.

Eng^o. David Chemane, do INAHINA e a sra. Anita do CEP_UEM, que geriram os fundos doados para a realização desta Pesquisa Científica

Às senhoras Carlota e Hortência Alberto Jamo Cumbane, ao sr. Gonçalves Cuna, do Departamento de Cartografia do INAHINA, que prestaram apoio e assistência na produção da cartografia destinada a esta Dissertação.

Senhores. Pedro Mangalime, e Elisa Simone ambos cozinheiros do PNB, ao Luís Carlos Pangaia, Santos Abdul e família, Fernando Jequê e família, guardas do PNB, Damião Carlos Pangaia e família, ao casal Emma e David, por todo o esforço dispensado no tempo e na contribuição de ideias, apoio moral e material que tornaram factível a concepção e elaboração desta Dissertação.

Sr. António Luís Nhamussua da Papelaria Maputo, pelo apoio moral e material nos momentos difíceis do Curso, e pela encadernação desta Dissertação.

Sr. Joaquim da Cruz Bernardo Pale e o sr. Inocêncio Pinheiro, pelo apoio material na elaboração desta Dissertação.

Maior apreço vai para toda a família e amigos em especial o Bernardo Machungo que souberam acompanhar-me nos momentos difíceis do curso.

E por fim, a todos os "dzinguluve dza na Pale"¹ que me guiara e me protegeram em toda as fases penosas por que passei durante o Curso.

¹ \ O que significa ancestrais dos dos Pales.

ABREVIATURAS

ADM ⇔ Empresa Nacional de Aeroportos de Moçambique

AIP ⇔ 'Aeronautical Information Publication' Publicação de Informação Aeronáutica

A.T. ⇔ Autoridade Tradicional

DPSGC (DINAGECA) ⇔(ex) Direcção Provincial dos Serviços de Geografia e Cadasro
(hoje) Direcção Nacional de Geografia e Cadastro

FRELIMO ⇔ Frente de Libertação de Moçambique; (Partido Frelimo)

ICE ⇔ Informação, educação e comunicação

“HF” ⇔ High Fidelity _ Alta Fidelidade

INAHINA ⇔ Instituto Nacional de Hidrografia e Navegação

NM ⇔ 'Nautical Mile' -> Milha Náutica = 1852 metros

ONC ⇔ 'Obstacle Navigation' Chart -> Carta de Navegação de Obstáculos

PNB ⇔ Parque Nacional do Bazaruto

RENAMO ⇔ Resistência Nacional de Moçambique

R.N. ⇔ Recurso natural

UEM ⇔ Universidade Eduardo Mondlane

WCED ⇔ 'World Commission on Environment and Development'

RESUMO

A Ilha do Bazaruto é habitada por um sub-grupo importante da população rural Moçambicana, uma comunidade pesqueira artesanal que vive do uso dos recursos naturais dos ecossistemas marinhos, lacustres e terrestres. A preocupação de melhorar as suas condições de vida pelo governo central, ONG^s e organizações internacionais, tem mobilizado esforços para disponibilizar fundos para financiar o funcionamento do PNB.

O estudo tinha por objectivo compreender as dinâmicas populacionais reconhecendo a importância dos eventos demográficos socio-económicos e os factores culturais e modo de vida ocupacional distinto, caracterizado por critérios tecnológicos, sociológicos e económicos da comunidade pesqueira no contexto do desenvolvimento socio-económico sobre a pesca artesanal.

Tecnologicamente, esta comunidade pesqueira artesanal emprega chatas de fabrico artesanal, a remos, de desembarque na praia para a pesca. Os apetrechos de disparos e puxamento das presas na caça submarina são de operação manual. A detecção de cardumes e a navegação marítima são feitas à vista desarmada, sem o emprego de dispositivo electrónico para o efeito.

Em termos sociológicos, a comunidade dos ilhéus organiza-se em linhagens familiares hierarquizadas internamente, estabelecendo uma autoridade tradicional assente num sistema de valores culturais e crenças, em que os espíritos dos ancestrais, e os rituais jogam um papel preponderante. A negação seguida da instrumentalização que a autoridade tradicional sofreu durante o período colonial, e a marginalização seguida da substituição da mesma pelos Grupos Dinamizadores que se operou depois da Independência Nacional colocaram-na numa posição difícil de se enquadrar no governo formal e mesmo de pesquisar actualmente. Contudo, o sistema tradicional de vida ainda se mantém com fortes efeitos na produção, nomenclatura dos membros familiares, organização social, e de saúde. Prevalece entre a comunidade pesqueira, a participação dos membros do grupo de parentesco e do dono do barco e da rede de pesca nos grupos de trabalho.

O padrão de remuneração do trabalho privilegia os sistemas de partilha, ao invés dum salário fixo ou de arranjos de proporções de interesses; profissionalização socializada e treinamento dentro do grupo e lugar de trabalho e de habitação. Não existem na Ilha nem infraestruturas nem serviços de crédito e de apoio

comunitário. A inexistência de ruas, faz com que os poucos carros que ali há, circulem em picadas abertas ou pelos complexos hoteleiros ou pelo PNB. O suprimento de água potável em condições higiénicas,

incluindo um mercado adequado, o processamento, armazenamento ou facilidades de conservação do pescado, a nutrição, os padrões de higiene e saúde, são pobres.

Economicamente, a comunidade pesqueira dos ilhéus obtêm receitas baixas e irregulares; e aplica métodos de produção intensivo ao invés de capital intensivo. A exploração de recursos naturais não renováveis, acesso livre à água doce e à terra, em competição com os complexos hoteleiros e unidades pesqueiras médias e de grande escala localizados no continente, é uma tônica dominante.

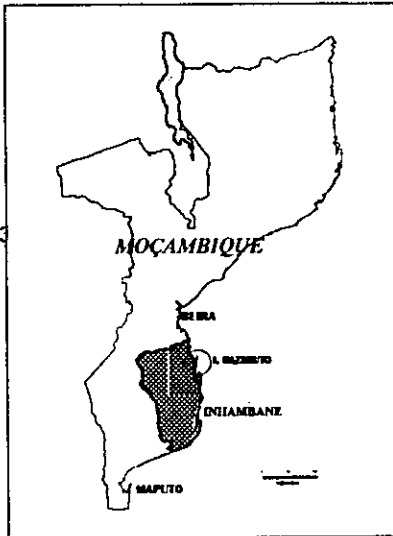
35° 25'E

35° 30'E

21° 30'S

ILHA DE BAZARUTO

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO

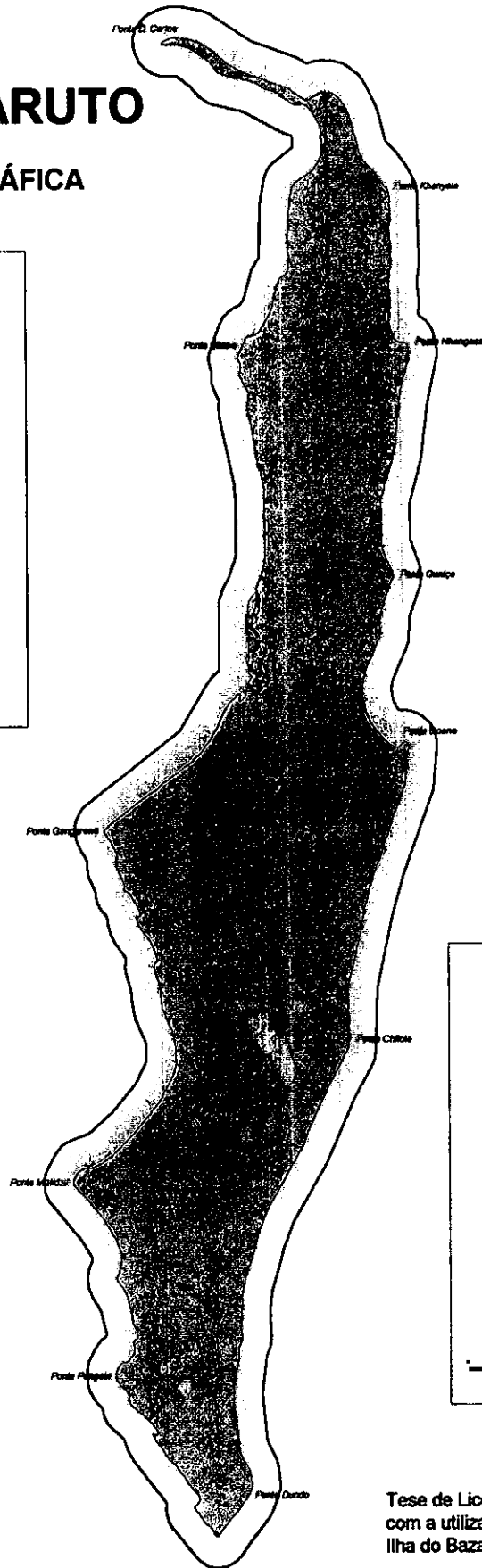


21° 30'S

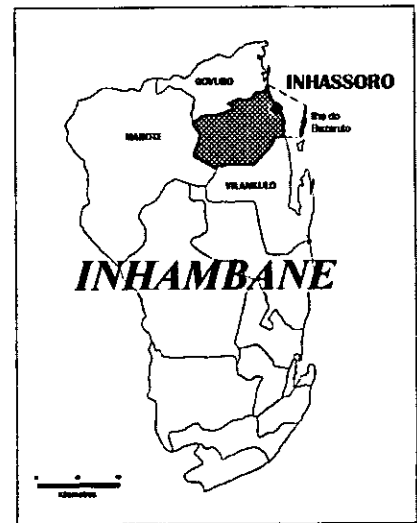
21° 40'S

21° 45'S

BAÍA DO BAZARUTO



CANAL DE MOÇAMBIQUE



Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na Ilha do Bazaruto.

Produzido por Gilberto Ricardo

ÍNDICE GERAL	Página
Agradecimentos	i-ii
Abreviaturas	iii
Resumo	iv-v
Índice geral	vi-ix
Lista dos anexos e apêndices	x-xi
Lista das estampas	xii-xiii
Lista das figuras	xiv
Lista dos mapas	xv
Lista dos gráficos	xvi
Lista das tabelas e quadros	xvii
CAPÍTULO I	1
1.1 _ Introdução	1
1.2 _ Objectivos do estudo	1
1.2.1 _ Objectivos gerais	1
1.2.2 _ Objectivos específicos	2
1.3. _ Pressupostos	2
1.4. _ Processo de realização do estudo	3
1.5 _ Meios técnicos usados	4
1.6 _ Fontes secundárias de obtenção de dados	4
1.7 _ Cobertura	4
1.8 _ Justificação da escolha do local onde foi realizada a pesquisa	5
1.9. _ Intenção da pesquisa	6

	vii
1.10 _ Problemas testados na pesquisa	7
1.11 _ Metodologia de investigação	8
1.11.1 _ Metodologia da análise qualitativa das entrevistas, levantamentos e inquéritos	9
1.12 _ Análise das fontes bibliográficas	11
1.13. _ Métodos de abordagem	12
1.14 _ Marco contextual para a análise do Tema	15
CAPÍTULO II _ CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ILHA DO BAZARUTO	17
2.1 _ Localização geográfica da Ilha do Bazaruto	17
2.2 _ Delimitação geográfica e espacial do tema e superficial da Ilha	17
2.3 _ PRINCIPAIS RECURSOS A SEREM ABORDADOS NESTA PESQUISA	18
2.4 _ Recuros Florestais	20
2.5 _ Pastagem e a pecuária	22
2.6 _ Os crocodilos	22
2.7 _ Recursos hídricos	23
CAPÍTULO III _ A POPULAÇÃO, SUA DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO	25
3.1 _ EVOLUÇÃO DO CRESCIMENTO POPULACIONAL NA ILHA	25
3.2 _ HISTÓRIA GERAL DO POVOAMENTO DA ILHA DO BAZARUTO	27
3.2.1 _ A GÊNESE DOS ACTUAIS HABITANTES DA ILHA DO BAZARUTO	27
3.3 _ Povoamentos	30
3.4 _ ORGANIZAMÇÃO SOCIAL DOS ILHÉUS	34

3.4.1 _ A ORIGEM DA AUTORIDADE TRADICIONAL NA ILHA DO BAZARUTO	34
3.4.2 _ A Autoridade Tradicional na Ilha, antes da chegada dos Portugueses em Moçambique	35
3.5 – A Autoridade Tradicional durante o período de dominação Colonial Portuguesa	36
3.6 _ A Autoridade Tradicional desde a Independência Nacional até 1998	40
3.7 _ Descrição e caracterização da Autoridade Tradicional	41
3.8 _ Manifestação actual da Autoridade Tradicional no campo sócio-político na ilha	43
3.9 _ A influência actual da Autoridade Tradicional e sua relação com os hábitos culturais nas dinâmicas populacionais	44
 CAPÍTULO IV _ INSTITUIÇÕES E VIDA SOCIAIS	 48
4.1 _ A vida social dos ilhéus	48
4.2. _ Matrimónios e vida conjugal	49
4.3. _ A família e a poliginia no seio comunitário dos ilhéus	50
4.4 __ A bebida e a sua influência no seio dos ilhéus	53
4.5 _ Rituais	54
4.6 _ Parentesco	56
 CAPÍTULO V _ UTILIZAÇÃO DOS DIVERSOS RECURSOS NATURAIS PELA POPULAÇÃO DA ILHA E SUAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS	 58
5.1 _ Agricultura	58
5.2 _ Pecúaria na Ilha	59
5.3 _ A avifauna da Ilha	61
5.3.1 _ Avicultura	61
5.4 _ Pesca	62

	ix
5.5 _ Comércio	65
CAPÍTULO VI _ RELAÇÃO ENTRE A AUTORIDADE TRADICIONAL E A UTILIZAÇÃO COMUNITÁRIA DOS RECURSOS NATURAIS DA ILHA DO BAZARUTO	66
6.1 _ O envolvimento dos ilhéus e os arranjos institucionais	66
6.2 _ Gestão pesqueira na Ilha	68
6.3 _ A atuação da Autoridade Tradicional na utilização e participação comunitária na gestão dos recursos naturais da ilha do Bazaruto	70
6.4 _ Impactos ambientais verificados na pesquisa	71
CAPÍTULO VII _ CONCLUSÕES	72
CAPÍTULO VIII _ BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	79
ANEXOS	

LISTA DOS ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO 1 DEFINIÇÕES E CONCEITOS

ANEXO 2 MAPAS, ESTAMPAS E FIGURAS

ANEXO 2 SECÇÃO A - MAPAS

ANEXO 2 SECÇÃO B - ESTAMPAS

ANEXO 2 SECÇÃO C - FIGURAS

ANEXO 3 LEVANTAMENTOS E EXPLICAÇÃO GPS DOS POVOAMENTOS NA ILHA DO BAZARUTO

ANEXO 3 SECÇÃO A - LEVANTAMENTOS GPS DOS POVOAMENTOS NA ILHA DO BAZARUTO

ANEXO 3 SECÇÃO B - EXPLICAÇÃO DO ANEXO 3 DOS LEVANTAMENTOS GPS DOS POVOAMENTOS DA ILHA DO BAZARUTO

ANEXO 4 LISTA DAS PESSOAS QUE PARTICIPARAM NA ELABORAÇÃO DO MAPA Nº 9; DOS TERRITÓRIOS LINHAGEIROS E SUAS CHEFIAS

ANEXO 5 SECÇÃO A UM EXEMPLAR DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NA ILHA DURANTE A PESUISA

ANEXO 5 SECÇÃO B MODELO DO GUIÃO DE ENTREVISTAS USADO PARA A PESQUISA, COM PEQUENAS VARIAÇÕES ESPECÍFICAS DE ACORDO COM O GRUPO OCUPACIONAL

ANEXO 5 SECÇÃO C EXPLICAÇÃO SOBRE OS OBJECTIVOS DO CONTEÚDO DO GUIÃO DE ENTREVISTAS USADO PARA A PESQUISA

ANEXO 6 RELAÇÕES DE GÉNERO NA ILHA DO BAZARUTO.

ANEXO 7 AVIFAUNA DO ARQUIPÉLAGO DO BAZARUTO

ANEXO 8 RECURSOS PAISAGÍSTICOS

ANEXO 9 GEOLOGIA DA ILHA DO BAZARUTO

ANEXO 10 DIAGRAMA LINHAGEIRO DOS DZIVANE NHASSENCO EM SITONE, A NORTE DA ILHA.

ANEXO 11 SECÇÃO A METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS ILHÉUS DURANTE O TRABALHO DE CAMPO

ANEXO 11 SECÇÃO B TABELA DE ANÁLISE FACTORIAL PARA AS ENTREVISTAS DA ILHA DO BAZARUTO

ANEXO 11 SECÇÃO C EXPLICAÇÃO DO CRUZAMENTO DE VARIÁVEIS

ANEXO 11 SECÇÃO D VARIÁVEIS DERIVADAS DOS FACTORES DAS ENTREVISTAS AOS ILHÉUS NA ILHA DO BAZARUTO

APÊNDICE A NOMES DE USO QUOTIDIANO NA ILHA DO BAZARUTO PARA A DESIGNAÇÃO DAS COISAS.

LISTA DAS ESTAMPAS

ESTAMPA I

Fig. 1 _ Um relevo de maré costeira resultante de rochas impregnadas de conchas calcário e de carbonato de cálcio (CaCO_3) de mapalo e outros organismos marinhos. Em Zenguelema no Centro da Ilha.

Fig. 2 _ Um pescador procedendo à arrumação de peixe para o secar. O uso de tarimbas para secar o peixe é aconselhável como norma higiénica.

ESTAMPA II

Fig. 1 _ O processo de formação das dunas de areia por acção eólica na costa oriental da Ilha e o efeito da vegetação em tal processo.

Fig. 2 _ A existência de casuarinas junto à linha da costa mostra que a erosão eólica não teria uma evolução muito nefasta. As dunas de areia estabilizar-se-iam muito próximo da linha da costa.

ESTAMPA III

Fig. 1 _ Um campo de aviação do norte da I. Vendo-se dois aviões médios pousados. Os turistas, uns a desembarcar e outros a embarcar para uma visita à Ilha do Bazaruto.

Fig. 2 _ Vista parcial do "Bazaruto Lodge". Na piscina e à sua volta, o homem modificou profundamente a natureza de forma diferente relativamente ao outro Hotel, o Sabal Bay Lodge, no Centro da Ilha.

ESTAMPA IV

Fig. 1 _ No uso dos Recursos Naturais pesqueiros, um grupo de jovens pescadores a caminho de mais uma jornada de trabalho.

Fig. 2 _ Uma mulher a tecer capim por ela cortada para a venda imas fontes de subsistência da Ilha. Esse capim é usado para a cobertura das palhotas.

ESTAMPA V

Fig. 1 _ Existem, em quase todas as famílias da Ilha, réplicas de palhotas em miniatura como a da figura em 1º plano. É o lugar sagrado onde está enterrado o pai do chefe da família ou onde vive a sua alma. Enquadra-se no aparelho da Autoridade Tradicional.

Fig. 2 _ Um rebanho de arientinos com o seu pastor, que os foi recolher de volta à casa em Pangaia, Sul da I. de Bazaruto. Operações do género são feitas para evitar a perda de animais.

ESTAMPA VI

Fig. 1 _ Um rebanho de caprinos erantes pastando.

Fig. 2 _ A chegada do cruzeiro é uma grande feira na ilha, o que arrasta ilhéus de dezenas de quilómetros para vender artigos de artesanato.

ESTAMPA VII

Fig. 1 _ Chipuanha Mazoloze ou Palaia, Chefe Linhageiro dos Dzivane Zingole, a Sul de Zenguelema, I. do Bazaruto.

Fig. 2 _ Vista parcial do Sabal Bay Lodge, um dos mais modernos hotéis no Centro da Ilha. Paisagem humanizada; o homem em harmonia com o ecossistema natural.

ESTAMPA VIII

Fig. 1 _ Fernando Carvalho, Chefe Tradicional de Sitone e da Linhagem dos Dzivane Nhassengo.

Fig. 2 _ Uma família de Pangaia, onde as palhotas e o lar são localizados no meio de um bosque, onde se abre uma clareira para construir as palhotas mas, a vegetação natural em redor é deixada, para evitar a erosão eólica.

ESTAMPA IX

Fig. 1 _ Uma raia de nariz em aba ou raia de boca de vaca *Rhinoptera javanica* (Müller & Hanle 1841), comedora de ostras mostrando todas as suas características morfológicas externas. A morfo-estrutura serve para especificar a semelhança entre o tipo de raias capturadas na praia de Pangaia a 4/9/97 e as descritas no Catálogo das espécies marinhas do Sul do Save.

Fig. 2 _ Uma das raias capturadas a 04/09/97.

ESTAMPA X

Fig. 1 _ Um poço vulgar, um entre vários que abastecem as populações de ilhéus de água potável, o que mostra a existência abundante de lençóis freáticos à superfície na I. de Bazaruto.

Fig. 2 _ No corte da palmeira brava, há relações de género. Tanto homens como mulheres tomam parte nele.

ESTAMPA XI

Fig. 1 _ Uma camponesa na sua machamba de mandioca em Zenguelema, Centro da Ilha. A existência de microclimas e pequena variedade de solos permite a produção de milho.

Fig. 2 _ Escola Primária do EP1 de Sitone, norte da I. do Bazaruto.

ESTAMPA XII

Fig. 1 _ Evolução da arriba de Zenguelema na Ilha do Bazaruto.

Fig. 2 _ Uma estrutura da arriba vista em perspectiva. Ela reflecte também uma costa de escarpa, de areia encarnada.

LISTA DAS FIGURAS

FIGURA 1 VISTA PARCIAL DO CORTE DE UMA PALHOTA. NO SEU INTERIOR, UMA FAMÍLIA A DORMIR EM SACOS CHAMADOS ("VUMBA"). USADOS PELOS ILHEUS DESDE HÁ SÉCULOS ATÉ O ANO DE 1973.

FIGURA 2 ACAMPAMENTO DE PESCA CONJUNTO DOS LACERDA MADZELETE - MACHULANE, A NORTE DA ILHA DO BAZARUTO.

FIGURA 3 SOBRE AS TROCAS COMERCIAIS NA ILHA DO BAZARUTO SEGUNDO AS COMUNIDADES ELABORADO POR G. RICARDO, 1997.

LISTA DOS MAPAS

MAPA 1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA DE ESTUDO.

MAPA 2 HIDROLOGIA E HERPETOFÁUNA.

MAPA 3 IMAGEM TRIDIMENSIONAL MOSTRANDO A INFLUÊNCIA DO RELEVO SOBRE OS ASSENTAMENTOS HUMANOS E DISTRIBUIÇÃO DOS PALMÍPEDES DOMÉSTICOS.

MAPA 4 GEOLOGIA.

MAPA 5 DISTRIBUIÇÃO DOS ASSENTAMENTOS HUMANOS POR DENSIDADES POPULACIONAIS (1997).

MAPA 6 DISTRIBUIÇÃO DOS REBANHOS DE ARIENTINOS E CAPRINOS NA I. DO BAZARUTO, SEGUNDO DUTTON, P. 1990 MODIFICADO POR G. RICARDO EM 1997.

MAPA 7 DISTRIBUIÇÃO DAS POPULAÇÕES DE DUGONGOS, TARTARUGAS MARINHAS, GOLFINHOS E DA LOCALIZAÇÃO DOS NINHOS DE TARTARUGAS MARINHAS.

MAPA 8 DISTRIBUIÇÃO DOS CAJUAIS E DAS ACTIVIDADES COMERCIAIS.

MAPA 9 TERRITÓRIOS LINHAGEIROS E SUAS CHEFIAS.

MAPA 10 DISTRIBUIÇÃO DOS PALMARES, ACAMPAMENTOS DE PESCA ARTESANAL E INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS.

MAPA 11 DISTRIBUIÇÃO DAS GALINHAS, GALOS E PROFUNDIDADES MARÍTIMAS.

MAPA 12 LOCALIZAÇÃO DOS LUGARES USADOS NO CÁLCULO DO ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO DE KANT E DAS FAMÍLIAS DOS CHEFES LINHAGEIROS.

MAPA 13 REGIONALIZAÇÃO DA ILHA DO BAZARUTO.

Lista dos gráficos

Gráfico nº 1 Distribuição por frequência do número de casas da população da Ilha do Bazaruto em 1997.

Gráfico nº 2 Distribuição do número de esposas em casais da Ilha do Bazaruto em 1997.

Gráfico nº 3 Distribuição dos turistas por nacionalidades entrevistados na Ilha do Bazaruto, Julho/Agosto de 1997.

LISTA DOS QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 COMPARAÇÃO DOS DADOS POPULACIONAIS DA ILHA DO BAZARUTO AO LONGO DE VÁRIOS ANOS.

TABELA 1 DISTRIBUIÇÃO DE ESPOSAS NOS CASAIS POLÍGINOS DA ILHA DO BAZARUTO EM 1997.

TABELA 2 DISTRIBUIÇÃO DE CASAS DAS POPULAÇÕES DA ILHA DO BAZARUTO EM 1997.

TABELA 3 AVALIAÇÃO FINAL DOS RECURSOS PAISAGÍSTICOS SEGUNDO O MODELO DE LEOPOLD.

TABELA 4 DISTRIBUIÇÃO TURISTAS ENTREVISTADOS POR NACIONALIDADES

CAPÍTULO I

1.1 _ Introdução

As relações natureza-sociedade têm sido marcadas por uma ligação constante ao longo de gerações, através da utilização dos recursos naturais pelo Homem, para a satisfação das suas necessidades, desde as elementares até as socialmente impostas e inclusivamente para obter o poder. Porém, a exploração e uso de tais recursos acarretam consigo uma série de consequências por vezes nefastas.

O facto de a Autoridade Tradicional ter sido pouco estudada na Ilha, em conjugação com a utilização dos recursos naturais dificulta, de certa maneira, o estabelecimento de bases de comparação analítica.

A realização deste estudo, é uma contribuição valiosa para a investigação científica na Geografia do Comportamento através da conjugação do modo de vida e organização social da Autoridade Tradicional e a forma como ela se insere na utilização dos recursos naturais e as implicações daí decorrentes.

1.2 _ Objectivos do estudo

1.2.1 _ Objectivos gerais

O estudo foi concebido para atingir os seguintes objectivos gerais:

1 _ Avaliar a dinâmica da comunidade pesqueira artesanal, no contexto do desenvolvimento socio-económico e ambiental da Ilha do Bazaruto; e.

2 _ Identificar a integração dos recursos naturais não marinhos na busca de alternativas de subsistência e aumento de rendimentos económico-familiares das comunidades pesqueiras artesanais na Ilha do Bazaruto.

1.2.2 _ Objectivos específicos

Para responder aos dois objectivos gerais acima descritos, foram formulados os seguintes objectivos específicos:

a) Estudar a estrutura político-administrativa da Autoridade Tradicional das comunidades dos ilhéus, porque se supõe que tem um papel de peso na organização da produção, uso e conservação dos recursos naturais pelas comunidades;

b) Estudar o modo de vida das comunidades pesqueiras, das comunidades de recolectores de mariscos, bem como dos criadores de gado caprino e ariantino, incluindo a agricultura de subsistência e outras actividades socio-económicas na Ilha, para compreender a sua base de subsistência e de obtenção de receitas;

c) Analisar os conhecimentos que a autoridade tradicional possui sobre a zonagem do território da Ilha, quanto às formas do uso dos recursos e ocupação do espaço, para tirar ilações da importância do papel dos líderes comunitários, sua legitimidade, bem como a sua área de actuação na organização social e na acessibilidade dos recursos naturais pelos membros de cada comunidade;

d) Identificar as relações de género no modo e nas relações de produção, de modo a entender quem de facto produz, como o faz e o seu grau de participação na economia familiar segundo o sexo; e

e) Descrever e cartografar as diversas categorias de recursos naturais de que a Ilha dispõe e as respectivas áreas de recollecção de mariscos e da prática de pesca para representar espacialmente a interacção sociedade-natureza.

1.3. _ Pressupostos

Na Ilha do Bazaruto a utilização e gestão sustentável dos recursos naturais pelos ilhéus era sempre garantida com o envolvimento particular da Autoridade Tradicional, enquanto este sistema não sofresse das transformações socio-políticas. Nos últimos 30 anos ocorreram em Moçambique profundas transformações

socio-políticas que levam a formulação dos seguintes pressupostos na presente investigação, para a avaliação do problema:

- 1 _ A Autoridade Tradicional na Ilha do Bazaruto esteve sempre relacionada com a utilização dos recursos naturais;
- 2 _ A comunidade dos ilhéus usou sempre primeiramente os recursos naturais na satisfação das suas necessidades;
- 3 _ Os recursos naturais foram sempre usados pelos ilhéus com práticas de uso e aproveitamento sustentáveis, por isso não se esgotaram e nem causaram maiores desequilíbrios ecológicos; e
- 4 _ Na Ilha do Bazaruto, como em outras comunidades pesqueiras, há relações de género no uso e aproveitamento dos recursos naturais pelos ilhéus (Anexo 6).

1.4. _ Processo de realização do estudo

1.4.1 _ A presente pesquisa foi realizada em duas fases distintas:

1 _ Recolha de dados no terreno e seu tratamento no gabinete, consistindo na sua digitação em meios informáticos, classificação, análise e redacção do relatório final. Esta recollha, decorreu de 22 de Julho a 15 de Setembro de 1997, subdividiu-se em:

i) Observação participativa, na qual o pesquisador instalou-se junto a três famílias nativas em Sitone Zenguelema e Pangaia (norte, centro e sul da Ilha, respectivamente) com o objectivo de captar aspectos relevantes do modo de vida sócio-cultural dos ilhéus e a forma como estes se organizam socialmente no uso e aproveitamento dos recursos naturais.

ii) Observação directa e descrição dos ecossistemas bióticos e abióticos, onde se procurou compreender e explicar a dinâmica costeira da modelação do relevo dunar, marinho, costeiro das transgressões e regressões marinhas e do efeito da erosão, dos impactos ambientais devidos à criação de rebanhos de arietinos e caprinos num ecossistema insular (fechado).

iii) Observação directa de como se estratifica a autoridade tradicional na Ilha do Bazaruto.

2 _ Pesquisa bibliográfica consistindo na recolha, leitura, selecção, extrapolação e interpolação de ideias, conceitos e redacção da dissertação.

1.5 _ Meios técnicos usados

Para a recolha de dados referentes à localização dos assentamentos humanos, acampamentos de pesca, zoneamento territorial, e outros, foi empregue um GPS do tipo "Ensign" com a capacidade de captação de 8 satélites geoestacionários em órbita e com a precisão de ± 100 metros. O retratamento dos vários cenários físicos e humanos da Ilha empregou uma máquina fotográfica simples de amador, da qual se obtiveram as fotografias constantes das estampas (Anexo 2). Também se usou um mapa topográfico 1:50.000, datado de 1973, para alguma orientação, referência e comparação de alguns elementos físico-sociais da Ilha.

1.6 _ Fontes secundárias de obtenção de dados

A recolha de dados referentes à população empregou uma fonte secundária de dados; um levantamento demográfico das famílias nativas, realizado em Junho de 1996, pela gestão do PNB em coordenação com a Administração do Posto do Bazaruto.¹ Esta fonte foi bastante útil, porque permitiu uma referência prévia, para o lançamento preliminar de dados populacionais.

Em seguida, fez-se uma confirmação no terreno, bem como o preenchimento e adequação específica desses dados. Ao mesmo tempo, foi-se efectuando o enquadramento das famílias não nativas, excluídas nessa base de dados; (Anexo 3).

¹ \ A designação de família nativa, pretende fazer uma distinção, entre aquelas constituídas por indivíduos que nasceram na Ilha, e aquelas famílias que nela vieram viver ou trabalhar, sem terem ali nascido.

1.7 _ Cobertura

Dos 557 agregados familiares existentes na Ilha do Bazaruto, pelo menos 44 deles não foram visitados, sendo que todos eles se localizam em Zenguelema. Os dados demográficos referentes às suas famílias foram extraídos da fonte secundária a que se fez referência. No mapa dos assentamentos humanos derivados da base de dados por nós colhidos consta como “outros casos”, não estando como tal representados os pontos da sua localização no mapa. Assim, se 557 agregados familiares correspondem a 100%, os 44 agregados familiares representam 8%. Logo, os levantamentos cobriram 92% da população de toda a Ilha do Bazaruto.

1.8 _ Justificação da escolha do local onde foi realizada a pesquisa

A Ilha do Bazaruto é a maior de um conjunto de cinco ilhas que compõem o Arquipélago, parte do Parque Nacional do mesmo nome.

O seu conhecimento profundo implica a realização de investigações sobre a população ali residente, as suas dinâmicas populacionais, bem como a inventariação dos recursos naturais existentes para planificar, promover e monitorar políticas de uso sustentável desses recursos, que possibilitem uma integração populacional através de informação, educação e comunicação (ICE), incluindo programas de planeamento familiar, de saúde e gestão dos recursos naturais, e estabelecer o seu relacionamento com os mecanismos da autoridade tradicional e suas normas comunitárias.

A incorporação da Ilha no Parque Nacional do Bazaruto (PNB) implica uma imposição de medidas restritivas no uso de certos recursos naturais pelas populações, na sua sobrevivência e aumento de rendimentos económicos do agregado familiar. Estas ficam condicionadas, já que essas populações não devem:

Aumentar a área de cultivo porque isso afecta certos ecossistemas frágeis, tais como os mangais, a vegetação da brenha costeira, as escarpas das dunas e das elevações, por um lado, e, por outro, as

comunidades não devem caçar nem fazer a recollecção excessiva de conchas porque isso pode acelerar o seu desaparecimento.

O crescimento demográfico na Ilha tem como consequência maior demanda dos recursos naturais. A imposição de restrições no uso dos recursos naturais origina conflitos permanentes entre a comunidade de ilhéus e as autoridades de administração do PNB.

Como alternativa, é preciso encontrar um meio termo para a conciliação das partes envolvidas, e um dos objectivos da realização desta Pesquisa é oferecer uma contribuição para tal.

O facto de a Ilha do Bazaruto se encontrar localizada dentro dum parque marinho faz com que o uso dos recursos naturais seja por vezes condicionado. Assim, a recollecção e venda de conchas, estava interdita, desde Julho de 1997 até princípios de 1998, para evitar a dilapidação rápida daqueles recursos, devido à sua grande demanda pelos ilhéus, como uma alternativa para lhes fornecer receitas. A medida de interdição é temporária, até a criação de um mecanismo centralizado desse negócio, que se encarregará de comprar as conchas aos ilhéus e revenderá aos clientes, como forma de controlar a sua procura desenfreada pelos ilhéus.

Os rendimentos económicos dos ilhéus, provenientes da exploração marinha são exíguos. O mar como recurso natural de subsistência, para milhares de ilhéus ao longo de gerações este é colocado sob, grande pressão. O consumo dos frutos silvestres está bastante massificado na Ilha.

O envolvimento da Autoridade Tradicional, e porque conhecedora das práticas, usos e costumes locais, pode contribuir sobremaneira para encontrar uma solução harmoniosa no alívio à pobreza para estas comunidades, dentro de um uso sustentável do meio.

1.9. _ Intenção da pesquisa:

Os resultados constatados da pesquisa podem ser, por indução, extensivos ao resto da costa litoral Moçambicana, particularmente aos ecossistemas insulares. Sendo assim, torna-se necessário estabelecer uma base permanente de investigação científica e docência na UEM sobre temas ligados às comunidades

pesqueiras rurais e suas dinâmicas no uso integrado dos recursos naturais, em coordenação com a Autoridade Tradicional.

Contudo, a falta de dados socio-económicos e demográficos neste sub-grupo continua a dificultar a concepção e implementação de políticas e programas que guiem as necessidades de desenvolvimento das comunidades pesqueiras e a necessidade de uma gestão adequada do meio físico do qual essas comunidades vivem e os recursos que elas exploram.

A recolha atempada e sistemática de dados socio-económicos e demográficos sobre as comunidades pesqueiras no país, parece estar ausente. A Ilha do Bazaruto elucidada particularmente este caso. Um relance da informação demográfica básica sobre o número actual e o tamanho dos agregados familiares na área costeira em Moçambique bem como a sua distribuição geográfica não parecem existir em todos os países da região Austral da África FAO (1993:45).

A realização deste trabalho de dissertação, veio em parte colmatar essa lacuna, e a continuação deste tipo de estudos dependerá da criação de condições materiais para o efeito.

O processo de mudanças que ocorre em todo o mundo e particularmente no país (como a economia de mercado, integração regional e a globalização) impõe um aumento das actividades económicas do empresariado nos diversos domínios, como o turismo, por exemplo. Isto leva a que analisemos e prognostiquemos as consequências das diversas camadas sociais na demanda dos recursos naturais com intenções e formas de uso diferentes.

1.10 _ Problemas testados na pesquisa

Com vista a dar substância à nossa pesquisa foram elaboradas as questões que abaixo se seguem:

- 1) Qual é a posição dos recursos naturais da área e o recurso potencial em relação às aracterísticas físicas e às necessidades da população?
- 2) Quais são as características dos vários usos e sistemas de exploração dos recursos naturais em termos de forma de acesso aos mesmos?

3) Qual é o papel da Autoridade Tradicional na tal organização? Qual é a sustentabilidade do uso actual dos recursos naturais?

4) Que tipo de mudanças ocorreram recentemente nestes ecossistemas, e qual é o papel da Autoridade Tradicional em relação à autoridade do Estado, na política do processo de integração nacional a este respeito?

1.11 _ Metodologia de investigação

Para a prossecução dos objectivos preconizados na pesquisa foram usados os seguintes métodos:

- * Pesquisa bibliográfica e de campo;
- * Cartográficos para a feitura de mapas mostrando as localizações espaciais dos recursos, quer naturais quer económicos básicos, tratados nesta pesquisa, incluindo a área de jurisdição dos chefes tradicionais;
- * Levantamentos de dados informativos de carácter socio-económico e político-cultural junto de três comunidades residenciais dos ilhéus, para consubstanciar o trabalho através de inquéritos, observação e participação (Anexos: 5, 6, 7, e 11);
- * Tabulações de informações para o tratamento de dados diversos, segundo as categorias de classes e de uniformidade;
- * Feitura de gráficos sobre a informação contida nos dados colhidos;
- * Estatísticos, para a determinação amostral, classificação e agrupamento dos dados da pesquisa;
- * Matemáticos ou quantificação em Geografia, para o mapeamento digital dos povoamentos e outros temas e avaliar o grau de correlação entre variáveis contidas na matéria abordada na pesquisa;
- * Levantamentos usando um “Global Positioning System” (GPS), para a marcação da posição das habitações no terreno, zoneamento e delimitação territorial e jurisdicional de cada chefe tradicional, de toda a ilha, para a feitura dos respectivos mapas.

1.11.1 _ Metodologia da análise qualitativa das entrevistas levantamentos e inquéritos

Esta análise foi feita com o intuito de saber quanto valem os dados colhidos no terreno, pela sua substância e pela qualidade da fonte informante, despidos do subjectivismo.

Segundo Schiff (1971:8-9)², é preciso recorrer a uma série de técnicas para compreender a forma como os ilhéus organizam as suas componentes afectivas e cognitivas num sistema de atitudes que conduzirão a uma pré-disposição para responder a um objecto consistente com esse sistema. Como o investigador não pode medir estes conceitos, ele tem que inferir, quer através da observação comportamental, quer da auscultação do que dizem as pessoas. Os analistas geralmente confiam-se muito nas entrevistas ou outros meios para obterem informação sobre preferências ou crenças ditas.

Na base deste pensamento foram feitas entrevistas, debates públicos, levantamentos e inquéritos no campo de estudo, cujos dados foram tratados de acordo com a técnica de cruzamento de variáveis, quadros e tabelas, para se resumir o seu conteúdo, e para a elaboração da síntese final (Anexo 11).

A elaboração dos mapas temáticos (5, 8, 10 e 12) de densidade dos povoamentos e demográficos (hab/km²) de toda a Ilha do Bazaruto, tomando como fontes os levantamentos GPS 1997, obedeceu a “técnicas estatísticas para o agrupamento dos dados, ou mais especificamente, para a selecção dos intervalos de classe visando o mapeamento” (Gerardi e Silva, 1981:137 e 142). Usando o programa Mapinfo, delimitaram-se e calcularam-se as áreas habitadas e o seu número de habitantes. Os intervalos de classe foram obtidos automaticamente e fizeram-se pequenos ajustamentos tornando-os ambos fechados. A técnica provou ser “extremamente útil para a regionalização uni ou multidimensionais além de poder ser aplicada para identificar grupos de variáveis homogéneas”, aquelas que têm densidades populacionais semelhantes (Gerardi e Silva, 1981:135).

Para analisar o conteúdo, foram definidas as seguintes operações:

i) Delineamento dos objectivos e delineamento de um quadro de referência teórica orientador da pesquisa; ii) Constituição do corpus; iii) Definição de categorias envolvendo factores agrupados em variáveis que estavam concebidas nos sub-tópicos das entrevistas no campo. Detalhes da metodologia de

² (Referenciada por Mitchel, 1989:102)

análise encontram-se no anexo II. Mas, não basta apenas uma técnica para chegar a uma conclusão, como sustenta a citação seguinte:

“Na Geografia, as observações raramente se colocam de forma exacta sobre uma linha de regressão, ou seja, é raro que elas tenham um relacionamento linear perfeito. Normalmente, y é só parcialmente explicado através de x . Isto, segundo Norcliffe (1977:216-217), ocorre em função das duas razões principais:

- a) os fenómenos que o Geógrafo estuda são geralmente de carácter multivariado, ou seja, uma dada variável é influenciada através de muitas outras variáveis de tal maneira que a variável independente é só responsável por uma parte da variação em y . Nesta situação podemos aplicar a regressão múltipla e a variável x é substituída através de um vetor de variáveis, x_i , de tal forma que $y < -x_1, x_2, x_3 \dots, x_n$.
- b) Por outro lado, uma variação ou fenómeno pode ser atribuído a um conjunto de variáveis explanatórias, sobre um comportamento predizível de forma inerente que é atribuída a acontecimentos acidentais como sejam enchentes, abaixamentos da temperatura ou mortes inesperadas numa família”; (Gerardi e Silva, 1981:92).

Os princípios acima citados ditaram que se escolhessem as análises de regressão de correlação múltipla, das quais se obtém o coeficiente de correlação r , que pode variar de $+1$ a -1 . “Ele é positivo, se com crescentes valores de x os valores de y aumentam também e negativo se com crescentes valores de y diminuem. Assim, $r = +1$ indica uma perfeita associação positiva [...], $r = -1$ uma perfeita associação negativa. Se $r = 0$ não temos correlação entre [as] variáveis” Gerardi e Silva (1981:101). “O coeficiente [r] (sic.) indica a percentagem de variação de y explicada pela regressão. 0% indica que nenhuma variação em y é associada com a variação em x e 100% indica que toda a variação em y é associada com a variação em x ” (ibidem:96). Gregory, (1973:192-3) acrescenta sobre o mesmo contexto que “em termos gerais, coeficientes dentre $+0,5$ e $+1$ e entre $-0,5$ e -1 são altamente significativos, enquanto que se os valores que se acham entre $-0,5$ e $+0,5$ há pouca significância na correlação que se espera”. Uma grande preocupação a ter em conta é de que o valor do coeficiente não indica porque é que existe esta relação e não prova que algumas causas produziram os efeitos, já que podem ter havido factores diferentes que podem ter interagido para produzir as alterações nessas áreas.

Sawyer e Levine (1966) referenciados por (Pelto, 1970:198). usaram a análise factorial na investigação da “Amostra Etnográfica do Mundo de Murdock”, que consiste numa tabela de 30

características económicas básicas, ecológicas, sociais e políticas de uma amostra de 565 sociedades". A análise factorial, é uma técnica na qual, um grande número de categorias de dados e as suas intercorrelações podem ser reduzidas a um pequeno número de factores básicos, para simplificar uma análise posterior dos dados, a análise factorial incorpora-se na análise de conteúdo. Assim, havendo uma semelhança entre o conteúdo dos factores de Murdock e os concebidos para o estudo da Ilha do Bazaruto, foram elaborados para o efeito 16 factores, dos quais derivaram-se 48 variáveis. Empregando o programa estatístico "Execustat Student Edition", fez-se o cruzamento de todas as variáveis entre si, o que forneceu coeficientes de correlação que variam de $-1 < r_{xy} < +1$ a $\alpha=0,05$ (5%).

Segundo a recomendação de Peltó, (1970;332), na dimensão socio cultural fez-se a análise da covariância de um elemento X com características Y com a qual se pensa que tem ligações causais. Como por exemplo:

(1) Testar a proposição de que preservar grandes manadas de caprinos e arietinos está casualmente relacionado com o sistema patrilinear de descendência;

(2) Abordar a proposição sobre relações de sistemas de parentesco particulares e de localização das residências, de acordo com a descendência e de matrimónio, segundo a linhagem familiar.

(3) Análise das consequências ou efeitos de um evento particular ou característica cultural. Aqui, foi examinado o efeito da prática do turismo e o fluxo de estrangeiros sobre as comunidades dos ilhéus no domínio (cultural, económico _ pesca, recollecção de conchas, corais, interferência na estrutura socio-política da ilha).

1.12 _ Análise das fontes bibliográficas

Existem vários estudos sobre o Arquipélago de Bazaruto. O Plano Director para o Desenvolvimento Sustentável a longo Prazo do Arquipélago de Bazaruto, (Dutton & Zolho, 1990). Este é um estudo bastante rico no que concerne à inventariação dos ecossistemas e recursos naturais que compõem as ilhas, e particularmente a de Bazaruto. Esta obra, é uma referência obrigatória para qualquer estudo posterior a ser empreendido nas ilhas do Arquipélago, uma vez que para a sua realização, foram empregues técnicas e meios bastante avançados para os levantamentos, classificações e feitura de mapas

dos habitats. Contudo, descarta a componente aos aspectos sociais, no concernente à sua organização. A obra do Ferreri (1886), por ser rica em aspectos culturais do Arquipélago, e bastante antiga, com mais de 120 anos, possibilita um estudo comparativo ao longo do espaço e do tempo. Ramsey, (1993), quando aborda as lideranças comunitárias na participação comunitária, na Ilha, usou elementos de referência que parecem fugir muito da linguagem de outras obras realidades antes ou depois do seu estudo sobre o tema Autoridade e Poder Tradicionais. O facto é ilucidado por considerar que os membros da estrutura de base dos GD^s, é a mesma que a da Autoridade Tradicional, quando alguns dos membros que compunham essa primeira estrutura não eram sequer nativos das ilhas.

Os estudos em levantamentos nos Boletins Oficiais sobre a legislação em questões do Poder e Autoridade Tradicionais agrupam-se em quatro grandes categorias a saber: i) Decretos que submetem a origem e natureza do poder e autoridade tradicionais; os decretos anteriores à década 20. ii) Decretos que submetem a origem e natureza do Poder e Autoridade Tradicionais, casos dos decretos 12:533 de 23 de Outubro de 1926 e o Decreto nº 16:473 de 16 de Março de 1929. iii) Decretos que instrumentalizam o Poder e Autoridade Tradicionais: Decreto-lei nº 39:666 de 20 de Maio de 1954, e Portaria 5:639³. iv) Decretos que revitalizam o Poder e Autoridade Tradicionais.

Cota (1944 e 1946), fez um estudo Eno-Antropológico bastante exaustivo sobre Moçambique e talvez o mais completo que se consultou na elaboração desta Dissertação. Machili (1996), Lundin, (1995/98) estudam a Autoridade Tradicional no contexto sócio-político Moçambicano actual; enquanto que Sebenzo (1997), aborda o mesmo tema na realidade sócio-política contemporânea Sulfricana. Os três últimos autores, não fazem relação entre a Autoridade Tradicional com o uso dos recursos naturais costeiros e marinhos.

1.13. _ Métodos de abordagem

Esta Dissertação que é expositiva porque tem como estrutura e plano de trabalho reunir e relacionar material obtido de diferentes fontes, expondo o assunto com fidedignidade e demonstrando habilidade não só do levantamento, mas também de organização (Salvador,1180:35) referenciado por

³ \ Regulamento dos auxiliares da administração civil.

Marconi e Lacatos (1988:193). Naquilo que é uma abordagem específica e pertinente, esta Dissertação usou como linha de orientação metodológica a "Análise Regional"⁴, na qual se extraiu a definição de Geografia que se segue:

"A Geografia é um estudo que olha para toda a realidade encontrada dentro da superfície terrestre sobre um ponto de vista particular, nomeadamente o da diferenciação areal" Hartshorne, (1939:374), citado por (Mitchell 1985:11).

Em consonância com o método, procurou-se definir a região natural, antes de se prosseguir. Há muitas definições de região natural. A seguir apresentam-se algumas delas.

Segundo Vidal de la Blache, Ritter, e Ratzel, referenciados por (Wilson & Bennett, 1985:89) região, "... é uma entidade dentro da qual a organização dos processos espaciais se crê que estejam interna e intimamente ajustados uns aos outros ao meio físico, e que é relativamente distinto das outras áreas".⁵

Simões (1987:31) diz que, para uns, região "...é uma entidade real, objectiva, concreta, que pode ser facilmente identificada, [como] uma região natural; para outros, não é mais do que um modelo que vai facilitar a análise permitindo diferenciar espacialmente o objecto de estudo".

Simões destaca ainda a existência de regiões formais que são áreas geográficas dotadas de uniformidade relativa ou homogeneidade face a determinado atributo ou variável que começou por ser predominantemente física para mais tarde ser de ordem económica e mais tarde ainda, de ordem social e política" (1987:32).

Devido à pertinência do conceito para o trabalho, caracteriza-se a homogeneidade como a exigência da variabilidade dos elementos que compõem a região se contenha dentro de determinados limites quer dizer, a razão deve ser constituída pelo conjunto das unidades geográficas que respeitem condições específicas (Simões, 1987:33).

As regiões homogéneas variam de atributo para atributo, de acordo com o grau de exigência.

No caso da Ilha do Bazaruto, o critério que determinou a criação destas regiões naturais é o da homogeneidade dos elementos que constituem cada uma delas, formando uma identidade que permite distingui-las das demais regiões. O critério de homogeneidade apoiou-se na orografia, tipo de vegetação, a

⁵ Original em Inglês, tradução do autor desta Dissertação.

massa geológica constituinte da unidade espacial em questão para a sua delimitação. Sobre este aspecto, Simões afirma que "...há tantos espaços regionais quantos os elementos de base que se tomem para suporte" (idem).

Richardson, (1969:224), é citado por Simões, (1987:33) a dizer que "...pode defender-se que qualquer agregado territorial pode organizar-se num sistema hierarquizado de regiões de tamanhos diferentes, no qual uma região de determinada ordem contém um certo número de regiões mais pequenas, de ordem imediata. A escolha para efeitos de análise, de uma dada ordem, depende dos objectivos".

Neste contexto, a Ilha do Bazaruto foi categorizada em:

Dois sistemas de regiões _ i) Sistema de Região aquática salgada; ii) Sistema de região terrestre.

Por sua vez, o sistema de região aquática salgada incorpora:

(a) Região do fundo marinho de corais sempre coberto de massas de água salgadas; (b) região entre marés; (c) região do capim marinho e dos bancos de mapalo. O sistema de região terrestre, engloba:

(a) A região das dunas de areia pioneiras, movediças e desnudadas; (b) Região das dunas de areia consolidadas, com cobertura vegetal; (c) Região dos pântanos de águas salobras; (d) Região da vegetação dos pântanos; (f) Região dos mangais; (g) Região dos lagos e lagoas de águas salobras; (h) Região da vegetação de savana arbórea e arbustiva; (i) Região da vegetação expressa constituindo o matagal; e (j) Região de planície de inundação temporária (Anexo 2, Mapa 13).

O objectivo da regionalização natural da Ilha é o de agrupar os elementos naturais da mesma em categorias que se nos apresentam visíveis e estabelecer relações entre elas. Entretanto, não iremos caracterizar as regiões por nós criadas por falta de espaço.

(Dutton & Zolho, 1990:18) identificaram 11 habitats no Arquipélago de Bazaruto, dos quais pelo menos 10 existem na Ilha do mesmo nome.

As regiões ou habitats mostram sinais de modificação por acção humana ou dos rebanhos de arientinos e caprinos.

Se compararmos as regiões naturais por nós criadas segundo os critérios já explicados e os habitats naturais que Dutton e Zolho identificaram, veremos que se encaixam plenamente. Aliás, a base de diferenciação areal através da regionalização é a ferramenta que a Geografia confere para analisar o espaço geográfico. Os dois autores acima mencionados usaram as ferramentas da Ecologia o que não encerra uma contradição lógica.

Esta afirmação é reforçada por Broeks, (1965:3-4), referenciado por Mitchell, ao dizer que a Geografia foi distinguida das outras disciplinas pelas "suas relações com o carácter dos "lugares" isto, é, a integração de todas as pessoas e dos seus habitats e a inter-relação entre lugares"

1.14 _ Marco contextual para a análise do Tema

A tomada de decisões sobre a atribuição de parcelas de terras aos habitantes de uma comunidade local, zona, aldeia, povoação, posto administrativo ou qualquer unidade territorial, por mais pequena que seja, tem estado por lei a cargo das autoridades locais, de base e por costume, a cargo das Autoridades Tradicionais, de acordo com a organização hierárquica em que se encontra estratificado o poder político administrativo formal e o tradicional respectivamente, a nível nacional. Olthof & Pereira, (1995:5) afirmam a este respeito que: " O papel e a importância [das decisões sobre uso da terra] depende da percepção das pessoas que tomam as decisões e do contexto nacional e regional no qual as decisões do uso da terra são feitas".⁶

Consultas levadas a cabo nos meios académicos nacionais sobre a matéria revelam que este tema tem um escopo Geográfico. Assim o afirma Ombe,⁷ nos seguintes termos: "A tomada de decisões sobre o uso dos recursos que se distribuem no espaço tem relações com o plano do uso da Terra Tradicional, zonagem local, tipo de terras e seu tipo de utilização".

Porém, a decisão da forma como deve ser usado o espaço territorial ou a terra, é tomada individualmente. Tais usos de terra nem sempre têm sido harmoniosos, podendo-se destacar os usos conservativos e os usos destrutivos. Entre os usos destrutivos, podemos mencionar a técnica das queimadas descontroladas na abertura de machambas, bem como para aquilo que o camponês julga ser a melhor maneira de regenerar rapidamente os pastos, já exaustos e quase secos, devido ao uso intensivo pelas manadas de gado (bovino, caprino, arientino e outro).

⁶ Olthof, W. & Pereira, I. "In _ Land Evaluation and Land Use Analysis some Principles and Methods". Utrecht University and UEM, Maputo; 1995.

⁷ Zacarias Ombe, Director-Adjunto da Faculdade de Geografia e História de Universidade Pedagógica (UP), numa declaração verbal, em encontro havido no seu gabinete de trabalho, a 29 de Julho de 1996.

O uso de terras marginalmente aptas para a agricultura, tais como os ecossistemas costeiros frágeis das regiões tropicais, como é o caso das de Moçambique, que se situa nesta região e cujo o tempo de regeneração é bastante longo, como por exemplo a vegetação costeira, é outra face do problema.

No que concerne às técnicas conservativas, destaca-se a prática de pousio, que os camponeses empregam para a recuperação da fertilidade do solo.

As fontes bibliográficas consultadas comungam a opinião com as citações feitas anteriormente. Entretanto, acrescenta-se a seguinte, por se julgar de capital importância:

" A sustentabilidade exige o cumprimento das responsabilidades dos impactos das decisões. [A lei sozinha não pode fazer respeitar o interesse comum]. É necessário principalmente o conhecimento e o apoio da comunidade, que acarreta uma maior participação pública nas decisões que afectam o ambiente. Isto é melhor assegurado pela descentralização da gestão dos recursos sobre os quais as comunidades locais dependem, e dando a estas comunidades uma palavra efectiva sobre o uso destes recursos. Também irá exigir a promoção das iniciativas dos cidadãos, autorizar as organizações de pessoas, e fortalecer a democracia local" WCED (1987:2-19).⁸

Na Ilha do Bazaruto a Autoridade Tradicional é a estrutura de base que vive e convive com a comunidade local, aquela que está mais próxima do terreno, que vive o seu dia a dia na terra e da terra. Ela representa um dos estratos de poder e autoridade local, dentro de uma estrutura descentralizada e que tem a tarefa de fiscalizar o cumprimento das normas e regras locais, particularmente para a segurança do desenvolvimento sustentável de repartir os recursos naturais, pelos constituintes da comunidade local.

Terminamos fazendo um resumo de uma série de funções que estão a cargo da Autoridade Tradicional, nos seguintes termos: a) A manutenção da lei e da ordem [na estrutura linhageira]; b) A estruturação da família; c) Cuidar do meio ambiente; d) A educação da família, e; d) Cuidar da terra (Lundin, 1995:10).

Este conjunto de princípios sintetizados pelas várias fontes contactadas para a auscultação e busca de elementos de sustentação norteiam o delineamento de base que suscita o interesse por este estudo de caso, que ocorreu na Ilha do Bazaruto a principal Ilha do Arquipélago do mesmo nome. Este Arquipélago é

⁸ Citando: "For Municipal Initiative and Citizen Power", In INDERENA, La Campana Verde y los Concejos Verdes (Bagota, Colombia: 1985).

o único do país que ostenta o signo de Parque Nacional, por reunir características de autenticidade singulares como um ecossistema insular.

CAPÍTULO II _ CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ILHA DO BAZARUTO

2.1 _ Localização geográfica da Ilha do Bazaruto

A Ilha do Bazaruto "UTHURUTSUA"⁹ fica situada na costa sul oriental de África, em Moçambique, província de Inhambane e especificamente a leste do distrito de Inhassoro (vide mapa nº1). Em termos de distância por um lado, a Ilha em questão localiza-se a 309 MN, ou seja, 572 Km a Nordeste da Cidade de Maputo em linha recta.¹⁰ Por outro lado, situa-se a 16 MN _ 29,6 Km da antiga pista de aterragem de Inhassoro¹¹ ao Farol de Bazaruto.

2.2. _ Delimitação geográfica espacial do tema e superficial da Ilha

Em termos geográficos, a pesquisa decorreu em toda a extensão territorial da Ilha do Bazaruto, com cerca de 35,8 Km de comprimento por 10 Km de largura máximos¹². Ela fica confinada entre as seguintes Coordenadas Geográficas:¹³

Extremo Ocidental 21°43'21.88"S e 35°25'41.07"E;

Extremo Oriental 21°38'36.55"S e 35°29'50.77E.

Extremo Setentrional 21°30'04.39"S e 35°26'54.03"E.

Extremo Meridional 21°47'31.92"S e 35°27'34.03"E

⁹ Nome nativo da Ilha, o que significa XIRUHUDZU, porque ela apresenta a forma de uma cordilheira; devido às dunas de areia.

¹⁰ Esta distância foi obtida com base em medições usando duas fracções de Cartas Aeronáuticas séries UNC, fracções Q-5 e P-5; da 5ª e 6ª edições, escala 1:1.000.000 e uma régua de navegação aérea "Flight Navigation Plotter", na mesma escala. Para o efeito, foram seleccionadas duas Coordenadas Geográficas previamente conhecidas, sendo a intercepção das pistas 05/23 e 10/28 do Aeroporto Internacional de Maputo (Fonte _ AIP, Moçambique, AGA2 _ 9; de 10/03/1988) e o Farol de Bazaruto 25°31'51"S e 35°29'10"E (Fonte _ Carta Hidrográfica da Baía do Bazaruto, nº423 _ 1ª Edição, de 1952).

¹¹ Neste momento a pista encontra-se encerrada, tendo sido o local transformado em mercado informal. Entretanto, está em curso a construção de uma nova pista de aterragem num outro local.

¹² Dimensão do comprimento máximo da ilha, obtido pela média aritmética de três medições do mesmo segmento de recta unindo um extremo ao outro da Ilha.

¹³ As Coordenadas Geográficas aqui fornecidas, foram determinadas num computador, onde existe o mapa da Ilha do Bazaruto, no Programa "Hydmap" do Instituto Nacional de Hidrografia e Navegação (INAHINA) _ Maputo.

A ilha do Bazaruto tem uma superfície de 98 Km², com um perímetro de 81 Km.¹⁴

Quanto ao tempo, a pesquisa científica fixou como referências os séc. XVIII a XX; uma vez que grande parte do material bibliográfico e documentação escrita existente sobre a área de estudo é abundante nesse período. Por outro lado, as fontes orais capazes de relatar certos factos são biologicamente inexistentes para períodos mais remotos.

2.3 _ PRINCIPAIS RECURSOS A SEREM ABORDADOS NESTA PESQUISA

Os recursos naturais em análise, são agrupados em duas categorias grandes: renováveis e não renováveis. Os recursos renováveis são essencialmente as plantas, vegetais, animais. Estes podem ser aumentados em quantidade e qualidade. Os recursos não renováveis são aqueles da água e da terra (solos). Em termos de quantidades, eles podem ser finitos, mas a qualidade deles pode ser melhorada sob certas bio-condições e com boa gestão. Um grande recurso natural que é raramente mencionado, mas aqui será abordado, é o tempo. O tempo é um factor constante ao qual qualquer recurso natural está sujeito, para ter o ciclo completado. Os detalhes dos três recursos serão fornecidos mais adiante, na sua interacção concomitante que resulta na ecologia humana.

Em muitas partes da Ilha os problemas ambientais mais críticos estão relacionados com uma complexa rede de eventos: sobrepastoreio, recolção de lenha, desmatamento, desflorestação, queimadas descontroladas dos ecossistemas naturais e de resíduos das culturas agrícolas, erosão dos solos, sedimentação e salinização. As consequências directas incluem a redução severa de energia para o uso doméstico e de produtividade agrícola, as consequências indirectas das quais há uma gama de profundos efeitos para o bem estar da humanidade, em particular nas mulheres e as suas multiplas funções (Rodda, 1991:74)

De acordo com as categorias aqui mencionadas, são os seguintes os recursos a serem abordados nesta pesquisa:

¹⁴ As medidas fornecidas representam uma média aritmética de três medições do mesmo parâmetro, usando o planímetro electrónico.

Pesqueiros, Pecuários, Agrícolas, silvícolas, marinhos, paisagísticos, hídricos, florestais (combustíveis lenhosos, materiais de construção) e pedológicos.

Cada categoria de recursos incorpora uma série de componentes, a saber:

Fauna Marinha (1) Recursos pesqueiros (peixes, raias, lulas, lagostas, tartarugas, dugongos e golfinhos) recolecção marinha (caranguejos e ostras) pássaros marinhos (flamingos, gaivotas, etc. Anexo 7).

Flora marinha (2) (Capim e algas marinhas).

Flora terrestre Recolecção de frutos silvestres ("tidziva", "mareru", "titsobhe" "makhoma", "massala", "makuakua").

Florestais (floresta de pântanos, mangais, combustível lenhoso), palmeira brava *Hypaene natalensis palm* (palha para a manufactura de cestaria, tapeçaria, extração de vinho da palmeira brava "utchema", fornecimento de frutos silvestres comestíveis); material de construção, plantas medicinais para a cura de doenças).

Fauna Terrestre ornitologia (pássaros diversos-pombos verdes, patos bravos, pica-pau, abelha-rouca, pássaros tecelões, etc. Anexo 7), pequenos mamíferos (mangul, esquilos, suni) roedores (esquilo encarnado)

Pecuários (arientinos, caprinos, palmípedes e galináceos).

Fauna lacustre Herpetofauna (crocodilos), e peixes-da-água- doce

Recursos paisagísticos (exploração turística), mar (corais, peixes exóticos dos corais, e outra fauna marinha), o relevo das dunas de areia, a praia e as suas águas límpidas, a granulometria das areias da praia).

Devido à limitação do número de páginas no trabalho, estes recursos são tratados com maior detalhe no Anexo 8.

Recursos de água salgada (via de navegação dos barcos de pesca e de transporte de carga e passageiros dos ilhéus; ecossistema da vida marinha).

Recursos de água doce (lagos _ habitat dos crocodilos; do capim de cobertura de palhotas; pastos dos rebanhos de arientinos e caprinos) (fonte de suprimento da água potável para o consumo humano) e habitat de diversos pássaros.

Recursos pedológicos base de sustentação da flora e da prática da agricultura de subsistência (batata-doce, mexocira, mandioca, cana-doce) e da construção habitacional.

2.4 _ Recursos Florestais

Os recursos florestais são a vegetação terrestre da Ilha que constitui o habitat de muitos seres vivos. A vegetação é função da interação de vários factores em simultâneo nomeadamente: a geologia, geomorfologia, o clima, e os solos. As plantas ou vegetação indígena da Ilha encontra os usos seguintes:

- a) Material de construção empregam as plantas silvestres, para a obtenção de estacas de construção, varas, cordas, capim de cobertura ("djeka"), caniço de forrar. As plantas silvestres empregues como material de construção (estacas, varas,) são ("kwakwa") *S. innocua*, ("ndzengue"), ("khuri") *Syzygium cordatum* e outros em Apêndice A;
- b) O combustível lenhoso utiliza quase todo o tipo de material vegetal, depois de seco e especialmente aquele com grande poder de combustão;
- c) Recolecção de frutos silvestres serve-se de uma gama de plantas silvestres que fornece frutos, cujo valor os lhéus reconhecem, recolhem-nos e consomem-nos, constituindo um recurso de subsistência e por vezes de rendimento. Algumas dessas plantas são: ("khuri") *Syzygium cordatum*, ("tjindzo") *Phoenix reclinata palm*, ("hanga"), ("Ntiti") *Artabotrys branchyptalus*, ("kwakwa") *S. innocua*, ("dhokomela"), *massala Strycnos spinosa*, ("dzikitimo"), ("titsobhe") *Dovialis longispina*, (vide Apêndice A);
- d) Medicamentos ou drogas medicinais são várias as plantas medicinais, mas não fornecemos aqui a lista, por falta de espaço;
- e) As plantas usadas como material de higiene e limpeza são ("hleho") que é usado para lavar o cabelo e a mulala, empregue para escovar os dentes;
- f) As plantas empregues para o fabrico de peças de artesanato e de ornamentação são: ("kahluane") *Tabernaemontana elegans* STAPF, ("nthingari"), e mafurreira;

g) A protecção ao ecossistema natural, é feita pela vegetação natural. Os ilhéus reúnem um conhecimento empírico bastante avançado neste assunto na medida em que eles sabem que a Ilha é sempre assolada pelos ventos marítimos, o que provoca erosão e nuvens de areia. Assim, eles abrem uma pequena clareira para assentarem as suas palhotas e deixam a restante vegetação circundante da casa no seu estado natural para evitar a erosão (Anexo 2, Est VIII, Fig.2).

Muitas plantas são usadas pelos ilhéus como drogas medicinais; na cura de feridas, esterilidade, afastar as cobras dentro das suas palhotas, para tratamentos ligados ao curandeirismo e etc. A indicação das plantas medicinais e seus fins, não é feita ao acaso. Existe uma espécie e exoterismo nesta questão. As plantas são também empregues na construção naval, para a feitura de asnas de estruturas de barcos; nos remos, mastros e alavanca de empurar o barco. As plantas como vegetação natural, têm uma importância vital como pastos para os rebanhos.

A palmeira brava *Hypaene natalensis* palm "hanga" é uma das mais importantes plantas na vida dos ilhéus. Ela constitui parte da vegetação natural da ilha, formando uma comunidade própria.

Desde há milénios, os ilhéus habituaram-se a lidar com esta planta e dela sobreviveram. Ela tem múltiplos usos, como: A extracção do vinho ("utchema"). Cada chefe do território linhageiro controla a área em que ela exista, sendo proibido entrar e extrair o vinho dessa palmeira sem o seu consentimento. No artesanato, a sua folha é empregue na confecção de chapéus de palha, de cestos, de esteiras e tapetes. Usa-se também para amarrar as estacas e varas, para tecer o caniço na construção de palhotas e na feitura de gamboas, (Anexo 2, Est. X Fig. 2).

No fornecimento dos seus frutos, cuja casca tem uma polpa que os ilhéus comem. A população nativa pratica a arte de tecelagem. Até 1972, na sua maioria, os ilhéus não tinham mantas para se abrigarem do frio e dos mosquitos, excepto aqueles envolvidos no trabalho migratório, especialmente nas minas da África do Sul. Assim, as populações nativas da Ilha teciam sacos de dormir que chamavam "vumba", onde o casal e os filhos se metia e se fechava para escapar do frio e das picadas dos mosquitos (Pedro Mangalime, Santos Abdul e outros 07 a 08/08/1997) (Anexo 2, Fig.1.).

2.5 _ Pastagem e a pecuária

A pastagem faz parte dos recursos florestais constituídos pelo estrato herbáceo. A sua existência na Ilha é proporcionada, quer pelo clima e solos, quer pela abundância de lagos, lagoas e pântanos de água doce. Os pastos constituem um recurso importante porque é graças a eles que se pratica a criação de gado ariantino e caprino.

A abordagem dos pastos na Ilha do Bazaruto, inter-relaciona-se com a forma de uso da terra, uma vez que é na terra onde os pastos germinam, e, é pela forma como os membros da comunidade se organiza para o seu uso e aproveitamento que se gera um sistema de harmonia ou de conflito.

O sistema de uso da terra na Ilha é comunal. Na verdade, em que a terra pertence à Comunidade, e todos os seus membros têm acesso a ela, sem discriminação de qualquer natureza. Os animais dos dois tipos de rebanhos pastam livremente nas planícies dos lagos, lagoas e pântanos, ou no terreno seco. Estas práticas comunitárias consolidam a noção colectiva de posse da terra, à semelhança do que acontece nos territórios dos Massai do Quénia e Tanzania, como o sustenta a presente citação: "sem posse privada da terra (que pertence, na totalidade, ao domínio público), não existem restrições óbvias ao crescimento dos rebanhos" (Campbell, 1983:188).

2.6 _ Os crocodilos

A Ilha de Bazaruto é povoada por crocodilos *Crocodilos niloticus*. Esta Ilha é a que comporta maior número destes animais no Arquipélago. A sua abundância na Ilha é devida à existência de muitos lagos e lagoas de águas salobras, à rápida capacidade reprodutiva da espécie e ao elevado número de ovos postos em cada postura (Anexo 2, Mapa nº2).

Dutton, & Zolho, (1990:23 e 32). explicam que durante a contagem aérea realizada no Inverno de 1989, havia poucos crocodilos juvenis nos lagos devido à grande predação dos ovos destes pelos ilhéus. Esta afirmação realça o facto de que o crocodilo é um dos vários recursos que os lagos da ilha fornecem. A predação dos ovos do crocodilos pelos ilhéus visa não só o controlo da sua reprodução como a busca de

uma alternativa de subsistência alimentar visto que, nos anos chuvosos, estes répteis constituem um atentado às vidas humanas e à sua actividade pecuária. Na verdade, os crocodilos abandonam os lagos à noite à procura de alimentação, como cabritos que pastem à beira dos lagos e lagoas.

Os crocodilos têm uma ligação particular com a Autoridade Tradicional como recursos naturais não só pelo aproveitamento dos seus ovos e da carne mas também porque quando se mata um crocodilo, a sua cabeça é entregue ao chefe tradicional para ser enterrada por este em lugar secreto.

2.7 _ Recursos hídricos

Para o seu estudo, os recursos hídricos da Ilha do Bazaruto foram divididos em duas categorias: doces e salgados.

Os recursos de água salgada (ambiente marinho) constituem a mais abundante massa aquosa que circunda a Ilha do Bazaruto. Cedo, desde os primeiros habitantes que constituíram as comunidades da Ilha aprenderam a lidar e a explorar o seu vasto potencial, que se pode caracterizar em:

i) Recursos usados como via de transporte entre os vários pontos da ilha e entre a ilha e a parte continental; como abrigo natural para as embarcações de cabotagem e internacionais em caso de mau-tempo no mar. Os ilhéus usam pequenas embarcações a vela para se deslocarem transportando os seus bens volumosos da Ponta Pangaia à Ponta D. Carlos ou ainda a Vilankulo e Inhassoro, onde é feita grande parte das trocas comerciais no contexto das necessidades locais.

ii) No contexto das necessidades nacionais e internacionais, desde os tempos remotos, aquela Ilha foi frequentemente sulcada pelos Árabes, que estabeleceram um entreposto comercial e uma economia de exploração dos seus bancos perlíferos, seguindo-se-lhes os Portugueses e Ingleses que também usaram a mesma política de exploração.

Para tornar a via mais acessível à navegação, eficaz e segura foi elaborada uma cartografia de navegação marítima adequada, e construído o farol do Bazaruto. Assim, as cartas de navegação marítima ostentam um valor numérico _ o Zero Hidrográfico (Z.H.) que é definido como sendo a

"Superfície de referência das profundidades inscritas nas cartas marítimas, e também deve ser o nível de referência das alturas de marés previstas, publicadas nas respectivas tabelas [...]. Do ponto de vista

matemático, a escolha do Z.H. é indiferente, bastando que seja convenientemente definido em cada local por marcas fixas, implantadas no terreno. [Do ponto de vista do navegador, há conveniência em adoptar um Z.H. próximo do nível das baixas-mares, ou até mesmo das maiores baixa-mares, para que se não encontre alturas de água inferiores às sondas indicadas nas cartas]" (Barahona Fernandes, 1971:564).

As sondas contidas na carta nº44620-M, escala de 1/100.000 são referidas ao Z.H. próximo das maiores baixa-mares da Ilha do Bazaruto como sendo de 2,4 m. As cartas de navegação marítima incluem uma informação técnica, a "zona de areia" _ aquela parte da praia sujeita à acção das marés. Esta zona é particularmente importante na vida da comunidade dos ilhéus na medida em que é aqui onde decorre parte das suas actividades de recollecção de mariscos, (ostras de areia, ameijoas, mexilhão, holotúrias, conchas) e a pesca artesanal por rede de arrasto (Anexo 2, Mapa nº 11).

iii) Como habitat da biodiversidade marinha.

O canal de Moçambique, que banha na totalidade a Ilha do Bazaruto pertence ao domínio pelágico, como mostra a carta batimétrica da zona, que as profundidades marinhas não são superiores a 200 metros (Anexo 2, Mapa nº 11). Segundo Simmons (1981:206), abordando a biodiversidade marinha, "ainda há factores limitantes severos na produtividade biológica no mar. A zona eufótica na qual pode ocorrer a fotossíntese, é apenas de 60 metros, daí que até aos 200 metros só há luz azul". No caso da Ilha do Bazaruto, a profundidade das águas marinhas que a circundam não excede os 26 metros, desde a linha da costa ocidental até à continental vizinha, que se estende desde a sede do distrito de Vilankulo até a de Inhassoro, conforme mostra a carta batimétrica da área. Do lado oriental da Ilha, a profundidade varia muito próximo da costa, chegando a atingir dezenas de metros.

A produtividade primária sobre a qual depende a vida marinha não é uniforme em toda a Ilha exceptuando as áreas muito próximas da costa oriental e ou aquelas áreas que são ricas em recifes coralígeos e que são povoadas por uma variedade de organismos (Vide Anexo2, Mapa nº 7).

Devido à penetração da luz solar, às temperaturas das suas águas e ao tipo de corrente a Ilha é favorável ao povoamento de:

_ Algas e outros tipos de vegetação marinha que serve de alimentação para muitos animais marinhos.

_ Várias espécies de seres vivos que habitam este meio e zona os quais podem agrupar-se em: 1) Moluscos

⇒i) Cefalópodes ⇒(polvos, chocos); ii) Gastrópodes ⇒(búzios); iii) Lamelibrânquios ⇒ (ostras, ameijoas, mexilhão); 2) Artrópodes ⇒(crustáceos); 3) Equinodermes ⇒(holotúrias).

Os recursos de água doce são abundantes na Ilha, graças à sua estrutura litológica, que detalhamos no anexo 9. A ilha possui ao longo da sua extensão longitudinal um lençol freático à superfície (Vide mapa nº2). Os ilhéus fazem furos manualmente e abastecem-se da água para o consumo. Contudo, não se tomam quaisquer cuidados quer para cobrir os poços vulgares, quer para tratamento prévio da água, o que a torna imprópria para o consumo humano, com repercussões negativas para a saúde das populações. Sobre este assunto Rodda (1991:85) afirma que "a saúde das crianças está muito em risco por falta de água potável, limpa para beber, mas as mulheres adultas estão mais expostas aos riscos de água poluída do que os homens. Elas são as primeiras carregadoras da água; elas lavam a roupa e os utensílios; e quando as crianças estão doentes, as mulheres é que devem tratar delas e são mais prováveis de sucumbir às infecções do que os homens. Claramente as famílias mais pobres sofrem mais, já que têm menos acesso à fontes de água potável e tem menos possibilidades de ter ajuda nas tarefas domésticas" (Anexo 2, Est. X Fig. 1).

CAPÍTULO III _ A POPULAÇÃO, SUA DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Os recursos naturais do meio e as capacidades dos indivíduos constituem as determinantes primárias da adaptação humana a esse meio através daquilo que Campbell (1983:20) chama de ecologia cultural, que "estuda a maneira como a cultura de um grupo humano se adapta aos recursos naturais do meio ambiente [local] e à existência de outros grupos humanos [o dos Operadores Turísticos que exploram os complexos hoteleiros, o dos turistas que visitam a Ilha e o dos gestores do PNB]". Assim, o comportamento dos ilhéus depende tanto do conjunto de crenças como da sua história e das suas capacidades em explorar e usar os seus recursos.

3.1 _ EVOLUÇÃO DO CRESCIMENTO POPULACIONAL NA ILHA

A população da Ilha do Bazaruto, em 1971 era estimada em 2.576 habitantes distribuídos em 644 agregados familiares, com uma densidade populacional de 17hab/km², sendo constituída essencialmente, por comunidades pesqueiras Dias, referenciado por (Dutton & Zolho, 1990:33). O Censo Geral da População do Arquipélago do Bazaruto, por Raimundo, (1995) mostra uma população de 1723 habitantes na Ilha do Bazaruto.

Os dados demográficos preliminares do Censo Geral da População e habitação em Moçambique de 1997 indicam que há na Ilha 2.100 habitantes distribuídos em 440 agregados familiares na Ilha do Bazaruto. O levantamento populacional feito em Agosto de 1997, para a realização da presente Dissertação, apurou 2.279 habitantes, distribuídos em 553 agregados familiares, o que corresponde a uma densidade de 23 hab./Km².

O desfasamento dos períodos de censos aliado à natureza, técnicas e fins a que se destinam os dados por um lado e as lacunas dos dados no tempo por outro, constituem obstáculos que dificultam a sistematização e análise das estatísticas populacionais sobre a Ilha. São disso exemplo os últimos 8 anos, (1989/1997) apresentam-se dados populacionais colhidos de fontes e com objectivos diferentes (os censos gerais da população e os levantamentos demográficos para fins de pesquisa).

A comparação dos dados preliminares do Censo geral da população de 1997, e o nosso Levantamento GPS populacional sobre o mesmo espaço geográfico mostra alguma disparidade significativa no: i) Número de agregados familiares e; ii) no número de habitantes apurados.

O número exacto de habitantes fornecido pela brigada do Censo Geral da População e habitação no terreno foi de 2036 habitantes, número que foi arredondado para a centena mais próxima, quedando-se nos 2100 habitantes, segundo a Fonte Oficial¹⁵. Os dados dos Levantamentos GPS dos assentamentos humanos que fizemos forneceram 2279 habitantes. Este facto justifica-se pela definição do agregado familiar que usamos e expresso no anexo 1.

A nossa motivação e a experiência no trabalho podem ter tido outro efeito sobre os dígito apresentados, por um lado e a vontade pela investigação científica, por outro, superou todas as dificuldades de ordem material primária (dinheiro, alimentação, alojamento e pressa), para além do nosso conhecimento razoável da ilha. Foram tomados os dados populacionais de 1886 para calcular a taxa de crescimento populacional em 1997 como se segue:

Ano 0= 1886	$r = \sqrt[n]{\frac{P_n}{P_0}} - 1 * 100 \quad (1)$
Ano n= 1997	
▲t=tn-t0	
▲t=1997-1886	
▲t=111 anos	$r = \sqrt[111]{\frac{2279}{1193}} - 1 * 100 = 0,58\%$
P0=1193 habitantes	
Pn=2279 habitantes	r=0,58%

¹⁵ Gabinete Central Censo Populacional 1997.

o tempo de duplicação foi obtido pela aplicação da fórmula

$$t = \frac{\ln(2)}{\ln(1+r)} \quad (2) \quad t = \frac{0,6931}{0,005783} \quad t=120 \text{ anos}$$

O quadro que se segue apresenta resumidamente, os dados populacionais da Ilha, nos vários períodos de tempo e respectivas fontes.

Quadro nº 1 _ Comparação dos dados populacionais da Ilha do Bazaruto ao longo de vários anos.

Ano	População enumerada						índice de masculinidade	Fogos	Agregados familiares.	Tamanho. Médio do Agregado Familiar.	Nº médio de Agreg. Fami. Por casa
	Total	%	H.	%	M.	%					
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1868a	462	100	225	48,70	237	51,30		173			
1886b	1193	100	260	44	331	56		342		602*	
1989c	2574	100									
1995d	1751	100									
1997e	2100	100	1000	47,6	1100	52,4	91	440	440	4,7	1
1997f	2287	100	1191	46,2	1388	53,8	86	960	557	4,1	0,58

Fontes: (a) Quartel do commando militar do presidio de bazaruto 2 de janeiro de 1869. «In: Bolletim Official »; (b) 1886 Relatório do Distrito de Sofala; por Moraes Sarmiento, Jorge C. Pinto, (governador), «In: Boletim official». * Este número refere-se aos habitantes estrangeiros sem discriminação do sexo, segundo aquele relatório; (c,d), Plano Director para o Desenvolvimento Sustentável a Longo Prazo do Arquipélago de Bazaruto, 1990; (d), Censo Geral da População do Arquipélago de Bazaruto, (Raimundo, 1995:44); (e), Resultados preliminares do Censo Geral de população e habitação, 1997 (Gabinete Central do Recenseamento); (f) Levantamentos dos assentamentos populacionais da Ilha do Bazaruto por: Gilberto Ricardo;

3.2 _ HISTÓRIA GERAL DO POVOAMENTO DA ILHA DO BAZARUTO

Os primeiros habitantes nativos parece que lograram alcançar a Ilha, inicialmente, como uma simples aventura isolada, nas suas fainas pesqueiras. Numa fase posterior, a Ilha do Bazaruto serviu como um lugar de abrigo contras as guerras e o domínio Ngune, na parte continental.

3.2.1 _ A GÊNESE DOS ACTUAIS HABITANTES DA ILHA DO BAZARUTO

Os actuais residentes da Ilha do Bazaruto, constituem uma comunidade de pescadores recolectores e criadores de arientinos e caprinos. Esta comunidade é constituída por várias linhagens familiares, sendo as principais as seguintes: Dzivane Maphadzi, Dzivane Nhassengo, Dzivane Mudhico, Dzivane Zingole, Mutondo, Nhadhava, Bhuyeni, Mufume, Huo e Massani.

Os Dzivane Maphadzi, que habitam Pangaia e Zenguelema, são a maior linhagem, com mais de 73 agregados familiares. Os Dzivane Nhassengo são a 2ª maior linhagem e detentores do poder tradicional por serem a mais antiga e primeira linhagem a habitar a Ilha, dentre as últimas gerações que ali vivem, segundo fontes orais. Eles ocuparam essencialmente, "Nhassengo; [hoje Sitone uma das] três circumscrições em que [estava] dividida aquela ilha"¹⁶ a norte, e Zenguelema, no Centro da Ilha, perfazendo mais de 48 agregados familiares.

Os Dzivane Mudhico constituem uma minoria, com 8 agregados familiares apenas, e habitam Zenguelema, o Centro da Ilha. Estes são actualmente os detentores do Poder Político Administrativo da Ilha e parte do Arquipélago pois, o Chefe do Posto de Bazaruto é desta Linhagem.

Os Dzivane Zingole, que habitam entre o sul de Zenguelema e o norte de Pangaia, são uma minoria constituída por 11 agregados familiares. Pode-se assim afirmar que os Dzivane, todos juntos, constituem uma grande família linhageira com mais de 130 agregados familiares, cuja repartição espaço-geográfico foi aqui referida.

Contudo, a sua génese é heterogénea. Hance, (1970) referenciado por Caldwell (1975:128) sugere uma forte correlação entre a fixação Asiática ao longo da costa Moçambicana, o tipo de meio de transporte por eles usado, com a confluência das etnias ("Khokha", "Ndau", "Mandla" e "Vahlengwe") que habitam a Ilha actualmente

Os Dzivane Nhassengo são oriundos da Baía de Inhambane argumento sustentado por existirem ainda hoje nessa Baía, numerosas famílias Nhassengo ali espalhadas. Em Mucucune, bairro residencial que se localiza a Leste da Cidade de Inhambane, existe uma pequena localidade chamada ("Gidzivane"), que se julga que é daí onde terá surgido o nome de Dzivane, usado actualmente pelas linhagens da Ilha de Bazaruto. Nessa pequena localidade vivem actualmente alguns Nhassengos. Encontramos os Nhassengos ainda em Mongue, nordeste da Cidade da Maxixe, em Furvela, em Nhassengo ambas zonas pertencentes ao distrito de Morrumbene, Massinga e outros tantos no de Inharrime.

O facto de os Árabes dominarem a ciência e a arte da construção naval e da navegação marítima sugere uma explicação para ter levado à Ilha as linhagem familiares oriundas da baía de Inhambane. A proposição é reforçada, por um lado, por os nativos do lado continental construírem embarcações rudimentares na altura e, por outro, pelo facto de a distância que separa a Baía de Inhambane da de

¹⁶ \ Boletim Oficial de Moçambique _ Nº 39; de 24 de Setembro de 1887, (pp.440).

Bazaruto por mar ser muito grande e assim ser arriscado viajar em tais meios. Algumas fontes orais afirmam que "os Dzivane vieram de Dzivine, local onde habitam actualmente os Mazives, que fica no interior do distrito de Mabote" Inhambane (Fernando e Augusto Mutondo). A afirmação é sustentada por Rita-Ferreira, (1975:19) ao afirmar que:

"segundo três autores tswas E.S.Mucambe, N.J.Mbanze e A. Mukhombo, os Hlengwe vieram do país Xona, possivelmente nos fins do séc.XV. Dividiram-se, posteriormente, tendo um ramo conhecido por Mandla ocupado a parte sul. Na segunda metade do sec. XVII, os Dzivis, de origem tsonga ou swazi instalaram-se, pacificamente, no território dos Mhandlas mas vieram mais tarde a expulsar estes ultimos para a região de Vilanculos;" Por seu turno, (Dutton & Zolho, 1990:10), sustentam o facto ao afirmar que: "a população da Ilha é parte de todo o grupo étnico Tsonga, cuja distribuição se estende desde o Rio Save para o Sul. Contudo, as populações ao longo da costa litoral desde Inhambane para o norte incluindo a do Arquipélago, são parte do sub-grupo Khokha".

Persiste todavia uma divergência quantos à génese das linhagens Maphadzi e Zingole. Mas aventase a hipótese de os Maphadzi, cujo progenitor foi Pangaia Chivhandice, terem vindo do sul, de Magude, e eram Ngune, segundo Sabino Correia (03/09/1997).

Crê-se que os Dzivane Zingole vieram do norte do País _ Ilha de Moçambique, onde os Árabes também tinham uma feitoria. Uma análise sobre os habitantes da Ilha dos últimos dois séculos sugere a conclusão de que, em tempos já idos, os imigrantes formavam uma aliança familiar por união conjugal com os donos da terra ou adoptavam o apelido Dzivane para se identificarem como parentes dos da linhagem ali já residente e evitar a marginalização.

Os Bhuyeni e os Nhadhave, que constituem juntos 39 agregados familiares são Nyais e Ndaus oriundos de Mambone, que terão atingido a Ilha trazidos pelo movimento migratório de Ngungunhane, quando estava a mudar a sua capital de Mussurize para Chaimite Gaza, em 1889, e outros também pelos Árabes quando a Ilha estava integrada no distrito de Sofala, cuja sede era a Ilha de Chiloane, fundada pelo "Árabe Mussagi" (Ferreri, 1886:3).

Os Nhadhave, cujo chefe linhageiro é Salvador Africano Nhadhave (Muthadho), detêm algum poder político administrativo e tradicional na Zona de Sitone, a norte da Ilha, sendo subordinados dos Dzivane Nhassengo.

Os Mutondos são "Mhandlas" vindos de Nhaghondzeni e Xivhangueni. Eles lograram alcançar a Ilha montados em troncos e jangadas feitas de molhos de capim e caniço, fugindo às guerras Ngunes de Ngungunhane" (Fernado e Augusto Mutondo). Os Mutondos residem maioritariamente em Sitone, mas encontramos outros em Zenguelema. Os remanescentes membros da Linhagem que não quiseram aventurar-se para a Ilha vivem actualmente na parte continental, nos distritos de Inhassoro e de Vilankulo.

Confinados entre os Dzivane Maphadzi, em Pangaia, vivem os Huo, que são uma minoria constituída por 8 agregados familiares. Também vieram da parte continental e fixaram-se na Ilha. Não se sabendo bem ao certo donde teriam partido, mas actualmente, encontramos famílias do apelido Huo em Homoine, e em Morrumbene ambos distritos da província de Inhambane.

Os Massani e os Mufume, que vivem em Zenguelema (os últimos também habitam Sitone), vieram igualmente do continente, dos distritos de Mabote e Vilankulo, constituindo o sub-grupo "Vhahlangwe"¹⁷ que habita esta região.

Estas são as grandes linhagens que habitam a Ilha do Bazaruto, perfazendo no total cerca de 70% da população total da Ilha. Os outros 30% são compostos por minorias linhageiras insignificantes, sendo na sua essência trabalhadores migrantes dos dois complexos hoteleiros _ "Bazaruto Lodge", em Machulane, e "Sabal Bay Lodge", em Zenguelema, bem como parte do pessoal da sede do PNB em Sitone.

3.3 _ Povoamentos

Segundo Akoum, referenciando Radcliffe-Brown e Forde ¹⁸, a residência do casal a partir do casamento constitui um elemento capital, na definição da estrutura do parentesco; (1983:458). Tradicionalmente, na Ilha do Bazaruto observa-se que os novos casais e seus descendentes do sexo masculino vivem no mesmo lugar que a família paterna dos esposos. Para aferir este aspecto, foram usadas entrevistas semi-estruturadas onde 100% dos entrevistados responderam que as mulheres loboladas, vão viver em casa dos esposos. Este sistema é predominante nas regiões Sul e Centro de Moçambique na margem sul do Rio Zambeze, e semelhante ao dos Swazi em que "no casamento, uma jovem swazi

¹⁷ Que Dutton, P. trata por Machengues

¹⁸ «In systèmes familiaux matrimoniaux en Afrique»(Paris, P.U.F.;1953).

abandona a família e vai viver no casal do seu marido (*umuti*). Se os pais dele estão vivos ele pode juntar as suas palhotas ao círculo paternal ou pode construí-las nas vizinhanças"; (Kuper In Brown, 1982:122)¹⁹

Quanto à repartição espacial, a Ilha apresenta dois padrões distintos de povoamentos: povoamento disperso e povoamento concentrado. O povoamento disperso, é praticado pelos Ilhéus nativos sendo um processo endógeno e natural de assentamentos humanos, que está directamente associado ao modo de vida e de produção rural, exacerbado pela disponibilidade de terra para os vários fins de uso (agrícola, pecuário, habitacional e lazer). Este padrão é essencialmente dominante em toda a Ilha.

O povoamento concentrado apresenta duas faces distintas. Uma exógeno à Comunidade dos Ilhéus, e outra endógeno a esta. O povoamento concentrado exógeno, está directamente associado à existência de complexos hoteleiros turísticos que oferecem emprego formal a pessoas não nativas da Ilha essencialmente. O povoamento concentrado endógeno é influenciado pelo factor social ligado directamente ao conceito de família africana, que preconiza que todos os membros da família devem viver juntos, para se auxiliarem nas dificuldades e regozijarem-se nos bons momentos. Aquele membro que se isolar da família é porque foi expulso dela (Vide Anexo 2, mapa nº12; figuras 1;2).

Neste contexto, na Zona Norte da Ilha encontramos a concentração dos Manuel Machula, semelhante a uma aldeia ou povoação, onde todas as casas estão muito próximas umas das outras albergando mais de 6 famílias em 20 palhotas. Este padrão de concentração por famílias linhageiras é prevalecente em toda a Ilha.

Para substanciar este tipo de povoamento na ilha, foi aplicado o índice de concentração de Kant utilizado na análise dos povoamentos rurais, a fim de medir o grau de concentração ou de dispersão das povoações, reflectido em termos de distância entre as habitações. A fórmula usada para calcular o índice é:

$$x = \frac{1}{M} \sqrt{\frac{A}{D}} \quad (1)$$

onde: x = intervalo entre duas povoações; $\frac{1}{M}$ é a escala do mapa usado nas investigações; A = é a área a ser investigada e D a densidade de habitação. Quanto mais baixo for o valor do x , mais concentrada é a povoação.²⁰

¹⁹ In: Sistemas políticos Africanos de parentesco e casamento; por Radcliffe-Brown A.R. _ Daryll Forde.

²⁰ Por: SMALL, & WITHERRIC, 1992; versão traduzida para Português In: « Dicionário de Geografia». Publicações Dom Quixote, Lisboa.

Foram seleccionadas duas povoações, no norte e sul da ilha, como mostram as figuras 1 e 2 respectivamente. Empregando o programa "Mapinfo" delineou-se a área envolvendo as habitações ali localizadas. Como o programa fornece a área exacta, a razão da escala do mapa dada pela relação 1/M é de 1:1. A área da figura 1 no mapa nº 12 é de 0,1898 Km² e o número de habitações nessa área é de 102. Calculando o x_1

$$x = \frac{1}{M} \sqrt{\frac{0,1898 \text{ Km}^2}{102}} \quad (2)$$

da figura 1 obteve-se 0,043 Km = 43 metros. Portanto, a equidistância entre as habitações nessa área é de 43 metros o que mostra uma tendência para a concentração. A área da figura 2 é 2,382Km² e o seu número de habitações é de 33. Calculando o x_2

$$x = \frac{1}{M} \sqrt{\frac{2,382 \text{ Km}^2}{33}} \quad (3)$$

da figura 2 obteve-se 0,269 Km = 269 metros. Portanto, a equidistância entre as habitações nessa área é de 269 metros o que mostra uma tendência para a dispersão, já que o x desta última figura é maior que a da primeira.

A tendência dos trabalhadores é geralmente viver perto do local de trabalho, para evitar gastos com transportes e transtornos com as migrações pendulares diárias, de casa para o serviço e vice-versa. Esta tendência é exacerbada pela falta de transporte quer terrestre quer marítimo, concomitantemente com a disponibilidade de espaço habitável na Ilha.

Este conjunto de princípios explica o surgimento de dois bairros densamente povoados. Um na Zona Norte da Ilha, em Machulane, associado ao complexo turístico "Bazaruto Lodge" e um outro na Zona Sul de Zenguelema associado ao "Sabal Bay Lodge".

De uma forma geral, na Ilha do Bazaruto, a distribuição espacial dos assentamentos humanos é influenciada pelos seguintes factores físicos:

1 A localização da costa ocidental da Ilha onde a Baía do Bazaruto é menos profunda, sendo a máxima de 25 metros, que a costa oriental cuja a profundidade atinge centenas de metros (Anexo 2, Mapa nº 11).

2 _ A pesca artesanal a rede é praticada do lado ocidental (na baía), devido ao tipo de fauna marinha que povoa esta costa (ocidental da Ilha).

3 _ A existência de dunas de areia movediças e fixas do lado oriental da Ilha, não conferem a consistência desejada para a construção de habitações, além de se erguerem nuvens de poeira das areias resultantes do processo da erosão eólica. (Anexo 2, Est. II, Fig^a 1,2).

4 _ A existência de baixas pantanosas entre as dunas de areia e uma faixa mais ou menos plana e mais seca junto à margem ocidental da Ilha, não permite os assentamentos humanos, para além de constituir barreira na movimentação de pessoas na época de cheias, impedindo assim o acesso à pesca artesanal, base de sobrevivência da Comunidade Pesqueira da Ilha do Bazaruto.

5 _ O afastamento ou proximidade da costa ocidental da Ilha leva a formular a seguinte teoria: _ quanto mais longe da costa ocidental, mais despovoados ficam os lugares e vice-versa. Esta situação mostra que os habitantes da Ilha do Bazaruto preferem estar próximos do seu lugar de trabalho _ o mar do lado ocidental.

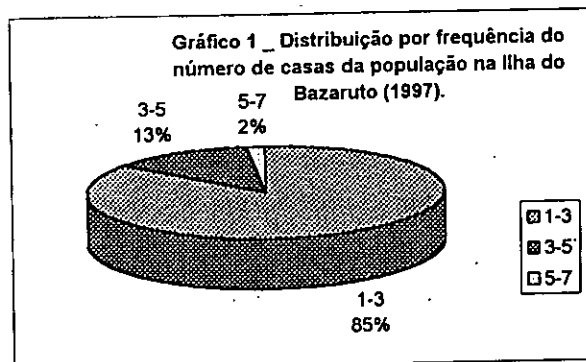
6 _ A topografia do terreno com cotas relativamente muito elevadas, estritamente associadas ao relevo dunar da costa oriental da Ilha é um factor repulsivo, aos assentamentos humanos (Anexo 2, Mapas 3, 5, 8 e 12).

Em geral, mais de metade dos ilhéus têm na sua família, uma a duas palhotas. (Tabela 1 e Gráfico 1).

Tabela nº 1 Distribuição do nº de casas em intervalos de classe, por agregado familiar na Ilha do Bazaruto

Nº de casas	frequência	percentual
1-3	476	85%
3-5	72	13%
5-7	9	2%
	Total 557	100%

Fonte: Levantamentos GPS dos assentamentos populacionais na Ilha do Bazaruto, Julho/Agosto de 1997, por Gilberto Ricardo.



Fonte: Levantamentos GPS dos assentamentos humanos na Ilha do Bazaruto, Julho/Agosto de 1997. Por Gilberto Ricardo.

3.4 _ ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS ILHÉUS

3.4.1 _ A ORIGEM DA AUTORIDADE TRADICIONAL NA ILHA DO BAZARUTO

A Autoridade Tradicional na Ilha do Bazaruto não surgiu espontaneamente, nem como um caso isolado. Ela resultou da necessidade de organização social dos seus habitantes. Os vestígios dos primeiros habitantes da Ilha encontram-se espalhados em muitos pontos da mesma. Na Ponta Dundo, por exemplo, extremo Sul da Ilha encontramos várias conchas de mexilhão e outros moluscos marinhos que eram consumidos por esses habitantes. Quando os Árabes atingiram a Ilha nos fins do séc. IX, volta do ano 950, esta já era habitada. Ali existia uma comunidade nativa que teria vindo da parte continental, nomeadamente da Baía de Sofala, da área de Mambone, da Ilha de Chiloane, de Inhassoro e de Vilankulo.

Ferraz (1902:53) diz que:

"É tradição que em eras remotas, no tempo de Salomão, este archipelago foi habitado por uma colonia semita que alli se estabeleceu, tirando do fundo da bahia as famosas perolas que pelo mar Vermelho eram levadas à aquele rei; mas o que é fora de duvida, é que depois de grande emigração que partiu do Golfo Pérsico no anno de 982 da nossa era, fundando Quiloa, Zanzibar e Sofala, na costa de África, alguns Árabes, sabendo da existência de bancos de madre-poricos nas ilhas adjacentes e estes últimos territorios, para lá se dirigiram, fazendo as pescarias que tão celebres tornaram estas ilhas.

Em 1863, a barca portuguesa Penha Longa fez uma tentativa infrutífera de recomeçar esta indústria, que estava na mão dos negociantes aziaticos de Chiloane, e que continuou a estar ate que em 1891, foi o archipelago concedido á «Companhia de Pesca das Perolas do Bazaruto», que no anno seguinte mandou proceder a vários estudos sob a nossa direcção".

A primeira estrutura da Autoridade Tradicional, foi adoptada como uma extensão da administrativa local, das chefaturas da Aldeia de Manyikeni. Manyikeni, era há cerca do ano 1200, d.C., uma aldeia próspera de agricultores e criadores de gado. A citação que se segue estabelece uma ligação entre a afirmação feita no parágrafo anterior e as investigações antes feitas na região em estudo:

"Na estação arqueológica de Chibuene, perto de Vilanculos, foi encontrado um dos vestígios mais antigos deste comércio em toda a costa oriental a Sul de Somália. As missangas de vidro árabe ali escavadas datam de cerca de 770 anos n.e. Estes e outros produtos, como tecidos, e objectos de vidro e porcelana, constituíam as principais mercadorias a serem trocadas.

Foi assim que a Baía de Vilanculos se tornou uma das paragens obrigatórias para estas actividades comerciais que, possivelmente canalizadas depois de 1200 a partir de Manyikeni, atingiram zonas mais distantes do interior" (1979:8)²¹.

Existem relatos de que esta aldeia tinha um vasto território que ia até ao mar, e os chefes desta aldeia praticavam comércio com os Árabes incluindo Vilankulo e as Ilhas do Arquipélago do Bazaruto. A seguinte citação sustenta o que se disse: "Os chefes do [Grande Zimbabwe localizado no interior a cerca de 450 Km de Manyikeni, em áreas privilegiadas em recursos naturais], concentraram gradualmente uma autoridade política necessária à organização administrativa do comércio com a costa" (idem).

A estratificação espacial era representada por parcelas de terras com limites estabelecidos por marcos naturais (colinas, vales ou árvores de grande porte) onde existia um chefe de linhagem familiar que exercia o poder sobre um grupo de famílias consanguíneas exemplo (os Dzivane).

A Autoridade Tradicional não manteve sempre a mesma estrutura hierárquica, tendo sofrido grandes metamorfoses, das quais se destacam as seguintes etapas:

3.4.2 _ A autoridade tradicional na Ilha, antes da chegada dos Portugueses em Moçambique

Ferri (1886:206) cita Martins que foi comandante militar de Bazaruto por um período de dois anos, a dizer que:

"Cada ilha tem o seu regulo (sic), e os habitantes, mesmo os das ilhas não ocupadas [referindo-se as de Benguerua, Magaruque, e Bangue], consideram-se portugueses, obedecendo prontamente a todas as exigencias das nossas autoridades e estão em muito boas relações commerciaes não só com os portugueses mas tambem com os estrangeiros. [...] Nas pequenas questões os regulos podem exercer a sua acção, porém nos grandes milandos (questões) é o governo portuguez representado pelo commandante militar que decide a penitencia".

²¹ Instituto de Investigação Científica de Moçambique, Serviços Nacional de Museus e Antiguidades.

3.5 – A autoridade tradicional durante o período de dominação Colonial Portuguesa

Entre 1890 e 1913, ocorreu a ocupação militar e administrativa dos territórios dos estados de Gaza, Barwé e dos reinos Afro-Islâmicos e instalação do Aparelho Administrativo da ex-colônia de Moçambique nos diferentes espaços territoriais, que enfrentou grandes dificuldades devidas ao facto de haver já enraizada uma super estrutura de autoridade Africana Local, a Tradicional, a nível nacional. A nova modalidade de governação, apenas se exerceu com a tentativa de supressão da autoridade tradicional visto que os chefes tradicionais eram tidos como pontos focais de resistência. Esta atitude era devido a falta de conhecimentos etno-antropológicos por parte dos Colonizadores Portugueses que não compreenderam de imediato, nem o modo de vida nem de produção e dos assentamentos humanos locais que se basea nas linhagens familiares na maior parte de sociedade Moçambicana rural. Só com a série de estudos etnográficos e antropológicos encomendados pelos regimes monárquicos e republicanos de Portugal permitiram que esta potência colonizadora reconhecesse a força que a Autoridade Tradicional tinha no seio da comunidade dos nativos, embora se mativesse a sua instrumentalização (Machili, 1996:2; Magode In Lundin, 1995:40).

Segundo Sebenzo (1997:3-4), inicialmente, os colonizadores tentaram destruir o estilo de vida tradicional, especialmente o sistema de posse de terra comunal e o povoamento disperso. Contudo, devido a problemas essencialmente administrativos, a posse comunal foi conservada de forma modificada, para assegurar uma administração efectiva e controle. Os chefes tradicionais foram divididos entre aqueles que eles próprios permitiam ser instrumentos do domínio colonial e aqueles que recusaram. Alguns chefes (leais) foram designados para o cargo, mas a função deles foi consideravelmente redefinida e o seu poder reduzido a questões civis triviais Tal é o caso de Briga²² ou Bilinga²³ dos Mufumes, o último do período colonial, que, não sendo nem nativo nem chefe legítimo, foi conduzido ao cargo de régulo da Ilha do Bazaruto, porque era fiel e da conveniência dos portugueses.²⁴

A terra foi sempre recurso natural comunitário que a autoridade tradicional esteve encarregue de gerir e fazer a sua distribuição segundo o direito costumeiro. A citação seguinte é elucidativa:

²² \ Como o chamavam os Portugueses.

²³ \ Como o chamavam as populações da Ilha

²⁴ \ Segundo relatos orais dos Ilhéus.

“Aos vizinhos das regedorias são garantidos, em conjunto, o uso e a fruição, na forma consuetudinária das terras necessárias ao estabelecimento das suas povoações e das suas culturas e ao pascigo do seu gado. A ocupação realizada nos termos deste artigo não confere direito de propriedade individual e será regulado entre os vizinhos pelos respectivos usos e costumes”.

(Boletim Oficial, 1961:1131).

A existência de uma forte correlação entre o elevado índice do analfabetismo, e a influência da autoridade tradicional no seio da comunidade pesqueira dos ilhéus de maior idade entre as linhagens familiares que a habitam, explica em parte o recurso à prática do culto dos antepassados, que constitui o suporte ideológico do poder tradicional. Os homens idosos (e proeminentes) utilizam-no para conterem as reivindicações de independência dos mais novos, exacerbando os conflitos entre as gerações diferenciadas por estatutos desiguais;²⁵ referenciado por Magode (In Lundin 1995:37). Este argumento é sustentado por Sebenzo (1997:1), ao afirmar que: “Parece ser de acordo geral que apesar da modernização, os líderes tradicionais ainda são influentes na vida rural, especialmente entre as pessoas idosas que são iletradas ou semi-iletradas”

A articulação entre o poder político, e a ideologia religiosa, não só concorre para a reprodução de um regime de organização e de relações sociais, mas também se torna uma nítida configuração, de início numa comunidade linhageira entre os Nhadhave, Mutondo, Bhuyeni e torna-se numa hegemonia translinhageira, exercida pelos Dzivane Nhassengo, sobre as demais linhagens, em Sitone²⁶ (idem). Para esta mudança, no caso de Sitone, concorreu, por exemplo, a antiguidade da ocupação do território habitado pela linhagem dos Dzivane Nhassengo, que se tornou na comunidade linhageira soberana e de cujo consentimento passou a depender a fixação de outros grupos linhageiros. Estes factores, associados às alianças matrimoniais, originam a hierarquização das comunidades linhageiras, a supremacia e mesmo o domínio político dos Dzivane Nhassengo sobre as outras que habitam a Zona Norte da Ilha.

O decreto lei nº 23:229²⁷ especifica, como se organizava administrativamente a área rural, onde se localiza o objecto de estudo, através do § 4º do Art.7º, que diz que: “a parte não urbana dos concelhos poderá ser dividida em freguesias ou postos conforme as exigências locais” (Boletim Oficial 1933:853). A

²⁵ \ Middle, J.

²⁶ O solo subdivide-se em territórios, (...) cada um dos quais é controlado pelos membros de uma linhagem considerada a primeira a ter chegado a esse território e cuja chefe é o dono da terra. Estes territórios constituem áreas matrimoniais: cada um dos donos da terra acolhe no seu solo outras linhagens as quais concede parcelas do seu território (...). E com as quais a sua linhagem estabelece relações matrimoniais. Ver Geoffray, Christian. A causa das Armas. Porto; Edições Afrontamento, 1991.

sub-secção II, das autoridades gentílicas, especifica no seu Art. 91º que “para efeitos de administração e polícia nas circunscrições e na parte não urbana dos concelhos deve a população indígena ser agrupada em regedorias. As regedorias podem ser divididas em grupos de povoações e em povoações.

§ unico. (sic) As regedorias poderá, em cada colónia ou província, ser consentida a designação que o uso regional estabelecer (sobado, rēgulado, reinado, etc.)”

O aparelho da administração colonial em relação à Autoridade Tradicional, estava concebido de forma a que tudo o que os chefes tradicionais fizessem de positivo fosse visto como obra dos colonizadores, como o mostra o Art. 103º: “Os chefes gentílicos procurarão desempenhar-se das suas funções que lhes incumbem, respeitando tanto quanto possível os usos, costumes ou tradições indígenas que não contrariem as disposições legais em vigor, à autoridade administrativa cumpre dirigi-los activamente por forma a que a acção benéfica que desenvolverem apareça às populações em verdade como o resultado da intervenção superior portuguesa, em que aos regedores e chefes de povoação coube a função de executores” (1933:866).

A aprovação da Portaria 5:639²⁸ em 1944, continuou e reforçou a política de instrumentalização da autoridade tradicional. O Capítulo III desse regulamento, no que trata das autoridades “gentílicas”, como eram designadas as populações rurais e suas chefias, no seu Art.76º mostra que o regedor, apesar de ser um chefe nativo, nunca agia de forma autónoma “em cada regedoria haverá um regedor indígena dependente do administrador do concelho ou circunscrição”. Os nº 1 e 2 do mesmo artigo explicam como se estabelecia a estrutura vertical desde a aldeia à circunscrição:

- § 1º Directamente subordinado ao regedor, em cada grupo de povoações, haverá um chefe do grupo de povoações indígenas.

§ 2º As povoações podem ser constituídas por uma só família ou por diversas famílias em um ou mais povoados dependentes de um chefe de povoação indígena.²⁹

A legislação Colonial parece chocar com a posição de Oginga (1992)³⁰, segundo a qual a liderança tradicional não é herdada mas os chefes “têm que demonstrar ” a liderança. A diligência produzia prosperidade e trazia respeito, mas a riqueza sozinha não contava para a liderança, e um homem que fosse ofensivo não era respeitado (Sebenzo, 1997:2).

²⁷ \ Reforma Administrativa Ultramarina.

²⁸ \ Regulamento dos auxiliares da administração civil.

A eleição também respeitava as chefias linhageiras, como mostram os artigos 94º e 95º nos termos seguintes:

“Art. 94º O chefe de povoação constituída por uma só família será o indígena que, segundo os usos e costumes da terra, seja considerado chefe dessa família. Art. 95º O chefe de povoação constituída por diversas famílias, em um ou mais povoados será escolhido pelo respectivo administrador do concelho ou circunscrição.

§ único. Na escolha observar-se-ão, tanto quanto possível, os usos e tradições locais, e em regra será escolhido para chefe da povoação o indígena que a tiver fundado, constituído as primeiras habitações.”

(Boletim Oficial, 1944:368). Foi assim que os Dzivane Nhassengo se tornaram Chefes Tradicionais de Nhassengo, hoje Sitone, parte norte da Ilha do Bazaruto.

Portanto, a análise feita sobre a Autoridade Tradicional na Ilha do Bazaruto foi em consonância com a dimensão da escala territorial em que se encontra a Ilha em relação ao país como um todo. Assim, a Ilha enquadra-se na escala do poder das chefaturas locais ou “regedorias”.

A quarta etapa, a da revitalização da Autoridade Tradicional começa com a aprovação do Estatuto dos Indígenas, pelo Decreto-lei nº 39:666 de 20 de Maio de 1954. Como o mostra o Decreto nº 43:697 de 6 de Junho de 1961, no seu Art. 1º quando diz que: “são reconhecidos os usos e costumes locais, reguladores das relações jurídicas privadas, quer os já compilados, quer os não compilados e vigentes nas regedorias” (Boletim Oficial, 1961:1131).

A ilha do Bazaruto, durante séculos, passou por vários estatutos. Na década 60, tinha o estatuto de terra do cabo, integrada na regedoria de Mapinhane, concelho ou circunscrição de Vilanculos. Em 1970, o estudo 13, que tratava da divisão administrativa de Moçambique por regedorias mostra que as ilhas de Bazaruto eram uma regedoria com uma área de 130 Km², inseridas no concelho ou circunscrição de Vilanculos, distrito de Inhambane (Fontes & Falcão, 1970:11). Localmente, as populações trataram as autoridades formais por “tihosi”³¹.

²⁹ \ B.O. nº 31, 1 Série (1944:367).

³⁰ \ Odinga Oginga (1992) Not yet Uhuru, Heiman: London, p. 12.

³¹ \ No plural e hosi no singular, o que significa chefe, dirigente, líder, sem distinção do grau de chefia.

3.6 _A Autoridade Tradicional desde a Independência Nacional até 1998

A situação actual da Autoridade Tradicional é o resultado de um processo de transformação político revolucionário nacional que resultou na sua sedimentação. Machili (1996:5) cita Bernardi, 1988:66) a afirmar que: 'o que está sedimentado é o ideal de que o poder e autoridade tradicionais são parte integrante do desenvolvimento do "oikos"(espaço) no qual se realizam a economia, a política, a religião, etc. Todavia, este impulso encontra uma forte resistência teórica das instituições e órgãos do estado moderno que dificulta a inserção do poder e autoridade tradicionais na organização e funcionamento deste)'.

O processo começa com a negação da Autoridade Tradicional como parte da identidade cultural, pelo Moçambique independente. Esta posição emergiu na Frelimo nos períodos finais da luta armada para a libertação nacional e perpetuou-se mesmo após a independência como sustenta a 1ª Conferência da O. M.M. realizada em Março de 1973 em Tunduru, Tanzania. As orientações da Conferência foram, dentre outras, "mobilizar a população para acabar com as práticas tradicionais, transmitindo-lhes novos valores".³² Esta estratégia política da Frelimo parece ter sido introduzida para a conquista do seu próprio espaço vital, já que, a continuar com os mesmos princípios de descurso e acção do período colonial, não teria sido notória a diferença no seio da comunidade, entre o que era a autoridade tradicional transformada para servir os interesses dos colonizadores e a nova forma de organização social, trazida pelos libertadores da Pátria.

A ambiguidade política que origina a ambiguidade técnica acerca das competências do poder e autoridade tradicionais e os órgãos de soberania de base. Parece que os Grupos Dinamizadores, órgãos ainda pouco pesquisados, não foram criados para eliminar ou "abolir" o poder e autoridade tradicionais mas para garantir a continuidade operacional da experiência da luta de libertação. As competências dos Grupos Dinamizadores eram de dupla natureza. Uma, era a mobilização dos cidadãos para aderirem ao projecto da Frelimo, o que indirectamente contribuía no combate a simpatias ou resíduos do colonialismo ou emergência duma oposição organizada à Frelimo incluindo os detentores do poder e autoridade tradicionais Machili (1996:6).

Outra, foi de natureza administrativa do território, que consistiu em transferir para a base competências que, num estado com maior capacidade instalada de gestão, caberia aos órgãos periféricos de soberania. Tendo os Grupos Dinamizadores passado a desempenhar, essencialmente, aquelas funções

³² \ Comité central da Frelimo "A mulher é um elemento transformador da sociedade" documentos do Comité Central da Frelimo em análise feita em 1972 _ Notícias (1976).

executivas que antes da independência eram exercidas pelos régulos, cabos de terras, indunas e enganacanas, nas estruturas de base, as únicas que ainda restavam do poder e autoridade tradicionais já muito transformados pelo Colonialismo Português. Esta interferência dos Grupos Dimanizadores na esfera de competência do poder e autoridade tradicionais resultou não apenas numa confusão como também num vazio de poder para os segundos.

As evidências obtidas por entrevistas durante a recolha de dados na Ilha sugerem a existência de divergências quanto ao apoio que as chefias tradicionais gozam neste momento. É sustentavelmente seguro dizer que o apoio dos líderes tradicionais varia de zona para zona e dentro de cada zona, de povoação em povoação. A faixa etária mais jovem acha que a autoridade dos chefes tradicionais está ultrapassada em alguns aspectos enquanto que a faixa etária dos idosos acha que esta deve ser revitalizada, com exercício pleno do poder. Identificou-se ainda um grupo mais reformista de ambas as faixas etárias espelham um sentimento de aversão pelas chefias tradicionais já que elas são tidas como "...uma expressão social retrógrada...[por um lado e por outro] um instrumento do poder colonial"; Lundin, (1995:17-22). Este grupo acrescenta ainda que as Autoridades Tradicionais não são democráticas, e prefere a actual administração baseada nos Grupos Dinamizadores e actualmente modificados para Chefes de Posto Administrativo, Chefes de Zona, Conselhos Jurisdicionais de composição variada (de três a cinco elementos) e Chefes de Blocos³³. Para Sebenzo, (1997:7) ao nível local, os chefes tradicionais deviam ter um estatuto devido à posição oficial no governo local. Por outras palavras, a administração política e distribuição de serviço, deve ser entregue às estruturas do governo local e os chefes tradicionais deviam continuar a exercer o poder sobre assuntos costumeiros.

3.7 _ Descrição e caracterização da Autoridade Tradicional

1. Segundo Lundin (1998:33-35), a nível de todo o país, a Autoridade Tradicional é a instituição política tradicional local em Moçambique, onde as chefaturas tradicionais são a expressão das organizações políticas Africanas locais, baseadas nas linhagens familiares. Já que o estado actual Moçambicano não

³³ \ Unidade mais elementar da organização social na Ilha, constituída por cerca de quinze a vinte famílias (Ramsay, Sheila Anne 1993:22)

é produto da cultura local estão fora do contexto da autoridade legítima, do actual estado moderno.³⁴

Como tal, a autoridade tradicional é produto do outro tipo de estrutura política.

2. A ausência de centralização da autoridade tradicional em Moçambique, tem como consequência a inexistência de chefes tribais. Contudo, há os chefes das linhagens que se localizam dentro dum território específico como foi mostrado ao longo de toda a Ilha.
3. A autoridade tradicional compreende as elites tradicionais³⁵ locais que consistem:
 - i) naqueles que ostentam o poder político tradicional local _ os chefes tradicionais, chefes menores das linhagens, os chefes dos grupos (segmentos de linhagens familiares e outros, dependendo do lugar e do grupo étnico a que estão ligados);
 - ii) naqueles que possuem o poder espiritual: médium espiritual os médicos tradicionais (curandeiros) e os "chehes"³⁶ nas áreas islamizadas o que não é o caso da Ilha do Bazaruto;
 - iii) naqueles que possuem conhecimentos de como curar doenças fisiológicas, físicas e sociais; iv) nos hervanários _ aqueles que conhecem as plantas e ervas que curam doenças;
 - v) naqueles que conhecem as técnicas essenciais da sobrevivência física básica do grupo comunitário, um grupo que depende tradicionalmente das actividades agrárias (agricultura, pesca, pecuária, caça³⁷ e recollecção de frutos silvestres), que é culturalmente rural;
 - vi) nos oficiantes do culto das chuvas, os ferreiros, os construtores de barcos, os artesãos da olaria e os tecelões, os que conhecem os hábitos dos animais, aqueles que até certo ponto têm um poder económico e de prestígio.
 - vii) naqueles que até certo ponto conhecem e podem trabalhar com os mecanismos de controle social _ os chefes, os juizes comunitários, aqueles que oficiam aos rituais e ritos de iniciação, aqueles que oficiam as cerimónias dos oitavos dias das exéquias fúnebres e providenciam as folhas que limpam o nojo às famílias dos entes pericidos, as parteiras tradicionais, os gagaístas, os anciãos, etc.
 - viii) naqueles que controlam a transmissão e perpetuação dos valores culturais e nalguns casos os maridos políginos.

³⁴ \ Que é representado pelo executivo e órgãos legislativos escolhidos por sufragio directo universal, através dum boletim secreto.

³⁵ \ Tradicional é usado aqui como uma expressão cultural Africana local, em oposição à tradição do estado moderno, que é uma expressão da cultura ocidental, baseada na tradição nortcada pelo paradigma Cristão-Judeu.

³⁶ \ Os conselheiros, são geralmente parentes que foram educados formalmente _ sobrinhos maternos no caso das sociedades matrilineares (a Norte do Rio Zambeze em Moçambique), os irmãos classificatórios, sobrinhos paternos ou filhos em sociedades patrilineares.

³⁷ \ Actualmente proibida pelo facto de a Ilha ser parte e sede do PNB.

Todos estes grupos estão, duma ou doutra forma, presentes na Ilha e daqui resulta a conclusão de que apesar de actualmente a Autoridade Tradicional não exercer funções de governação formais, continua ainda viva no seio da comunidade dos ilhéus.

3.8 _ Manifestação actual da Autoridade Tradicional no campo sócio-político na ilha

A nível dos territórios linhageiros, a Autoridade Tradicional é exercida segundo critérios locais considerando que:

- a) a terra do território linhageiro está estritamente ligada ao seu chefe e é ele que a distribui por aqueles que nela se vêm fixar e daí a sua legitimação de facto;
- b) o conhecimento empírico cimentado pela idade legitima o exercício da autoridade, uma vez que os membros da linhagem e outros da comunidade confiam no seu ancião para a realização de certas cerimónias e ainda mais o sentimento de pertença a uma comunidade linhageira expressa pelos laços de consaguinidade, elemento fulcral que fortalece o sentimento de união;
- c) a ligação entre o mundo cosmológico e o mundo metafísico dos membros das linhagens não só contribui para a formação da personalidade dos indivíduos, como também dita as regras de usufruto dos Recursos Naturais na Ilha.

Os chefes das diferentes linhagens na Ilha exercem diferentes funções na estrutura estratificada comunitária a saber:

- .i) Responsabilizar-se pelas cerimónias e rituais; ii) Cuidar do território linhageiro "chefe responsável pelas terras" que, iii) Tratar de receber e instalar novos membros que venham a estabelecer-se no seu território, incluindo a transmissão das normas de conduta social do grupo; iv) Presidir as cerimónias de indicação do lugar onde vai ser enterrado o membro da comunidade falecido, incluindo o pedido através da reza ("kuphahla") para que o perecido seja recebido pelos outros membros da família já falecidos; v) Praticar a agricultura; vi) Controlar os rituais da pesca.

A responsabilidade jurídica de garantir a resolução de conflitos na comunidade é feita através da constituição do corpo de conselho jurisdicional tradicional comunitário integrando os anciãos das elites locais (pessoas de prestígio), (em Pangaia - Matchikitane Salani, Agostinho Mabuleza e Damião Carlos).

A responsabilidade de transmissão de valores sócio-culturais, englobando a:

- i) transmissão de normas e regras de conduta da linhagem e da comunidade, garantindo a manutenção da sua identidade e ii) transmissão da história da comunidade.

3.9 _ A influência actual da Autoridade Tradicional e sua relação com os hábitos culturais nas dinâmicas populacionais dos ilhéus de Bazaruto

Actualmente, a Autoridade Tradicional baseada na comunidade é mais forte no norte da Ilha _ Sitone, onde se esboça alguma hierarquia a Fernando Carvalho, dos Dzivane Nhassengo, em que, as outras linhagens (Nhadhava, Mutondo, Mutondo "Malcoa", e Bhuyeni), reconhecem a sua chefia. O Chefe Linhageiro e Tradicional Fernando Carvalho é neto de Fungate exerce o seu poder sob um vasto território que vai desde o extremo mais setentrional da Ilha, a Ponta Dom Carlos, até um paralelo que delimita Sitone, na parte meridional da Ilha com a parte setentrional de Zenguelema. Sob o seu domínio estão as linhagens:

Linhagem dos Mutondo	Chefe ⇒ Sr. Inácio João
Linhagem dos Nhadhava	Chefe ⇒ Sr. Salvador Africano
Linhagem dos Mutondo Malcoa	Chefe ⇒ Sr. Arnaldo Malcoa
Linhagem dos Bhuyeni	Chefe ⇒ Sr. Madhivadge José

O estabelecimento de alianças matrimoniais entre as diversas linhagens anteriormente descritas é um facto que consolida as relações e os laços de parentesco intra-comunitários naquela Zona.

O sistema de hierarquia com a prestação de reverência ligada à ocupação da terra num sistema de migração é o grande pilar da estrutura comunitária dos habitantes da ilha, como fusão de migrantes de várias pontos das regiões Sul e Centro do País, como se fez alusão, quando abordando as questões dos habitantes da Ilha.³⁸

³⁸ \ Cf. Lundin,(1995:12).

Portanto, os Dzivane Nhassengo, Maphadzi, Mudhico e Zingole, controlam o poder político comunitário como "donos da terra" - aqueles que primeiro a ocuparam. A Autoridade Tradicional existe sob forma comunitária e segundo o poder consuetudinário. A sua essência assenta na família elementar, onde existe uma divisão em gerações (a dos avós, a dos pais a dos filhos e a dos netos). Tal como o explica Radcliffe-Brown & Daryll Forde (1982:42) ao afirmar que: "a relação normal entre pais e filhos pode ser descrita como relação de supra-infra-ordenação de subordinação". A Autoridade Tradicional na ilha apresenta a seguinte hierarquia: Neto⇒ Filho⇒ Pai⇒ Avô⇒ Antepassados⇒ Linhagem Familiar.

"A norma de que os filhos não só devem amar mas também reverenciar e obedecer os seus pais é, se não universal, pelo menos comum nas sociedades humanas. Por isso existe uma relação de desigualdade social entre as gerações próximas, e constitui um fenómeno geral que uma pessoa seja subordinada e mostre respeito aos parentes da primeira geração ascendente _ que é a dos seus pais." (idem:43)

Esta estrutura é regida por um conjunto de ditames e normas sociais, com um suporte ideológico muito forte. Um dos ditames que sustenta este pilar, preconiza que o filho casado deve permanecer em casa do pai porque "ainda não atingiu maturidade psico-social suficiente para enfrentar a vida sozinho com a esposa. Este suporte psico-social é mantido e reforçado com princípios segundo os quais "o nosso filho que já lobolou uma mulher, não pode ir viver sozinho na sua casa com a esposa, porque esta última pode abandoná-lo. E, ele ficaria a sofrer com as crianças sem alguém que o possa ajudar a criá-las. Portanto, nós precisamos de estudar o comportamento da nossa nora e ao mesmo tempo que a ensinamos como se vive num lar" (Augusto Algeiro Mutondo e Fernando Mutondo).

A análise deste ditame social leva às seguintes ilações:

Primeiro que, na Ilha do Bazaruto grande parte das esposas dependem economicamente dos seus maridos e, a vida do casal começa a ganhar mais estabilidade quando a mulher tem muitos filhos fica mais adulta e com poucas hipóteses de arranjar outro marido, se adondonar o que ela tem. Ai, cria-se um ambiente de conformismo. Segundo no meio rural de que a Ilha é parte, uma mulher que não tenha marido é mal vista na comunidade e conotada com a indecência.

A afirmação do parágrafo anterior é sustentada por Caldwell (1982) referenciada por (Jones, 1993:101) ao abordar o fluxo da riqueza e a fecundidade nos países menos desenvolvidos, dizendo que esta está associada às determinantes próximas da fecundidade. Ele acrescenta que a alta fecundidade é vantajosa

naqueles pais das sociedades cujo modo de produção envolve a agricultura de subsistência organizada de modo tribal ou na base da posse comunal da terra, ou baseado em aldeias de famílias extensas. "Tais famílias são grupos aconchegados de famílias maiores que as famílias nucleadas, vivendo em proximidade fechada e tendo interesses e obrigações económicos mútuos".

Caldwell acrescenta que a alta fecundidade é vantajosa aos pais nestas sociedades por causa dos descendentes, grandes benefícios económicos conferidos a eles pelos filhos através das relações internas nas famílias nas quais, as crianças agem essencialmente como um investimento, ao invés de bens de consumo:

1. Desde as primeiras idades, (5-12) anos as crianças proporcionam uma gama de serviços aos agregados familiares, que são vistos total ou parcialmente como trabalhos das crianças _ sachar, cuidar dos rebanhos (arientinos e caprinos), cuidar das crianças mais novas, varrer, procurar lenha carregar a água e levar recados.
2. As crianças e adultos, mesmo quando já não vivem no agregado familiar dos seus pais, prestam regularmente trabalho nas machambas dos seus pais, nos seus acampamentos de pesca, bem como concedem oferendas a eles.
3. Na ausência de esquemas de segurança social de grandes comunidades ou do estado, os filhos adultos cuidam dos seus pais (e dos mais velhos) ou doentes, material ou emocionalmente.
4. Os filhos empreendem cerimónias e ritos tradicionais e religiosos para os seus falecidos pais, cujas almas são guardadas na ilha em réplicas de palhotas em miniatura, às vezes são construídas nos lugares onde aqueles foram enterrados. O acto revela uma consideração importante para os ilhéus e na maioria dos países da África sub-Sahariana, onde as crenças tradicionais e religiosas consideram que os mortos sobrevivem como espíritos, mas somente se os seus descendentes lhes prestarem reverências e, efectivamente tentarem contactá-los.

A situação descrita acima é semelhante à expressa por Radcliffe-Brown & Daryll Forde (1982:54) ao afirmarem que: "Na África do Sudeste os próprios antepassados de um homem da sua própria linhagem são tidos por observadores da sua conduta e com o poder de puni-lo por qualquer quebra do dever. Os antepassados da sua mãe nada têm a ver com isso e não se lhes conhece qualquer poder ou autoridade sobre ele."

Outro ditame social específico na Ilha, e na maioria das comunidades rurais do Sul do Save, é o que preconiza que o filho não pode iniciar qualquer actividade económica, mesmo a sua transferência da casa do pai para a sua própria, sem que chame o pai para fazer a cerimónia tradicional (“kuphahla”). Os pais dos rapazes nestas circunstâncias assim dizem: “o meu filho deve comprar bebida, preparar a refeição e chamar-me a mim pai dele, para realizar a cerimónia de (“kuphahla”). Qualquer acto feito que não obedeça a este procedimento não é reconhecido pelos antepassados”. (Fernando Carvalho, Sathani Zangado, Xidolo Pangaia e outros).

Zenguelema, área central da Ilha, é habitada pelas linhagens: Dzivane Mudhico, Dzivane Nassengo, Dzivane Zingole, Bhuyeni, Massani, Mufume e Mutondo. É aqui onde se localiza a sede do Governo Estatal, o Posto Administrativo da Ilha e parte do Arquipélago do Bazaruto, facto que parece explicar o enfraquecimento da influência da Autoridade Tradicional. Portanto, a consistência da Autoridade Tradicional em Zenguelema carece de substância, uma vez que esta forma de normação social “foi marginalizada pelo Partido no poder após a Independência Nacional” (Xidolo, Sathani e Carvalho, 1997). As fontes orais são confirmadas pela citação seguinte: “A Frelimo como Frente e como Partido no Poder actuando sobre a sua directiva de 1974 ‘aboliu’(sic!) Cabaço, (1995, 82) o regimento da autoridade tradicional Colonial e substitui-a pelos Grupos Dinamizadores” (Machili, 1996:10).

Depois da Independência Nacional, o poder político administrativo, que antes estava nas mãos dos Dzivane Zingole, na Zona de Zenguelema, passou para os Dzivane Mudhico, com o sr. Albano Mananisse como Secretário do Partido no Poder, a Frelimo, a nível de Zenguelema.

Na altura da realização do estudo, Paulino Albano era o Chefe de uma Comissão Administrativa encarregue de gerir o Posto do Bazaruto³⁹. Deste modo, Chipuanha Mazolozze e Raiva Mananisse constituem os chefes que exercem o maior domínio comunitário sobre as outras linhagens que habitam o espaço territorial compreendido entre um limite no extremo Setentrional com o território linhageiro dos Mufume e no extremo Meridional, com os Dzivane Maphadzi.

A Zona de Pangaia é habitada pelas linhagens Dzivane Maphadzi, Dzivane Zingole, Huo e pequenas minorias linhageiras. A Chefia Tradicional na Zona, está nas mãos dos Dzivane Maphadzi, com Xidolo Pangaia, filho de Pangaia Chivandice Nguenene, como Chefe Tradicional. Contudo, o poder Político Administrativo está com Damião Carlos Pangaia, sobrinho legítimo do Chefe Tradicional o

Xidolo. Damião é chefe Tradicional por inerência, pois, ele sucedeu ao seu falecido pai. Apesar de Damião ser chefe Político-Administrativo e também tradicional, todas as questões de natureza tradicional são exercidas por Xidolo.

Ao que parece, na Ilha do Bazaruto, as linhagens chegam a formar um clã. Esta afirmação apoia-se na seguinte citação:

"...A linhagem implica normalmente a existência de uma entidade territorial. Ela está territorialmente localizada, e todos os seus membros têm um ancestral comum. O clã, por outro lado, traduz-se por exemplo, numa identidade socio-cultural comum (mitos, tabus, ancestral mítico, etc etc...) mas não está territorialmente localizado" (Lundin, 1995:14). (Vide Anexo 2, mapa nº 9).

A crença de que na Ilha existem cereias "djondjis" que de quando em vez apanham e levam pessoas para o fundo do mar para as transformar em curandeiras, e a prática do "MAFA", elucidada a noção da existência de um clã "HOKA"⁴⁰.

CAPÍTULO IV _ INSTITUIÇÕES E VIDA SOCIAIS

4.1 _ A vida social dos ilhéus

Cada sociedade ou comunidade humana adopta um código de conduta que regula os comportamentos, quer singulares, quer colectivos. Estes códigos de conduta social, sofrem influências exógenas consoante os intercâmbios com outros povos. A Comunidade dos Ilhéus do Bazaruto teve várias metamorfoses sociais dentro deste contexto. A primeira aculturação foi trazida pelos Árabes, em finais do sec. IX, e ela manifesta-se no aperfeiçoamento da construção naval. A segunda aculturação foi introduzida pelos Portugueses, o que apagou até certo ponto a cultura Árabe. A presença dos Portugueses na parte norte da Ilha, especialmente os que construíram o farol do Bazaruto, uma infra-estrutura de carácter militar na altura, deixou marcas indeléveis na pequena comunidade de ilhéus vizinha do farol. Por exemplo, a maioria dos nomes dos ilhéus são nativos africanos, mas no caso, houve uma excepção. O nome de Lacerda⁴¹, cujo

³⁹ \ Composta por três pessoas.

⁴⁰ \ Proveniente de Xihoka, língua local falada pelos Ilhéus.

⁴¹ \ Em honra do navio de levantamentos hidrográficos que participou na expedição e que chamava-se "NH Almirante Lacerda"

nome nativo é Matiphule, foi atribuído ao filho do Madzelete, um dos chefes linhageiros na altura. Por outro lado, Fungate, filho de Mudhiamu, que sucedeu ao Machula no poder, seu primo directo atribuiu o nome de Carvalho ao seu filho. O actual chefe linhageiro dos Dzivane Nhassengo chama-se Fernando Carvalho, derivando o seu segundo nome do apelido do Capitão Tenente Ferreira de Carvalho e do 1º Tenente Farraz de Carvalho.

O vestuário, algumas culturas e modos alimentares, as técnicas de pesca tradicionais também foram modificadas. No uso dos R.N., dantes empregavam-se as gamboas e os venenos feitos de raízes para apanhar o peixe como o testemunha Ramsay afirmando que: "Os homens podiam atingir o peixe com flechas ou atirar-lhes com arcos e setas. Um método alternativo era envenenar o peixe nas águas pouco profundas, usando a raiz esmagada da ateira brava ("marova") ou [...] *Mundulea sericea*" (1993:13). Os Portugueses introduziram as redes de arrasto. Também influenciaram na construção de casas hoje em dia, a Ilha apresenta não apenas as tradicionais palhotas redondas, mas também as quadrangulares.

Muito recentemente, a entrada e saída de turistas maioritariamente Sulafricanos e Zimbabweanos, deixou marcas do Inglês e do Fanacaló, crioulo falado pelos mineiros na África do Sul.

4.2. _ Matrimónios e vida conjugal

Nas sociedades Africanas sub-saharianas, os casamentos precoces e o grande número de esposas, constituíram sempre objectos de ostentação da riqueza para os esposos, como o afirma Madeira citado por (Ferreri, 1886:208):

"O rendimento dos regulos consta do tributo que elles cobram da sua gente e a sua maioria riqueza é representada pelo numero de mulheres que cada um tem. Quanto maior fôr o numero de mulheres tanto maior é a riqueza do regulo.

Só depois de lhe começar a crescer a barba é que os pretos de bazaruto são considerados aptos para terem palhota sua e tratarem dos seus negocios, porém sendo filho do regulo pode ter palhota e mulher sua ainda mesmo de menor idade. A emancipação n'esta terra está dependente do crescimento mais ou menos prematuro da barba (sic)."

Segundo Tornay (1971:66) o casamento subordina-se a verdadeiros costumes. O Facto de a Ilha do Bazaruto ser um "'isolats", isto é, onde vivem comunidades em compartimentos estanques, em virtude

da sua situação geográfica [...] e técnico-económica”, pratica-se a endogamia, em que os ilhéus têm que encontrar no seu próprio meio, todos os recursos matrimoniais, todas as capacidades de reprodução. Talvez esta situação explique as circunstâncias em que os Dzivane Maphadzi ,em Pangaia, se casam uns com os outros, evitando-se apenas o incesto.

Radcliffe-Brown, Daryll Forde (1982:62-63) acrescentam ainda sobre este contexto que:

"um casamento é essencialmente uma organização da estrutura social. Entende-se por estrutura social o conjunto de disposições que situam as pessoas numa ordem institucional [...].Os casamentos como os nascimentos, as mortes, ou iniciações de puberdade, são reajustamentos constantes da estrutura que se verificam em qualquer sociedade; eles representam os momentos do processo social contínuo regulado pelo costume; são as formas institucionalizadas de tratar aqueles acontecimentos".

A cerimónia do "MAFA", casamento tradicional local, enquadra-se dentro do contexto expresso por Brown e Forde. O "MAFA" é um presente especial que o genro oferece aos sogros quando a sua esposa tiver sido apanhada virgem após o lobolo. Ela consiste na oferta de um bode castrado, roupa para os pais da noiva, cunhados (as) e tias. Em retribuição, o genro pode receber uma cabra, uma galinha, animais que são degolados e consumidos em casa da noiva no dia da confraternização. Caso a noiva não seja virgem, o genro envia à casa da noiva um mensageiro com garrafas de bebida, sendo que uma delas apenas tenha metade do conteúdo, sinal de que a rapariga já conhecia homens. De contrário, significa que a moça é virgem e isso dá direito ao "mafa".

4.3. _ A família e a poliginia no seio comunitário dos ilhéus

"Em muitas sociedades, o estatuto da mulher depende da posse de muitos filhos especialmente rapazes, para os quais há uma preferência total e que tendem a ser melhor cuidados.

"[...]Há várias razões do ponto do porque é que as pessoas precisam de muitos filhos; para contrabalançar a alta taxa de mortalidade infantil, para permanecer uma abundante provisão de força de trabalho na esperança contínua por um filho, e no caso de famílias políginas um factor importante nos privilégios dos valores de heranças de ser a mulher com mais filhos" (Rodda, 1991:71).

A citação acima explica, em parte, a prevalência e prática da poliginia entre os ilhéus.

Regra geral, os casais polígimos, no norte da ilha (Sitone), vivem num lar único, onde o marido constrói as suas palhotas, tendo cada esposa a sua palhota própria. A primeira esposa é a chefe das demais e distribui as tarefas a realizar ao dia. As co-esposas aceitam a submissão e a autoridade da esposa chefe. Esta prática social é já antiga na sociedade Moçambicana “no sistema patriarcal da família, todas as mulheres dum homem [polígamo] vivem, em regra na sua povoação. Cada uma tem a sua palhota privativa e a sua coirela que cultiva para sustentar o marido, a si e os seus filhos. [...] A disciplina entre as várias consortes dum homem é mantida pela *cossicazi*, a primeira mulher, a quem as outras devem respeito e tratam por mãe” (Cota, 1944:227). ”

A família onde nós vivemos em Zenguelema é chefiada por um jovem varão de 28 anos de idade, que tem duas esposas e a sua mãe viúva. A viúva que coabita com o filho, as noras e os netos goza de privilégios correspondentes aos que seriam dispensados ao sogro das esposas se esse estivesse vivo. As noras servem água quente à sogra para o banho, lavam a roupa dela, e fazem todo o trabalho pesado de casa. A sogra toma certo tipo de decisões a que as noras devem obedecer sem discussão. Entre o leque de privilégios constam o facto de que a sogra não:

i) Cozinha, ii) vai buscar a água, iii) lava a roupa dela nem de ninguém, nem a louça,
iv) varre a casa nem o quintal, v) pila (milho, amendoim, mexoeira), vi) Cuida dos netos, vii) maticam as palhotas com matope. A sogra apenas acorda, toma banho, come, vai beber, volta a casa e dorme.

Ter noras parece de facto a grande reforma que as sogras têm dos filhos, como o confirma o chefe de família nos seguintes termos: “ A minha mãe está crescida e deve descansar. Por isso, ela vive aqui comigo e as minhas mulheres devem trabalhar por ela” Abdul, Santos, (10/08/1997).

A fonte que temos vindo a citar dá a seguinte explicação sobre a poliginia. “Uma mulher apenas não aguenta fazer todos os trabalho de casa, daí ter que casar uma segunda mulher para se inter-ajudarem” (idem).

Num casal polígino⁴², o marido é o moderador dos conflitos e o moralizador da família. “ O segredo do bom entendimento entre as minhas esposas prende-se em saber conservar comigo mesmo todos os segredos tanto do quarto como de cada mulher” (ibidem).

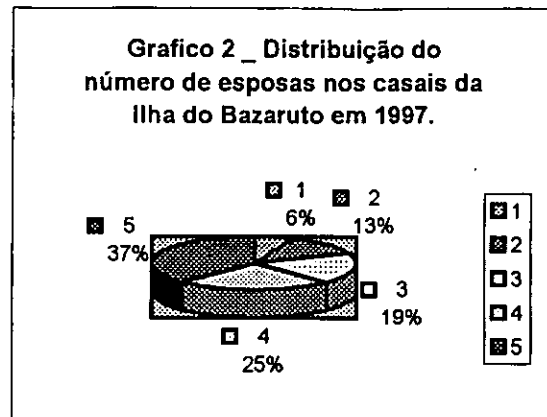
⁴² \ Casal polígino é aquele contraído entre um homem e várias mulheres (Gérard, H. In Thines et al.).

A poliginia, prática comum entre os ilhéus parece estar intimamente relacionada com o rendimento económico dos maridos. Esta afirmação é sustentada por evidências colhidas quer nos levantamentos GPS sobre os assentamentos humanos, quer por observação participativa no terreno, empreendida durante a colheita de dados para esta dissertação. Os maridos políginos, ou são proprietários de redes de pesca ou possuem emprego formal como guardas de fauna. Um homem chega a ter 3 a 4 esposas. (Tabela e Gráfico 2).

Tabela nº2 distribuição do nº de esposas em casais da Ilha do Bazauto, 1997.

Nº de esposas	Frequência
1	294
2	95
3	17
4	3
6	1

Fonte: Levantamentos GPS dos assentamentos humanos na Ilha do Bazauto, Julho/Agosto de 1997. Por Gilberto Ricardo.



Uma análise comparativa sobre a vida dos casais políginos na Ilha do Bazauto fornece as seguintes ilações:

i) Em Pangaia, os jovens maridos vivem pouco tempo em casa dos seus pais após o lobolo, o que é contrário a Sitone e Zenguelema.

ii) As esposas nunca se sentam com os maridos à mesa para uma refeição. Os homens comem sozinhos e de preferência as miudesas e as mulheres comem com as crianças. Os rapazes comem em separado não se misturam com as raparigas e mulheres. A eles é inculcida a psicose de superioridade perante as mulheres desde pequenos. A explicação para esta atitude é de que senão o rapaz vai crescer tímido.

iii) Em Pangaia, há uma forte influência continental, particularmente de Vilankulo. Isso talvez se deva à sua proximidade relativa com esta parte continental. Esta influência é fortemente manifestada na organização da estrutura dos lares pois, nesta zona, os políginos constroem tantas casas em separado consoante o número de esposas que tenham. Esta atitude é similar à tomada na parte continental, mas não se verifica no norte da Ilha.

4.4 __ A bebida e a sua influência no seio dos ilhéus

Os ilhéus geralmente bebem muito, e a venda de bebidas constitui uma das fontes de subsistência das populações locais. As bebidas localmente confeccionadas são o "utchema", ⁴³ "Kabhanga" ou "malcoado"⁴⁴ e o "Ndjembua". ⁴⁵ Este grupo de bebidas é considerado suave. O grupo das bebidas fortes como as aguardentes "Nipa" e "Thonthontho" é produzido no continente e levado de barco para a Ilha para venda. Este último grupo é mais destruidor que o primeiro, uma vez que o seu consumo excessivo causa efeitos nefastos no organismo.

Muitos autores se têm debruçado sobre as múltiplas funções do álcool no seio da comunidade e da sociedade.

Lewis (1959) é citado neste contexto por Jone (1993:64) a afirmar que:

"Os membros dos grupos de baixo estatuto seguem um estilo de vida perigoso do que os grupos sociais altos, exibindo a cultura da pobreza, abraçando atitudes fatalistas, apatia e falta de planificação a longo prazo. Há evidências abundantes de que os grupos de baixo estatuto têm uma alta proporção de fumadores [e] de bêbados incorrigíveis, [e que eles são utentes mais infrequentes dos serviços preventivos tais como facilidades antinatais e imunização da criança]".

Segundo Rooney Nahan (1989), referenciado por (Rodda, 1991:93) com o investimento súbito de dinheiro na comunidade proveniente dos salários ou venda do pescado, o álcool começa a ter geralmente os seus efeitos anti-sociais.

Na ilha, a confiscação de dinheiro à guarda da esposa, é um caso frequente. Esses montantes são levados pelos maridos para a compra de bebidas alcoólicas nas barracas e adegas, ao invés da compra de alimentos básicos (cereais, açúcar, óleo alimentar, etc.), para as necessidades da família. Esta acção resulta na degradação rápida da dieta alimentar da família e prova também a falta de planificação argumentada por Lewis.

A embriaguez constante dos homens ilhéus, que consomem em demasia o álcool, impossibilita-os de ir à pesca, privando assim a família, de uma fonte de proteínas provenientes do pescado limitando-se apenas ao consumo de alimentos de natureza vegetal e frutos silvestres obtidos pelas mulheres na machamba ou da floresta.

⁴³ \ (Vinho) extraído da palmeira-brava.

⁴⁴ \ Feito de farelo de milho água e açúcar.

⁴⁵ \ Feita de arroz açúcar água e fermento.

As mulheres que primam pelo comportamento de embriaguez, furtam-se ao seu compromisso social de contribuir para o aumento da dieta alimentar, pelos produtos agrícolas. Tais actos assumem tamanha gravidade, quando algumas mulheres da Ilha chegam a beber tanto a ponto de dar parto na praia, a caminho das adegas, como aconteceu a 5 de Agosto de 1997, na Zona de Sitone, em que uma delas foi socorrida por um motorista do PNB em pleno parto na praia.

René Pelissier (1988:335), referencioando Joaquim Nunes (1920);⁴⁶ diz que "o álcool foi um grande desmobilizador da consciência da oposição antibranca no sul de Moçambique" entre os anos de 1907 e 1913, altura em que o distrito de Inhambane produzia grandes quantidades de um tipo de rum. Calculava-se que, pelo menos, cada homem e mulher ficavam a cair de bêbados em 150 dias do ano e que certos homens assim se conservavam do princípio ao fim do ano, impossibilitados assim de trabalhar como sucede com alguns ilhéus do Bazaruto.

No contexto da Autoridade Africana Tradicional, as bebidas alcoólicas têm uma outra função social. Elas servem de elo de ligação entre os vivos e os mortos sendo empregues nas rezas tradicionais ("muphahlo"), para comunicar algo que se pretenda aos ancestrais da família. Ao que parece, os antepassados também bebiam, hábito este que foi herdado pelos seus descendentes portanto tradição que se associa à autoridade tradicional. É também nas adegas, durante as bebedeiras que ocorre a transmissão dos conhecimentos dos valores sociais tradicionais, pela canção e pela dança e pela propaganda de elogio aos varões, que irão suceder aos pais. Como mostram Radcliffe-Brown e Daryll-Forde (1982:123) "embora tanto os homens como as mulheres se tornem depois de mortos os espíritos ancestrais, são os varões que oficiam como sacerdotes de família, em benefício de todas as pessoas do casal".

4.5 _ Rituais

Segundo Madzelete Lacerda, quem fazia as cerimónias dos antepassados ("mhambha") em Machulane, era Khanyala⁴⁷. Enquanto que em Sitone era Machula. Depois da morte deles, um dos filhos passou a tomar conta do recado, tal é o caso de Fernando Carvalho, em Sitone.

⁴⁶ \ Joaquim Nunes B.S.G.L., 38ª série, nº 7-12, Julho _Dezembro de 1920, pp. 99-119.

⁴⁷ \ (O tal de que deriva o nome de Panta Khanyala) como consta nos actuais mapas.

Segundo Fernando Mutondo, os Dzivane Nhassengo, em Sitone, têm dois lugares sagrados onde se celebram as cerimónias tradicionais das chuvas e das colheitas; um deles é Matando e o outro é a Ponta Khanyala.

Na Ilha do Bazaruto, observam-se três tipos de rituais: i) o ritual do lançamento dos barcos de transporte de passageiros; ii) o ritual do lançamento das novas redes de pesca por arrasto para a terra; iii) e o ritual da iniciação dos acampamentos de pesca.

h) O ritual do lançamento dos barcos de transporte de passageiros e carga consiste na atribuição do nome de uma parente falecida.⁴⁸ Além disso, devem-se comprar bebidas para que se faça a cerimónia de ("kuphahla"), ao barco e parte-se uma garrafa de vinho ou outra bebida que é lançada no barco. O processo consiste em atirar a garrafa ao barco, que em contacto com este deve-se partir. Se ela não se partir, significa que o nome que o barco recebeu aquando do ritual de baptismo não devia ser esse. Aí, é preciso fazer uma nova consulta para dar um outro nome" (Augusto Algeiro Mutondo, 26/07/1997).

ii) O ritual do lançamento das novas redes de pesca consiste no seguinte: " No primeiro dia do lançamento da rede, todo o peixe que sai deve ser entregue à população, para comer. No dia seguinte, o dono do barco pode ir pescar e servir-se do seu pescado". (Augusto Algeiro Mutondo, 26/07/1997). Geralmente, o curandeiro dá recomendações sobre a forma de consumo do primeiro pescado da faina, que incluem por exemplo não pôr piri-piri na comida, não utilizar o dinheiro resultante da venda do pescado para outros fins, que não sejam comprar alimentação para a feitura de um banquete comunitário.

iii) O ritual de iniciação dos acampamentos de pesca consiste em contactar um curandeiro que vai tratar a rede, o dono da rede, e o sítio onde vai ser instalado o acampamento de pesca, acto que é acompanhado por vezes da construção de réplicas de palhotas em miniatura onde se guardam as almas dos ancestrais, "lugares sagrados", nos acampamentos de pesca, onde se ("pahla") os espíritos dos antepassados do proprietário do empreendimento e os do curandeiro. Esses lugares sagrados, ostentam panos com as cores: branca, vermelha, preta ("peça" ou "djiti").⁴⁹(Vide Anexo 2, Est. V Fig. 1). Contudo, parte deste último ritual não é público. A parte pública consiste em convidar o ancião da família para realizar uma cerimónia de reza tradicional ("kuphahla"), em que se oferecem bebidas tradicionais aos

⁴⁸ \ Do sexo feminino.

⁴⁹ O conjunto dos nomes entre parênteses refere-se aos dos tecidos usados pelos espíritos dos curandeiros e dos defuntos.

ancestrais da família. O papel reservado ao curandeiro é o de conferir protecção ao dono do acampamento, proporcionar-lhe sorte na captura do pescado e, conseqüentemente; prosperidade no empreendimento.

4.6 _ Parentesco

Em Antropologia cultural, o parentesco é um fenómeno social que "abrange o estudo dos laços de aliança matrimonial (casamento), de filiação (entre pais e filhos), de germanidade (entre irmãos)" (Torney, 1971:61). A filiação tem mais peso do que a dimensão biológica da procriação humana. "Ela determina simultaneamente a ordem de parentesco, a hierarquia dos membros, o modo de sucessão dos bens; ou inclusive a distribuição da autoridade"⁵⁰, citado por (Akoum In Thines et al.1983:457). As citações acima feitas suportam a abordagem do estudo dos sistemas de parentesco na Ilha do Bazaruto.

Entre os vários tipos de filiações que Akoum descreve, encontramos na Ilha a filiação unilateral, onde são tomados em consideração os laços de filiação de uma ascendência _ a paterna. Este tipo de filiação por ser patrilinear, organiza as linhagens através do seu pai "não compreende filhos das filhas" (Akoum, In Thines et al. 1983:457). Chamam irmãos, aos primos paralelos aos oriundos de colaterais do mesmo sexo _ dois irmãos ou duas irmãs. Na Ilha do Bazaruto prevalece a família patriarcal, que é dominante na parte sul do Zambeze, aquela em que no "agregado familiar [...] os direitos do homem se sobrepõem aos da mulher, tanto quanto à posse dos filhos, como ao domínio dos bens, correspondendo por via de regra, a este regime, a sucessão em linha recta..." Cota, J.G., (1946:101).

Para confirmar este facto, foram usadas entrevistas semi-estruturadas, em que 100% dos ilhéus entrevistados responderam que os seus filhos usam o apelido dos pais. Igualmente, confirmaram que a transmissão da herança por óbito do pai apenas reverte a favor dos filhos e nunca das filhas. O sistema patrilinear, em Moçambique, é semelhante ao dos Swazi em que "em qualquer casal a linha dominante é a do chefe. Todos os filhos têm o *isibongo* [*xiloso*]⁵¹ paterno, que é o mesmo dos seus irmãos e dos seus filhos e das irmãs. As esposas guardam sempre os seus próprios nomes clânicos e isto distingue-as como, «estrangeiras», do grupo estranho" (Kuper, In Radcliffe-Brown & Daryll Forde 1982:123)

⁵⁰ Radcliffe-Brown, 1948.

⁵¹ O mesmo que Apelido; em Xithswa.

Na ilha do Bazaruto, também verifica-se o levirato⁵² que é explicado pelos costumes de muitos outros povos como sendo o hábito de herdar a viúva, (“kuhlambela ou kutchinga”.)⁵³ quando o marido morre. “A mulher viúva tem a obrigação de casar com um dos cunhados. Contudo, [o costume tradicional] dá-lhe a faculdade de escolher, de entre eles, o que desejar para marido. Não há propriamente um casamento, mas uma transmissão de natureza hereditária. Os filhos da união da viúva com o cunhado são considerados «filhos», do filho primogénito do falecido ou dos avós paternos”, Cota, (1946:30); (Radcliffe-Brown & Daryll Forde, 1982:88). A formalização da relação entre o herdeiro e a viúva consiste na prática de um acto sexual simbólico, na presença dos demais familiares. O objectivo deste acto é o de purificar as viúvas do nojo e tornar possível a convivência com elas e seus filhos, caso o ente falecido os tenha. A coabitação sexual nem sempre acontece, mas a patrilinearidade do marido (falecido) tem como obrigação zelar pela senhora (viúva) pois, este é um dos deveres ligados ao lobolo.⁵⁴

As relações de afinidade em Bazaruto, têm um padrão heterogéneo de distribuição espacial. Em Pangaia, parte sul da Ilha, indivíduos da mesma linhagem familiar os Dzivane Maphadzi contraem relações de aliança, através do lobolo, não constituindo isso tabu. Igualmente, os Dzivane Maphadzi lobolam-se com os Dzivane Zingole.

É conhecido o sistema de casamento preferencial com os primos cruzados entre os “Matshwas” que, entretanto, quando inquiridos sobre o seu procedimento, não oferecem uma explicação coerente, mas, realçaram o facto de esta prática ser tradicional, que mesmo os seus avós assim procediam.

Estas práticas são assim feitas sem violar a lei do incesto. Normalmente, indivíduos parentes consanguíneos directos, não se lobolam. Contudo há alianças matrimoniais entre os Dzivane Maphadzi com os Huo, ou com outras linhagens da parte continental ou de outras Ilhas do Arquipélago.

Em Zenguelema, os Dzivane Zingole lobolam-se com os Dzivane Mudhico, como também com os Massani e os Mufume.

Em Sitone, as linhagens que habitam esta parte setentrional da Ilha criam relações de afinidade entre elas. Assim, os Dzivane Nhassengo lobolam se com os Mutondo, os Nhadhava, e os Bhuyeni. Não há nenhum caso conhecido de lobolo intra-linhageiro entre os Dzivane Nhassengo, Nhadhava, Bhuyeni e os Mutondo.

⁵² \ Coabitação da cunhada com o cunhado.

⁵³ \ Significa herdar uma viúva em Xitshwa.

⁵⁴ \ Outra obrigação é a proteção das crianças nascidas desse casamento, conferindo-lhes inclusive o nome da patrilinearidade.

Os assentamentos humanos na Ilha criaram a família alargada patrilinear, baseada no costume pelo qual os filhos varões com as suas mulheres permanecem no grupo familiar do pai, sucedendo o mesmo com os seus filhos e netos.

A organização social tradicional da família alargada reflecte-se também nas relações de trabalho, onde os acampamentos de pesca espelham este modelo. Tal é o caso do grupo dos irmãos Lacerda Madzelete e filho, no norte da Ilha que, num espaço comum ergueram um complexo de acampamentos pesqueiros (Anexo 2, Fig. 2).

O diagrama da linhagem dos Dzivane Nhassengo em Machulane no norte da Ilha, mostra claramente que entre cinco gerações próximas "a relação é normalmente de desigualdade essencial, de autoridade e cuidado protectivo de um lado, e respeito e dependência do outro". (Radcliffe-Brown _ Daryll Forde; 1982:47). Esta é a forma como se estrutura localmente a Autoridade Tradicional na família linhageira. O diagrama Linhageiro dos Dzivane Nhassengo de Sitone mostra como se sucediam no poder tradicional os seus membros (anexo 10).

CAPÍTULO V _ UTILIZAÇÃO DOS DIVERSOS RECURSOS NATURAIS PELA POPULAÇÃO DA ILHA E SUAS ACTIVIDADES ECONÓMICAS

5.1 _ Agricultura

As mulheres da ilha como camponesas realizam uma grande contribuição na produção agrícola familiar, em pequenas machambas de subsistência.

Os solos da ilha neste momento são inadequados para a produção agrícola de muitas culturas. A aptidão agrícola é uma função conjugada dos solos, topografia, e o clima local. Grande parte da extensão oriental da Ilha é constituída de solos dunares e dunas de areia bastante activas e um relevo declivoso o que mostra que é não apta para a agricultura (Anexo 2, Mapa nº 3). Algumas partes da mesma contudo, não tem limitações de relevo, mas a Ilha como um todo, enfrenta uma grande limitação na distribuição regular das precipitações ao longo do ano. A falta da regularidade das precipitações conduz à não satisfação das exigências de algumas culturas em termos de água disponível para o seu crescimento.

As camponesas da ilha do Bazaruto cultivam a batata e a cana-doce, nas baixas. A mexoeira, o feijão cafreal ou ("nyemba") *Vigna unguiculata* (L) Walp, a mandioca, e por vezes o milho em certas zonas, são cultivadas nas zonas de sequeiro (Anexo 2, Est.XI, Fig.1). Devido às condições edáficas locais, a mexoeira é uma das culturas estratégicas da Ilha. Ela tem um ciclo de crescimento de 70-90 dias, e, para obter o máximo rendimento possível dela, basta semeá-la na estação chuvosa; como sustenta a citação seguinte: "...a estratégia da mexoeira é evitar a seca através de um curto ciclo de crescimento" (Voortman, 1983:9).

Os rendimentos agrícolas obtidos são insignificantes. A agricultura na Ilha do Bazaruto, destina-se ao suplemento da dieta alimentar que é essencialmente de peixe.

As áreas de mata naturais são desbravadas e queimadas anualmente como técnica de abertura de novas machambas por um lado e por outro, tal prática é feita de modo a acumular cinzas que vão servir como fertilizante. Isso resulta como consequência a vulnerabilidade de tais áreas à erosão eólica (Anexo 2, Est. II, Fig. 1,2).

5.2 _ Pecúaria na Ilha

Na Ilha do Bazaruto, a criação de arietinos e de caprinos de forma artesanal data de há séculos, como o sustenta a citação seguinte: "Esta ilha é abundante o gado lanigero e caprino e cria algum suino" (Moraes Sarmiento, 1887:437).⁵⁵

A pecuária na Ilha está não só intimamente ligada à vida dos Ilhéus, mas também à Autoridade Tradicional como o sustenta a citação: "As cerimónias das audiencias dos regulos constam apenas do seguinte: O regulo manda matar um carneiro e depois de cozinhado juntamente com massa, oferece aos individuos que hão de fazer parte do conselho (sic.);"(Ferreri, 1886:206). O facto mostra a existência e uma forte correlação positiva (1,0) entre a criação local dos arietino e caprinos e o sistema patrilinear de casamentos e manifestado pelas seguintes atitudes socio-comportamentais⁵⁶:

1 _ Quando um casal se separa, tendo rebanhos estes ficam apenas com o marido. A esposa não recebe algo deste rebanho.

⁵⁵ \ «In:Boletim Oficial de Moçambique»

⁵⁶ \ Correlação obtida com base nas entrevistas semi-estruturadas.

2 _ Na vida do casal criador de gado, o marido é quem toma decisões sobre a gestão e uso dos rebanhos e, a esposa não tem voz activa quanto ao assunto.

3 _ Na Ilha, tal como noutros países Africanos, a gestão pecuária nas áreas rurais como a posse de grandes rebanhos não está orientada para a produção para o abate anual, mas sim como bens de acumulação, que confere aos seus possantes, um estatuto de riqueza e prestígio em relação aos outros membros da comunidade que tenham um rebanho menor ou mesmo não o tenham. Esta realidade social é disso exemplo a população dos Massai, em que "as manadas dos Massai representam um importante sinal de riqueza e de prestígio dos respectivos possuidores e, por consequência, o seu tamanho é aumentado de todas as formas possíveis" (Campbell, 1983:188).

4 _ As alianças matrimoniais por lobolo, como têm sido características na Ilha são completadas pelo casamento tradicional chamado "MAFA". "Aí, eles querem um bode castrado, um garrafão de bebida, ("mukhume") com renda, um feto para o pai, um prato, uma faca, e um copo. Se nessa casa houver tias, estas devem receber lenços de cabeça, enquanto as crianças receberão uma peça de vestuário cada. Os familiares do rapaz é que vão matar o bode, cozinhar e, quando tudo estiver pronto vão entregar tudo à família da rapariga. Isso significa que é o casamento tradicional". (Mutondo, 1997).

Existem bodes preparados para o efeito. Esses bodes são castrados e crescem atingindo dimensões agigantadas comparativamente ao bode comum. O preço de compra desse tipo de bodes, é mais elevado do que o preço do bode normal. A razão para o uso do bode castrado para esse tipo de cerimónias resume-se na seguinte explicação: "Não deve ir uma cabra que ainda não teve crias. Só pode ser uma cabra que já terminou a reprodução ou um bode castrado porque esse é macho e fêmea simultaneamente. O que significa que é o homem e a mulher que vão fazer ("mahalabha")⁵⁷ deles os dois" (idem).

A criação secular de rebanhos num ecossistema insular fechado, como é o caso da Ilha do Bazaruto, que é relativamente pequena cria rupturas ecológicas de consequências difíceis de reparar. Uma observação directa efectuada ao longo da extensão total da ilha, numa marcha longa⁵⁸ constatou-se que em alguns pontos da Ilha, a degradação dos ecossistemas bióticos, atingiu níveis extremamente críticos ou de ruptura. O pisoteio dos animais e a pastagem, tornaram os solos tão estéreis que, nem o próprio capim se

⁵⁷ \ Esta é uma linguagem figurativa para significar um contacto sexual.

⁵⁸ \ Empreendida de 27 a 28 de Agosto de 1997, na companhia de um guarda e um arquitecto.

rejuvenesce (Anexo 2, Est. VI, Fig.1). Isso é muito assentado a sul de Sitone, na parte sul oriental de Zenguelema e de Pangaia.

Segundo Dutton (1990:36-37) a projecção dos rebanhos até ao ano 2000 mostra uma tendência crescente em 12 vezes mais. Contudo, a população dos dois tipos de rebanhos poderá ainda não ter excedido a capacidade de carga, que é estimada em 400 unidades animal (U.A), que é igual a um animal doméstico⁴ pesando 455 kg, baseada em experiências em habitats de savana ácida similares. Todavia, nas áreas de grande densidade de animais, os impactos da pascigo, pastoreio e pisoteio são muito notáveis. Em 1990, a população de arientinos era de 372 e de 1768 caprinos (Mapa 6).

5.3 _ A avifauna da Ilha

A abordagem da avifauna da ilha será subdividida em duas sub-áreas: a ornitológica e a avícola doméstica:

5.3.1 _ A ornitológica compreende um total de 148 espécies de pássaros registados, uma vez que "o Arquipélago é um ponto importante de escala da fauna migratória. A existência de terras planas nas costas do sotavento das ilhas são habitats vitais, que atraem grande números de pássaros" (Dutton P. e Zolho 1990:23), lista em anexo 7.

5.3.2 _ Avicultura

A avicultura desenvolvida a nível doméstico com base no conhecimento local foi pesquisada no estudo, através de levantamentos por contagens simples dos galináceos e palmípedes em cada agregado familiar, visando apurar o número de aves domésticas (galos, galinhas e patos) existentes em toda a Ilha.

Assim, a Ilha do Bazaruto possuía em 1997, 1330 galinhas, 475 galos e 170 patos, o que totaliza 1975 aves domésticas. Contudo, a fidelidade dos dados referentes a avicultura carece de muita precisão, uma vez que algumas famílias nativas, omitiram os dados, com receio preconceituoso de que se os revelassem poderia ocorrer alguma epidemia afectando estas aves.

Três motivos ditaram a inclusão das aves domésticas na pesquisa:

- i) o facto de a criação de aves domésticas enriquecer a dieta alimentar dos ilhéus, que é baseada essencialmente em mariscos;
- ii) a contribuição estratégica da avicultura no aumento do rendimento económico do agregado familiar, dado que as aves podem ser vendidas para a obtenção de dinheiro;
- iii) as mulheres da Ilha terem poder de tomar decisões independentes sobre todos os assuntos ligados às aves; enquanto o homem toma decisões sobre as manadas de arietinos e caprinos. Esta questão tem tanto peso sobre os Ilhéus, a ponto de se o casal tiver de se separar, a mulher até carrega com as aves todas, como aconteceu em Sitone, em Julho de 1997. Portanto, uma mulher que crie galinhas e patos num casal, pode decidir sobre a venda de uma ou duas galinhas ou patos sem consultar o marido. Esta realidade social, parece ser típica nas famílias rurais especialmente porque é a mulher que cozinha e, logo, dá de comer às galinhas e aos patos. Daí resulta que, as aves pertencem à mulher e os rebanhos ao homem.

5.4 _ Pesca

À semelhança do que acontece na Ilha da Inhaca, segundo Lopes (1991:20-21), na do Bazaruto, a principal actividade económica da comunidade pesqueira dos ilhéus nativos é a pesca artesanal de rede por arrasto, na abrigada costa ocidental da ilha. A pecuária de arietinos e caprinos, sendo uma particularidade específica local, ocupa o segundo plano, e são ambas tarefas exercidas pelos homens.

O sistema de pescas na Ilha do Bazaruto está organizado e estruturado como uma unidade de produção familiar onde se emprega, essencialmente, a mão-de-obra familiar. A prática basea-se no principio de que "reconhecemos o facto de o comportamento do grupo humano depender tanto de um conjunto de crenças como da sua história, das suas capacidades e dos seus recursos. Os recursos naturais do meio, as capacidades dos indivíduos constituem as determinantes primárias da adaptação humana" (Campbell, B. (1983:20). Alguns acampamentos chegam a ter uma mão-de-obra assalariada permanente, tal é o caso dos irmãos Lacerda Madzelete em Machulane _ Sitone, a norte da Ilha. Aliás, este é um caso especial em que os irmãos Lacerda constituíram um complexo de acampamentos altamente estruturados,

com rouparias, armazéns de pescado seco, tarimbas de secagem de peixe, dormitórios para os trabalhadores e outras facilidades. (Anexo 2, Vide Fig. nº.2 e Est.I Fig. 2).

De uma maneira geral, todo o sistema de pesca da Ilha é artesanal, de pequena escala. Emprega meios técnicos rudimentares _ chatas de fabrico artesanal, sem propulsão a motor, cujo comprimento não excede os 6 m, não leva vela nem mastro. O processo de locomoção destas chatas, é a força humana. Para tal, são providos de três pares de remos, dispostos três de cada lado da chata. É nestes barcos que são transportadas e lançadas as redes de pesca por arrasto para a praia (Anexo 2, Est.IV, Fig.1).

Os participantes das fainas pesqueiras recebem geralmente uma porção de pescado como remuneração. As políticas de gestão pesqueira, genuinamente concebidas pela Comunidade Pesqueira, parecem inexistentes entre os ilhéus, sendo uma imposição dos Gestores do PNB, que incorporam também a Comunidade Local.⁵⁹

Segundo Dutton & Zolho (1990:39), a Ilha possuía 45 acampamentos de pesca artesanal⁶⁰ que produziam aproximadamente 1322 toneladas/ano de produtos marinhos secos. Esse volume representava 86% do pescado total capturado no Arquipélago do mesmo nome, avaliado em 1541 ton./ano. Em 1990, a média dos preços de venda do pescado seco no mercado local era de 400, 00 Mts/Kg. Em 1998, a média dos preços de venda do pescado seco era de 6.000,00 Mt, e o fresco era de 8000,00 Mts/Kg.

O pescado obtido, depois de separado das impurezas é estripado, posto durante uma semana numa solução de sal diluído, em salgadeiras. Seguidamente, é retirado e posto a secar em tarimbas (Anexo 2, Est. I, Fig. 2). Depois de seco, o peixe é ensacado e armazenado em barracas construídas para o efeito. É nestas barracas ou armazéns onde fica guardado grande parte do material de pesca do acampamento.

Em primeiro lugar, o pescado obtido destina-se ao consumo próprio dos pescadores, suas famílias e familiares. Neste contexto, resulta um aspecto de grande importância social e tradicional dos ilhéus o de que:

- a) Todo o pescador que foi à faina, recebe peixe para o seu consumo ou como remuneração.
- b) Todo o indivíduo, quer seja ou não da comunidade, que estiver na praia no acto da selecção do pescado do lixo marinho, recebe peixe em quantidades que variam entre 0,5 a 5 Kg, para o seu consumo.

⁵⁹ \ As políticas de gestão pesqueira são todas as formas de uso sustentável dos recursos pesqueiros, como seja o emprego de redes de pesca de malha que não atentem contra o meio marinho, a recolha do mapalo que não destruam os ecossistemas marinhos, etc.

⁶⁰ \ O número de 45 acampamentos de pesca ainda se mantinha inalterável como constatamos durante o trabalho de campo realizado de Julho a Setembro de 1997.

Esta é uma forma de ajuda mútua que os ilhéus observam desde há séculos. Assim, aquelas famílias que não tenham redes de pesca ou que não possam ir à pesca por motivos diversos, não morrem de fome.

c) A solidariedade comunitária na forma de ajuda mútua, através da repartição de certas porções do pescado aos seus membros, gratuitamente, para o consumo, representa um esquema social de segurança e de sobrevivência. Tais actos, encontram maior expressão quando se trate de capturas de grandes cardumes como as raias de boca de vaca *Rhinoptera javanica*. (Anexo 2, Est. IX Fig. 1,2).

d) O pescado destina-se ou à venda por dinheiro usado na compra de cereais e outros bens de consumo e à reposição do material de pesca, ou a troca directa entre géneros alimentícios e o pescado (Anexo 2, Fig. 3).

A raia de nariz em aba ou raia de boca de vaca *Rhinoptera javanica* (Müller & Hanle 1841) é uma das espécies pescadas na Ilha. Devido à sua particularidade no seio da comunidade, damos maior destaque a ela.

O nome *Rhinoptera* deriva de “focinho com olhos” e *javanica* é onde o primeiro exemplar foi capturado. O nome de raia de nariz em aba é usado em referência ao nariz em forma de aba que pende em frente da boca.

As observações subaquáticas, em águas pouco profundas, indicam que o cardume destas raias pode mover-se junto, próximo da costa. Infelizmente, devido ao seu comportamento, elas tornam-se vulneráveis à captura pelas redes de pesca dos pescadores locais. As raias de nariz em aba têm uma dieta que consiste essencialmente, de moluscos bivalves (ameijoas, ostras de arcia ou “mapalo”), que são esmagados pelos dentes fortes em forma de pavimento. Segundo Van Der Elst, (1988:61), no Japão, e noutras regiões do extremo oriente, tem sido reportada a captura, por redes de pesca, de cardumes de até 500 exemplares, onde estas raias já criaram devastações nos campos de ostras perliíferas. Na Ilha do Bazaruto, este tipo de raias, compete também com o homem na procura do “mapalo”. Devido à sua aparição constante, na Zona de Pangaia, principalmente, já não existe mapalo, pelo menos desde o ano passado, tal como testemunha Elisa Cuhanha, (24 anos): “Neste ano, nem sequer vimos um mapalo aqui na zona”⁶¹. Uma observação participativa no terreno, desde o palmar da antiga Companhia de Pérolas do Bazaruto até a Ponta Pangaia, mostra muitos restos de conchas quebrados em minúsculos pedaços devido à trituração por dentes destas raias (Est. IX, Fig. 1;2). O facto é ainda reforçado por Van der Elst, dizendo

⁶¹ Em entrevista com o pesquisador.

que na Africa do sul, "muita dieta de moluscos de conchas é pilhada frequentemente nos bancos de lama com grandes estuários ou baías. Esta espécie vivípara dá parto a um número de pupas em cada estação, mas os detalhes estão ainda por se descobrir" (1988:61). Na Ilha do Bazaruto, a 04/09/1997, vimos "*in locu*", pescadores a tirarem crias dos úteros das fêmeas prenhas, o que secunda e tira dúvidas sobre a afirmação de Van Der Elst.

Na Ilha do Bazaruto, os exemplares capturados no dia 04/09/97 tinham 28 Kg cada mas os maiores chegavam a atingir os 35 Kg.

A captura de grandes cardumes deste tipo de raias na Ilha de Bazaruto é uma oportunidade para um convívio comunitário das famílias de pescadores, dada a fraca comercialização desta espécie e devido à inexistência de frigoríficos. Do fígado da raia, que possui entre 2 e 3 Kgs de peso, extrai-se uma quantidade considerável de óleo alimentar. A parte central da cabeça é deixada na praia a apodrecer, o que coloca a praia, o mato e as casas da zona mal cheirosos por várias semanas.

5.5 _ Comércio

O comércio tornou-se, actualmente, uma actividade fundamental na comunidade dos ilhéus de Bazaruto. Mesmo há mais de 120 anos, o comércio existia na Ilha mas não era exercido pelos Ilhéus como sustenta a citação seguinte: "O comercio do distrito está todo nas mãos dos banianes, mouros e bathia's, em Chilokane há um europeu, e em Santa Carolina (Bazaruto), um Brasileiro" (sic.) Ferreri (1886:46).

Entre Janeiro e Fevereiro de 1995⁶², existiam na Ilha, duas lojas vendendo artigos de mercearia apenas. Já em Setembro de 1997, a situação era completamente diferente, com a Ilha a apresentar 15 estabelecimentos comerciais⁶³. Neste conjunto, podem destacar-se 4 categorias desses estabelecimentos: a primeira é a loja para trabalhadores. Deste tipo, existe uma no "Bazaruto Lodge" outra no "Sabal Bay Lodge" e mais uma na sede do PNB. A segunda abrange aquele tipo em que se vende todo o tipo de artigos de mercearia, especialmente géneros alimentícios de 1ª necessidade. Existem 3 lojas desta natureza, sendo duas em Zenguelema e uma em Pangaia (a mais eficiente de todas na oferta da qualidade e quantidade de géneros e na dinâmica comercial). A terceira categoria, contempla o conjunto de bancas de comércio

⁶² \ Quando lá estive num trabalho de recolha de dados.

⁶³ O termo estabelecimento comercial aqui empregue, peca por generalizar tudo aquilo se dedica a compra e venda de bens de consumo. Mas de facto, trata-se nalgumas casos, de bancas de comércio informal.

informal que vendem essencialmente bebidas, refrescos e bolachas. A quarta categoria é especial, e contempla lojas para turistas, que vende vestuário específico (camisetas estampadas com os dizeres alusivos à Ilha do Bazaruto ou ao hotel em causa, estatuetas, marimbas, relógios, chaveiros, pulseiras, conchas e quinquilharia diversa) que constituem recordação ("*souvenirs*") para os turistas. Estas lojas existem no "Bazaruto Lodge" e no "Sabal Bay Lodge" (Vide Anexo 2, Mapa nº 8; Est. VI, Fig. 2; e Fig. 3).

CAPÍTULO VI _ RELAÇÃO ENTRE A AUTORIDADE TRADICIONAL E A UTILIZAÇÃO COMUNITÁRIA DOS RECURSOS NATURAIS DA ILHA DO BAZARUTO

6.1 _ O envolvimento dos ilhéus e os arranjos institucionais

Os recursos naturais na ilha do Bazaruto foram analisados numa abordagem antropológica ou cultural. Esta abordagem é descrita como geografia de comportamento ou psico-geografia; Saarinen et al. (1976:2) referenciado por Mitchell, (1989:100), sustentam que os recursos são culturalmente definidos.

A comunidade dos ilhéus de Bazaruto começou a ser envolvida no plano de gestão do P.N.B. em 1994, quando Dutton elaborou um Plano Projecto de Gestão, a executar até Dezembro de 1997, em substituição do Plano Director para o Desenvolvimento Sustentável a Longo Prazo para o Arquipélago do Bazaruto. Neste último Projecto, "o trabalho dos ilhéus era realizado em equipe, o que resultou numa estrutura participativa comunitária complexa como a que se tem nestes últimos anos".⁶⁴

O envolvimento comunitário na gestão do PNB e a Autoridade Tradicional têm como antecedentes históricos uma fase longa de inexistência da noção consciente do uso sustentável dos recursos naturais na Ilha como um todo, por parte dos ilhéus, ao que parece, sendo prevacente o conhecimento empírico e do seu território circunvizinho. Este envolvimento comunitário dos ilhéus enquadra-se naquilo que O'Riordan (1971a:135)⁶⁵ descreveu como uma necessidade de mudanças fundamentais devida à existência de pressões internas e externas. Tal situação resulta da existência da evidência crescente sugerindo que a forma, estrutura e linhas de orientação operacional pelas quais as instituições de gestão dos recursos estão

⁶⁴ \dr. Augusto Correia, entrevistado: por nós a 11/09/1997, na sede do PBN.

⁶⁵ \Referenciado por Mitchell, B.(1989:243.

formadas, envolvem e afectam claramente a implementação das políticas de recursos, tanto para a extensão das opções adoptadas, como as atitudes de decisão das pessoas envolvidas.

Fernie e Pitkethly (1985:vii) reiteraram, na sua visão, a importância dos arranjos institucionais afirmando que:

"Todos os problemas de recursos _ sobrepopulação, fome, pobreza, escassez de combustíveis, desflorestamento são fundamentalmente problemas institucionais que requerem soluções institucionais. O sucesso e fracasso na gestão dos recursos está intrinsecamente ligada com as estruturas institucionais _ o padrão das agências, leis e políticas que dizem respeito à questões dos recursos".

Craine (1969)⁶⁶ definiu os arranjos institucionais como "um composto de poder legal, estruturas administrativas e provisões financeiras". Mais tarde em (1971:552) ele deu uma interpretação mais detalhada da definição nos seguintes termos:

"Instituições e arranjos institucionais" refere se a um sistema definível de feitura de decisões públicas, que inclui as entidades de organização específica e jurisdições governamentais competentes, [...] o termo instituições sugere uma atenção especial da configuração das relações: (1) estabelecido por lei entre o governo e os indivíduos. (2) envolvendo transações económicas entre grupos e indivíduos. (3) desenvolvido para articular as relações legais, financeiras e administrativas entre o público e as agências; e (4) motivadas pelos estímulos psico-sociais entre grupos e indivíduos.

Kaynor e Howards (1971:1119) interpretaram os arranjos institucionais para significar "um conjunto de costumes, leis ou formas de comportamento e organização do comportamento em torno dos problemas da vida e da sociedade" (Mitchell, 1989:244).

A nível da Autoridade Tradicional existe, nas linhagens familiares, o conselho de anciãos destinado não só a feitura das cerimónias tradicionais como também a resolução dos conflitos. Cada uma destas instituições rege-se por um conjunto de legislação e regulamentos que visam proteger os seus próprios interesses, em que as estruturas em coordenação são o PNB e as Autoridades do Posto Administrativo do Bazaruto.

⁶⁶ \ Estudando as inovações de gestão das águas na Inglaterra e País de Gales.

Os esforços empreendidos pelo conjunto destas instituições nos seus arranjos, visam objectivamente a participação das partes e a harmonização do relacionamento mútuo. Essa harmonia resultará para a comunidade dos ilhéus na:

- a) Feitura de poços de água; b) Criação de escolas; c) Criação dos comités de gestão;
- d) Criação de postos de venda do pescado; e) Criação de estruturas de co-gestão _ Associações de utilizadores de recursos tais como: _ i) Apanhadores de mapalo; ii) Pescadores; iii) Cortadores de "utchema"; iv) Camponeses; v) Construtores de barcos.

6.2 _ Gestão pesqueira na Ilha

Segundo Mitchell (1989:248) a gestão pesqueira é particularmente difícil devido à natureza da propriedade comum dos recursos. As pescas podem ser usadas simultaneamente por mais de um indivíduo. Nenhum indivíduo tem o controlo exclusivo dos recursos nem ninguém pode impedir que os outros os usem.

Como a ilha experimenta um crescimento demográfico, o incremento populacional resulta num aumento consequente de utentes, o que afecta a satisfação das necessidades individuais. Cada utente está em competição directa com outros utentes. O incentivo de cada um é obter a maior porção dos recursos possível antes que os outros os usem. Qualquer tentativa de impedir o uso dos recursos pesqueiros de uma certa forma, não surtirá algum efeito, já que qualquer coisa não apanhada será reivindicada pelos outros. Adicionalmente, um investimento excessivo nas pescas, muitas vezes, resulta num empenho individual no aumento do seu quinhão de lucro. A consequência é um excesso de investimento de capitais de muitos utentes e a deterioração dos recursos pesqueiros.

O uso e gestão dos recursos naturais está revestido de atitudes. A atitude é "um conjunto organizado de sentimentos e crenças que influenciaram um comportamento individual" (Schiff 1971:8-9). Segundo os psicólogos, as atitudes podem ser decompostas nas componentes afectiva, cognitiva e comportamental. A componente afectiva consiste nos sentimentos com consideração para os gostos ou desgostos a um objecto. A componente cognitiva, incorpora as crenças que podem ou não ser verdadeiras sobre um objecto. A componente comportamental cobre a forma pela qual uma pessoa irá reagir ou comportar-se em relação a um objecto. O aspecto chave a reconhecer é de que os indivíduos irão organizar

as suas componentes afectivas e cognitivas, num sistema de atitudes que conduzirão a uma pré-disposição, para responder a um objecto consistente com esse sistema.

Para descrever a inconsistência entre o comportamento verbal e o manifesto, empregando a teoria da dissonância cognitiva, que diz que “os indivíduos procuram a consistência entre os seus conhecimentos de como agem e os seus conhecimentos de como deviam agir baseados na informação disponível e experiência” (Festinger 1957). Adams (1973) usou esta teoria no estudo de como as decisões de viajar à praia eram influenciadas pelas previsões do tempo, e Parkes(1973) aplicou-a no estudo de como as recreações se adaptaram às mudanças da qualidade da água. As implicações são de que os indivíduos que parecem estar agindo irracionalmente, de facto estão comportando-se de forma consistente com o padrão resultante da dissonância cognitiva Mitchell (1973:103).

Esta teoria foi aplicada aqui, para estudar a forma como os ilhéus exploram a palmeira brava *Hypaene natalensis palm*, para a extração do seu vinho (“utchema”) e como procedem em relação às redes de pesca de malha grossa (2 polegadas), recomendadas pela Direcção do PNB e adquiridas pelo projecto de gestão do PNB, através de financiamentos, que os aplica na compra desse material de pesca que é distribuído aos pescadores ilhéus, a título de crédito. Entretanto, os pescadores deploram estas redes, porque não capturam a sardinha branca *Sardinella albella*, que é a espécie de pescado mais abundante e economicamente mais rentável.

A conclusão a que se chega em relação ao segundo elemento pesquisado é de que de facto, os pescadores ao parecerem estarem concordantes com a preservação dos recursos pesqueiros, através do emprego de redes de pesca de malha grossa, eles infringem essa norma ao arranjar uma outra rede de malha fina “que apanha a sardinha branca” *Sardinella albella*. Quando vai a inspecção do PNB, os pescadores exibem a rede de malha grossa; quando na prática usam mais a de malha fina ou as duas simultaneamente. Este procedimento é uma manifestação da teoria da dissonância cognitiva. O primeiro elemento pesquisado, levou à conclusão de que de facto, os ilhéus quando extraindo o (“utchema”), não o fazem de forma arbitrária. Eles comportam-se de acordo com o princípio da teoria da dissonância cognitiva; pois, exploram-no respeitando os territórios dos chefes tradicionais a quem pedem a autorização para desbravar uma certa parcela de terra e iniciar a exploração.

Na ilha do Bazaruto, a competição na recolha do mapalo ou ostra de areia, um dos recursos naturais de comum acesso aos Ilhéus resulta em várias consequências. A apanha excessiva deste molusco

com o emprego de ancinhos para a possível maximização da sua recolha, não apenas para o consumo pessoal dos seus colectores, mas também para a venda e obtenção de lucros, provocou tanto o esgotamento deste recurso marinho, como a destruição do seu habitat (capim marinho), dos seus ovos e juvenis. Concomitantemente, o uso de redes mosquiteiras e de sombra para o arrasto na pesca artesanal, por alguns pescadores, em certos momentos provocou danos irreparáveis no ecossistema marinho e a redução das quantidades do pescado.

A captura de grandes quantidades de peixe que se desloca em cardumes (xeréu, sardinha branca *Sardinella albella*, raias e, etc.) ocorre ocasionalmente, talvez uma vez de três em três ou de seis em seis meses. Por este motivo, cada barco que vai à faina volta com pouca quantidade de pescado na ordem dos três a dez Kilos apenas (Vide Anexo 2, Est. IV. Fig. 1). Consoante a época das marés, os pescadores da Ilha apanham caranguejo, lulas ou chocos o que reforça as quantidades de pescado.

6.3 _ A atuação da Autoridade Tradicional na utilização e participação comunitária na gestão dos recursos naturais da ilha do Bazaruto

O tipo de chefias mais comuns, existentes ao nível das linhagens na Ilha do Bazaruto é aquela em que cada "chefe de terra" simboliza a ligação entre os seres vivos (ilhéus) e os seus mortos (os pais e os avós deles), e os seres ainda por nascer (filhos deles). É uma ligação simbólica entre tudo o que já foi realizado no território, tudo o que se realiza actualmente no campo das pescarias e da pecuária essencialmente, e tudo o que virá a ser realizado, moldando uma estrutura socio-cultural e socio-política específica. O passado deles com os seus ancestrais, o presente com eles próprios e o futuro com os filhos deles, simbolizam o sentido de continuidade e coesão daquela comunidade pesqueira e agro-pecuária e, consequentemente rural.

O sentido de coesão comunitário foi mostrado em Pangaia, quando 108 raias⁶⁷ de nariz em aba, ou raia de boca de vaca *Rhinoptera javanica* (Müller & Hanle 1841)⁶⁸ foram apanhadas na rede do pescador Agostinho Mableza. No processo de pesca para a captura do cardume participaram adultos, jovens e crianças de ambos os sexos. Cada pescador recebeu 5 raias, enquanto que as pescadoras receberam 3 raias cada. A explicação para esta disparidade na distribuição da retribuição pelo trabalho foi a de que: "Os

⁶⁷ \ No dia 04/09/97,

⁶⁸ Comedoras de ostras de arcia (mapalo).

homens lançaram a rede, remaram o barco mais depressa que as mulheres, enquanto que elas, apenas puxaram a rede" (Agostinho Mabuleza).

O outro pescador vizinho do primeiro, Zamane Correia, capturou 103 raias, tendo entregue 43 raias para a distribuição pelas pessoas que participaram na pesca. O (patrão) Zamane ficou com as restantes 60 raias. Destas, deve-se ter beneficiado apenas de 6 raias, porque as restantes foram distribuídas pela comunidade dos ilhéus da Zona, inclusivé nós recebemos uma raia. O outro pescador também procedeu da mesma maneira distribuindo o seu pescado à Comunidade dos ilhéus da Zona. Outras raias tinham crias no útero, que foram extraídas das raias mães mortas pelos pescadores. As raias bebés foram também consumidas.

Todo o membro da comunidade da zona, num raio de mais de 5 Km, trazendo consigo uma faca, veio buscar uma ou duas raias, gratuitamente distribuídos pelos pescadores, segundo a tradição da Ilha, começando assim aquilo que chamariamos de "festa da raia". Estas práticas mostram, claramente, que o uso comunitário dos recursos naturais na Ilha está directamente associado à autoridade tradicional, porque se reveste de hábitos comportamentais e culturais locais, de que o aparecimento deste tipo de raias é o prelúdio de uma calamidade natural (seca, fome, cheias). "Daí que Deus nos manda esta carne, para nos providir de reservas alimentares, durante esse tempo de privações calamitosas"⁶⁹.

6.4 _ Impactos ambientais verificados na pesquisa

A percepção dos problemas da degradação ambiental requiere uma combinação complexa de pesquisa em ecossistemas e processos naturais por um lado e processos e estruturas sociais por outro. Segundo Hance William (1970);⁷⁰, as indicações de que poderá haver uma pressão numa área incluem: (1) deterioração, degradação ou sua destruição completa dos solos; (2) uso excessivo das terras das encostas ou terras marginais; (3) declínio da produção de culturas; (4) redução do período de pousio e a extensão do período das culturas sem medidas de retenção da fertilidade do solo; (5) escacêz de alimentos, fome e várias extensões de terra caracterizadas pelo desequilíbrio entre os pastos disponíveis e os rebanhos que dependem deles.

⁶⁹ Comunidade de ilhéus de Pangaia, durante a "festa da raia", em (04/09/1997), na praia de Pangaia.

⁷⁰ \ Referenciado por Caldwell, J.C. (1975:132)

Na base deste pensamento, o estudo no campo mostra que a erosão eólica derivada do desmatamento, para a agricultura de subsistência itinerante, para a produção da mexoeira em ecossistemas frágeis como a vegetação na base dunar, parece ser exacerbada pela relegação exclusiva da mulher nesta tarefa que procura a todo o custo obter o sustento da família, enquanto que o marido vai desenvolvendo a pesca artesanal a rede de arrasto. A realidade local mostra que o homem ilhéu tem conhecimento empírico de que a destruição da vegetação, natural conduz à erosão. Disso é prova a técnica de construção de palhotas deixando a vegetação natural em redor da casa, para evitar a erosão e que as partículas sejam transportadas pela acção do vento (Anexo 2, Est. VIII, Fig.2).

Uma das etapas da realização do trabalho do campo compreendeu uma longa caminhada a pé, em áreas recônditas. É assim que constatamos:

i) Que em certas áreas do centro e sul de Zenguelema e norte de Pangaia há degradação acentuada dos pastos, devido, ao que parece, à superação dos limites da capacidade de carga animal, o que conduziu a um extremo em que os rebanhos de arietinos e caprinos não tenham quase mais nada para pastar. Os arietinos e caprinos, nesses ecossistemas bastante degradados, sobrevivem porque, pela sua natureza são pouco exigentes na qualidade de pastos, adaptando-se a condições edáficas muito difíceis. Esta asserção é sustentada por Rodda (1991:84) afirmando que "A pressão sobre a terra conduz ao sobrepastoreio e, eventualmente, a desertificação e destruição dos terrenos das pastagens" (Anexo 2, Est. VI, Fig. 1).

ii) Que as queimadas descontroladas são ainda uma tónica constante em quase toda a Ilha. As patrulhas dos guardas e fiscais não conseguem acabar com esses actos destrutivos.

iii) Que as populações de Pangaia praticam a agricultura na parte continental, o que lhes possibilita possuírem reservas alimentares agrícolas para todo o ano armazenando os excedentes em celeiros (Anexo 2 Est. VIII Fig.2).

CAPÍTULO VII _ CONCLUSÕES

A pesquisa comprovou que o recurso natural potencial na Ilha é o mar que ocupa uma posição chave, pois dele nenhum ilhéu pode prescindir. É dele que se obtém toda a base da dieta alimentar, para a subsistência da comunidade pesqueira e por vezes o rendimento, para além de que o mar é a via de comunicação, que liga o ilhéu ao exterior.

No ecossistema biótico terrestre florestal, o recurso potencial é a palmeira brava *Hypaene natalensis palm*, que oferece usos múltiplos. Os frutos silvestres ocupam também um papel de destaque, tendo em conta que as características físico/químicas dos solos da ilha não são favoráveis para a agricultura. Porque a comunidade pesqueira é basicamente rural, a pecuária e a agricultura assumem uma função de grande destaque, no modo de vida e de produção dos ilhéus.

O acesso aos recursos naturais na ilha é livre, havendo contudo competição entre os ilhéus e os do continente, quando ocorre a época do defeso nas pescarias, uma vez que pescadores de Vilankulo e Inhassoro vão exercer a sua actividade na Ilha e pescam em locais proibidos como é o caso da zona dos corais localizados junto à Ponta Ganhala ou "*Khanyala*". Este lugar foi decretado pelo PNB, como zona de viveiro natural de peixes diversos, incluindo os exóticos. É também lugar tradicionalmente sagrado para os nativos, pois é ali onde os ancestrais dos Dzivane Nhassengo realizavam as suas cerimónias tradicionais.

O sistema da Autoridade Africana Local ou Tradicional, sofreu mudanças radicais na medida em que o seu abandono e posterior instrumentalização pelo colonialismo português colocou-a numa situação de desconforto e descrédito junto à própria comunidade. A situação foi agravada por um lado, pelo abandono do Poder e Autoridade Tradicionais durante a luta de libertação nacional e os 20 anos de independência e por outro lado pelos anos de trabalho migratório empreendido por alguns membros da comunidade dos ilhéus, compelidos a passar longos períodos nas áreas urbanas, o que fez com mudasse muito substancialmente as suas consciências. Depois de retornarem às áreas rurais, eles trazem consigo influências urbanas, boas e más. Em adição à influência urbana, tem sido a educação cristã e ocidental no país, mas que pelo facto de estar historicamente ausente na Ilha, dividiu a população entre alfabetizada e não alfabetizada, colocando quase na totalidade a população da Ilha do lado dos não alfabetizados. A influência não pode ser ignorada quando nos referenciamos às autoridades e costumes tradicionais.

Por isso, o papel actual da autoridade tradicional, enquanto chefe no seio da comunidade dos ilhéus está extremamente limitado, ao exercício de certas funções meramente linhageiras ou comunitárias,

não exercendo, como antes da independência, as funções de administração efectiva local. A Autoridade Tradicional, no seu sentido mais amplo, é bastante activa na resolução de conflitos familiares através do conselho de anciãos e outros especialistas das tradições locais.

O pressuposto de que a Autoridade Tradicional na Ilha do Bazaruto esteve sempre relacionada com a utilização dos recursos naturais é verdadeiro. A evidência deste facto está patente no conjunto de rituais das premissas dos lançamentos das novas redes de pesca. E está patente também na hierarquia da autoridade linhageira familiar, que liga desde os filhos, pais, avôs até aos seus ancestrais, num conjunto de normas e práticas observadas por todos os membros da comunidade dos ilhéus.

As variáveis A7 e B7 em que a autoridade tradicional opera, quando cruzadas com as variáveis A9, B9 e C9 dos rituais, apresentam uma forte correlação positiva, acima de 99,77% de explicação de que a autoridade tradicional tem uma forte relação com a utilização comunitária dos recursos naturais. (Anexo 11). Dos dados colhidos no terreno, através de entrevistas, os ilhéus responderam que os pescadores:

- a) Chamam ou consultam um curandeiro para lançar uma nova rede de pesca ou para abrirem um acampamento de pesca artesanal.
- b) Observam a prática das cerimónias tradicionais ("mhamba, e muphahlo"), para iniciarem o seu novo lar (do casal).
- c) Cerca de 80% do ilhéus nativos possuem réplicas de palhotas em miniatura onde enterraram o pai, o avô, ou guardam a sua alma comunicando-se com ela através de cerimónias tradicionais.
- d) Que a produção pesqueira (maior captura do pescado) depende da sorte dada pelos ancestrais, graças à observância das normas de conduta tradicionais, isto é, o cumprimento integral dos rituais e missas tradicionais.

O pressuposto de que a comunidade dos ilhéus usou sempre primeiramente os recursos naturais na satisfação das suas necessidades verifica-se como sendo verdadeiro, uma vez que na ilha, as palhotas que os ilhéus constroem usam o material local (caniço, estacas, capim, cordas extraídas da palmeira brava *Hypaene natalensis palm*, e o matope para maticá-las). Aliás, existem apenas dois ilhéus que têm casas de alvenaria na Ilha. Uma das quais, o seu proprietário sofreu hábitos culturais do continente, por ter vivido e trabalhado vários anos em Vilankulo antes da Independência do País. A outra casa de alvenaria, é inacabada. Segundo as declarações dos ilhéus quando por nós entrevistados, afirmaram que a construção

das palhotas está directamente condicionada pelos hábitos e crenças culturais, uma vez que eles acreditam que a construção de casas de alvenaria levá-los-ia à morte, para além de que os seus ancestrais nunca construíram casas de alvenaria.

A outra evidência centra-se no facto de que durante vários séculos até o ano de 1972, os ilhéus não tinham mantas para se cobrirem. Como solução, eles teciam sacos de dormir, chamados ("vumba"), usando as folhas da palmeira brava *Hypaene natalensis palm*. Mesmo antes da chegada dos Árabes na Ilha, os ilhéus já sabiam pescar usando gamboas, armadilhas, paus e veneno da raiz da ateira brava ou anoneira ("n'rova") *Mundulea sericea*⁷¹ esmagada para a captura do peixe e outros mariscos. Ainda hoje, os ilhéus usam os frutos silvestres para a sua subsistência.

O pressuposto de que os recursos naturais foram sempre usados pelos ilhéus com práticas de uso e aproveitamento sustentáveis, por isso não se esgotaram e nem causaram maiores desequilíbrios ecológicos; e mostra duas vertentes: uma verdadeira e outra falsa. A vertente verdadeira é sugerida pelas correlações matemáticas em que, de uma forma geral, a recollecção de mapalo⁷², caranguejo, frutos silvestres e plantas medicinais é tida como um uso sustentável dos recursos naturais para que rejuvenesçam e produzam mais e, tem uma forte correlação positiva de 97 a 100% de explicação. (Cruzamento das variáveis A16 com A13 a H13, Anexo11).

A vertente tida como não verdadeiro, explica-se nas constatações abaixo:

A criação secular de arientinos e caprinos num ecossistema fechado como é a Ilha e sem limitar o tamanho dos rebanhos provocou a degradação ecentuada dos pastos. Actualmente, os rebanhos de arientinos e caprinos sobrevivem na Ilha, graças às condições edáficas que proporcionam pastos nas margens dos pântanos, lagoas e lagos ou comendo folhas de arbustos que eventualmente, na abundância de pastos, talvez não as comessem.

Nas pescas, o pescado é atirado para a praia e abandonado, ou porque é pequeno, ou porque é duma qualidade de peixe que não tem cotação no mercado. O uso de redes mosquiteiras ou de sombra, nalgumas zonas e casos, explica que nem sempre os ilhéus observam o uso sustentável dos recursos naturais.

⁷¹ \Que Gomes e Sousa chama de *Annona senegalensis* Pers no seu volume 1, 1966 _ Dendrologia de Moçambique; Lourenço Marques.

⁷² \Para o consumo doméstico sem o emprego de ancinhos.

A recente prática da utilização dos ancinhos na apanha da ostra da reia "mapalo", desde 1996 até hoje, provocou a destruição dos bancos de capim marinho em certas zonas e, conseqüentemente, a extinção daquele molusco.

A predação das tartarugas marinhas, dos dugongos, dos hipopótamos e das baleias, levou à redução drástica da população dos primeiros dois e a extinção completa dos dois últimos. Mas os hipopótamos e baleias foram extintos devido à caça levada a cabo pelos Portugueses e outras companhias estrangeiras estabelecidas na Ilha ou na região adjacente a ela.

O pressuposto de que na Ilha do Bazaruto, como em outras comunidades pesqueiras, há relações de género no uso e aproveitamento dos recursos naturais pelos ilhéus, as conclusões derivadas das análises das correlações do género sugerem alguma inexistência das relações de género no uso e aproveitamento dos recursos naturais. O homem, parece dominar mais de 80% das actividades em exclusão da mulher, ou seja, as correlações entre as variáveis explicam entre 82 a 100% das actividades são exercidas pelos homens sozinhos, ou pelas mulheres sozinhas, sem o equilíbrio do género. (Cruzamento das variáveis A10 a B12 entre si). Mas as correlações são apenas uma tentativa matemática de explicar um fenómeno social que não se manifesta de forma linear. Contudo, a observação directa no terreno, parece mostrar que, na Ilha do Bazaruto, há uma tendência de mudanças no quadro tradicional na divisão social do trabalho. Tanto os homens como as mulheres puxam a rede de pesca por arrasto para à terra; extraem o vinho, (*utchema*) da palmeira brava *Hypaene natalensis palm*. (Anexo 2, Est.X, Fig. 2); constroem palhotas, tarefas outrora executadas apenas pelos homens, o que não deve ser tomado como uma prática generalizada.

O estudo da Ilha do Bazaruto, pretendeu fazer uma pesquisa da Autoridade Tradicional, como parte integrante da realidade socio-cultural Moçambicana em particular e Africana em geral, envolvendo o uso comunitário dos recursos naturais. O objectivo foi o de analisar a importância e o grau do envolvimento da Autoridade Tradicional no uso e aproveitamento dos recursos naturais, pela Comunidade Pesqueira dos Ilhéus, e identificar os factores motivadores das práticas tradicionais em forma de autoridade que interferem nos usos comunitários ou determinam as formas da sua actuação.

Baseando-se na literatura consultada e na observação participativa realizada do campo, nos métodos de recolha, processamento e análise dos dados, chegou-se as seguintes conclusões finais em relação ao tema específico:

As comunidades pesqueiras da Ilha do Bazaruto, têm uma hierarquia tradicional linhageira de raiz Africana que data de há séculos. Essa Autoridade Tradicional, tem um suporte ideológico muito forte, e apresenta duas formas de estratificação:

i) horizontal ou espaço-territorial; ii) vertical ou familiar _dentro das linhagens familiares que habitam a ilha.

A Autoridade Tradicional influencia fortemente o uso comunitário dos Recursos Naturais com base nos códigos de condutas e práticas sociais tradicionais observadas pelos ilhéus (vide o recurso à arte dos curandeiros).

A distribuição espacial dos assentamentos humanos na ilha do Bazaruto é feita com base nas afinidades sanguíneas (alianças patriarcais e de germanidade), sob forma de famílias nucleadas. As relações de alianças matrimoniais ocorrem numa endogamia intra e inter-linhageira dentro de um quadro especificamente tradicional, onde não existe o matrimónio nem canónico, nem civil, prevalecendo apenas o lobolo e o “mafa”.

Em termos tecnológicos, esta comunidade pesqueira artesanal, possui uma tecnologia particular de captura do pescado, que emprega apenas o barco de desembarque na praia, sem sistemas de propulsão a motor: a chata, ou o barco-a-vela. O primeiro é movido a remos e o segundo é movido a remos ou pela força do vento. Na pesca, a rede de pesca é puxada manualmente, sem o emprego de dispositivo electrónico de detecção de cardumes e navegação.

A pecuária é a segunda actividade económica da comunidade pesqueira dos ilhéus e está intimamente correlacionada com o sistema patriarcal; pois, os rebanhos de arietinos e de caprinos, apenas pertencem aos maridos e são transmitidos aos filhos como herança após a morte. Quando ocorre a separação entre os casais, as esposas não tem nenhum direito de alguma porção do rebanho.

Em termos sociológicos, esta comunidade pesqueira é caracterizada por uma participação dos membros do grupo de parentesco e do dono do barco e da rede de pesca, nos grupos de trabalho, um padrão especial de remuneração do trabalho e investimentos de capital; exemplo: a prevalência dos sistemas de partilha do pescado, ao invés dum salário fixo ou de arranjos de proporções de interesses; os pescadores, têm uma profissionalização socializada e treinamento dentro do grupo do lugar de trabalho e de habitação, que se dá entre os sete e os doze anos, um assentamento populacional específico, com carácter profissionnal, uma ausência de infraestruturas e de serviços sociais da comunidade como suprimento de água potável em

condições higiénicas, falta de escolas e serviços de apoio, incluindo um mercado adequado, e por fim, falta de sistemas de processamento, e facilidades de preservação do pescado capturado. Geralmente, há má nutrição, e padrões de higiene e saúde pobres (Anexo 2, Est.X Fig. 1).

Em suma: a comunidade pesqueira artesanal rural da Ilha do Bazaruto, é caracterizada, nalguns casos, como uma das que pertencem aos habitantes rurais relativamente mais pobre da Região Sul de Moçambique pois, algumas das suas famílias chegam a passar dias sem algo para comer, principalmente no tempo da seca, e quando não obtêm nada da pesca devido ao mau tempo.

A ilha é constituída por uma comunidade de membros, com um modo de vida ocupacional destinto, baseada na pesca, na criação de arietinos e caprinos, recollecção de frutos silvestres e na agricultura de subsistência. Esta comunidade pesqueira é homogénea quanto à forma de construção das suas habitações (geralmente palhotas feitas de paus, caniço e cobertos de palha), e muito aberta na convivência, e tão solícita que geralmente oferece do seu pescado ao estranho, como manda a tradição local; ao invés de ser uma comunidade fechada (Anexo 2, Est. VIII, Fig. 1,2).

No seu sistema de valores culturais, as crenças, os espíritos, os rituais, ritos e manifestações culturais jogam um papel preponderante na vida comunitária e isso tem um efeito no seu sistema de produção, organização social, saúde, reprodução e na hierarquização tradicional.

CAPÍTULO VIII _ BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 _ ALMEIDA COSTA, A. E SAMPAIO E MELO, A. **Dicionário de Português**. 3ª Edição, Porto.
- 2 _ AMARAL, Wanda do 1995. **Guia para a apresentação de teses dissertações trabalhos de graduação**. Maputo: Universidade Eduardo Modlane
- 3 _ BANNOCK, Graham et al. (1987). **Dicionário de Economia**, Lisboa/São Paulo, Verbo.
- 4 _ BARROCOSO, A. Felix, 1968. *In: **Boletim dos Serviços de Geologia e minas n° 34+ Província de Moçambique, Carta Geológica (Provisória), Vilanculos, Folha SUL-F-36/L**. Lourenço Marques.
- 5 _ BRAHONA FERNANDES, José A. 1967. **Manual de Hidrografia**. Lisboa: Instituto de Hidrografia.
- 6 _ BOLETIM OFICIAL DE MOÇAMBIQUE SÉRIE I Nº39 de 24 de Setembro de 1887 _; Lourenço Marques, 1926.
- 7 _ BOLETIM OFICIAL DA REPÚBLICA SÉRIE I Nº48 de 27 de Novembro de 1926. **Decreto 12.533 _ Estatuto político, civil e criminal dos indígenas de Angola e Moçambique**. de 23 de Outubro de 1926; Lourenço Marques.
- 8 _ BOLETIM OFICIAL DA REPÚBLICA SÉRIE Nº 11 de 16 de Março de 1929. **Decreto nº 16:473 _ Estatuto político, civil e criminal dos indígenas**. de 6 de Fevereiro de 1929. Lourenço Marques, 1929. (pp. 360 a 375).
- 9 _ SUPLEMENTO DO BOLETIM OFICIAL DE MOÇAMBIQUE I SÉRIE Nº 51 de 28 de Dezembro de 1933. **Decreto nº 23:229 _ Reforma Administrativa Ultramarina**. de 15 de Novembro de 1933 Lourenço Marques, 1933. (pp. 853 a 866).
- 10 _ BOLETIM OFICIAL DA REPÚBLICA SÉRIE I Nº 31 de 29 de Julho de 1944. **Portaria nº 5.639 Regulamento dos Auxiliares de Administração Civil**. de 29 de Julho de 1944. Lourenço Marques, 1944. (pp. 360 a 375).
- 11 _ BOLETIM OFICIAL DA REPÚBLICA SÉRIE I Nº 36 de 14 de Setembro de 1961. **Decretos 43.896/7 _ Reforma Administrativa**. de 06 de Setembro de 1961; Lourenço Marques, 1961.
- 12 _ BOLETIM DA REPÚBLICA SÉRIE I Nº 40 de 01 de Outubro de 1997. **Lei nº 20/97 _ Lei do Ambiente**. de 01 de Outubro de 1997. Maputo, 1997. (pp.200--(20)).
- 13 _ BOLETIM DA REPÚBLICA SÉRIE I Nº 40, 3º Suplemento de 07 de Outubro de 1997 **Lei 19/97 _ Lei de Terras**. de 01 de Outubro de 1997; Maputo 1997. (pp. 200--(16-17))
- 14 _ CAMPBELL Bernard 1983 **Ecologia Humana**. Lisboa: Edições 70.
- 15 _ CALDWELL, John C. ADDO, N.O. IGUN, A. GAISIA, S.K. and OLUSANYA, P.O., 1975. **Population Growth and Socioeconomic Change in West Africa**. Columbia: Columbia University Press.
- 16 _ CLARK, Audrey N. 1985 **Longman Dictionary of Human & Physical Geography Terms explained**. London: Longman Group UK Limited.
- 17 _ COPANS, Jean; GODELIER, Maurice; TORNEY, Serge; BACKÈS-CLÉMENT, 1971. **Antropologia Ciências das Sociedades Primitivas?**. São Paulo: 2ª Edição, Edições 70

- 18 _ COTA, J. Gonçalves, 1944: **Mitologia e direito consuetudinário dos indígenas de Moçambique**. L. Marques: Imprensa Nacional
- 19 _ _____, 1946. **Projecto Definitivo do Estatuto do direito Privado dos Indígenas de Moçambique**. L. Marques: Imprensa Nacional.
- 20 _ DOUG Keckler, 1995. **SURFER FOR WINDOWS VERSION 6**. Colorado: Golden Software, Inc..
- 21 _ DOUMENGE, François, 1967. **Geografia dos Mares**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- 22 _ DUTTON, Telford Paul & ZOLHO, Roberto. 1990. **Conservation Master Plan for Sustained Development of the Bazaruto Archipelago**. Maputo: The Southern African Nature Foundation (SANF).
- 23 _ FERRAZ, Guilherme Ivens, 1902. **Sociedade de Geografia de Lisboa**. Lisboa: Topografia Universal.
- 24 _ FERREIRA, A. Rita, 1975. **Pequena história de Moçambique pré-colonial**. Lourenço Marques: Fundo de Turismo.
- 25 _ FONTES, ALFREDO & FALCÃO, A. 1970. **Estudos 13 Divisão de Moçambique por Regedorias**. Lourenço Marques: Direcção Provincial dos Servios de Planeamento e Integração Económica da Província de Moçambique.
- 26 _ FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO), 1984. **Agro-Climatological Data for African Countries South of Equator; Vol II**. Rome.
- 27 _ FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). 1993. **A Review of Research on Population and Development Dynamics in Rural Fishing Communities**. Rome.
- 28 _ GILBERTSON, D.D. & KENT, M. & PYATT, F.B. 1989. **Practical Ecology for Geography and Biology Survey, Mapping and data analysis**. 2nd Edition, Winchester: Academic Division of Unwin Hyman.
- 29 _ GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira e SILVA, Barbara_ Christine Nentwig; 1981. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: Difusão Editorial S.A..
- 30 _ GOMES DE SOUSA, António de Figueirredo 1966. **Dengrologia de Moçambique _ Estudo Geral, (volumes 1,2)**. Lourenço Marques: Imprensa Nacional.
- 31 _ GREGORY, S. 1973. **Statistical methods and the Geography**. 3rd Editon, London: Longman.
- 32 _ IMAM, Ayesha M. e MAMA, Amina 1997, **Engendering African Social Sciences**, Willshire UK.: Codersia Books series.
- 33 _ INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE MOÇAMBIQUE 1979. **Serviços Nacional de Museus e Antiguidades**. Maputo.
- 34 _ INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO PESQUEIRA 1981. **Catálogo de Peixes de Moçambique**. _ Zona Sul, Maputo.
- 35 _ JONES, Huw Roland, 1990. **Population Geography**, Second Edition, London: Paulo Chapman Publishing Ltd.
- 36 _ LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina Andrade. 1989. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2ª Edição, São Paulo: Atlas.

- 37 _ LOPES, Leonel Leite, 1991 **A Ilha de Inhaca _ Moçambique: Estimativas de Fecundidade e de Mortalidade a partir dos censos de 1980 e 1985: Dissertação de Mestrado em Demografia.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências e Economia, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional.
- 38 _ LUNDIN, Iraê Baptista e MACHAVA, Francisco Jamisse. 1995. **Autoridade e Poder Tradicional VOL. 1.** Maputo: Ministério de Administração Estatal Núcleo de Desenvolvimento Administrativo.
- 39 _____ 1998. **Decentralization and Municipal Administration** Description and development of some ideas on some African and European models. Maputo: Friederich Ebert Stiftung,
- 40 _ MACHILI, Carlos 1996. **Autoridade e Poder Tradicional**, In Diálogo político, 10p. Maputo.
- 41 _ MITCHELL, Bruce 1989. **Geography and Resource Analysis.** New York: Longman Scientific & Technical.
- 42 _ MARCONI, Maria de Andrade e LAKATOS, Eva Maria 1988. **Técnicas de Pesquisa.** São Paulo: Atlas.
- 43 _ MOREIRA LOPES, M. E. S. A. 1975. **Inhassoro e Bartolomeu Dias: As actividades da População e a Organização do Espaço** In Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique, Vol. 10 Série B 1975. Loureço Marques: Tipografia Académica.
- 44 _ OLTHOF, Wim. & PEREIRA, Inocência. 1995. **Land Evaluation and Use analysis Some Principles and Methods.** Maputo: Utrecht University and UEM.
- 45 _ PÉLISSIER, René 1988. **História de Moçambique formação e oposição 1854-1918 volume II.** Lisboa: Editora Estampa.
- 46 _ PELTO, P.J.; 1970. **Anthropological Research _ The Structure of Inquiry**, New York.
- 47 _ PRESSAT, Roland 1980. **Demography Analysis**, 3rd Edition. California: University of California at Berkeley.
- 48 _ RAIMUNDO, Inês Macamo, 1995. **Arquipélago de Bazaruto 1995, População, e suas actividades e Recursos Naturais.** Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- 49 _ RAMSAY, Sheila Anne 1993. **Bazaruto Archipelago Community Conservation Programme ZA 243,1.** Stellemboch: The Southern African Nature Foundation (SANF).
- 50 _____, 1994. **Bazaruto Archipelago Community Conservation Programme ZA 243, 1 PART 1: Tourism Survey.**, Stellemboch: The Southern African Nature Foundation (SANF).
- 51 _ RODDA, Annabel. 1991. **Women and the Environment.** London: Zed Books Ltd..
- 52 _ SECRETARIA DO ESTADO DA AERONÁUTICA CIVIL. 1996. **Aeronautical Information Publication.** Maputo: SECRETARIA DO ESTADO DA AERONÁUTICA CIVIL.
- 53 _ SOCIEDADE BÍBLICA DE MOÇAMBIQUE 1996. **O novo Testamento em Gitonga.** Maputo: Sociedade Bíblica em Moçambique.
- 54 _ SEBENZO, Lungisile 1997. **Tradicional leaders, land tenure and local government in Post apartheid South Africa**, Paper presented to a National Workshop on Decentralisation and Tradicional Authority in Mozambique, in Inhambane City, 28-30 April 1997., Cape Town.

55 _ SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira 1986. **Metodologia das ciências sociais** 8ª Edição, Porto.

56 _ SIMMONS, I.G.1981. **The Ecology of the Natural Resources**. 2º Edition ,Victoria: Edward Arnold, (Publishers) Ltd.

57 _ SMALL, John & WITHERICK, Michael. 1992. **Dicionário de Geografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

58 _ SPIGEL, Murray R, 1987. **Estatística**. 2ª edição, São Paulo: McGraw-Hill.

59 _ THE WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT 1987. **Our Common Future**. Geneva: Oxford University Press.

60 _ THINES, G. e LAMPEREWR, Agnés.1983. **Dicionário Geral das Ciências Humanas**. Lisboa: Edições 70.

61 _ UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE (UEM), 1992. **Anuário 1992-1993**. Maputo: Imprensa Universitária da UEM.

62 _ VAN DER ELST, Rudy. 1988. **Fish of Southern Africa**. 2ª Edição, Cape Town: C. Struik Publishers (Pty) Ltd.

63 _ VOORTMAN, R.L. 1983. **Curso Intensivo para a assistentes de campo _ 1983**. Texto de Apoio nº9. Avaliação da Terra Maputo: INIA.

64 _ ZABA, Basia and CLARKE, John. 1994. **Environment and Population Change**. Liege (Belgium), Derouaux Ordina Editions.

ANEXO 1

ANEXO 1 _ DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Autoridade Tradicional ⇨ É a forma como as famílias que compõem um sistema social se organizam estabelecendo uma hierarquia, seu tratamento como superior ou inferior, dominantes e dominadas, em relação umas as outros em certos aspectos socialmente importantes. É o poder linhageiro, que se transmite de pais para filhos, e que os membros dessa comunidade o aceitam sem rebeldia. "O tipo tradicional decorre da crença na santidade das tradições em vigor desde tempos remotos e na legitimidade daquele que é designado por essa tradição para exercer a autoridade"; (Weber, M. 1944, v. I, p. 224-5)¹. Por outro lado enfatiza-se que "o poder e autoridade tem em comum o objectivo da organização da troca social, mas em condições muito diferentes. Num grupo organizado, dir-se-à que certas pessoas estão investidas de poder de autoridade quando os membros do grupo se colocam voluntariamente sub a sua dependência, com vista a atingir um objectivo comum."²

Brenhas ⇨ (Thicket, aut. div.) -> Comunidades formadas de dois estratos de vegetação, sendo o dominante arbusto e denso, com trepadeiras lenhosas e herbáceas, apresentando fácil penetrabilidade mas fraca visibilidade.

Capacidade de Carga ⇨ (1)É a biomassa máxima que uma área pode suportar por um período indefinido.

(2) É o número máximo de espécies que uma área pode proporcionar alimentos durante um período anual, quando as condições (ex: de tempo) são hóstis. (3) É a população máxima _ de pessoas ou de uma dada espécie para a qual a área pode proporcionar alimentos. (4) de um solo agrícola, é o número máximo de animais que pastam e/ou a quantidade máxima de culturas alimentares que a terra pode suportar num dado nível de manejo , sem sofrer deterioração. (5) em planificação, é o número máximo de uso ou número de utentes que um recurso natural ou artificial pode sustentar num determinado nível de manejo, sem que o carácter ou qualidade do recurso sofra uma deterioração inaceitável, ex: o número que a população humana de uma área particular pode suportar sem sofrer uma deterioração inaceitável. Quando; em tal área é dita que atingiu o nível de saturação, ex: estar completamente cheia. (Clark, A. N. 1985)³

Comunidade local ⇨ agrupamento de famílias e indivíduos, vivendo numa circunscrição territorial de nível de localidade ou inferior, que visa a salvaguarda de interesses comuns através da protecção das áreas habitacionais, áreas agrícolas, sejam cultivadas ou em pousio, florestas, sítios de importância cultural, pastagens, fontes de água e áreas de expansão.

Comunidades Pesqueiras ⇨ Descreve comunidades que ganham a maior parte da sua subsistência através da pesca. Em termos extritamente absolutos, as comunidades pesqueiras são um importante grupo de habitantes rurais que afectam os ecossistemas costeiros, marinhos e lacustres. Em termos económicos, as comunidades populacionais pesqueiras incluem elementos tais como os de rendimentos baixos e irregulares, e que empregam métodos de produção de trabalho intensivo ao invés de capital intensivo, fazem exploração de recursos não renováveis, e acesso aberto de água doce e recursos naturais marinhos em competição com as indústrias pesqueiras. (ibidem, pp.46).

Degradação ambiental ⇨ é a alteração adversa das características do ambiente e inclui, entre outras, a poluição, a desertificação, a erosão e o deflorestamento.

Deflorestamento ⇨ é a destruição ou abate indiscriminado de matas e florestas sem a reposição devida.

Dinâmicas populacionais ⇨ São o conjunto das espécies populacionais de um determinado ponto no espaço e no tempo que reflectem as interacções entre a taxa de natalidade, taxa de óbitos (mortalidade) e ganhos ou perdas devidas às migrações. (Gilbertson, D.D. 1985).

1\ Citado *In, Dicionário das Ciências Sociais, pp.106+.

2\ In: Dicionário Geral das Ciências Humanas; pp.713.

3\ In: * Longman Dictionary of Geography _ human and physical, 1985 pp. 91+.

Ecosistema ⇨ É uma unidade identificável consistindo de organismos vivos (componente biótica) e seu ambiente físico e químico (a componente abiótica). Os ecossistemas são identificados pela sua estrutura e função.

Endogamia ⇨ Por extensão, é o casamento dentro da própria família ou entre habitantes a dum povoado ou uma região.⁴

Endogamia zonal ou interlinhageira ⇨ aquela que se verifica na Ilha do bazaruto, em que os ilheus se casam entre si na mesma zona, entre as várias linhagens da mesma zona.

Endogamia intralinhageira ⇨ Aquela que se verifica entre os ilheus da parte sul da Ilha _ Pangaia, em que os membros da Linhagem Dzivane Maphadzi, se casam entre si.

Estepes (Steppe, aut. div.) ⇨ Mistura de mato ou pradaria e semideserto, formando as formas de estepes subarbustivas e estepes gramíneas.

Estratificação ⇨ É o processo ou a estrutura resultante pelos quais as famílias se tornam diferenciadas umas das outras e são dispostas em estratos graduados segundo os vários graus de prestígio e/ ou propriedade e/ ou poder. O poder tende a integrar-se à autoridade como um instrumento da sociedade e associar-se a certas ocupações de grande prestígio, porque é funcionalmente necessário a elas. Renda e riqueza correlacionam-se também a prestígio tanto como as recompensas quanto as vantagens de várias ocupações. Pressupõe-se que antes um modelo de consenso de sociedade, do que um modelo de conflitos. Na maioria dos casos, a família é a unidade social estratificada. Parentesco, riqueza e poder ou propriedade estão entre os critérios em cuja base ocorre a classificação. (Melvin M. Tumin, 1986, pp.422).⁵

Estratificação social ⇨ É a colocação em níveis diferentes dos indivíduos que compõem um sistema social e seu tratamento como superior ou inferior em relação uns aos outros em certos aspectos socialmente importantes; Parsons, T.(1949). Um elemento importante a introduzir na estratificação social, é o prestígio (ou status) é um continuum fundamental, ao longo do qual, ocorre a estratificação. O poder tende a integrar-se à autoridade como um instrumento da sociedade e a associar-se a certas ocupações de grande prestígio, porque é funcionalmente necessário a elas.

As variáveis fundamentais, que determinam as outras variáveis são: o grau de responsabilidades e a extensão do conhecimento exigido por essas ocupações, que são de grande importância funcional.

Segundo essa teoria, estratificação é considerada fundamental a todos os sistemas sociais. As bases ou critérios de classificação estratificada são variáveis, embora o conhecimento e a responsabilidade sejam cruciais em ocupações funcionalmente importantes.

Porém, em nenhuma sociedade a classificação baseia-se num único critério apenas. Os critérios e distinções ideais são chamados de escala de estratificação. O sistema aparente real, é chamado de sistema de estratificação.

Florestas ⇨ (Lignosa, Rübél e Brockmann-Jerosch; forest, aut,div) -> Comunidades constituídas por três a cinco andares ou estratos de vegetação, em que os estratos superiores criam as condições de vida favoráveis aos estratos inferiores.

Floresta brenhosa ⇨ mistura de mata e brenha, representada por floresta em estrato arbustivo de tipo brenhoso.

4\ In « Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira, (vol. 3;689).

5\ In: Dicionário das Ciências Sociais.

Gagau ⇨ Conjunto de ossos⁶ de cabrito, hiena, tartaruga terrestre, carneiro, porco, leão, misturados com algumas conchas marinhas, seixos brancos e pretos, pericarpos siameses de frutos de canhueiro, e outros, que representam bons e maus espíritos, quando espalhados segundo as posições que tomam na queda, predizem certos factos sociais e usam-se em consultas tradicionais nas Sociedades da África Sub-Sahariana; uma espécie de oráculo na Sociedade Europeia⁷.

Gagaista ⇨ Curandeiro (a), pessoa especializada, que nas Sociedades Africanas faz a leitura e interpretação do gagau.

Impacto Ambiental ⇨ É qualquer mudança do ambiente, para melhorar ou para piorar, especialmente com efeitos no ar, na terra, na água, nos pastos, e na saúde das pessoas, resultante de actividades humanas.

Kuphahla ou "cuphalha" ⇨ É a forma comum do culto doméstico. Pode ser celebrado pelo pai com assistência de todos os membros da família ou aquele, sem a assistência de todos os membros de outrem. Mata-se um cabrito ou apenas uma simples galinha, junto a árvores sagrada; mas é muito corrente fazer-se "kuphahla" ou "cuphalha"⁸ apenas com farinha e água. Depois da invocação e da imploração, o oficiante pratica o já conhecido rito de borrifar o "magandzêlo"⁹ com aquele líquido divino e criador (Cota, 1944:40-41).

Matas ⇨ (Forest, closed forest, open forest, aut.div) -> Comunidades constituídas por dois ou mais estratos de vegetação, em que as copas apenas se tocam ou ficam muito próximas umas das outras ou se sobrepõem, dando respectivamente as «matas abertas» as «matas cerradas».

Matagais ⇨ (Scrub, aut, div.) ⇨ Comunidades formadas de dois estratos de vegetais, sendo o dominante arbustivo e denso, com trepadeiras lenhosas e herbáceas, apresentando fácil penetrabilidade mas fraca visibilidade.

Matos ⇨ (Bushland, aut. div.) ⇨ Comunidades formadas de um estrato misto de subarubustos, frequentemente em forma de moita, mas quase sempre em tufos.

Mhamba ⇨ é o culto dos antepassados, na própria povoação familiar "(chikazi kamuti)¹⁰", quando se pretende implorar a protecção das almas de todos os mortos da família, em situações muito críticas. Essa cerimónia sempre celebrada junto a uma árvore que a família reservada para as invocações dos seus mortos assume proporções de culto público, porque a ele concorrem estranhos, por vezes a população quase inteira de uma zona ou povoação. Nesta cerimónia, são sacrificados animais (galinhas, cabritos, ou bois), segundo a dimensão consagrada ao evento segundo Cota, (1944:40).

Modo de Produção ⇨ Forma pela qual uma comunidade organiza as suas actividades produtivas (i.e., economia). Enfatiza-se aqui o trabalho como o principal factor de produção que "fornece a chave para a compreensão da sociedade, das suas instituições, das estruturas de classe, dos modelos de comportamento, das crenças e, evidentemente do Curso da história humana"¹¹.

Pradarias ⇨ (Glassland, aut. div.) ⇨ comunidades constituídas por dois estratos herbáceos, sendo o superior quase sempre composto por gramíneas.

⁶ \ Na sua maioria das articulações das patas trazeiras e do externo da tartaruga terrestre.

⁷ \ A composição do conjunto dos ossos foi explicada pela sra. Felismina Mahumane, uma gagaista de Xiphamanine, Bairro Suburbano da Cidade de Maputo, a 11\04\1998.

⁸ \ Segundo a grafia de Cota .

⁹ \ Lugar sagrado, geralmente uma árvore ou o cepo deste, onde se faz o kuphahla.

¹⁰ \ O mesmo que no meio do pátio da casa da família.

¹¹ \ Segundo o pensamento de Karl Marx, na Obra de Small, John e Witherick Michael. *In Dicionário de Geografia+; versão em Português, tradução de Ferreira, J. Pinto.

Prados ⇨ (Meadow, aut. div.) ⇨ Comunidades constituídas por um só estrato herbáceo em que normalmente predominam as gramíneas.

Relações de género ⇨ É um conjunto de práticas que privilegiam a repartição de trabalhos, e tarefas na sociedade segundo o sexo dos indivíduos, em homens e mulheres.

Recursos Naturais ⇨ É todo o conjunto de bens existentes no estado natural, isto é que são parte do meio natural, que as pessoas descobrem a sua utilidade, incluindo os recursos minerais e energéticos, climáticos, pedológicos, paisagísticos, vegetação natural, animais o ar, e etc.. "Para que um destes bens se torne recurso explorável, é necessária a intervenção das capacidades do homem, quer para descobrir a respectiva localização, quer para obter a tecnologia de exploração conveniente. Sob o ponto de vista colectivo, os recursos naturais fazem a ligação entre a população e o ambiente físico". No trabalho de tese, os recursos naturais receberão o seguinte grau de agrupamento: Recursos Agro-ecológicos; ecológicos; hídricos; florestais; faunísticos; minerais; pedológicos, paisagísticos e etc.

Relações de produção ⇨ São as relações que se estabelecem entre os diversos componentes que intervêm no processo produtivo, (ex: empregador ⇨ empregado, associados de uma cooperativa de pescas, etc).

Savanas (Savannah, aut. div., wooded, grassland, Greenway) ⇨ Mistura de matagal e pradaria, mas umas vezes com árvores (savana arbórea), outras vezes com arbustos (savana arbustiva), outras vezes com árvores e arbustos (savana arbórea-arbustiva).

Uso sustentável dos Recursos Naturais ⇨ é o uso que se observa indo de encontro com as necessidades do presente sem comprometer as aptidões das gerações futuras na satisfação das suas necessidades (Comissão Brundtland, 1991).¹²

Zonagem ⇨ na planificação do uso da terra, é a designação de lugares específicos, ex: para uso residencial, para uso industrial, para uso agrícola; para uso de pastagens. (Clark, A. N. 1985, pp. 701).

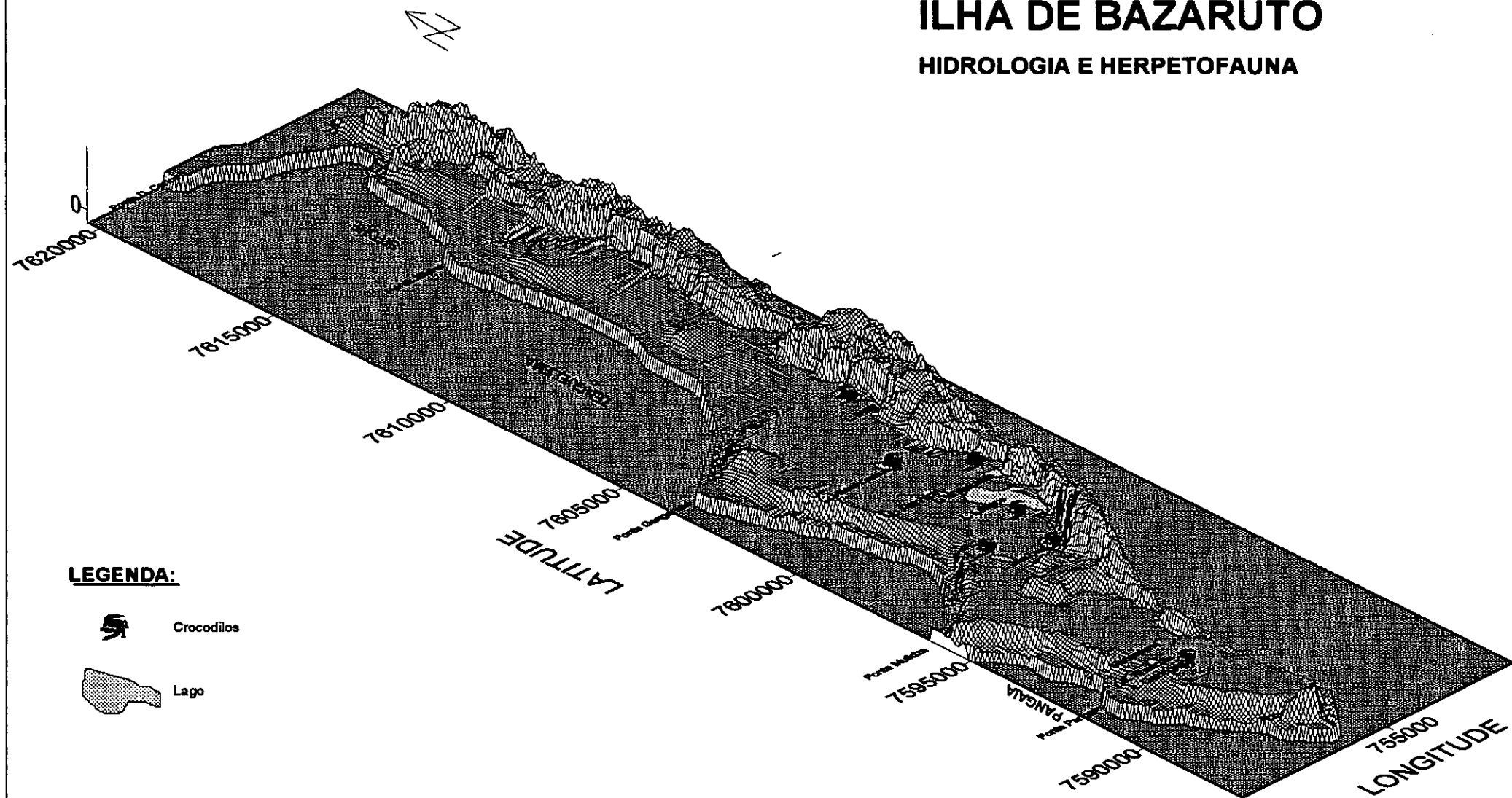
¹² Tal como foi definido pela Comissão Brundtland e citado por Rodda, Annabel *In: Women and the Environment+, (1991, pp. 155).

ANEXO 2

ANEXO 2 SECÇÃO A - MAPAS

ILHA DE BAZARUTO

HIDROLOGIA E HERPETOFAUNA



LEGENDA:

 Crocodilos

 Lago

Fonte: Mapa topográfico 1:50.000; folhas 959 e 974 da
Direção Provincial dos Serviços Geográficos e Cadastrais, 1971.

Escala

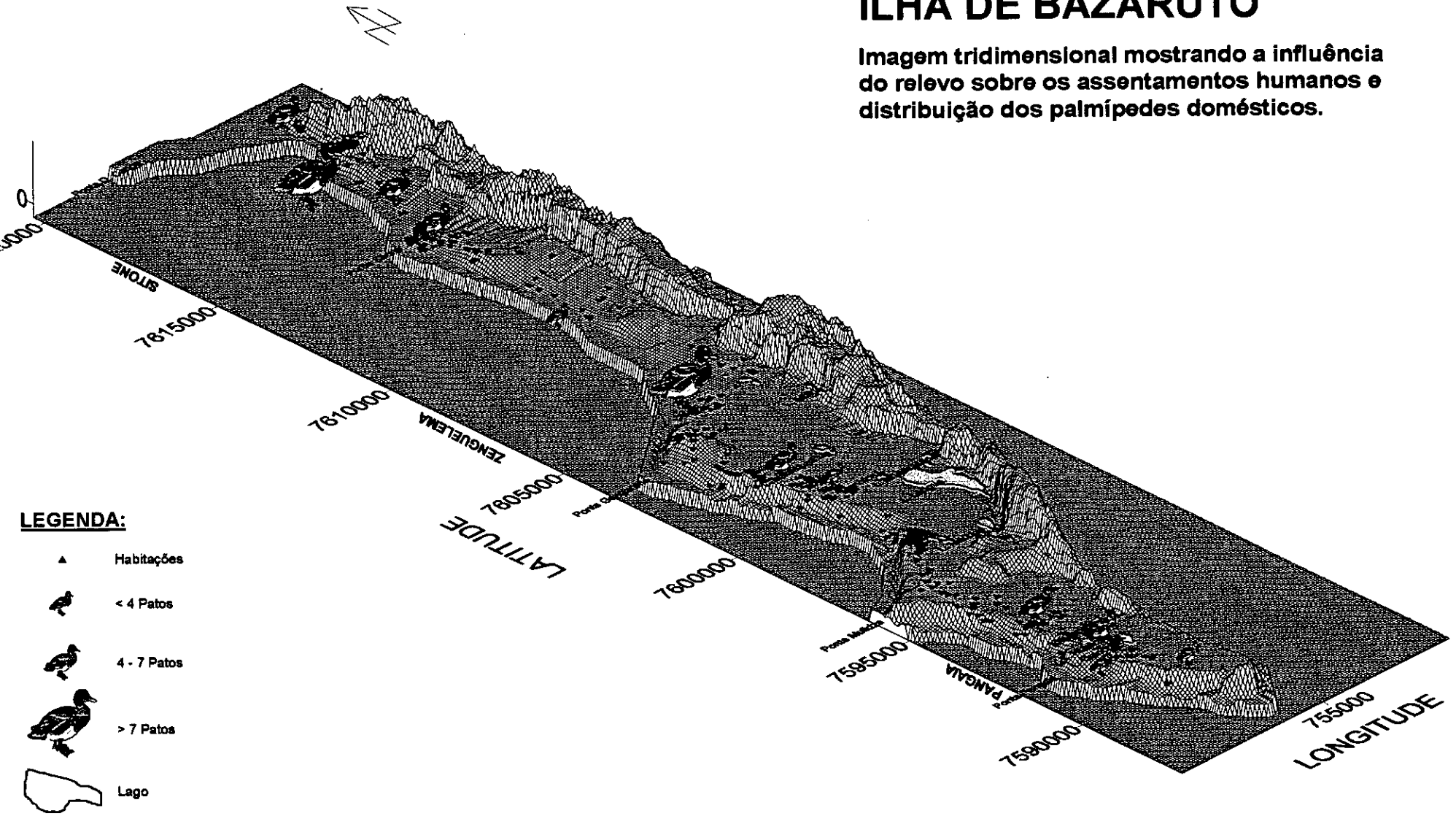
0m 2500m 5000m





Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação
com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na
Ilha do Bazaruto.

Produzido por Gilberto Ricardo

ILHA DE BAZARUTO

Imagem tridimensional mostrando a influência do relevo sobre os assentamentos humanos e distribuição dos palmípedes domésticos.



- LEGENDA:**
- ▲ Habitações
 -  < 4 Patos
 -  4 - 7 Patos
 -  > 7 Patos
 -  Lago

Fonte: Mapa topográfico 1:50.000; folhas 959 e 974 da Direcção Provincial dos Serviços Geográficos e Cadastrais, 1971.



Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na Ilha do Bazaruto.

Produzido por Gilberto Ricardo

35° 25'E

35° 30'E

21° 30'S

ILHA DE BAZARUTO

GEOLOGIA

LEGENDA:

- QDi - Dunas interiores do Pleistocénico
- ▨ QDc - Dunas costeiras - Quaternário recente
- QGc - Grés costeiro - Quaternário recente
- ▤ Qc - Afloramento de calcarenitos (Eolianitos/Grés costeiro)
- Areia vermelha
- Lago

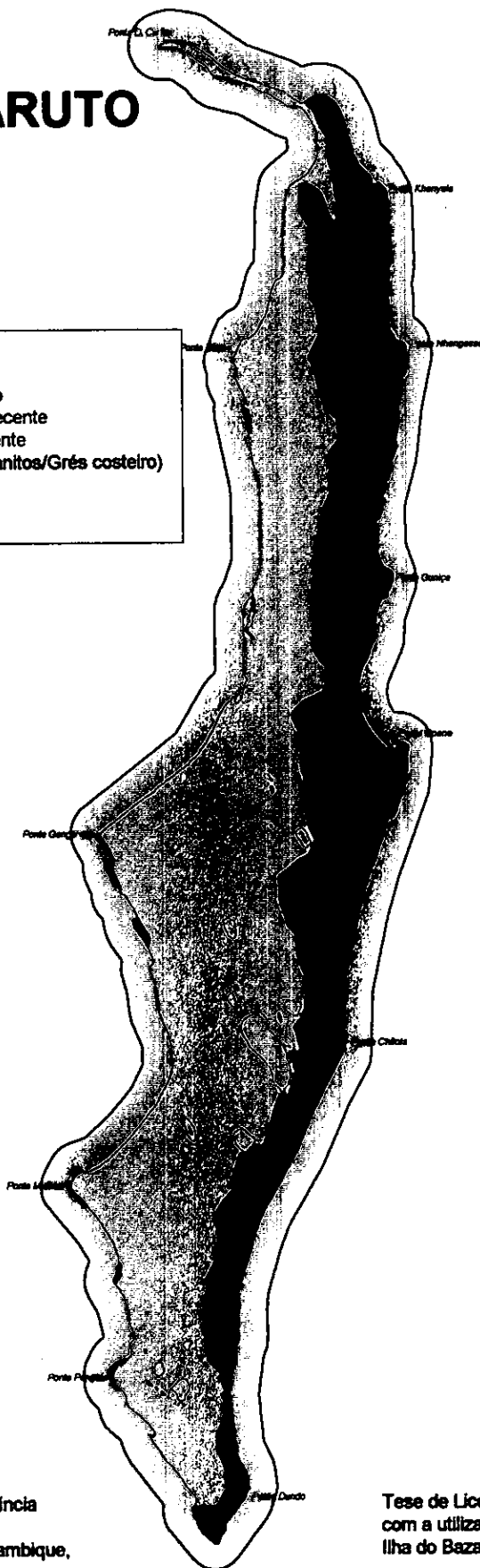
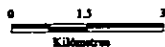


BAÍA DO BAZARUTO

CANAL DE MOÇAMBIQUE

21° 40'S

21° 45'S



Fonte: Carta Geológica (provisória) da Província de Moçambique, Folha SUL-F-36/L. Serviço de Geologia e Minas de Moçambique, L. Marques, 1963. Amade Malgy Momad, 1996

Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na Ilha do Bazaruto.

Produzido por Gilberto Ricardo

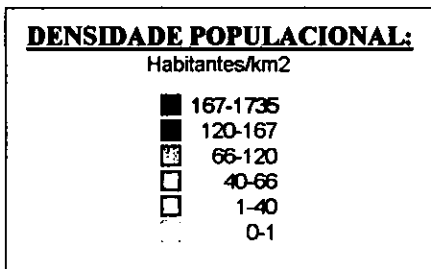
35° 25'E

35° 30'E

21° 30'S

ILHA DE BAZARUTO

DISTRIBUIÇÃO DOS ASSENTAMENTOS HUMANOS POR DENSIDADES POPULACIONAIS (1997).



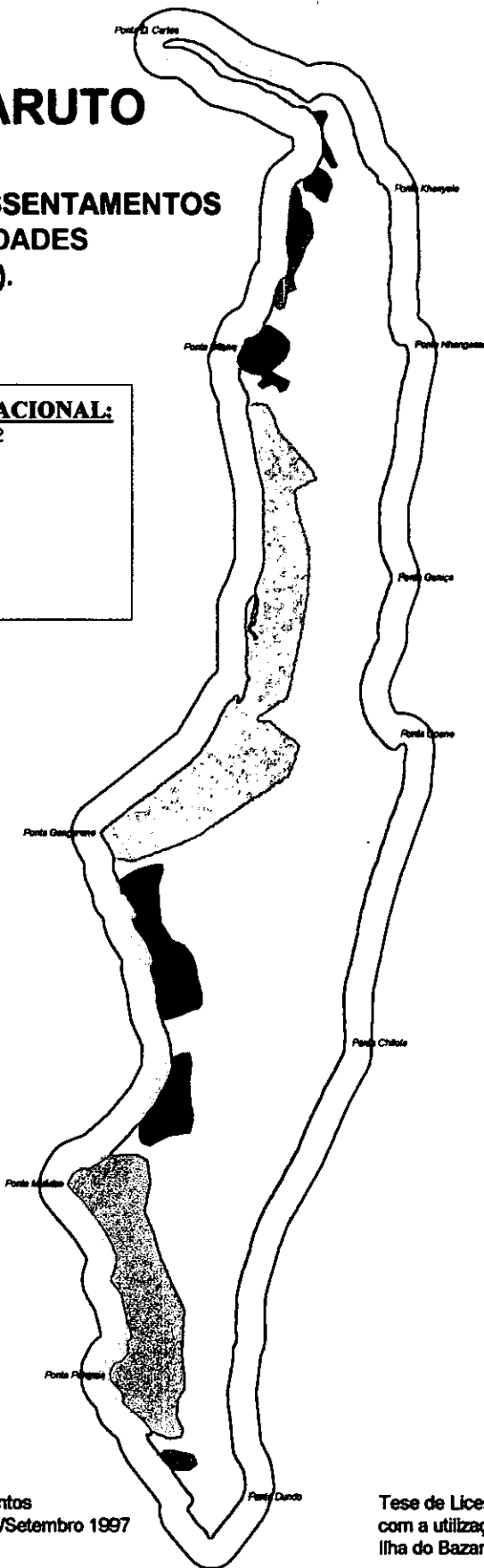
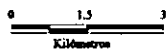
21° 35'S

21° 40'S

21° 45'S

BAÍA DO BAZARUTO

CANAL DE MOÇAMBIQUE



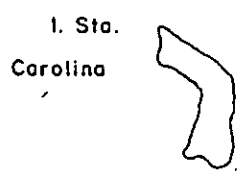
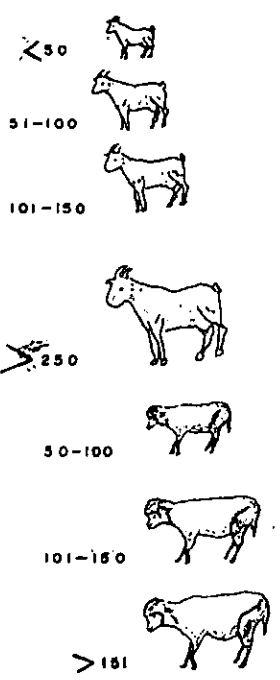
Fonte: Levantamentos GPS dos assentamentos humanos na ilha do Bazaruto, Agosto/Setembro 1997 por Gilberto Ricardo.

Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na Ilha do Bazaruto.

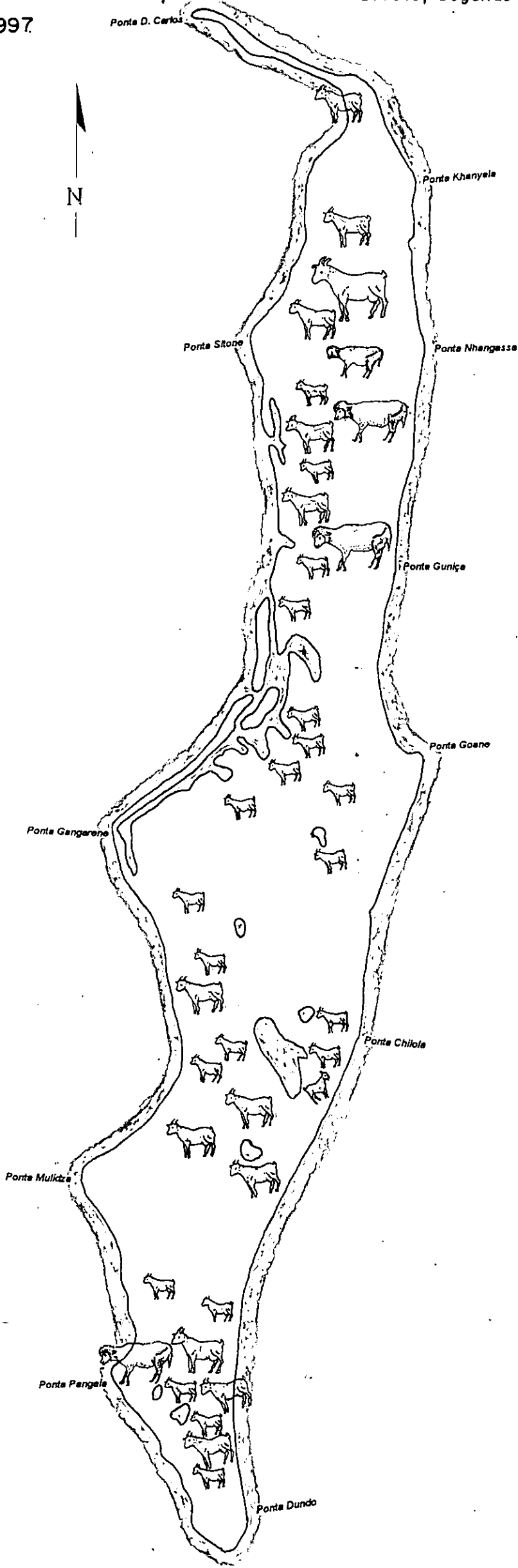
Produzido por Gilberto Ricardo

35° 25' E 35° 30' E
 Mapa 6 Distribuição dos rebanhos de Arentinos e Caprinos na I. do Bazaruto, segundo Dutton, P 1990.
 Modificado por G. RICARDO 1997

21° 30' S
 21° 35' S
 21° 40' S
 21° 45' S



BAIA DO BAZARUTO



CANAL DE MOÇAMBIQUE

OBS: A escala diz respeito apenas ao tamanho da ilha:

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
 DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - CURSO DE GEOGRAFIA

Elaborou: G. Ricardo

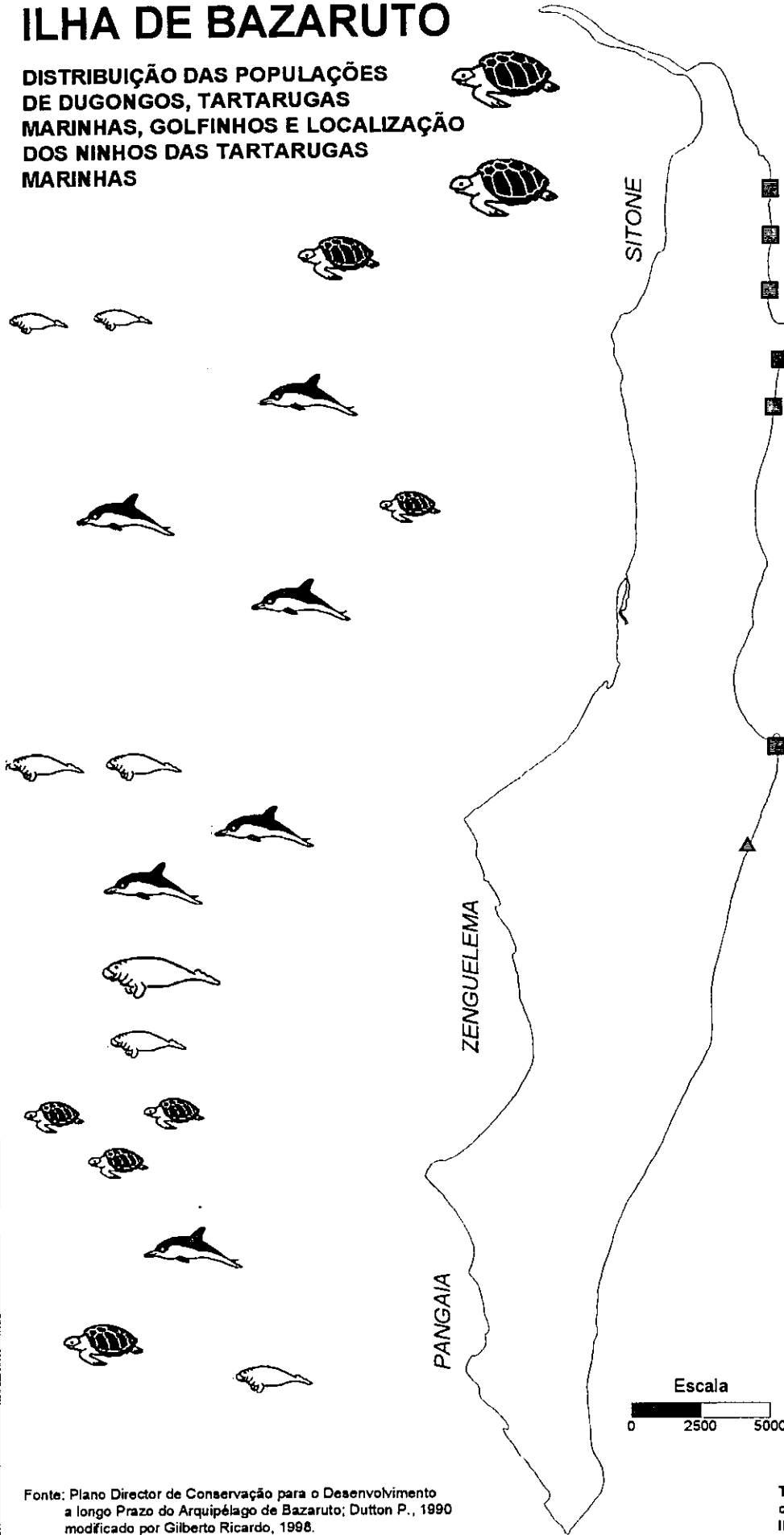
Desenhou: G. Ricardo

Tese de Licenciatura em Geografia










Assinatura

ILHA DE BAZARUTO

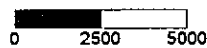
DISTRIBUIÇÃO DAS POPULAÇÕES DE DUGONGOS, TARTARUGAS MARINHAS, GOLFINHOS E LOCALIZAÇÃO DOS NINHOS DAS TARTARUGAS MARINHAS



LEGENDA:

-  >8 Dugongos adultos e juvenis
-  4-7 Dugongos adultos e juvenis
-  <4 Dugongos adultos e juvenis
-  >5 Tartarugas marinhas
-  2-4 Tartarugas marinhas
-  <2 Tartarugas marinhas
-  Golfinhos
-  Ninhos de Tartaruga Loggerhead
-  Ninhos de Tartaruga Leatherback

Escala



Fonte: Plano Director de Conservação para o Desenvolvimento a longo Prazo do Arquipélago de Bazaruto; Dutton P., 1990 modificado por Gilberto Ricardo, 1998.

Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na Ilha do Bazaruto.

Produzido por Gilberto Ricardo

35° 25'E

35° 30'E

21° 30'S

ILHA DE BAZARUTO

DISTRIBUIÇÃO DOS CAJUAIS E ACTIVIDADES COMERCIAIS

LEGENDA:

- Cajual
- ▲ Banca de comércio informal
- ★ Loja de recordações

Habitantes/km²

■	167-1735
■	120-167
▨	66-120
▨	40-66
▨	1-40
□	0-1

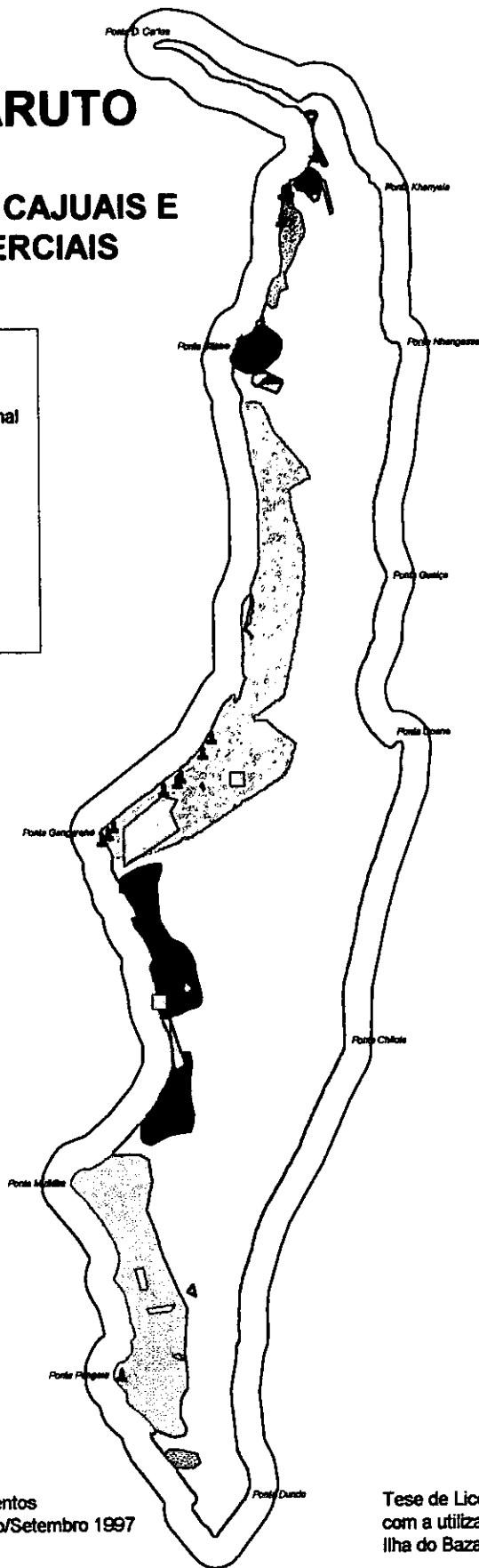
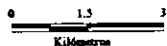
21° 35'S

21° 40'S

21° 45'S

BAÍA DO BAZARUTO

CANAL DE MOÇAMBIQUE



Fonte: Levantamentos GPS dos assentamentos humanos na ilha do Bazaruto, Agosto/Setembro 1997 por Gilberto Ricardo.

Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na ilha do Bazaruto.

Produzido por Gilberto Ricardo

35° 25'E

35° 30'E

Mapa 9

21° 30'S

ILHA DE BAZARUTO

TERRITÓRIOS LINHAGEIROS E SUAS CHEFIAS *



LINHAGENS:

- ▲ Agregado Familiar
- Bhuyeni
- Dzivane Maphadzi
- ▨ Dzivane Mudhico
- ▩ Dzivane Nhassengo
- Dzivane Zingole
- Massani
- ▨ Mufumes
- Mutondo
- ▨ Mutondo (Malcoa)
- Nhadhava

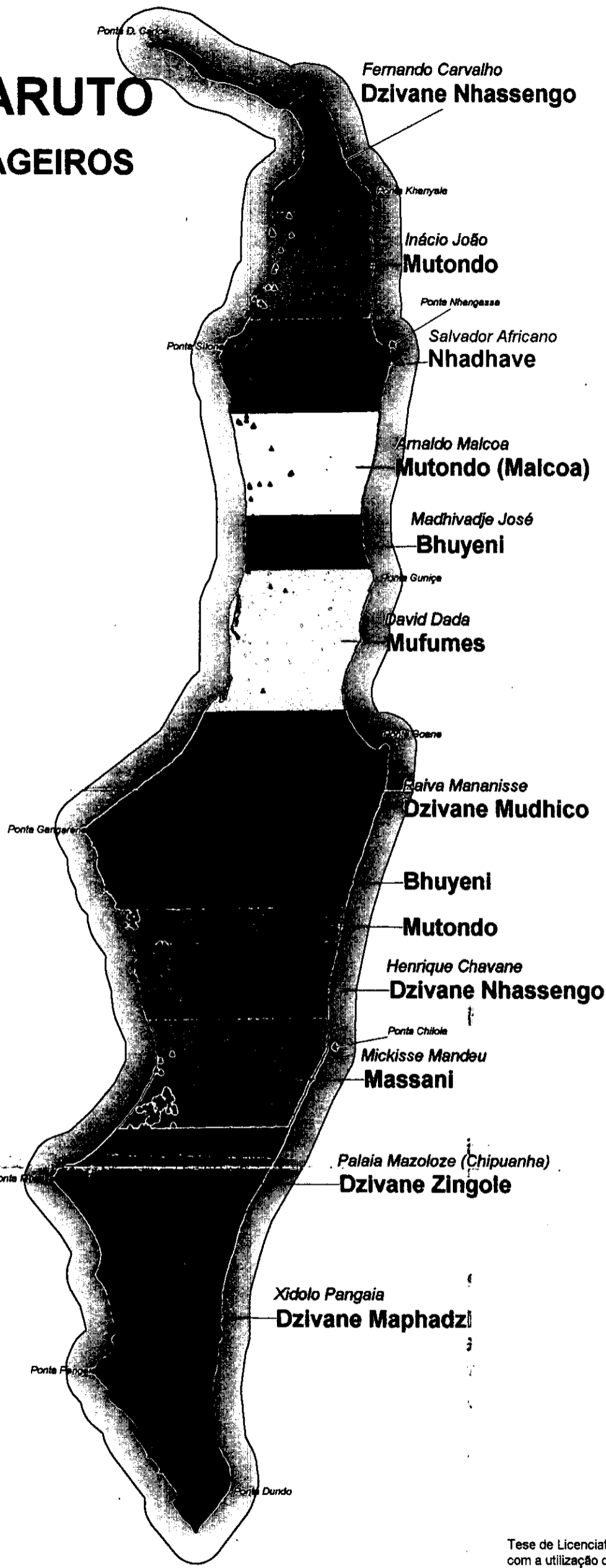
21° 35'S

21° 40'S

21° 45'S

BAÍA DO BAZARUTO

CANAL DE MOÇAMBIQUE



* Consulte Anexo 4 para a lista dos indivíduos que participaram na concepção deste mapa.

Fonte: Levantamentos GPS dos assentamentos humanos na Ilha do Bazaruto, Agosto/Setembro 1997 por Gilberto Ricardo.

Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na Ilha do Bazaruto.

Produzido por Gilberto Ricardo

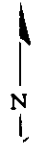
35° 25'E

35° 30'E

21° 30'S

ILHA DE BAZARUTO

DISTRIBUIÇÃO DOS PALMARES,
ACAMPAMENTOS DE PESCA
ARTESANAL E INFRAESTRUTURAS
PÚBLICAS



LEGENDA:

Símbolo/Nº de Acampamentos

- 8
- 5
- 3
- 2
- 1
- Coqueiros

Habitantes/km2

- 167-1735
- 120-167
- 66-120
- 40-66
- 1-40
- 0-1

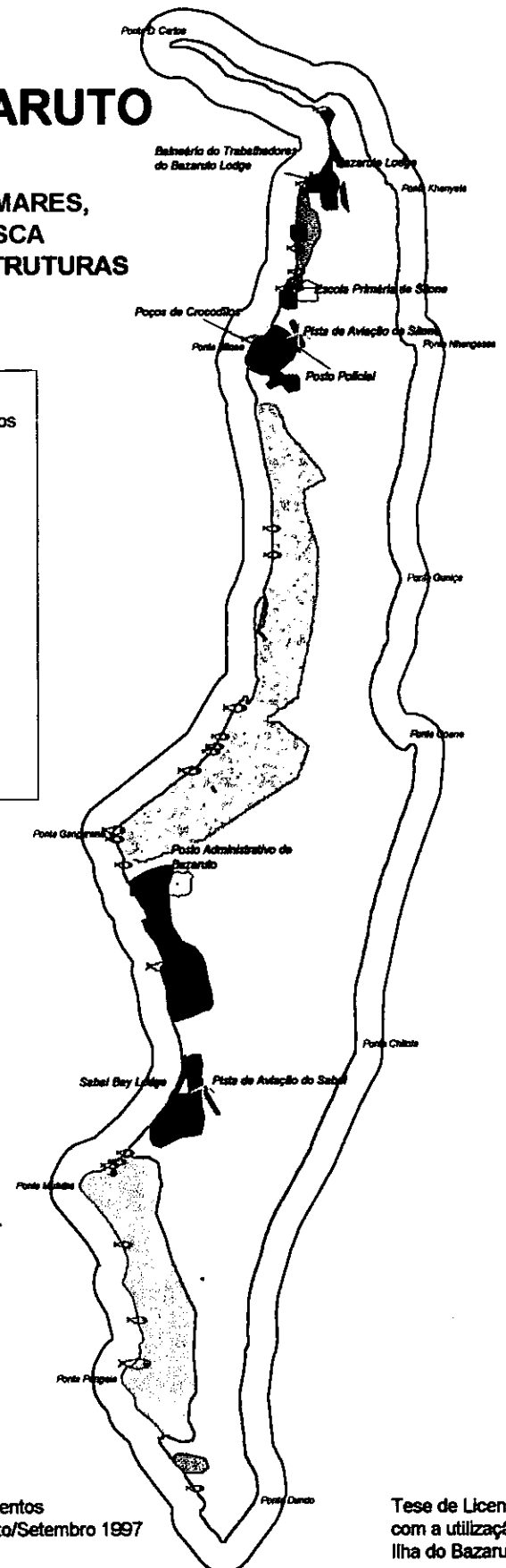
21° 35'S

21° 40'S

21° 45'S

BAÍA DO BAZARUTO

CANAL DE MOÇAMBIQUE



Fonte: Levantamentos GPS dos assentamentos humanos na Ilha do Bazaruto, Agosto/Setembro 1997 por Gilberto Ricardo.








Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na Ilha do Bazaruto.

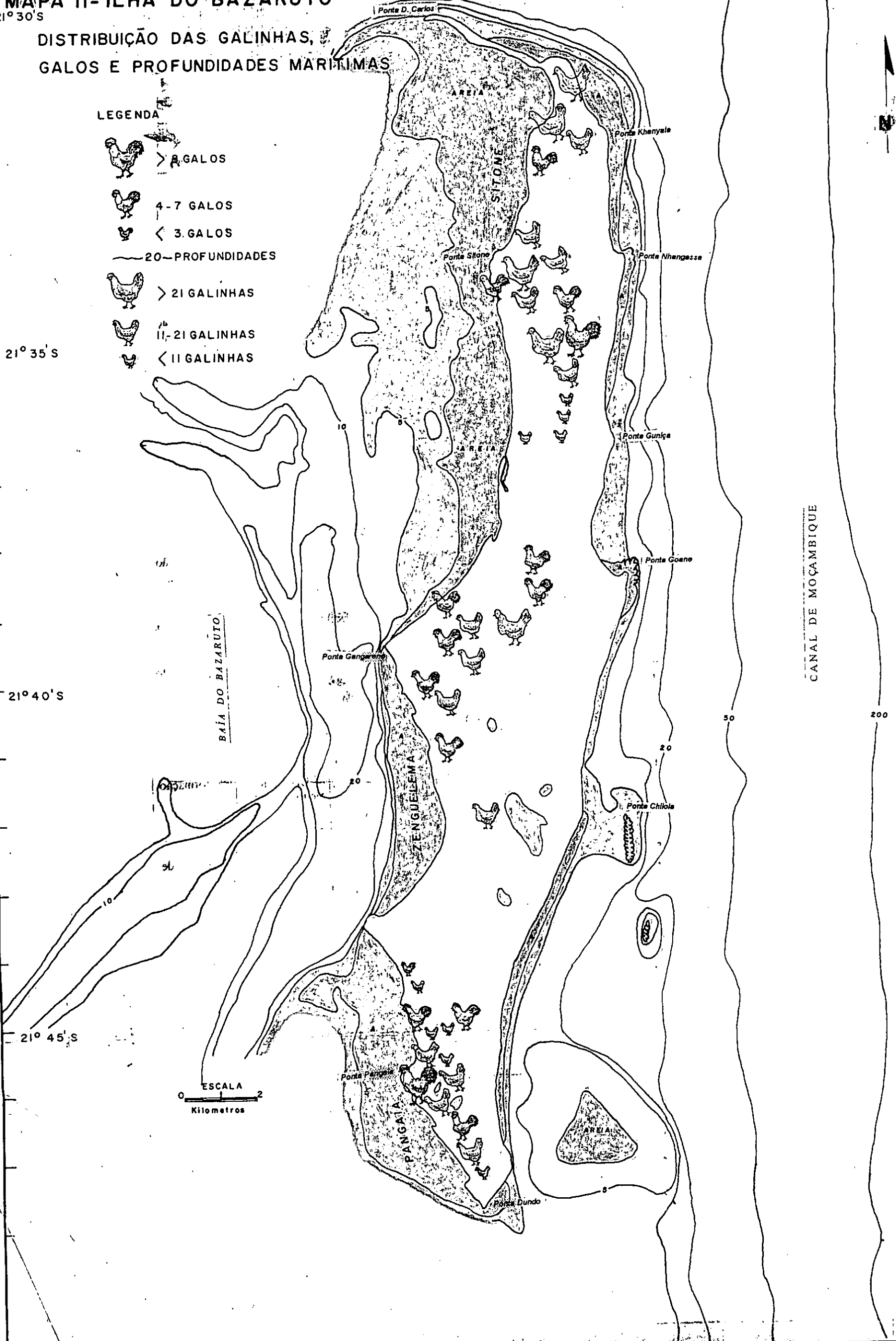
Produzido por Gilberto Ricardo

MAPA II- ILHA DO BAZARUTO

DISTRIBUIÇÃO DAS GALINHAS, GALOS E PROFUNDIDADES MARÍTIMAS

LEGENDA

-  > 8 GALOS
-  4-7 GALOS
-  < 3 GALOS
-  20- PROFUNDIDADES
-  > 21 GALINHAS
-  11-21 GALINHAS
-  < 11 GALINHAS



21° 30' S

21° 35' S

21° 40' S

21° 45' S

ESCALA
0 2
Kilometros

FONTE: Levantamentos GPS dos assentamentos humanos na ilha do Bazaruto, 1997 por Gilberto Ricardo, e carta nº 44620-M do Ministério da Defesa Nacional, 1ª Edição, 1986.

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - CURSO DE GEOGRAFIA

Elaborou: G. Ricardo
Desenhou: G. Ricardo
Escala: 1/100000

Tese de Licenciatura em Geografia

Assinatura
Ricardo

35° 25'E

35° 30'E

21° 30'S

ILHA DE BAZARUTO

LOCALIZAÇÃO DOS LUGARES USADOS NO CÁLCULO DO ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO DE KANT E DAS FAMÍLIAS DOS CHEFES LINHAGEIROS

LEGENDA:

▲ Agregado familiar



CANAL DE MOÇAMBIQUE

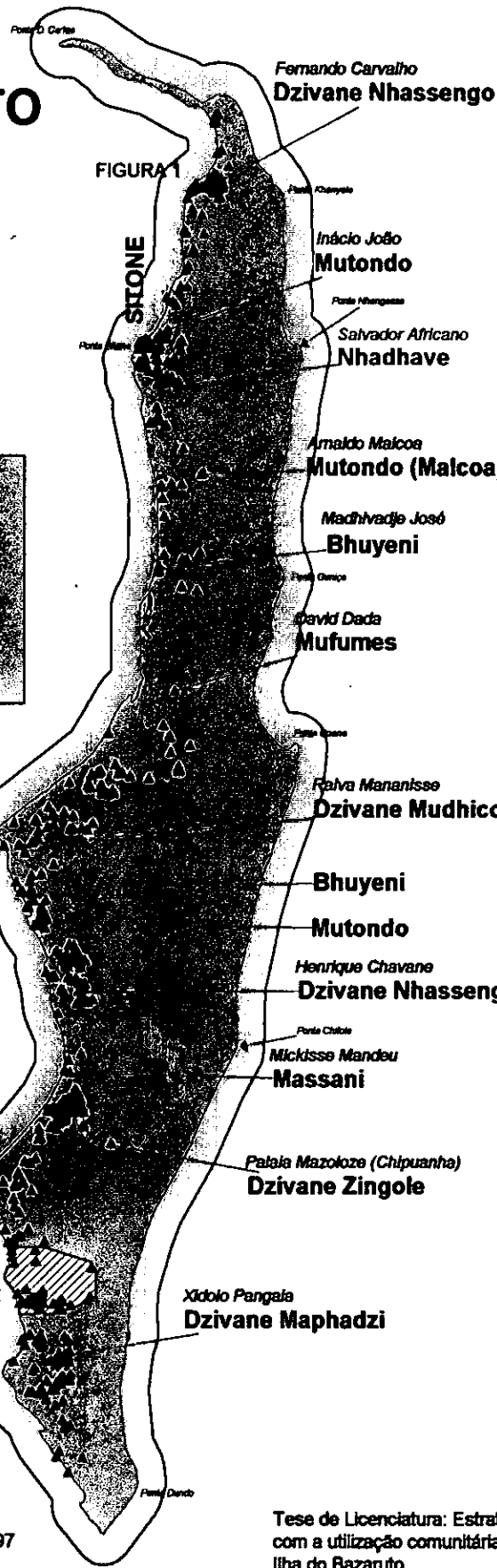


FIGURA 1
STONE

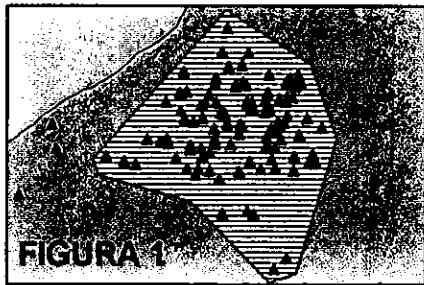


FIGURA 1

BAIA DO BAZARUTO

ZENGUELEMA

PANGALA

21° 35'S

21° 40'S

21° 45'S

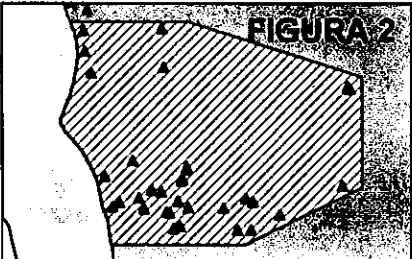


FIGURA 2



Fonte: Levantamentos GPS dos assentamentos humanos na ilha do Bazaruto, Agosto/Setembro 1997 por Gilberto Ricardo

Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na ilha do Bazaruto.

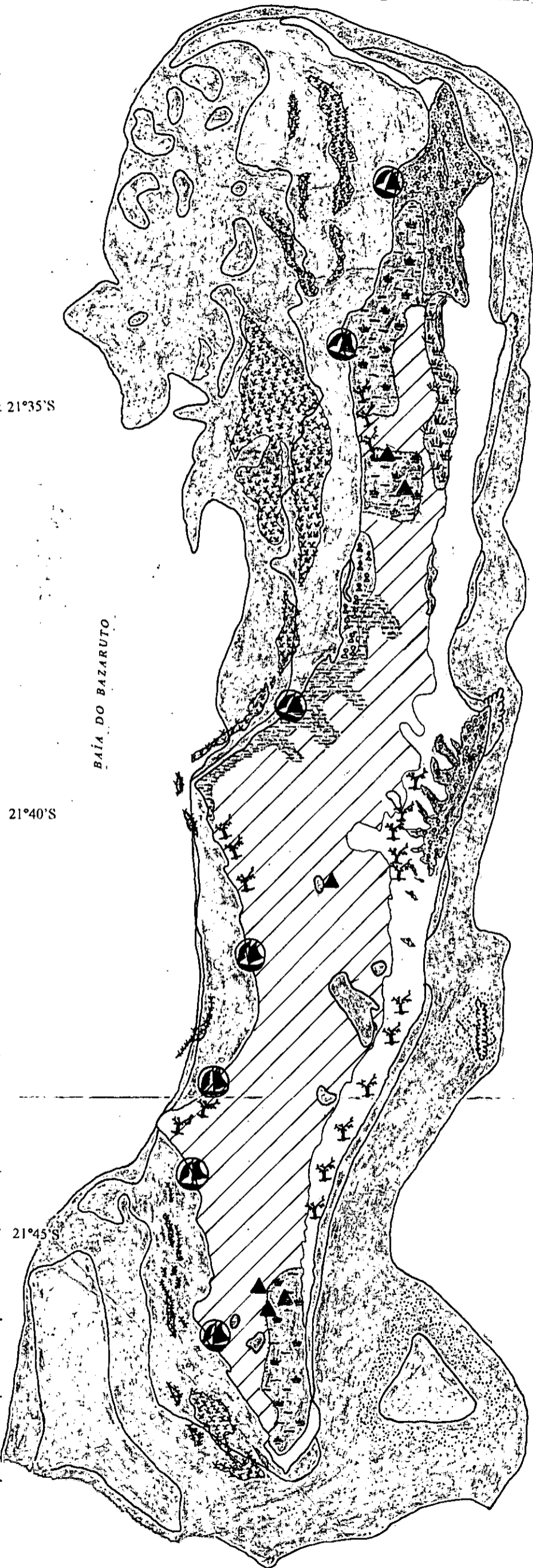
Produzido por Gilberto Ricardo

35°25'E

35°30'E

21°30'S

REGIONALIZAÇÃO DA ILHA DO BAZARUTO



CANAL DE MOÇAMBIQUE



Legenda:

- Região do fundo marinho de corais sempre coberto de massas de água salgadas
- Região entre marés
- Região do capim marinho e de bancos de mapalo
- Região das dunas de areia pioneiras, movediças e desnudadas
- Região das dunas de areia consolidadas com cobertura vegetal
- Região dos pântanos
- Região da vegetação dos pântanos
- Região dos mangais
- Região dos lagos e lagoas de águas salobras
- Região da vegetação de savana arbórea e arbustiva
- Região da vegetação espessa constituindo o matagal
- Região de planície de inundação temporária.
- Casuarinas.
- Atracadouro de transportes fluviais a vela.
- Corais

Tese de Licenciatura: Estratificação da A.T. sua relação com a utilização comunitária dos Recursos Naturais na Ilha do Bazaruto.

Fonte: Levantamentos GPS dos assentamentos humanos na Ilha do Bazaruto, Agosto/Setembro 1997 por Gilberto Ricardo.

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - CURSO DE GEOGRAFIA

Elaborou: G. Ricardo

Desenhou: G. Ricardo

Escala 1/100000

Data: 1997

Tese de Licenciatura em Geografia

Assinatura

ESTAMPA I

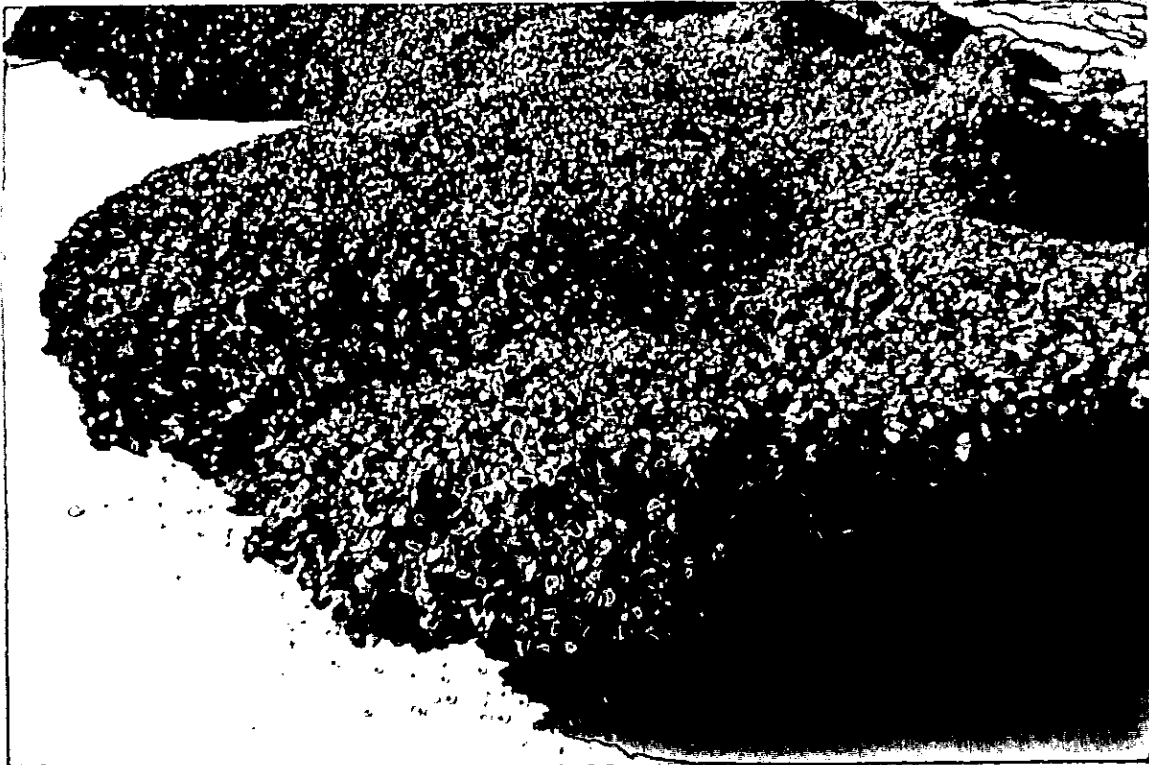


Fig. 1 _ Um relevo de maré costeira resultante rochas impregnadas de conchas calcário e de carbonato de cálcio (CaCO_3) de mapalo e outros organismos marinhos. Em Zenguelema a Centro da Ilha.



Fig. 2 _ Um pescador procedendo à arrumação do peixe para secá-lo. O uso de tárimbas para secar o peixe é aconselhável como norma higiênica.

ANEXO 2 SECÇÃO B - ESTAMPAS

ESTAMPA II

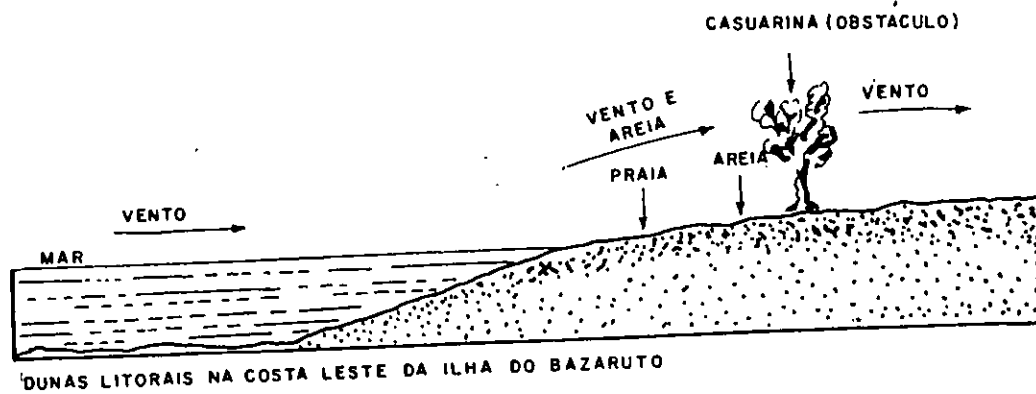


Fig. 1 _ O processo de formação das dunas de areia por acção eólica na costa oriental da Ilha e o efeito da vegetação no tal processo.



Fig. 2 _ A existência de casuarinas junto à linha da costa, mostra que a erosão eólica não teria uma evolução muito nefasta. As dunas de areia estabilizar-se-iam muito próximo da linha de costa.

ESTAMPA III



Fig. 1 _ Um campo de aviação do norte da I. vendo se dois aviões médios pousados. Os turistas, uns a desembarcar e outros a embarcar para uma visita a Ilha do Bazaruto.

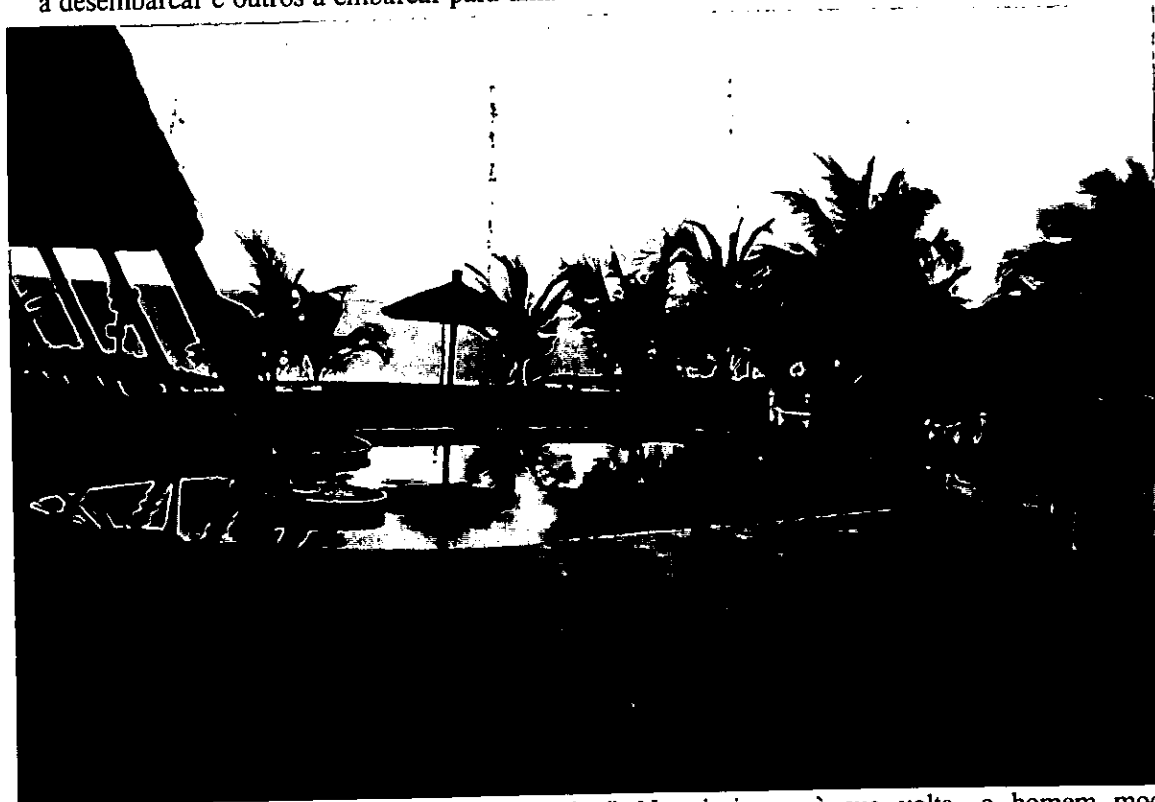


Fig. 2 _ Vista parcial do "Bazaruto Lodge". Na piscina e à sua volta, o homem modificou profundamente a natureza de forma diferente ao outro Hotel, o Sabal Bay Lodge, no Centro da Ilha.

ESTAMPA IV



Fig. 1 _ No uso dos Recursos Naturais pesqueiros, um grupo de jovens pescadores a caminho de mais uma jornada de trabalho.



Fig. 2 _ Uma mulher a tecer capim por ela cortada para a venda, e usado para a cobertura das palhotas. Uma das fontes de subsistência da Ilha.



Fig. 1 _ Existem em quase todas as famílias da a Ilha, réplicas de palhotas em miniatura como a da, figura em 1º plano. É o lugar sagrado onde está enterrado o pai do chefe da família ou onde vive a sua alma. Enquadra-se no aparelho da Autoridade Tradicional.



Fig. 2 _ Um rebanho de arietinos com o seu pastor, que o foi recolher de volta à casa em Pangaia, Sul da I. de Bazaruto. Operações de género são feitas para evitar a perda de animais.

ESTAMPA VI



Fig. 1 _ Um rebanho de caprinos erante pastando.



Fig. 2 _ A chegada do cruzeiro é uma grande feira na ilha que arrasta ilhéus de dezenas de quilómetros, para vender artigos de artesanato.



Fig. 1 _ Chipuanha Mazoloze ou Palaia, Chefe Linhageiro dos Dzivane Zingole a Sul de Zenguelema, I. do Bazaruto.



Fig. 2 _ Vista parcial do Sabal Bay Lodge, um dos mais modernos hotéis no Centro da Ilha. Paisagem humanizada; o homem em harmonia com o ecossistema natural.

ESTAMPA VIII



Fig. 1 _ Fernando Carvalho,
Chefe Tradicional de Sitone e da
Linhagem dos Dzivane Nhassengo.



Fig. 2 _ Uma família de Pangaia, onde as palhotas e o lar são localizados no meio de um bosque, onde se abre uma clareira para construir as palhotas mas, a vegetação natural em redor é deixada, para evitar a erosão eólica.

ESTAMPA IX

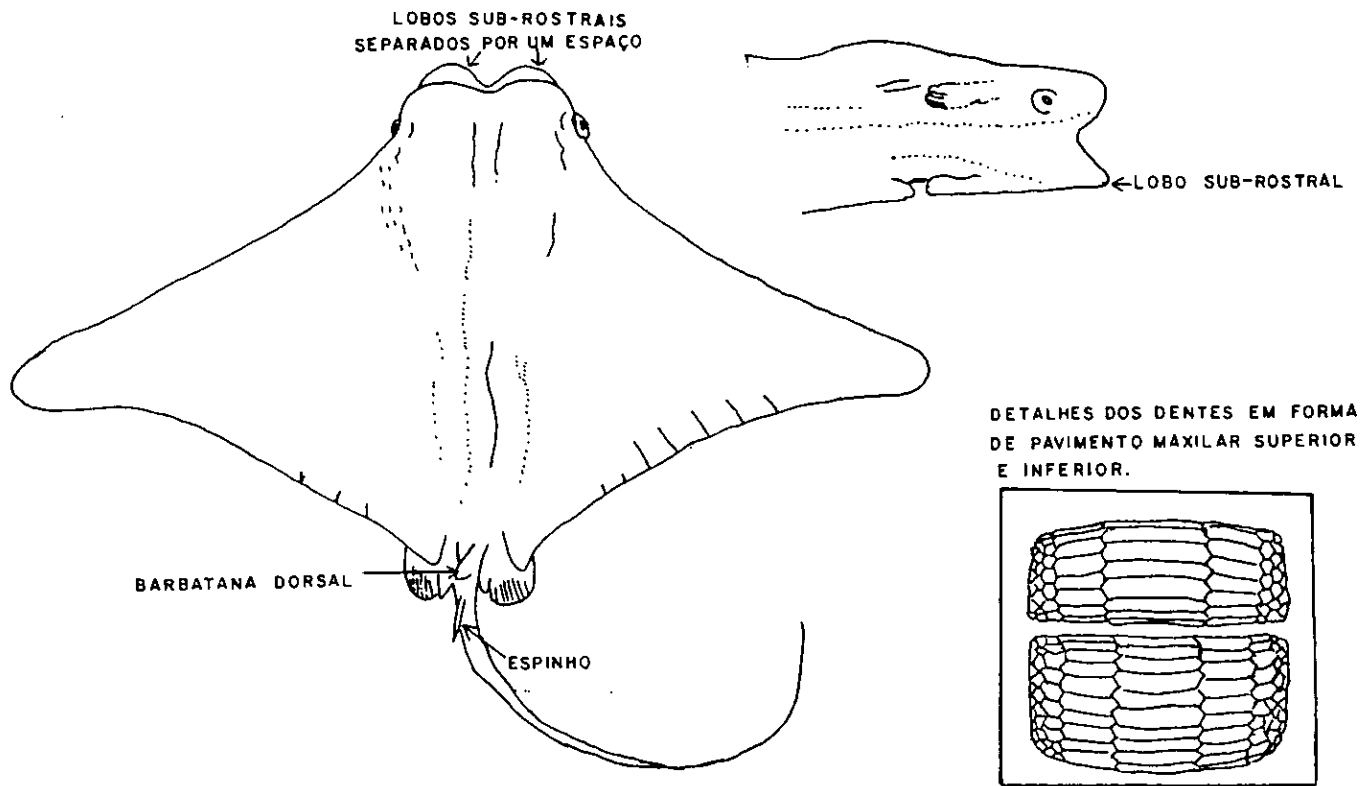


Fig. 1 _ Uma raia de nariz em aba ou raia de boca de vaca *Rhinoptera javanica* (Müller & Hanle) 1841 ,comedora de ostras mostrando todas as suas características morfológicas externas. A morfo-estrutura, serve para especificar a semelhança entre o tipo de raias capturadas na praia de Pangaia a 4/9/97 e as descritas no Catálogo das espécies marinhas do Sul do Save.

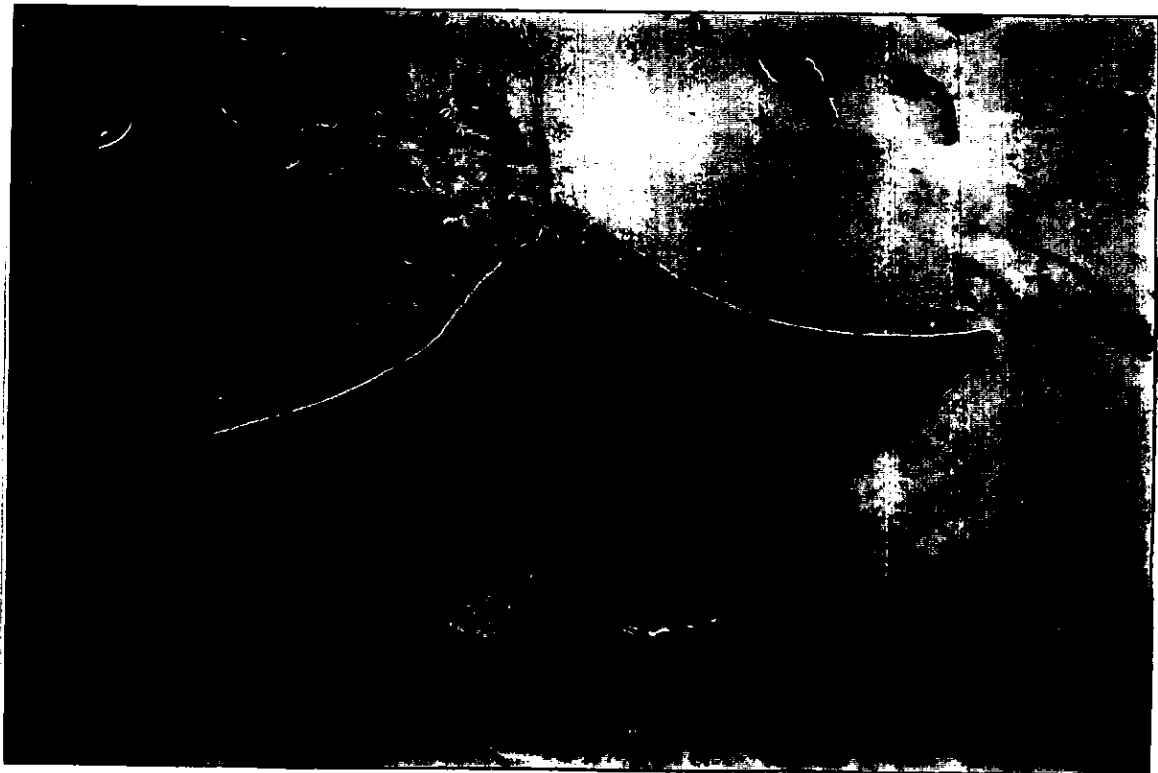


Fig. 2 _ Uma das raias capturadas a 04/09/97.

ESTAMPA X

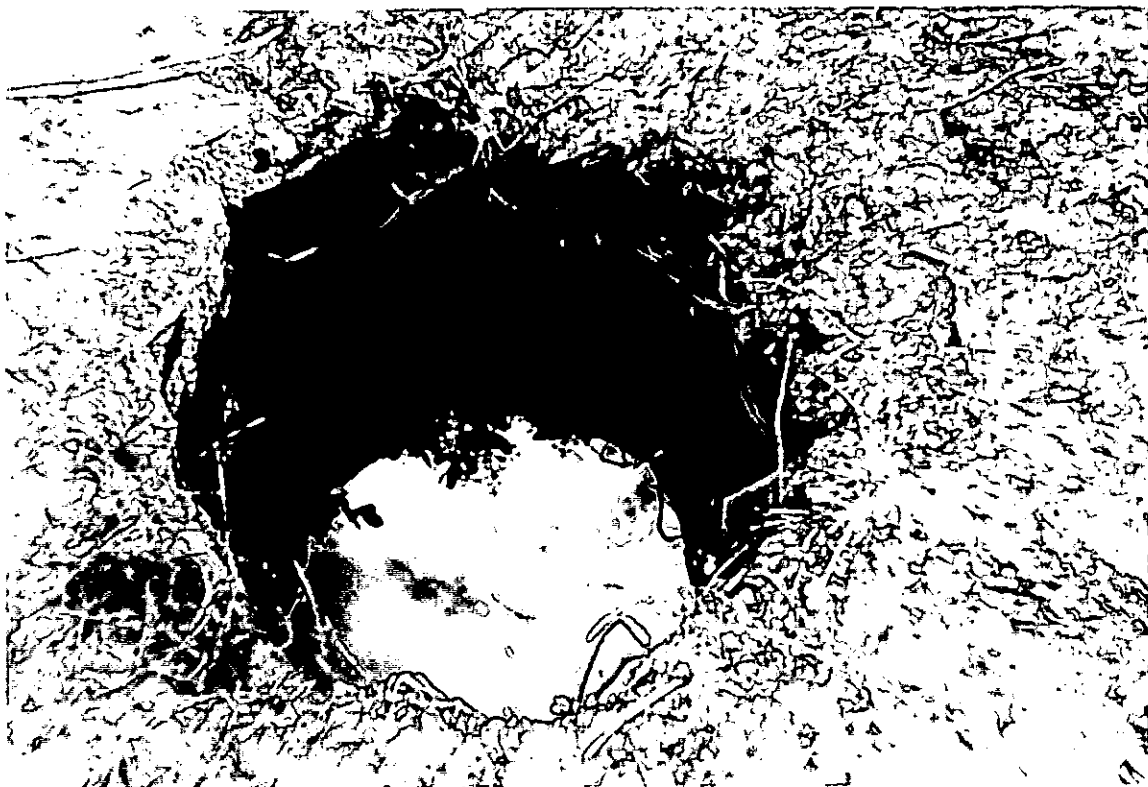


Fig. 1 _ Um poço vulgar; um entre vários que abastecem as populações de ilhéus de água potável o que mostra a existência abundante de lençóis freáticos à superfície na I. de Bazaruto.



Fig. 2 _ No corte da palmeira brava, há relações de género. Tanto homens como mulheres tomam parte nele.

ESTAMPA XI



Fig. 1 _ Uma camponesa na sua machamba de mandioca em Zenguelema, Centro da Ilha. A existência de microclimas e pequena variedade de solos permite a produção do milho.



Fig. 2 _ Escola Primária do EPI de Sitone, norte da I. do Bazaruto.

ESTAMPA XII

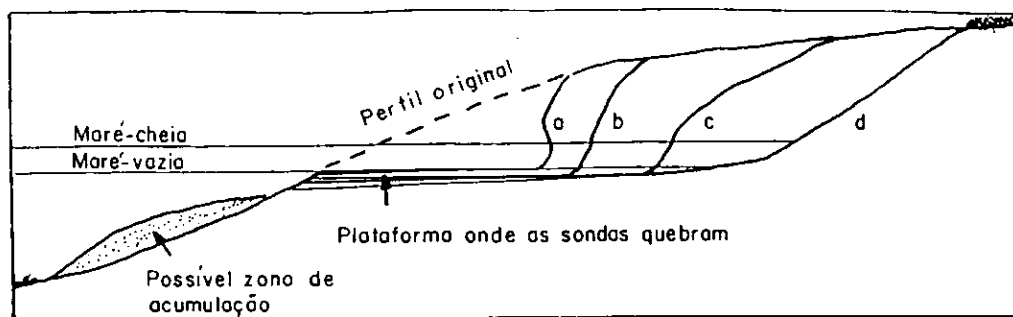


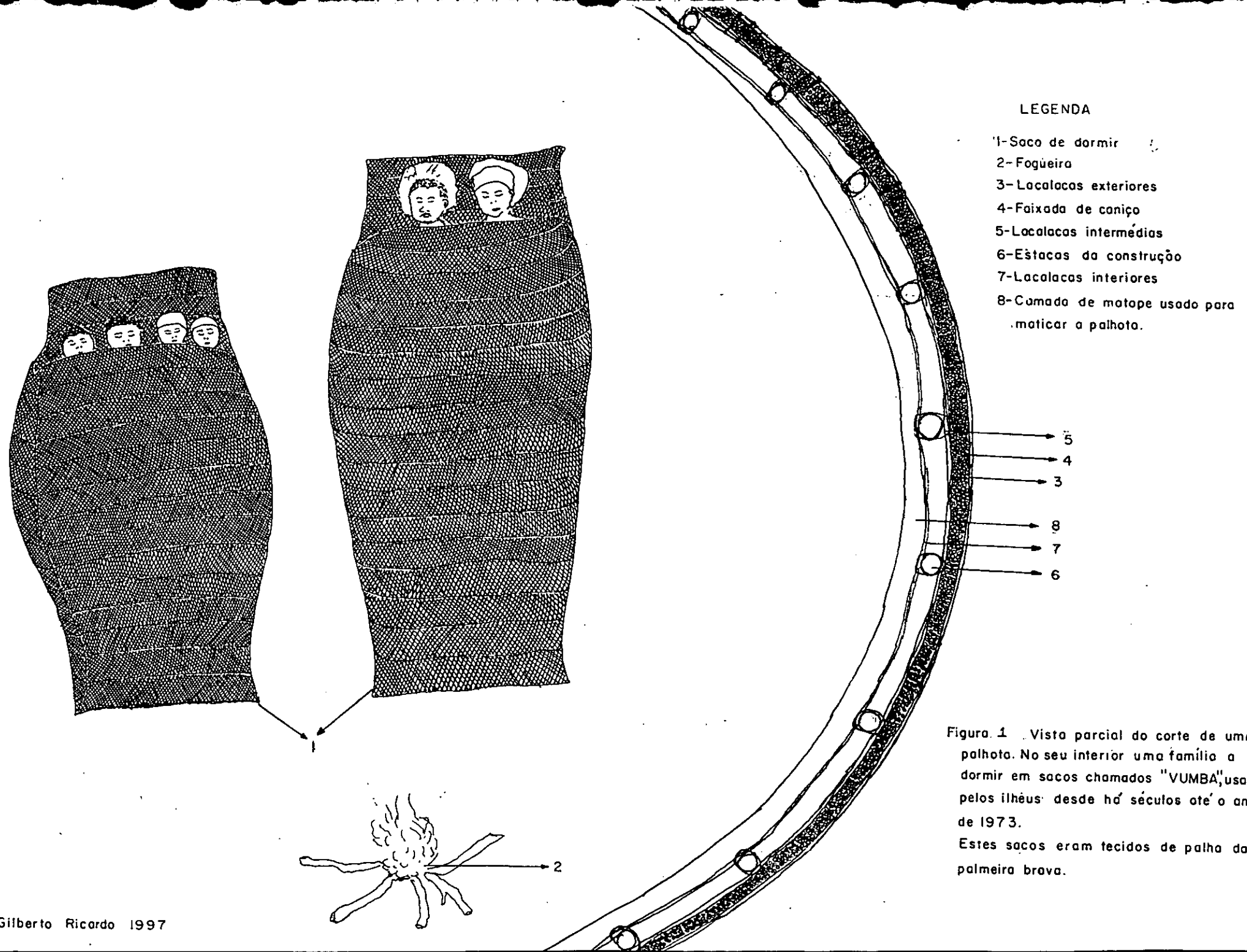
Fig. Evolução de arriba de Zenguelema na Ilha do Bazaruto
a- arriba vigorosa, resultante do ataque forte das ondas.
b,c- arriba menos vigorosa em virtude de menos ondas atingirem a base do rochedo
d- arriba degradada, muito pouca erosão por acção das ondas. O ravinamento, meteorização e a erosão pela acção das escorrências pluviais e o desmoronamento, esculpem a arriba.

Fig. 1 _ Formação da arriba em Zenguelema no centro da Ilha



Fig. 2 _ Uma estrutura da arriba vista em perspectiva. Ela reflecte também uma costa escarpada de areia encarnada.

ANEXO 2 SECÇÃO C - FIGURAS



LEGENDA

- 1-Saco de dormir
- 2-Fogueira
- 3-Lacalacas exteriores
- 4-Faixada de caniço
- 5-Lacalacas intermédias
- 6-Estacas da construção
- 7-Lacalacas interiores
- 8-Camado de matope usado para matificar a palhota.

Figura. 1 Vista parcial do corte de uma palhota. No seu interior uma família a dormir em sacos chamados "VUMBA", usado pelos ilhéus desde há séculos até o ano de 1973. Estes sacos eram tecidos de palha da palmeira brava.

Figura:2 Acampamento de pesca conjunto dos Lacerda Madzelete-Machulane, a norte da I. do Bazaruto

ESCALA 1/350

LEGENDA:

- 1-REDE DE PÊSCA A SECAR
- 2,15,24-TARIMBA DE SECAGEM DE PEIXE
- 3,7,9,10,17,18,21,22-COQUEIROS
- 4,13-CASUARINAS
- 5-CANNUEIRO
- 6,27-ARMAZÉNS GRANDES DE PEIXE SECO
- 8,16,23-ROUPARIA E DORMITÓRIO
- 11,19,29-LUGAR PARA DESPEJAR O PEIXE QUANDO VEM DO MAR
- 12,20,28-SALGADEIRAS
- 14-BARCO DE TRANSPORTE DE CARGA E PASSAGEIROS, VELHO E AVARIADO
- 20-PAPAEIRA
- 26-COQUEIRO SECO
- 33,35-BARCOS DE TRANSPORTE DE CARGAS E PASSAGEIROS
- 32,34-BARCOS ACHATADOS DE PESCA
- 37-CAIXA DE TRANSPORTE DE PEIXE
- 30-AREIA DA PRAIA
- 31-ZONA DE INFLUÊNCIA DAS MARÉS
- 36-ZONA DE ENCHENTES PERMANENTES DAS MARÉS

DESENHOU: G. RICARDO

1997

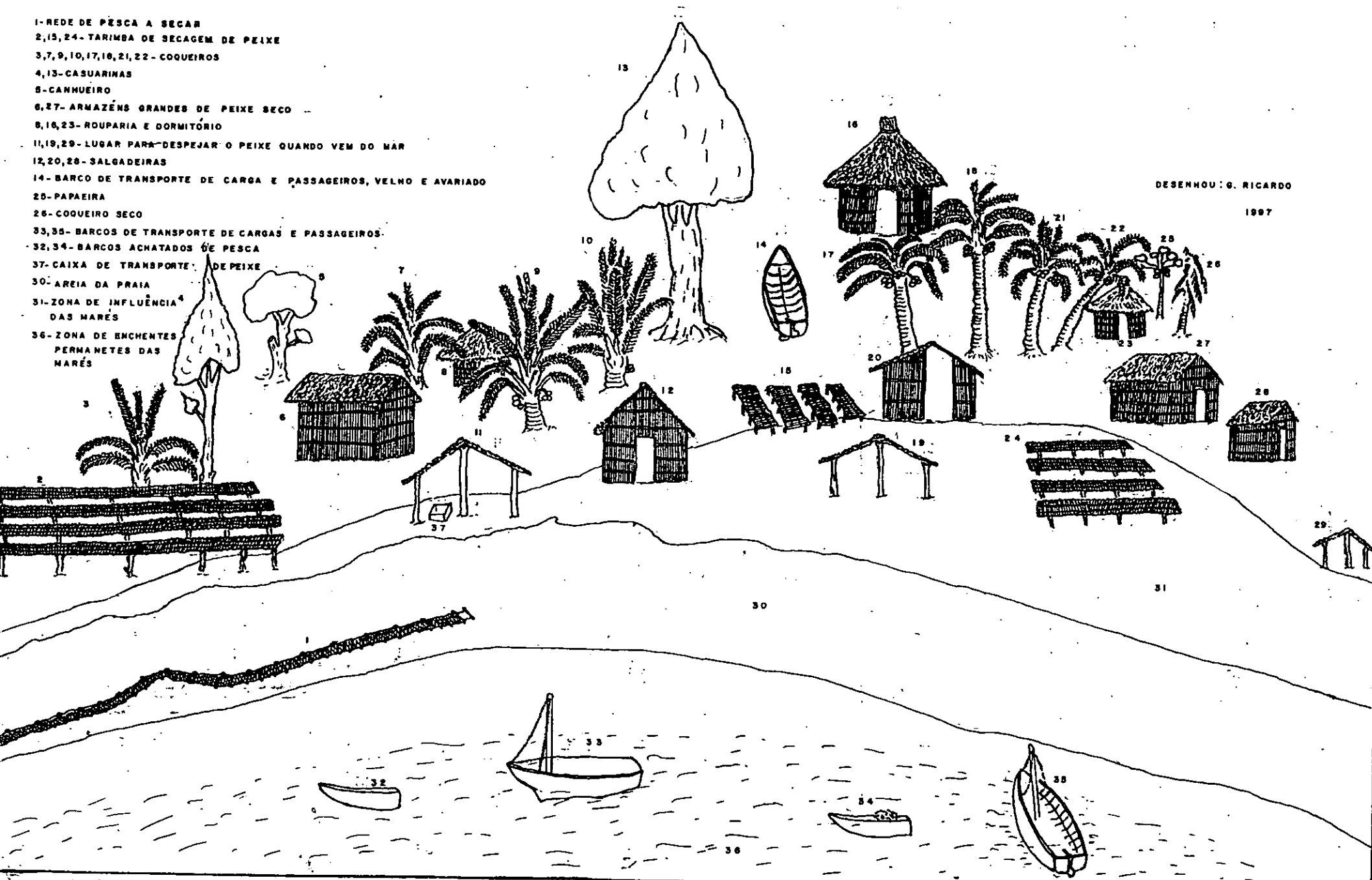
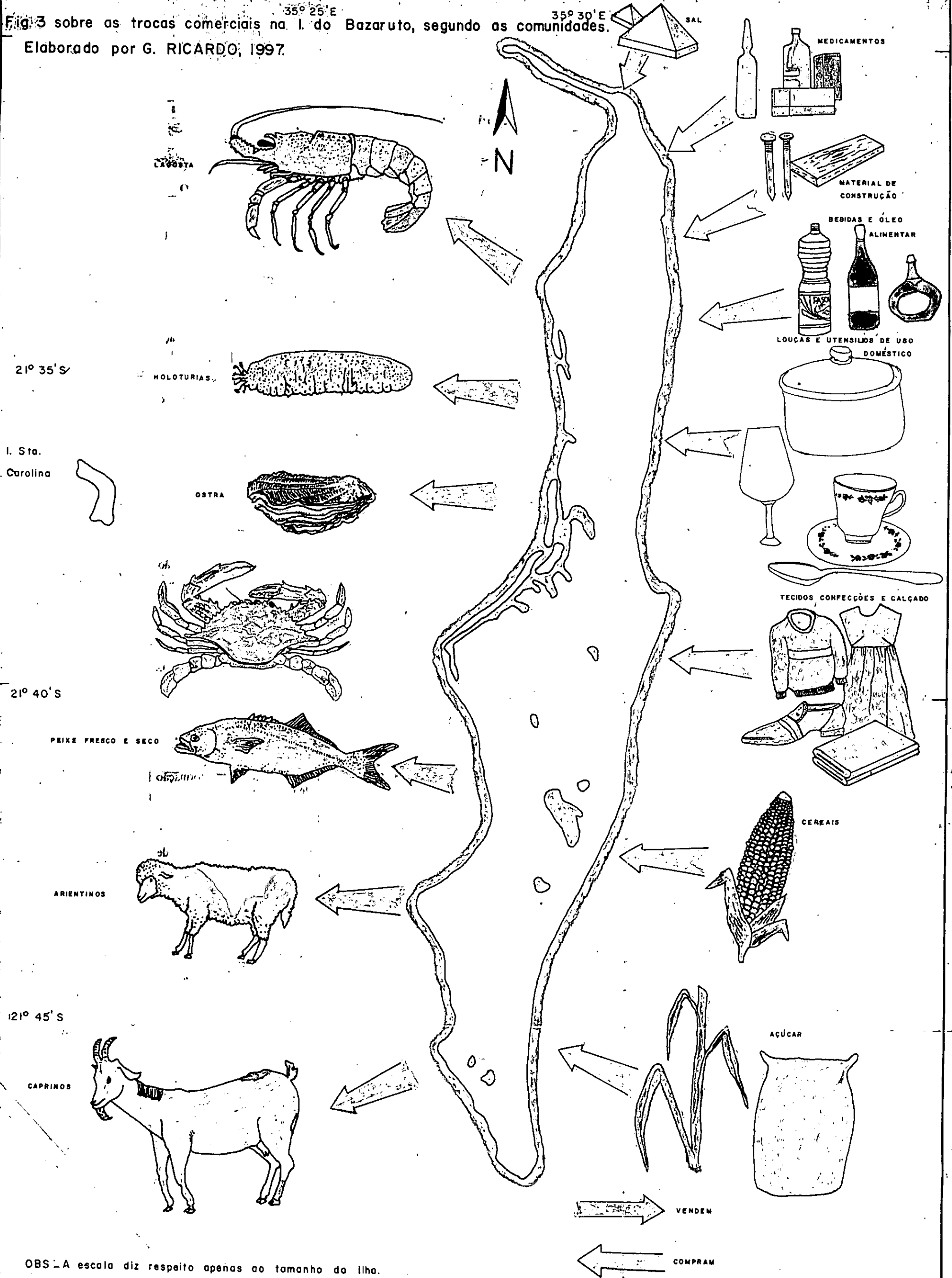


Fig. 3 sobre as trocas comerciais na I. do Bazaruto, segundo as comunidades.
Elaborado por G. RICARDO, 1997.



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - CURSO DE GEOGRAFIA

Elaborou: G. Ricardo

Desenhou: G. Ricardo

Escala 1/100000

Data: 1997

Tese de Licenciatura em Geografia

Assinatura:

Ricardo

ANEXO 3

ANEXO 3. SECÇÃO A _ Levantamentos GPS dos Povoamentos na Ilha do Bazaruto

Nome da zona Sitone	Nome do chefe da família	Coordenadas Geográficas de Localização de casas		Número De Casas	Distribuição de Pessoas por género na família		Filhos						Outros membros da família	Total	Galos	Galinhas	No. de esposas
							Próprios do chefe da família		Próprios do agreg. familiar		próprios da chefe feminina						
Apelido		Latitude	Longitude		H	M	H	M	H	M	H	M					
		21°34'056S	35°28'201E	2	4	2	0	0	3	1	0	0	0	6	3	4	1
		21°33'868S	35°27'836E	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1
		21°31'378S	35°28'835E	1	1	2			0	1			3	0		1	
		21°33'848S	35°27'856E	1	1	2	0	0	0	0	0	0	1 mulher	3	Pat4 2	13	1
				1	0	3	0	0	0	0	0	2	0	3	0	0	Solteira
		21°33'975S	35°28'025E	2	2	2	1	0	0	1	0	0	0	4	0	0	1
		21°33'738S	35°28'312E	2	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1
		21°33'836S	35°28'228E	1	1	2	0	0	0	1	0	0	0	3	0	0	1
		21°33'980S	35°27'900E	2	2	1	0	0	1	0	0	0	0	3	1	8	1
		21°34'597S	35°27'944E	2	4	3	0	0	3	1	0	0	0	6/1	0	0	2
				1	0	3	0	0	0	0	0	2	0	2/1	0	0	Solteira
		21°32'991S	35°28'390E	2	2	2	0	0	0	0	1	1	1 homem	4	2	6	Solteira
		21°32'360S	35°28'374E	6	4	9	0	0	3	7	0	0	1 mulher	13	Pat4	0	1
		21°33'843S	35°27'995E	3	4	4	0	0	3	3	0	0	0	8	1	7	1
		21°32'358S	35°28'375E	2	3	5	0	0	2	4	0	0	0	8	0	0	1
				1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1
		21°32'797S	35°28'378E	2	6	6	0	0	5	2	0	0	3 mulheres	12	1	4	1
		21°32'748S	35°28'407E	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	2	1	3	1
		21°33'155S	35°38'239E	7	5	8	0	0	2	3	0	0	3mul 2ho	13	0	0	2
				2	2	3	0	0	1	1	0	0	0	5	0	0	2
		21°32'330S	35°28'356E	3	4	5	0	0	3	4	0	0	0	9	2	4	1

ANEXO 3 SECÇÃO B

ANEXO 3 SECÇÃO B_ Explicação do Anexo 3 Secção A, dos Levantamentos GPS dos Povoamentos da Ilha do Bazaruto

1) Na 1ª coluna dos apelidos; destinou-se a verificar a correlação entre a fixação dos assentamentos humanos por linhagem familiar segundo o lugar.

2) A 2ª coluna, serviu para a identificação do chefe do agregado familiar.

3) A 3ª coluna, das coordenadas geográficas da localização das casas, foi concebida para a recolha das coordenadas geográficas sobre os assentamentos humanos mostrando a sua localização exacta no terreno e posterior emprego na elaboração dos mapas 3, 5, 8, 9 10 e 12.

4) A 4ª coluna do número de casas, destinou-se a apurar as estatísticas do número de casas por agregado familiar e o total de casas existentes na Ilha.

5) A 5ª coluna sobre a distribuição de pessoas por género na família serviu para fazer a repartição dos membros do agregado familiar por sexo na família e calcular o índice de masculinidade da Ilha.

6) Da 6ª a 9ª colunas e respectivas sub-divisões, sobre os filhos e outros membros do agregado familiar, destinaram-se a avaliar até que ponto os casais rurais e o sistema de autoridade e casamentos tradicional é afectado e lida com a filiação ilegítima contribuindo para a posse de famílias com um agregado familiar numeroso.

7) A 10ª coluna, do total dos membros do agregado familiar, destinou-se a apurar o número total dos componentes do agregado familiar para daqui se obter o total dos habitantes da Ilha.

8) A 11ª e 12ª colunas, foram concebidas para captar o número de aves domésticas por agregado familiar e empregos para a elaboração dos mapas 3 e 11 da dissertação.

9) A 13ª e última coluna, sobre o número de esposas no casal destinou-se a captar o fenómeno poliginia e o posterior tratamento estatístico destes dados bem como a avaliação da correlação entre e poliginia com a autoridade tradicional na Ilha.

ANEXO 4

ANEXO 4 _ LISTA DAS PESSOAS QUE PARTICIPARAM NA ELABORACAO DO MAPA Nº 9, DOS TERRITORIOS LINHAGEIROS NA ILHA DO BAZARUTO

I. Identificação dos participantes

EM SITONE

1. Apelido:	2. Nome:	3. Idade:	4. Profissão:
Nhadhave	Salvador Africano ¹ ;	56 anos	pescador
Nhadhave	Eugénio Africano;	28 anos	caçador submarino
Ngunha	Pedro Augusto;	23 anos	pescador
Dzivane	João Castigo;	23 anos	pescador
Nhadhave	Job Alberto Lucas;	19 anos	pescador
Dzivane	Daude Abdul;	45 anos	pescador
Nhadhave	Zacarias Salvador;	18 anos	pescador
Dzivane Nhassengo	Virgínia Gustavo	47 anos	camponesa
Dzivane Nhassengo	Anita Gustavo	43 anos	camponesa

EM ZENGUELEMA

Dzivane	Bilinga	61 anos	pescador e colector de mapalo
Dzivane Zingole	Armindo Cuhanha	35 anos	pescador
Dzivane Zingole	Santos Abdul	28 anos	fiscal faunístico
Dzivane Mudhico	Isabel Viagem	52 anos	camponesa
Dzivane Midhico	Nora Viagem	27 anos	camponesa
Massingue	Enera Lapião	33 anos	camponesa
Dzivane Mudhico	Albano Mananisse	58 anos	pescador e delegado da Capitania do porto em Bazaruto

5. Naturalidade: Ambos naturais da Ilha do Bazaruto

¹ Salvador Africano (Muthadho), casou-se com a Virgínia Gustavo Dzivane e a Anita Gustavo, ambas sobrinhas do falecido Manuesse. Gustavo, era irmão legítimo do Manuesse, o tal que é tido como o dono da cereia "Djondji". Antes da sua morte, Machula teria pedido ao Muriane para ficar com o Djondji, que foi entretanto entregue ao Manuesse. Muriane apareceu ao longo da entrevista e juntou-se ao grupo dos entrevistados.

ANEXO 5

ANEXO 5 SECÇÃO A _ UM EXEMPLAR DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NA ILHA DURANTE A PESQUISA.

GUIÃO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS AOS CURANDEIROS E CHEFES RELIGIOSOS NA ILHA DO BAZARUTO

Palavras chaves em Xithswa: "Mihandzo ya Misava"=Recursos Naturais;
"Titsomba ta misava"=Riquezas da Natureza.

Entrevistador: Gilberto Ricardo

Local da entrevista: Sede do Parque Nacional de Bazaruto, Sitone

Data: 26/07/1997

Hora: 17:13min.

Entrevista nº 03

I. Identificação do Entrevistado

1. Apelido: Mutondo
2. Nome: Fernando
3. Idade: 47 anos
4. Naturalidade: Bazaruto
5. Profissão: Pescador.
6. Desde quando vive na ilha? R: Desde pequeno, não sei que idade tinha. Quem sabe são os meus pais.

II. Dados sobre a actividade que exerce

7. Qual é a sua ocupação principal? R.: É a de pescador
8. Porquê considera tal ocupação de principal? R.: Porque ela é como se fosse a machamba e pode criar a família, mesmo amigos e parentes.
9. Quais são as outras ocupações que tem? R.: Criador de caprinos, líder da Igreja Zione, Adjunto chefe do Posto Administrativo de Bazaruto, tecelão das redes de pesca e carpinteiro naval.
10. A quanto tempo exerce esta actividade? R.: Desde 1964.
11. Que rendimentos lhe traz a sua ocupação principal? R.: O que eu fiz pela pesca foi construir um barco chato que o usei durante 8 anos. Mesmo agora, tenho outro barco e construí duas casas melhoradas. e criei cabritos á custa da pesca.
12. Qual é o objectivo da sua actividade? R.: O que eu faço tem como objectivo, apoiar a minha vida para que não sofra, e o mesmo para os meus filhos. Acho que isso rende-me muito no sentido de que, mesmo o governo tira proveito nisso porque a pesca ajuda muita coisa. O peixe que capturamos, vai ser vendido muito longe daqui, e serve como alimentação para outros cidadãos. E eles também usam-no para fazer os seus negócios. O que significa que não ajuda apenas a mim, mas também a muita gente.
13. Qual é a avaliação social que a comunidade dos ilhéus faz da sua actividade? R.: Posso dizer que essas pessoas todas, quando olham para o trabalho que desenvolvo, valorizam-no muito porque aqui no Bazaruto, muita gente beneficia-se da pesca. Quando aparecem pessoas aqui, há pouca gente endinheirada, e, quando chega alguém e oferecemos peixe para fazer o que acha, as outras pessoas que conosco trabalham, pagamos-lhes em peixe e isso permite-lhes que vendam o peixe e comprem comida rapidamente. Outras pessoas, vêm do continente para virem comprar peixe aqui, para irem revender. Isso demonstra que nós somos úteis devido a nossa actividade piscatória que desenvolvemos.

14. Como aprendeu essa activiade? R.: Aprendi com o meu pai, quando pequeno. Ele, ensinou-me a puxar a rede de pesca, puxando a corda, e eu, ia vendo, do meu pai a lançar a rede com os trabalhadores. Eu assim ia fixando como se faz esse tipo de trabalho. Quando atingi a idade, meu pai ensinou-me a remar o barco e a lançar a rede até chegar ao ponto de, pessoalmente ser capaz de lançar a rede. Assim que estive apto, ensinei aos meus filhos e aos meu irmãos.
15. Como líder religioso da comunidade Zione, vocês fazem professias e curam doenças é ou não verdade? R.: Na nossa congregação Zione, não somos curandeiros. Mas algumas pessoas, curam doenças. Por regra, o que funciona na Igreja é a oração. Curar alguém faz-se com o uso da água simples e não é preciso sacrificar animais. Pode-se usar a água para dar banho ou beber a fim de tirar algo que tenha sido dado a comer quando tal comida estava envenenada.
16. Usa algumas plantas medicinais para dêr o paciente a beber se estiver doente? R.: Nós não usamos isso porque é proibido pela lei da bíblia Não se usa nenhuma planta (droga) medicinal na lei bíblica. O que está escrito é: salve as pessoas com água e oração. Então, todas as pessoas que estiverem na igreja, devem inclinar e orar pelo paciente e, se for possível, salvá-la.
17. Além de abençoar e orar pela pessoa quando estiver doente, o que mais é que fazem na vossa congregação religiosa? R.: Por mais que a pessoa não tenha problemas ou doença, se vier com preocupações na cabeça ou na alma, por regra, nós os ziones, fazemos ajoelhar a pessoa no meio dos crentes e oradores, e, cada um destes ora pela pessoa, fala e pede a ajuda de Deus, para essa pessoa.
18. Quem debela as calamidades naturais (pragas de gafanhotos, guerras e outras? R.: De facto existe quem oficia essas cerimónias e mesmo os que empossavam os chefes tradicionais e os régulos no tempo colonial, conhecem onde "phattham". Mesmo com os actuais chefes da Frelimo, ajoelhamos e falamos de muita coisa, tais como colectas e contribuições que não correm bem na terra. Fazem isso para dizerem aos antepassados e não aos espíritos sagrados da igreja.
19. Se uma pessoa vai lançar a sua rede de pesca, não convida o curandeiro a fazer um tratamento para que tenha sorte na pescaria? R.: Posso dizer que para nós os pescadores, cada um de nós confia no seu curandeiro. É a este a que vai dizer que já tenho a minha rede de pesca e quero começar a trabalhar. Então, o curandeiro, indica-lhe que traga a contribuição tal e a tua rede para introduzir a droga e " phattha" aos espírito dos entes passados e vais pagar tanto em dinheiro. Assim, o curandeiro pode recomendar que a 1ª pescaria não ponha sal nem piri-piri, dê a quaisquer pessoas para comerem e nunca ponha à venda esse peixe. Mas isso é individual, nem são todos os pescadores que procedem desta maneira.
20. Quem faz o empossamento dos chefes tradicionais? E, se vocês também tomam parte? R.: São os curandeiros que empossam os chefes da A.T. são os curandeiros quem sabem como se procede para que um chefe da A.T. possa exercer as suas funções, ser respeitado, e protegê-lo contra os forças do feitiço, fazem lhes o "ndzilane" não são os religiosos que officiam essas práticas.

III História do povoamento da Ilha

21. Donde vieram os habitantes da Ilha? R.: Aqui, os primeiros habitantes da ilha foram os Dzivanés.
22. Donde vieram os membros da linhagem Dzivane, para vir habitar a Ilha? R.: Vieram de Dzivini.
23. Onde é Dzivini? R.: Dzivini é um lugar que fica no continente perto de Mabote. Vinham desse lugar fugindio à guerra de Ngungunhane. Foram os primeiros habitantes da ilha; não havia ninguém na ilha a habitá-la. Reproduziram-se entre eles (membros da mesma linhagem) e, com vergonha de que tinham violado o tabu e praticado o incesto, e como forma de justificar os casamentos entre a linhagem, disseram que este é filho daqui do USHURUTSUA e não diziam que é filho da linhagem tal, porque eram filhos gerados entre irmãos.

24. O que é que significa USHURUTSUA? R.: Mushurutsua, quer dizer pessoa que vive aqui nesta terra de XIRUHUDZU porque aqui é uma cordilheira; é filho de Xirutsua. Mas Ushurutsua é o mesmo que Bazaruto? R.: Sim, os Portugueses é que deram o nome de Bazaruto à ilha por não conseguirem ou ter dificuldades de pronunciar a palavra Ushurutsua. Mas, por regra tradicional, esta ilha é Ushurutsua.
25. Em que ano é que pensa que eles fixaram-se na Ilha? Nos relatos que ouvi dos meus avôs, dado que ninguém sabia lêr nem escrever, aqui nunca houve escola nem igreja. A primeira escola foi construída em 1975, quando a Frelimo entrou. Então, os tetra, tri e bisa-avôs, não sabiam ler nem escrever datas. Não tinham nada a vêr com isso. Por isso, não se sabe em que ano foi. Só se sabe que foi no período das Guerras Ngunes. (de Ngungunhane).
26. Mas o sr. sabe que antes da chegada dos Portugueses aqui na Ilha haviam os asiáticos vindos do Golfo Pérsico? R.: Sim, isso sabemos, mas antes da chegada desses, haviam os nativos; os Dzivanes. Portanto, só após a chegada dos Portugueses aqui na Ilha, é que começaram a registar as datas. Não havia interesse nisso.
27. Como é que os Dzivane assumiram a hegemonia político-social na Ilha? R.: Os Dzivane assumiram a hegemonia político-social da Ilha porque são os donos da terra, os primeiros e que conhecem a tradição desta Ilha e não há outros. Havia um lugar onde eles iam ficar a fazerem as suas cerimónias tradicionais "ku phattha". Esta terra toda, a riqueza que se produzia nesta Ilha é conhecida por eles. Antigamente, era tabu ver um animal a fugir e ficar admirado e dizer é um animal aquele! Era tabu, mesmo um pássaro se o visses andando na praia e falar ou gritar para ele; ou se fizesses um acampamento e aparecesse um pássaro e viesse comer algo no seu prato, não devias mandá-lo embora, era proibido. Só os Dzivanes é que conheciam essas segredos porque mesmo os animais marinhos chamados Djondjis, não residiam no mar apenas, mas também em terra firme. Estes animais, começaram a fugir quando viram pessoas e começaram a ver o fogo, e viram que aqui na terra já não dá para viver. Foi assim que começaram a ficar na água. Mas, quando anoitecesse, ouviam-se batuques a tocar sozinhos na água. Então, os Dzivanes já sabiam que bastava estar um céu nublado, e começava a escurecer, tinham que tocar o batuque também e haviam vozes a cantar aqui na água. Aqui mesmo em Sitone, havia sítios desses. A pessoa parava fora da água e podia pescar enquanto estava apenas parado em cima das pedras. Os Dzivanes sabiam que assim que algo estivesse anormal, era preciso contribuir com colheitas, dinheiro, bens e fazer cerimónias. O Lugar sagrado onde se fazia a missa tradicional, fica lá na Ponta Khanyala (Ponta Ganhala). Quem fazia a missa tradicional era Machula. Ele entregava essas oferendas aos antepassados para aplacarem as suas iras.

IV. Estudos Antropológicos _ dos sistemas de casamento

28. Qual é o sistema de matrimónios prevalescente; patrilinear ou matrilinear? R.: A mulher é quem vai ficar em casa do marido.
29. Quando é que um rapaz geralmente procura uma rapariga para constituir família? (com que idade)? R.: Dizemos que o rapaz quando tiver 18 anos de idade já é altura de casar.
30. A rapariga, quando é que é considerada apta para o casamento? R.: A rapariga, por mais que atinja a puberdade, é preciso que tenha 18 anos pelo menos; só assim é que está apta para o lar.
31. Considerando que o(a) rapaz/rapariga está pronto(a) para se casar, o que é que se faz? Descreva o procedimento? R.: Assim que o rapaz estiver apto, ele informa os pais que; que gostou da filha do fulano, do lugar tal, então queria casar-se. O pai, se achar que o filho não está preparado para se casar, pode dizer que olha filho; já que tu queres, podes ir lobolar a tal mulher, e vai ficando aqui em casa enquanto cresces e ela também. Então, os pais do rapaz mandam uma delegação para a casa dos pais da rapariga para irem conquistar a moça. Se os pais da rapariga aceitarem, os pais do rapaz começam então a organizar o leque dos artigos

- exigidos pelos pais da rapariga. Quando tudo estiver acertado,, o rapaz sai e vai conhecer a casa dos seus futuros sogros. A rapariga também procede da mesma forma. Quando a moça regressa da sua futura sograria, as partes começam a preparar o lobolo.
32. O que é necessário então para o lobolo? R.: Primeiro é preciso um dinheiro no acto da conquista que são 15.000,00 Mts. e 05 litros de vinho da palmeira brava "utchema"; uma garrafa de aguardente "nipa", rapé e capulana isso é o que leva a comitiva que vai conquistar a rapariga. Posteriormente, vem esperar pela lista das exigências para o lobolo. No próprio acto do lobolo, são necessários: 20 litros de vinho da palmeira brava "utchema", uma capulana grande "mukhume", uma esteira, um litro de aguardente "nipa", Uma senhora para levar ao colo as bebidas e o dinheiro. Preparada que estiver a comitiva, ela arranca para a sograria (casa dos pais da rapariga). Quando lá chegam, não entram dentro do quintal da casa e ficam cá fora, mas informam da sua chegada e aguardando por uma autorização de entrada. Logo que forem recebidos, indicam lhes a casa onde vão ficar. Logo no início do processo do lobolo, tiram o dinheiro para alugar a casa, e igual procedimento se aplica para a esteira. Após terem estendido a esteira, a comitiva dispõe todas as coisas constantes da lista das exigências já antes remetida a outra parte para o lobolo. Quando toda a família da rapariga nomeada para tomar parte do processo do lobolo estiver reunida naquela palhota, a outra parte desmacha o trouxa e coloca tudo na esteira confere-se e entrega-se à família da rapariga. Depois disso, os familiares da rapariga dizem que está tudo bem, já vimos e daqui em diante, falta isto ou aquilo para completar o processo. Se os familiares do rapaz tiverem mais dinheiro, podem tirar e entregar. Se não o tiverem, estes emissários ficam de ir informar aos pais do rapaz que lhes mandou dizendo que regressamos, mas falta dinheiro de tanto. Quando tiver arranjado o resto do dinheiro em falta, devem dar a conhecer a outra parte, quando é que vão entregar as coisas em falta. Chegado esse dia, levam apenas o dinheiro em falta e um bule (um litro de aguardente) e vão completar o processo.
33. O que é valorizam mais aqui na Ilha; o lobolo ou o casamento civil? R.: Aqui, por tradição, o que recebe mais importância porque Bazaruto ainda não evoluiu tanto, dizem que queremos "MAFA" que em Xitsua é "MAHALABHA".
34. Mas o que é "MAFA Ou Mahalabha"? R.: Aí, eles querem um bode castrado, um garrafão de bebida, "mukhume" com renda, um fato para o pai (calça, camisa, e casaco), um prato, uma faca, e um copo. Se nessa casa houver tias, e crianças, cada qual deve ter uma peça de vestuário. As tias devem receber lenços de cabeça. O vosso bode, são os familiares do rapaz que vão matar, cozinhar e, quando tudo estiver pronto, vão entregar tudo à família da rapariga. Isso significa que é o casamento tradicional. Se o genro tiver cumprido tudo isso, então, volta para casa e a esposa que é a filha deles, apanha grávida. Se tiver concebido então, convidam o genro a lobolar.
35. Porquê é que usam o bode castrado nas cerimónias do Mafa? Vocês os criadores de cabritos, costumam castrar os bodes para esse efeito? R.: Sim, os bodes ficam já preparados e existem alguns específicos para esse fim porque prevalece essa tradição. Não deve ir uma cabra que ainda não teve crias, e só pode ser uma cabra que já terminou a reprodução ou um bode castrado porque esse é macho e fêmea simultaneamente. O que quer dizer que é o homem e a mulher que vão fazer "mahalabha" deles os dois.
36. Há alguns casos de casamentos entre familiares directos ex: (irmãos, primos, sobrinhos ou pessoas da mesma linhagem? R.: Isso pode acontecer se for filho do meu filho. Se este tiver uma filha, então, essa filha pode vir a casar-se comigo que sou bisavô. Isso significa que entre pessoas da mesma linhagem, mas da 2ª geração, não há tabu e podem casar-se. São todos Mutondos mas isso é permitido. Mas já não acontece que você vá casar-se por exemplo com uma irmã, ou sobrinha directa, isso já é tabu, é insulto.
37. Os filhos surgidos desse matrimónio vão adoptar o apelido da mãe ou do pai? R.: Usam o apelido do pai.
38. A criança, após o nascimento, cumprem alguma formalidade (é baptizada, é registada, faz-se

algum ritual? Se sim, que ritual?) com que idade se cumpre tal ritual? R.: Quando o bebê nasce as anciãs explicam à mãe do bebê que quando ela se manifesta desta ou daquela maneira, tem um problema X. Se o seu marido sair, (for manter um acto íntimo fora com outra mulher), a mãe, não deve permitir que o marido toque no bebê. Se o seu marido quiser manter um acto sexual com ela, isso só deve acontecer apenas se o bebê tiver um ano e meio. Isso é ensinado tanto ao rapaz como a rapariga.

39. O que é que fazem antes de cair o umbigo? R.: Todos os dias, põem "unama" e um pouco de areia para que a ferida cure depressa. No dia em que cai o umbigo, tiram toda a cinza que existia onde a mãe do bebê dormia, juntam com 2 pedaços do umbigo e vão deitar num canhueiro. Aí, o bebê pode sair da casa para vir ficar com outras crianças. Mas, mesmo assim, não deve movimentar-se por muito longe nem deve ser levada ao colo.

a) Relações de parentesco

40. Quem é o membro da família? R.: Família é a pessoa com quem convivo. É aquela pessoa que sabe que por mais que eu esteja nestas ou naquelas circunstâncias, difíceis virão visitar-me, aquele que me vem ajudar em momentos difíceis, é família esse. Por mais que não me ajude, mas seja dos Mutondos, é família essa pessoa.
41. Que tipo de organização (sistema de partilha de alojamento, trabalho, alimentação) existe numa família? R.: Entre nós os familiares, se alguém tiver problemas ou preocupações, avisamo-nos. Se tiver falta de algo, os outros apoiam-no. Empréstamo-nos coisas; oferecemos algo a um necessitado. Isso é sinal de boa convivência entre a família.
42. Quais são as linhagens que vivem aqui? R.: A maioria são os Dzivanés. Encontramos também os Mufumes, Os Mutondos, os Mahandanes, os Nhadhaves, os Bhuyenis; estes dois últimas, são oriundos de Mambone, mas estão há muito tempo aqui. Temos ainda os Vilanculos e os Mbanzes; estes últimos vieram fixar-se aqui
43. Que tipo de relações existem entre linhagens (de subordinação, de aliança, de competição, de querelas e suspeitas?) R.: Se vemos as outras linhagens, encarámo-las como irmãs, Porque somos todos carne única e filhos de Deus. A única diferença é dos corações. Mas, se alguém doutra linhagem apresentar uma preocupação, posso ajudá-lo, se tiver possibilidades. Mesmo ele, pode me ajudar por ser dos Mutondos.
44. Onde é que o novo casal vai viver após o lobolo? R.: Um rapaz, após o lobolo, não pode separar-se rapidamente da casa dos pais porque tanto o marido como os sogros, não conhecem a vida da nora. Por isso, ficam em casa dos pais do rapaz para poder aprender tudo sobre como edificar o lar. Depois de ver que eles estão suficientemente aptos, se for o filho primogénito, já pode ir construir a sua casa ao lado do pai. Mas mesmo assim, a nora ainda continua em casa dos sogros. Então, o meu filho diz: pai, quero ter a minha casa em separado porque sou grande, mas, se for uma vida de como eu penso, em 1º lugar, vou perguntar-lhe o que é que faz com que você queira ter um lar teu? Se me explicar e convencer-me, talvez lhe compreenda. Mas o prazo que eu fixo é de 5 a 6 anos.
45. Isso de ficar com os vossos filhos casados é para quê? R.: Isso é para que mesmo amanhã se o pai do rapaz tiver falecido este (rapaz) saberá cuidar dos outros irmãos e demais familiares porque aqui em casa ele verá que vive e partilha a vida dele com os outros. Saberá receber os hóspedes e perdoar os outros quando lhe ofendam e não expulsará qualquer criança que cometa um erro por mais grave que seja.

b) Mitologia e rituais

46. Quais são os ritos e tabus que vocês os residentes da Ilha observam? R.: Os rituais e tabus que observamos são: Nos nossos acampamentos de pesca, se capturarmos peixe, é preciso

ANEXO 6

campanha agrícola? _____
86. Que técnicas novas introduziu no seu trabalho e o que é que as mesmas vizam melhorar? _____

d) Assentamentos humanos

87. De que tipo de material é feita a sua casa? _____
88. Onde vem esse material (daqui da ilha ou do continente)? _____
89. A sua casa tem janelas? Se sim, quantas? _____
90. A sua casa tem alguma divisão? Se sim, quantas divisões tem? _____
91. Quantas pessoas dormem nela? _____
92. A sua casa está construída perto de sua família? Se sim, qual é o grau de parentesco existente entre você e esse familiar? _____
93. Porquê construiu a sua casa perto da família? _____
94. Quem faz a construção das casas? Os homens ou as mulheres? _____
95. Os fulanos (nome do apelido) constroem as suas habitações juntas umas às outras aqui na Ilha? _____

e) Na recollecção

96. O que é que recolhe (mapalo, ameijoas, holotúrias, plantas silvestres, conchas)? _____
97. Quem na família faz a recolha? _____
98. Quem faz a recollecção do mapalo os homens ou as mulheres? _____
99. Em que período do dia e época do ano é feita a recolha? _____
100. Pratica a apicultura? Se sim, qual é o benefício que lhe traz? _____
101. Se não pratica a apicultura, e descobre uma colmeia na toca de uma árvore, costuma tirar o mel?
Se
sim, qual é o procedimento que aplica? _____
102. Que nomes dão as diversas plantas que aqui na Ilha se encontram? Quais são os seus fins? _____
103. Quais são as plantas medicinais que conhece, e para que doenças se aplicam? _____
104. Onde vai buscar a lenha que usa para cozinhar, aquecer-se e outros fins? _____

f) Zonagem do território

105. A agricultura, pecuária, recollecção são feitas no mesmo lugar? _____
106. Se não, onde é feita a apanha da lenha, estacas para a construção, juncos, capim etc.)? _____

VI _ Sobre as fontes de rendimento

a) Comércio

107. O que é que vocês residentes da Ilha vendem para o continente? _____
108. O que é que compram no continente para a Ilha? _____

b) Outras

109. Quais são as fontes de subsistência e de rendimento que usam aqui na Ilha? _____
110. Quanto rende por ano em maticais na:
a) Agricultura? _____ b) Pesca? _____
c) Recollecção de fruto silvestres? _____
d) Recollecção de Plantas medicinais? _____
e) Recollecção de conchas? _____
f) Outras actividades produtivas? _____

VII _ Sobre a autoridades tradicionais

111. Quem atribuiu-lhe a parcela de terra em que construiu a sua casa e fez a sua machamba? E, se foram os seus pais, quem lhes deu essa mesma parcela? _____
112. O que é a autoridade tradicional? _____
113. Quem são as linhagens dominantes isto é ligadas à autoridade tradicionais aqui da Ilha? _____
114. Qual é o peso que têm os chefes tradicionais aqui na Ilha? _____
115. Quem exerce a autoridade tradicional aqui na Ilha; o GD ou os ex-régulos e ou outros chefes tradicionais? _____
116. O que é que você mais prefere; a autoridade tradicional ou o GD? _____
117. Se a autoridade tradicional já não existe, gostaria que fosse restabelecida? Porque sim? e porquê não? _____
118. Como deve ser identificada a autoridade tradicional? _____
119. Que papel teve a A.T. no passado, hoje, e que papel deverá ter no futuro? Como deve ser e porquê? _____
120. Qual deve ser a área de actuação da A.T. (Geográfica e sectorial)? _____
121. Como deverá ser a inserção da A.T. na administração do Estado e, se ainda (i) usará distitivos (ii) como serão adquiridos (oferta ou compra?) (iii) remunerações? Se sim, quem pagará? serão iguais para todos?) _____

VIII _ Participação comunitária na tomada de decisões

121. Que tipo de articulação gostaria de desenvolver com a A.T. de modo a tornar a vida mais activa na sua comunidade? _____
122. Como residente da Ilha, dé exemplos da sua contribuição para a conservação dos recursos naturais? _____
123. Como tem sido o processo de educação ambiental? _____
124. Acha que compreende o programa de uso sustentável dos Recursos Naturais? _____
125. Em que medida a necessidade de uso sustentável dos Recursos Naturais beneficia ou prejudica a prática de suas necessidades? _____
126. Quais são os exemplos de mau uso dos Recursos Naturais que conhece? _____
127. Que benefícios encontra no uso sustentável dos Recursos Naturais? _____

Terminado e muito agradecido

15) A d) do grupo V, perguntas (87 a 95), sobre os assentamentos humanos, pretendeu avaliar até que ponto os ilhéus encontram as soluções para a construção das suas habitações nos ecossistemas locais (recursos naturais florestais) e como estruturam o padrão dos assentamentos humanos no quadro do sistema da autoridade tradicional.

16) A e) do grupo V, perguntas (96 a 104), sobre a recollecção de (mapalo, ameijoas, holotúrias, plantas silvestres _ medicinais, lenha, conchas) e a apicultura; pretendeu colher dados sobre como contribui para a criação e aumento das receitas económicas dos ilhéus.

17) A f) do grupo V, perguntas (105 a 106), sobre a zonagem, pretendeu colher, o como os ilhéus e suas chefias possuem a noção empírica da zonagem do espaço Geográfico da Ilha.

18) O grupo VI, perguntas (107 a 110), sobre as fontes de rendimento, pretendeu colher dados das formas de que os ilhéus se valem para captarem receitas para a sua própria subsistência.

19) O grupo VII, perguntas (111 a 121), sobre a autoridade tradicional, pretendeu captar a impressão dos ilhéus, sobre a situação da autoridade tradicional, as suas funções no seio comunitário, a sua área jurisdicional, o sentimento dos ilhéus em relação à autoridade tradicional e a comparação que estabelecem entre esta e os GD^s; e o que gostariam de ver feito à autoridade tradicional para que esta fosse mais valorizada actualmente.

20) O Grupo VIII, perguntas (121 a 127), sobre a participação comunitária na utilização dos recursos naturais pretendeu colher as impressões dos ilhéus sobre o grau do seu cometimento individual, na gestão e utilização sustentável dos recursos naturais na Ilha.

21) O conjunto da informação obtida pelas entrevistas foi: i) incorporada no corpo do texto principal; ii) usada para a feitura de alguns mapas e figuras; iii) transformada em factores e variáveis para posterior processamento pelo computador no programa estatístico "EXECUSTAT STUDENT EDITION" e obtenção de correlações explicativas.

ANEXO 5 SECÇÃO C _ EXPLICAÇÃO SOBRE OS OBJECTIVOS DO CONTEÚDO DO GUIÃO DE ENTREVISTAS USADO PARA A PESQUISA.

- 1) **I. Identificação do Entrevistado:** pretendeu-se com este tópico colher um pequeno historial biográfico do entrevistado.
- 2) As palavras chaves escritas em Xithswa: "**Mihandzo ya Misava**" =Recursos Naturais; "**Titsomba ta misava**" = Riquezas da Natureza. no cabeçário destinam-se a servir de referência à designação na língua local.
- 3) O grupo II; perguntas (7 a 13) da actividade ocupacional, destina se a captar a ocupação do entrevistado e a apreciação comunitária da população sobre essa ocupação.
- 4) A pergunta 13, destina-se a captar até que ponto os ilhéus têm um profissionalização socializada localmente adquirida por empirismo ou ditada pelo próprio meio.
- 5) As perguntas (14 a 18) têm em vista captar o quão os curandeiros usam os recursos naturais localmente obtidos para tratar e curar muitas doenças.
- 6) As perguntas de (19 a 21), destinam-se a mostrar que os curandeiros não só têm uma função de destaque no quadro do sistema da autoridade tradicional; como também estão intimamente ligados a ele.
- 7) As perguntas (22 a 25) pretendem captar as origens históricas das linhagens que habitam actualmente a Ilha e como assumiram o poder ou hegemonia política na Ilha.
- 8) O grupo IV, perguntas (26 a 38 e 51), destinam-se a captar como está organizada a estrutura de base da autoridade tradicional (família), através das alianças matrimoniais, e como, quando elas ocorrem entre as linhagens familiares e a influência que elas infundem no padrão dos assentamentos humanos.
- 9) A a) do grupo IV, perguntas (39 a 44), pretendem captar as relações intra-linhageiras e que influência tinham essas relações no quadro da autoridade tradicional.
- 10) A b) do grupo IV, perguntas (40 a 50), baseadas no pressuposto de que a autoridade tradicional e a vida costeira, particularmente a Ilha do Bazaruto se rodeiam de mitos, e rituais, pretendia-se captar até que ponto se observam e operam essas práticas quotidianas dos ilhéus.
- 11) O grupo V, perguntas (52 a 58), pretendeu captar o conceito empírico de recurso natural pelos ilhéus e como os usam para a sua subsistência quotidiana.
- 12) A a) do grupo V, perguntas (59 a 66), pretendeu avaliar as relações de género nas pescas, base da actividade económica social dos ilhéus e a gestão das pescas incluindo as receitas obtidas pelos ilhéus.
- 13) A b) do grupo V, perguntas (67 a 70), sobre a pecuária, pretendeu captar até que ponto a pecuária está intimamente ligada ao sistema patrilinear de casamentos, e, se os arietinos e caprinos entram no sistema de lobolo e qual o papel da pecuária nas relações de género.
- 14) A c) do grupo V, perguntas (71 a 86), sobre a agricultura, pretendeu analisar as relações de género na agricultura, avaliar o contributo da agricultura na dieta alimentar dos ilhéus, as limitações edáficas dos recursos pedológicos da Ilha para a prática da agricultura.

água.

52. Também dizem que, os criadores de caprinos e arientinos, se alguém comprá-los para revenda, tendo em vista a obtenção de lucros, pode acontecer que esses animais morram sem se reproduzirem ou sem produzir lucros para a pessoa que os comprou; isso acontece? R.: Bem, não são muitos aqui em Bazaruto os que têm esse tipo de coisas. Isso acontecia com uma pessoa, há tempos. Um deles, estava em Pangaia. Antigamente, quando utilizavam muito a tradição. Quando fossem pegar num animal para lhe vender, de facto vendiam-lhe a pele apenas. O verdadeiro animal tinha ficado no cural. Isso não era feito como norma, era alguém que foi arranjar drogas a outrem, para aldrabar os outros. A pessoa, que fazia isso era daqui do Bazaruto Lodge.¹

c) Matrimónios

53. Os Fulanfós (Mutondos,) costumam contrair algum matrimónio preferencial com os beltranos de (algum apelido)? R.: Nós os Mutondos, casamo-nos com os Dzivanés, com os, Nhadhaves, os Mangas. Somente os Vilankulo é que não nos casamos com eles porque temos alguma ligação familiar com eles da parte materna. Mas, mesmo assim, casamo-nos com eles já que não seguimos á risca as normas da tradição. Mas, os mais velhos, de antigamente, como eu por exemplo que nasci e tenho a minha mãe, então, quando eu tiver filho, este devia casar-se na família dos avós maternos do pai. Para que a familiaridade não desapareça. Portanto, tinha que se casar com a tia do pai. Mas agora, as pessoas casam-se em qualquer que for a linhagem, mas por regra tradicional, isso não devia ser assim.

V. Dados sobre o uso dos Recursos Naturais e relações de género

54. O que entende por Recurso Natural (R.N.)? R.: Posso dizer que os recursos naturais são todas as coisas que nos criam a nós porque os R.N. produzem coisas que germinam e produzem coisas vivas e móveis; tudo isso são R.N. Depois, podemos dizer que todos os recursos que fazem com que a pessoa viva, provêm da terra. Por exemplo, milho, banana, feijão, coqueiro, tangerina, e outras coisas por aí fora. Tudo isso germina. Tudo aquilo que germina floresce e dá fruto é R.N. Tanto no mar também há coisas que germinam.
55. Quais são os Recursos Naturais que conhece? R.: Os recursos naturais que devem dar subsistência das pessoas são os que germinam aqui em Bazaruto a saber: a palmeira brava, os tamarindeiros "titchindzo", "dhokomela", "tsove", jambalau "khuiri", "marreru", "tindzikitima", "hlapzua", massala. Essas, são as primeiras coisas que salvaram as pessoas aqui em Bazaruto. Apenas viviamos de coisas não semeadas pelo homem. Viviamos como animais selvagens. No tempo dos nossos avós, não se comia papa de farinha de milho. Por exemplo, se fossemos à pesca, e com o vinho da palmeira brava " Utchema", porque a palmeira brava é que produzia o vinho bravo, comíamos o peixe e bebíamos o vinho, comíamos "makoma" e "marreru". Ainda não tínhamos começado a plantar a batata-doce.
56. Tem noção de que esses Recursos Naturais se esgotam? R.:Esses R.N. criados por Deus, parecem acabar, mas não acabam porque chega uma fase que parecem terminar a reprodução mas nessa altura, nascem outros. Só aqueles semeados pelo homem é que acabam. Esses R.N. nunca acabarão enquanto as pessoas estiverem vivas na terra.
57. Como classifica os Recursos Naturais? R.: Os R.N. classificam-se em terrestres e marinhos

¹ Uma confirmação deste facto, o de morrerem os animais comprados para revenda, foi feita por um sr. chamado Silemane, que costuma ir comprar caprinos e arientinos na Ilha do Bazaruto, para revendê-los no mercado de Xiphananine em Maputo. Este informante confirma que: "os cabritos ou arientinos, morrem todos na outra margem da Baía, se o comprador recusar-se ou discutir o preço que o criador tiver estipulado logo no início".

ANEXO 7

Anexo 7 Avifauna do Arquipélago do Bazaruto

1 = Santa Carolina	5 = Bague
2 = Bazaruto	x = Ocorrência
3 = Benuerua	o = Procriação
4 = Magaruque	+ = Oceânico

	1	2	3	4	5
LARIDADE					
Larus cirrocephalus Greyheaded Gull/gaivota de cabeça cinzenta	x	x	x	x	x
Hydroprogne caspia Caspian Tern/Gaivota maior			x	x	
Sterna bergii swift Tern	x	x	x		
Sterna bengalensis lesser Crested Tern	x	x	x		
Sterna sandvicensis Sandwick Tern/Garajao			x		
Sterna hirundo Common Tern/Andorinha do mar comum	x	x	x		
Sterna dougallii Roseate Tern			x		
Sterna anaethetus Bridled tern			x		
Sterna albifrons little Tern/Churreca			x	x	
COLUMBRIDAE					
Streptopelia semitorquata Redeyed Dove/Rola preta	x	x	x	x	
Streptopelia capicola Cape Turtle Dove /Rola do colar	x	x	x	x	
Streptopelia senegalensis Laughing Dove /Rola do Senegal			x	x	
Turtur chalcospilos Greenspotted Dove/Rola esmeraldina			x	x	x
Treron calva Green Pigeon/pombo verde			x	o	x
CUCULIDADE					
Chrysococcyx Klaas's Cuckoo/Cuco bronzeado menor			x	x	
Chrysococcyx caprius Diederik Cuckoo/Cuco bronzeado menor			o	x	x
Centropus superciliosus Burchell's Coucal/ Cuco de Burchell	x	x	x	x	
Ceuthmochares aereus Green Coucal/Cuco verde			x	x	x
TYTONIDADE					
Tyto alba Barnowl	x	x	x		
STRIGIDAE					
Scotopelia peli Pel's Fishing Owl/Corunjao pesqueiro					x
CAPRIMULGIDAE					
Caprimulgus pectoralis Fierynecked Nightjar/Noitibo de pescoco dourado			x	x	
Caprimulgus fossil Mozambique Nightjar/Noitibo de Welwisch			x	x	x
APODODAE					
Apus affinis Little Swift/Guincho pequeno			x		
COLIIDAE					
Colius indicus Redfaced Mouseberd/Rabo de junco de face vermelha			x	x	x
Colius stritus Speckled mouse bird			x		
ALCENIDIDAE					
Ceryle rudis Pied Kingfisher/Pica peixe malhado	x	x	x	x	
Ispidina picta Pygmy kingfisher	x	x	x	x	
MEROPIDAE					
Merops superciliosus Olive bee eater/Abelharouca olivaceo	x	o	.o	x	
Merops percus Blue cheeked bee eater/abelharouca persa					x
Merops pusillus Little Bee eater				x	
CORACIIDAE					
Coracias caudatas Lilasbreasted Roller/Roleiro de peito lilas			x	x	x
UPUPIDAE					
Upupa epops hoopoe/Poupa			x	x	x
BUCEROTIDAE					
Tockus alboterminatus Crowned Hornbill/Bico de serra castanho	x	x	x	x	

ANEXO 6 _ RELAÇÕES DE GÊNERO

No contexto da divisão social do trabalho por género e classe, as mulheres estabelecem uma ligação com os Recursos Naturais e a Autoridade Tradicional. Segundo Rodda, (1991:76) as mulheres actuam como agentes de mudanças sociais em dois níveis específicos:

- a) dimensão comportamental. "Há em todas as culturas uma forma de ambiente comportamental que mais ou menos protege o meio físico". Na área de estudo, a protecção do meio natural manifesta-se em as mulheres apanharem a lenha dos ramos secos das árvores e arbustos que caíram da copa florestal. Raramente as mulheres cortam uma árvore viva em crescimento, porque elas conhecem o valor que irá-lhes trazer quando atinge a maturidade.
- b) dimensões económicas. Estando a economia da ilha baseada nas actividades agrárias, as mulheres são ali as responsáveis directas pela produção agrícola. Assim, usando técnicas rudimentares, elas cultivam a terra em solos áridos, nas baixas e margens das lagoas e lagos, para o sustento da família.

6.1 _ Género classe, uso dos recursos florestais e as necessidades básicas no meio rural

6.1.1 _ Género e classe social

As inter-relações humanas que determinaram como é que os recursos naturais são controlados, e as formas pelas quais estas relações são construídas através do género e classe. As mulheres como estão divididas pelas suas classes que determinam o controle tanto sobre o acesso aos recursos naturais como as relações sociais.

Dentro das classes, elas estão divididas por barreiras ideológicas e culturais pela produção de diferenças, e suas relações com os homens. As mulheres são oprimidas pelos homens nas suas relações ao nível das famílias, na economia ampla, e como parte do sistema rural de produção de subsistência.

Na Ilha do Bazaruto constatou-se que existe divisão social do trabalho por género e idade.

Geralmente, os homens vão à pesca a rede de arrasto para a praia, mas em alguns áreas da ilha, a pesca é parte importante do trabalho das mulheres em que no seu quotidiano elas participam também no processamento do pescado, (ex.: extripar o peixe). Os homens; constroem os barcos de pesca, as palhotas procedem ao corte e entaçamento de capim para a cobertura destas, praticam a pecuária de arientinos e de

caprinos, a caça-submarina, a navegação marítima, à extração do vinho da palmeira brava e a apanha do mapalo. As mulheres vão à machamba, cozinham, cuidam da família (marido, filhos e outros membros do agregado familiar), vão à apanha do mapalo, caranguejo e à recollecção de frutos silvestres.

Os rapazes dos 7 aos 12 anos vão reunir os rebanhos e à escola na zona norte da ilha, _ Sitone, e inicializam-se nas técnicas de pesca. As raparigas, dos 6 aos 12 anos cuidam dos irmãos mais novos ajudam as mães nos trabalhos de casa, na sacha e no espanto dos pássaros nas machambas.

Porém, este quadro de divisão social do trabalho tem sido gradualmente abandonado, com grande envolvimento de mulheres em tarefas que eram outrora realizadas por homens.

Resumindo: a falta de acesso ao conhecimento sobre as decisões tomadas ligadas aos recursos que elas usam transcende a divisão de classe. A mulher como esposa é ritualmente inferior ao seu esposo. A diferença que uma mulher deve apresentar ao seu marido entra através de todos os aspectos da sua vida e é expresso explicitamente na arena pública através do silêncio embaraçante da mulher nas reuniões e na participação na feitura de decisões na aldeia (Rodda, 1991:149).

Nas áreas agrícolas e pesqueiras da África, os laços entre os povos e a terra são muito fortemente embuídos com a espiritualidade e religiosidade. Elas mostram que: antes de ser um simples modo de subsistência, o nexos camponês/terra, pescador/mar é primeiro e notavelmente uma forma de ser, viver, pensar e agir Verdier e Rochegude (1991:9) referenciados por (Imam e Mama, 1997:254). Primeiro que tudo, a terra e o mar são uma fonte de vida e de relações entre o ser humano, a terra e o mar, constituídos através dos espíritos dos ancestrais através dos quais deriva toda a fertilidade da terra e a abundância do pescado no mar. Como comodidades vitais, a terra e o mar não podem ser apropriados como objectos, sendo que os seres humanos, devem aliar-se com estes conservadores invisíveis que as guardam. Por conseguinte, a terra e o mar como comodidades usadas pelas pessoas ou comunidades são também espaços espirituais, cósmicos e religiosos nos quais pertencem a todos e são aí realizadas diversas oferendas aos ancestrais. O controle material sobre o mar e a terra é dependente do controle metafísico. Na Ilha, uma pessoa pode apropriar-se de uma parcela de terra depois de empreender certas cerimónias tradicionais baseadas nos ritos e códigos e rezas tradicionais ("muphahlo"), sacrifícios de animais, ofertas de bebidas alcoólicas etc., realizadas pelas chefias linhageiras tradicionais. Este conjunto de cerimónias promove uma

confiança com os espíritos, o sossego do corpo e da alma e autorizam a ocupação da terra e as pescarias no mar, com algum sucesso.

Esta visão metafísica é prevalecte nas áreas rurais como a Ilha, onde as raízes tradicionais são muito fortes devido à fraca acção das religiões ocidentais e Islâmica, exacerbado pelo baixo nível de escolaridade da comunidade nativa. O facto resulta da ausência do "paradigma missiológico [em] que as instituições religiosas, através da instrução contribuíram na periferização do poder e autoridade tradicional na evolução da governação" (Machili 1996:9).

6.2 _ O uso dos recursos naturais e as necessidades básicas das mulheres no meio rural

6.2.1 _ O uso e o conhecimento do meio ambiente

Segundo Imam e Mama, com o conhecimento indígena que as mulheres dispõem, e que é transmitido de geração em geração (tradicional) como resultado da experiência quotidiana, elas têm agora a capacidade para a gestão sustentável dos recursos florestais e aliviá-los da pressão populacional.

Na Ilha do Bazaruto, as mulheres valem-se deste conhecimento para servir de parteiras tradicionais, assistindo assim as outras mulheres nos partos que se realizam no domicílio. Tanto os bebés como as respectivas mães recebem tratamentos desde os nascimentos até ao crescimento dos bebés, sendo-lhes administradas plantas medicinais localmente obtidas por mulheres. Estas práticas são ainda sustentadas como comuns em outros países Africanos.

Para Chimedza, no Zimbabwe é muito substancial o conhecimento das mulheres do "know-how" como o uso de certas amêndoas, folhas, grãos, bem como os frutos de embondeiro, os tamarindeiros, as acácias ou o ébano como alimento, ou planta medicinal em áreas onde não haja médicos embora não seja reportado em muitas enciclopédias: a escolha de árvores e plantas, selecção de espécies mais saborosas, tempo e lugares de colheita, e regeneração dos recursos. Neste contexto, um pouco por toda a ilha, as mulheres extraem o vinho "utchema¹ da palmeira brava *Hypaene natalensis palm* " hanga" actividade que é feita anteriormente pelos homens apenas. Esse vinho é usado como bebida nutritiva para eliminar a fome, nos rituais tradicionais e como fonte de rendimento (Anexo 2, Est. X Fig. 2). Igualmente, o cajueiro é

¹ \ Como é conhecido na língua local.

uma das plantas que oferece a castanha, uma das relíquias abundantes na ilha quer como fonte de subsistência quer como fonte de rendimento económico (vide mapa nº8).

Coulibaly (1992) é referenciado por Imam e Mama (1997:264) dizendo que: “o conhecimento médico destes recursos contribue para a avaliação ou cura de muitas doenças benignas e em algumas ocasiões as mais sérias: dores de estômago, desinterias, febres, doenças infantis, doenças relacionadas com a gravidez, icterícia, etc”. Na Ilha, o uso de muitos frutos silvestres e de produtos marinhos obtidos por recollecção: massala, tamarindos, jambalão, "tindziva", "tihakwa", "titsobhe" *Dovialis longispina*, "madhokomela", "tihlongoma" ostras de areia, caranguejo, mexilhão e ameijoia etc. é realizado por mulheres. Alguns desses frutos ("tihuakwa" *S.innocua*) sofrem um processo de transformação que permite a sua conservação por mais tempo e nalguns casos, o produto é vendido.

O conhecimento das mulheres da ilha permite a criação e gestão de animais domésticos como os patos e galinhas, que auxiliam no aumento da receita financeira familiar e no melhoramento da dieta alimentar. Nalguns casos, os efectivos desses animais chegam a ser tão maiores que conferem uma certa autonomia financeira às mulheres, relativamente aos homens na família. As mulheres fazem o controlo directo destas aves, enquanto os homens, controlam absolutamente e sozinhos os rebanhos de arietinos e caprinos (Anexo 2, Mapas 3 e 11).

Segundo Imam e Mama parece que em todas as actividades de subsistência aqui mencionadas, as relações da mulher com a natureza (meio ambiente) têm uma dimensão económica. Isto é, em que na análise das relações de género, é vital captar a posição das mulheres e os seus estatutos por um lado, e as desigualdades e explorações envolvidas na apropriação dos recursos naturais por outro. Na ilha, a mulher é essencialmente quem cultiva e semeia a terra e dela colhe os frutos que sustentam a família. Mas tal como sentenciam Imana e Mama (1997:265) por incrível que pareça "nem as mulheres possuem, nem controlam a terra que elas cultivam ou as árvores que usam". Este quadro de relacionamento entre a tradição e a mulher valoriza-na por um lado e por outro marginaliza-na.

6.3 _ A mulher e o direito á terra e a propriedade

Na ilha, como em muitos países Africanos, as mulheres podem ter o direito de produzirem alimentos na terra, mas são os homens chefes de família, quem detêm o controle “legal” sobre a terra. Os

direitos legais e as leis sobre a herança algumas vezes impedem as mulheres de herdarem a terra dos parentes falecidos, mas os países estão a introduzir nova legislação dando mais direitos à mulher. Tal é o caso da actual Lei nº19/97 de 1 de Outubro de 1997, sobre a terras em Moçambique que, no seu artigo 10º, ponto 1, que diz que: "podem ser sujeitos do direito de uso e aproveitamento da terra as pessoas nacionais, colectivos e singulares, homens e mulheres, bem como as comunidades locais" (B.R., 1997:200--(16)).

Adicionalmente, o Artigo 12º da mesma lei, na sua alínea a) quanto aborda o direito de aquisição do uso e aproveitamento da terra, defende que o direito de uso e aproveitamento da terra é adquirido por:

a) "ocupação por pessoas singulares e pelas comunidades locais segundo as normas e práticas costumeiras, no que não contrariem a Constituição" (B.R. 1997:200--(17)).

Sobre o mesmo assunto, a lei aborda o direito de transmissão no Artigo 16º, ponto um; onde diz que: "O direito de uso e aproveitamento da terra pode ser transmitido por herança, sem distinção de sexo" (B.R. 1997:200--(17)).

Estas referências mostram que a lei Moçambicana não só reconhece o direito à mulher como também a comunidade local sobre o uso da terra. Mas, como acontece na ilha, os costumes tradicionais locais são influentes em contrariar a lei. A violação incosciente à lei por parte dos chefes tradicionais e dos homens ilhéus em geral é facilitada por um lado, por falta de escolaridade da mulher, e por outro porque a mulher apenas explora a parcela de terra do marido, pai, filhos ou do viúvo, mas raramente a dela, por não a possuir "legalmente".

Este não é um caso isolado apenas da ilha. Tal como mostra a citação que se segue: "No Zimbabwe, foi aprovada a lei, autorizando as mulheres o direito à posse da propriedade, mas a atitude tradicional nas áreas rurais ainda reserva a posse aos pais das mulheres e aos filhos" (Rodda, 1991:101).². Na Índia, "[as reformas da terra] tendem a atribuir os títulos de terra aos homens chefes de famílias. Onde as reformas de terra e o acesso aos serviços produtivos, os valores tradicionais e práticas ainda tornam difícil a elas o gozo pleno dos seus direitos" (ibidem: 101).³

"Como gestoras da terra, tanto nos sistemas patrilineares como nos sistemas matrilineares, os homens são os únicos com poderes para atribuir os direitos ao uso da terra [...] direito de tomar decisões da

² Citando Ivan Smith, Edda, Hidhi Tando and Jane Connors (1988) Women Sub-Saharan Africa. report nº77, London.

³ Citando ILO Woman and Land, _ Geneva

distribuição dos recursos e uso é basicamente um privilégio dos homens, que é aplicado a todos os recursos naturais” (Ndiaye 1993:125) citado por Imam & Mama, (1997:257).

Para os ilhéus de Bazaruto, que são uma comunidade patrilinear tradicional, em que as normas de conduta social quotidiana estão plasmados no direito costumeiro, a citação supra mencionada explica em termos muito eloquentes a situação real local.

Vários autores que estudam o sistema de posse de terra em países Africanos independentes nas últimas 3 décadas, indicam que ainda há discriminação na posse da terra pela mulher, mesmo no meio rural onde ela vive. Munyako, referenciando-se ao jurista Kenyano Ombaka, explica como a "poliginia juntamente com o direito das esposas herdarem dos esposos, são reconhecidos por lei. Mas esta lei, nem cobre a terra agrícola, nem o gado que são ambos regulados pelo direito costumeiro. Consequentemente, as mulheres são excluídas desta porção da herança que é crucial para qualquer agricultura"⁴ (Imam & Mama, 1997:259). De facto, a mulher na Ilha do Bazaruto, não herda a terra que tenha sido do seu falecido esposo, ela fica usufruindo a terra como protetora dos filhos, se os tiver e forem ainda menores, ou se estes forem adultos ficam provedores do apoio social à sua mãe.

⁴ Imam e Mama

V. Dados sobre o uso dos Recursos naturais e relações de género

52. O que entende por Recurso Natural (R.N.)? _____
53. Qual é o R.N. chave (o mais importante) para si? _____
54. Quais são os Recursos Naturais que conhece? _____
55. Para que fins usa esses Recursos Naturais? _____
56. Tem noção de que esses Recursos Naturais se esgotam? _____
57. Como tem usado esses Recursos Naturais? _____
58. Como classifica os Recursos Naturais? _____

a) Pescas

59. O que é que pescam? _____
60. Como é que pescam? _____
61. Quem vai à pesca na família (os homens, as mulheres ou as crianças?) _____
62. Se a pesca tem distinção de sexo e de idade? _____
63. Qual é o destino do produto da pesca? (alimentação, venda?) _____
64. Como são administrados os rendimentos da pesca? _____
65. Qual é a idade mínima e máxima para ir à pesca? _____
66. Quem vai a pesca de arrasto à rede? os homens ou as mulheres? _____

b) Pecuária

67. Quem apascenta o gado? Os homens ou as mulheres? _____
68. Os carneiros e os cabritos entram no processo de lobolo quando o rapaz vai desposar uma rapariga? _____
69. Num casal, o rebanho de caprinos e ovinos pertence ao marido ou a mulher ou ainda a ambos? _____
70. Quando há uma separação entre o casal, a mulher tem o direito de levar uma parte do rebanho? _____

c) Agricultura

71. Que tipo de culturas produzem? _____
72. Qual é a cultura que mais rende? Qual é o rendimento ano em Kgs/ha? _____
73. Usam algum adubo ou pesticida? _____
74. Onde é praticada a agricultura aqui na Ilha? _____
75. Quem geralmente vai à machamba na família? _____
76. Como classifica os solos aqui da Ilha? _____
77. Diga os nomes dos solos em língua local. _____
78. Quando é que um solo é adequado para um determinado uso agrícola e quando é que o mesmo é inadequado para esse fim? _____
79. Qual é o adequado e qual o que é inadequado para a agricultura dentre os solos que enumerou? _____
80. Que utilidade tem os solos inadequados? _____
81. Que alternativas alimentares tem encontrado quando há uma seca prolongada e há escassez de solos adequados para a agricultura? _____
82. Que alternativas alimentares tem usado quando aplicam-se medidas restritivas de uso de solo na perspectiva de conservação ambiental, que proibem a agricultura em certas zonas da Ilha? E se concorda com tais medidas? _____
83. Que tipos de culturas novas foram introduzidas na Ilha nos últimos anos? _____
84. A cem anos atrás, cultivava-se milho, algodão e amendoim aqui na ilha, e havia muita produção, será que ainda hoje se verifica? Se não, porque é que agora não há tanta produção? _____
85. Que tipos de culturas são usadas aqui na Ilha como alternativas perante o insucesso de uma _____

25. Como é que os Fulanos (apelido da linhagem dominante) assumiram a hegemonia político-social na Ilha? _____

IV. Estudos Antropológicos _ dos sistemas de casamento

26. Qual é o sistema de matrimónios prevalecente; patrilinear ou matrilinear? _____
27. Quando é que um rapaz geralmente procura uma rapariga para constituir família? (com que idade)? _____
28. A rapariga, quando é que é considerada apta para o casamento? _____
29. Considerando que o(a) rapaz/rapariga está pronto(a) para se casar, o que é que se faz? Descreva o procedimento? _____
30. O que é mais valoroso; o lobolo ou o casamento civil? _____
31. Que tipo de casamento é mais frequente aqui na Ilha: canónico, civil ou o lobolo? _____
32. Há alguns casos de casamentos entre familiares directos ex: (irmãos, primos, sobrinhos) ou pessoas da mesma linhagem? _____
33. Se houver casos deste género, como são os filhos desses casais? _____
34. Se houver casos do género, como é que a comunidade dos ilheus encara esses casais? _____
35. Se não há casamentos desse género, porque é que não se verificam? _____
36. Após o casamento, quem entre o rapaz e a rapariga vai viver em casa do outro? _____
37. Os filhos surgidos desse matrimónio vão adoptar o apelido da mãe ou do pai? _____
38. A criança, após o nascimento, cumprem alguma formalidade (é baptizada, é registada, faz-se algum ritual? Se sim, que ritual)? com que idade se cumpre tal ritual? _____

a) Relações de parentesco

39. Quem é o membro da família? _____
40. Que tipo de organização (sistema de partilha de alojamento, trabalho, alimentação) existe numa família? _____
41. Que tipo de inter-relações existem entre famílias de uma mesma linhagem (clã)? (De complementaridade, ajuda mútua, integração)? _____
42. Que tipo de relações existem entre linhagens (de subordinação, de aliança, de competição, de querelas e suspeitas)? _____
43. Onde é que o novo casal vai residir após o casamenento (se na sua própria casa) ou na dos sogros? _____
44. Se apenas passam para sua casa após permanência em casa dos sogros, por quanto tempo é que isso se verifica? _____

b) Mitologia e rituais

45. Quais são os ritos que vocês os residentes da Ilha observam? _____
46. Quais são os mitos aqui da Ilha? _____
47. O que sabe por exemplo sobre o mito do Djondji (o espírito do curandeiro da água)? _____
48. Já ouviu falar do Djondji de Manuesse um fulano cá Ilha que passou a residir em Benguerua, e faleceu em Queuhene em 1982? _____
49. Quanto tempo a pessoa que for apanhada pelo Djondji, fica na água? _____
50. Também se diz que se alguém forasteiro da Ilha vier por mar para fazer mal aos residentes da Ilha não pode chegar porque algo de mal lhe vai acontecer, será isso verdade? _____

c) Matrimónios

51. Os Fulanos (nome do apelido) costumam contrair algum matrimónio preferencial com os beltranos de (algum apelido)? _____

ANEXO 5 SECÇÃO B _ MODELO DO GUIÃO DE ENTREVISTAS USADO PARA A PESQUISA, COM PEQUENAS VARIAÇÕES ESPECÍFICAS DE ACORDO COM O GRUPO OCUPACIONAL

GUIÃO DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS AOS CURANDEIROS E CHEFES RELIGIOSOS NA ILHA DO BAZARUTO

Palavras chaves em Xithswa: "Mihandzo ya Misava"=Recursos Naturais;
"Titsomba ta misava"=Riquezas da Natureza.

Entrevistador: Gilberto Ricardo

Local da entrevista: _____

Data: ___ / ___ / ___

Hora: ___ : ___

Entrevista n? _____

I. Identificação do Entrevistado

1. Apelido _____
2. Nome _____
3. Idade _____
4. Naturalidade _____
5. Profissão _____
6. Desde quando vive na ilha? _____

II. Dados sobre a actividade que exerce

7. Qual é a sua ocupação principal? Porquê considera tal ocupação de principal? _____
8. Quais são as outras ocupações que tem? _____
9. A quanto tempo exerce esta actividade? _____
10. Que rendimentos lhe traz a sua ocupação principal? _____
11. Qual é o objectivo da sua actividade? _____
12. Qual é a avaliação social que a comunidade dos ilhéus faz da sua actividade? _____
13. Como aprendeu essa actividade? _____
14. O que é que usa para tratar as pessoas? _____
15. Quais são as plantas medicinais que conhece, e para que doenças se aplicam? _____
16. Onde vêm as plantas medicinais que usa no tratamento das pessoas? _____
17. Além de usar essas plantas medicinais para tratar as pessoas, o que é que mais faz delas? Quais são as outras coisas da natureza que mais adiciona para além das plantas? _____
18. Além de tratar das pessoas com doenças, que outras tarefas mais desempenha na sociedade, dentro da sua ocupação? _____
19. Quem debela as calamidades naturais (pragas de gafanhotos, guerras e outras)? _____
20. Quem celebra os rituais de casamentos tradicionais, lançamento das redes de pesca e de barcos, premissas das colheitas? _____
21. Quem faz o empossamento dos chefes tradicionais? E, se vocês também tomam parte? _____

III História do povoamento da Ilha

22. Onde vieram os habitantes da Ilha? _____
23. Onde vieram os membros da sua linhagem para vir habitar a Ilha? _____
24. Em que ano é que pensa que eles fixaram-se na Ilha? _____

contribuirmos para darmos aos chefes tradicionais que por sua vez, pegam nessas oferendas e vão atirar num local específico para oferecer aos espíritos dos antepassados desta terra.

O outro ritual é: por mais que chegues hoje, amanhã, ou pela primeira vez, que tu chegues nesta terra, se se enganarem e te deixarem, e não saberes, os outros como por exemplo esses que descem aqui no parque, é preciso pegar na areia da praia e baterem-te com ela no peito, e nas costas para não apanharem uma doença repentina. Porque podes ficar constantemente doente, mas sem saberes o que te faz ficares doente. Damos muita importância a isso.

47. O que é Djondji? R.: Como dizem, é alma ou anjo de deus que se assemelha ao ciclone que passa de vez em quando. Mas, se se direccionar aqui, todas estas construções podem ficar sem a cobertura, ficando esta soprada para muito longe. Mas se passar por longe enquanto estiveres aí, há de sentir as manifestações e verás o sinal. Mas isso, não é coisa para fazer missa tradicional "phatlar", nem os antepassados chegaram a conhecer profundamente o seu segredo, a ponto de dominarem os seus efeitos destruidores; nada disso.
48. Já ouviu falar Djondji de Manuesse um fulano cá da Ilha que passou a residir em Benguerua, Magaruque e faleceu em Queuhene em 1982? R.: Isso posso comparar a aquilo que as pessoas dizem de que o fulano tem trovoada. Ele, foi arranjar uma droga que tem manifestações que a isso se asseham. Só que Manuesse, tinha um feitiço de ciclone, tal que; se o seu barco saísse daqui, ele mandava um ciclone que viraria o seu barco e as pessoas que iam a bordo podiam desaparecer. Mas, ele, na sua magia, sabia onde essas pessoas estão. Não quer dizer que ele tinha fisicamente esse animal. Esse animal é semelhante a um espírito desses maus, chamados "Nyamukwaxanes", que, quando chega a uma família, apenas vê-se pessoas a morrerem.
49. E, onde é que o Manuesse apanhou o tal Djondji? R.: O Djondji, de como dizem, Machula tinha-se casado com uma mulher chamada Nhathela. Essa mulher, era dos Mutondos. Machula e Nhathela, sendo casal, dirigiam-se ao mar na Ponta Ganhala "Khanyala" e faziam missa tradicional "mhambha". Os djondjis, Machula e a esposa, sabiam que, se fizessem isto, os bichos deles (djondjis) ficariam satisfeitos e assim procediam constantemente. Mesmo agora, há lugares aqui no mar onde ainda hoje fazem isso quando você quer pescar por exemplo. Assim, esses Djondjis ficavam satisfeitos e eles tiravam benefícios nisso. Capturavam muito peixe, tinham muita sorte, e os barcos deles corriam mais depressa que os demais. Eles sabiam que o vento do Djondji, mesmo dantes, Machula disse ao Manuesse que _ se você ver isto ou aquilo, no céu, pegue isto e faça assim, e vai dar tal resultado, e, não te fará mal algum a ti. Quando o Manuesse morreu, deixou com Madzelete, filho dele, mas este djondji, combina sempre com o espírito da água.
50. Quanto tempo a pessoa que for apanhada pelo Djondji, fica na água? R.: Também comecei a ouvir isso como história de que, há mito nesta terra. Foi uma pessoa chamada Muriane que foi levada pelo Djondji e, foi lá e ficou um ano. e, quando voltou, apanharam-lhe enquanto tinha saído fora da água e estava na costa. Apanharam-lhe enquanto já tinha todos os apetrechos de curandeiro e todas as drogas. Então, os mais velhos diziam sempre que, se a pessoa for apanhada pelo Djondji, era necessário que fosse lá gente com batuque tocasse e cantasse toda a noite até amanhecer. Se a pessoa não saísse, significa que ainda estava a ser preparada. Então, se continuasse no dia seguinte, toda a noite a tocar o batuque e cantar, na madrugada, se aparecesse uma nuvem e chovesse, isso significava que a pessoa já estava pronta para sair. Mas eu e o meu pai não vimos isso, mas, os meus avôs e bisavôs viram isso.
51. Também diz-se que se alguém forasteiro da Ilha vier por mar para fazer mal aos residentes da Ilha, não pode chegar porque algo de mal lhe vai acontecer, isso é verdade? R.: Sim, isso acontece se por exemplo embarcar uma pessoa lá no continente, enquanto a referida pessoa for curandeira, se não cumprir com uma formalidade que consiste em: pegar o seu instrumento de trabalho _ o rabo da hiena "mussassi" e mergulhar na água, para posteriormente sacudir esse instrumento para o lado Nascente e para o Poente, e dizer que "eu tenho aqui os meus unguentos e vou para a Ilha para tratar pessoas". Se isso não for cumprido, então, o barco não chegará bem ao destino, sem ter problemas que culminarão com o seu desaparecimento na

ANEXO 8

ANEXO 8 _ RECURSOS PAISAGÍSTICOS E O TURISMO

O mar é um recurso potencial, que oferece múltiplas funções de uso, para além do facto de que o fluxo de entrada de turistas na Ilha influencia as comunidades dos ilhéus e as suas lideranças tradicionais.

Segundo Doumenge (1967:283), o mar tem uma função social e cultural na vida do homem desde o século XX, devido a prática do turismo, que permite a satisfação de múltiplas exigências. A "talassoterapia começa a fazer surgir uma série de aplicações das propriedades químicas e biológicas das águas do mar no tratamento de inúmeras afecções reumáticas e circulatórias". É neste contexto que Rod Macdade¹, afirma que recomendará a Ilha do Bazaruto aos seus pacientes como instância de repouso terapêutico. E acrescenta que a "Ilha do Bazaruto é um lugar para relaxar e livrar-se do "stress" do trabalho da cidade" (Macdade, 1997).

Para compreender e mostrar o peso que a paisagem, o lazer e as motivações para a sua procura representam fez-se uma avaliação paisagística da Ilha do Bazaruto. Mas, a avaliação paisagística apresenta problemas como por exemplo a "falta de limites definidos e a presença de numerosas formas e características que tornam a paisagem difícil de classificar e de medir" (Relph, 1984-1985:102) citado por Mitchell. Por outro lado, a avaliação paisagística é uma combinação posterior se é aceite que as qualidades de um bom método para a avaliação das qualidades da paisagem incluem a integridade, validade e utilidade da paisagem natural (Dearden, 1980:52), (idem).

Leopold (1969:37) afirma que existem três técnicas de abordagem usadas para a avaliação paisagística. Uma delas apenas foi aqui usada para avaliar os recursos paisagísticos da ilha, nomeadamente: As preferências paisagísticas, que procuram descobrir que aspectos da natureza são vistos ou não como atractivos. Neste contexto, foi aplicada a estratégia da inferência directa das preferências a partir das evidências tais como a avaliação directa, envolvendo entrevistas com indivíduos.

Assim, foram entrevistados 43 turistas em 31 entrevistas individuais e colectivas, compreendendo dois grupos: o de turistas que vinham no navio cruzeiro Symphony, que escalava a ilha do Bazaruto por algumas horas apenas e regressava no mesmo dia; e o dos

¹ Médico Sulafricano ao serviço do navio cruzeiro Symphony.

Anexo 7 Avifauna do Arquipélago do Bazaruto (continuação)

- | | |
|--------------------|----------------|
| 1 = Santa Carolina | 5 = Bague |
| 2 = Bazaruto | x = Ocorrência |
| 3 = Benuerua | o = Procriação |
| 4 = Magaruque | + = Oceânico |

	1	2	3	4	5
HIRUNDINIDAE					
Hirundo rustica European Swallow/Andorinha da Europa	x	x	x	x	x
Riparia paludicola Brownthroated Martin		x	x	x	
Riparia cincta Banded Martin				x	
DICRURIDAE					
Dicrurus adsimilis Forktailed drongo		x			
COVIDAE					
Corvus albus Pied Crow/Seminarista	x	o	o	x	
PYCNONOTIDAE					
Pycnonotus barbatus Blackeyed Bulbul/Tuta	x	x	x	x	
Andrapus impotunus Sombre Bulbu/Inhola	x	x	x	x	
TURDIDAE					
Cossypha natalensis Natal robin				x	
Cossypha humeralis Whitethroated Robin				x	
Erythropygia leucophrys Whitethroated Robin/Tordo de peito estriado	x	x	x		
SYLVIIDAE					
Acrocephalus gricilirostris Cape Reed Warbler		x	x		
Bradyphercus baboecala African Sedge Walbrer				x	
Cisticola juncidis Fantailed Cisticola/Fuinha de Moçambique		x	x		
Cisticola natalensis Croaking Cisticola/Rouxinol do Natal				x	
MUSCICAPIDAE					
Muscicapa adusta Duskyflycatcher					x
Terpsiphone viridis African Paradise Flycatcher/Papa moscas do Paraíso	x	x	x	x	
MOTACILLIDAE					
Motacilla capensis Cape Wagtail/Alveola do Cabo		x		x	
Anthus caffer Grassveld Pipit/Pitinha de Richard		x	x	x	
Anthus trivialis Tree Pipit				x	
LANIIDAE					
Lanius collurio redbacked Shrike/Picano de dorso Vermelho		x	x	x	
MALACONOTIDAE					
Tchagra australis Threestreaked Tchagra/Picanco de cabeça castanha		x		x	
Tchagra senegala Blackcrowned Tchagra/Pinanca assobiador		x			
PRIONOPIDAE					
Prionops plumatus White Helmetshrike/Atacador de poupa branca				x	
STURNIDAE					
Creataphora cinerea Wattled starling				x	
Lamprotornis chalybeus greater blue eared starlig				x	
NECTARINIIDAE					
Nectarinia bifasciata Purplebanded sunbird/Beija flor de peito roxo	x	x	x		
Nectarinia amethystina Black sunbird/beija flor ametista de kirk				x	
Antheptes reichenowi Blue throated sunbird				x	
PASSERIDAE					
Passer domesticus House Sparrow/Pardal dos telhados	x			x	
Passer griseus Greyheaded Sparrow/Pardal de cabeça cinzenta	x	x	x	x	

Anexo 7 Avifauna do Arquipélago do Bazaruto (continuação)

1 =	Santa Carolina	5 =	Bangue
2 =	Bazaruto	x =	Ocorrência
3 =	Benuerua	o =	Procriação
4 =	Magaruque	+	Oceânico

	1	2	3	4	5
PLOCEIDAE					
<i>Ploceus ocularis</i> Spectacled Weaver/Tecelão de lunetas			o	o	x
<i>Loceus cucullatus</i> Spottedbacked Weaver/Tecelão de capucho			o		x
<i>Ploceus velatus</i> Redeyed mask Weaver/Tecelão de máscara			x	x	x
<i>Ploceus intermedius</i> Lasser Mask Weaver/Tecelão de Cabinas			o	x	x
<i>Ploceus subaureus</i> Yellow Weaver		x	o	o	x
<i>Euplectes axillaris</i> Redshouldered Widow/Viúva de espáduas vermelhas		x	x	x	
<i>Quelea quelea</i> reddilled quelea					x
ESTRILDIDAE					
<i>Estrilda astrilda</i> Common Waxbill/Bico de lacre comum			x	x	x
<i>Spermestes cucullatus</i> Bronze Mannikin/Freirinha			o		x
VIDUIDAE					
<i>Vidua macroura</i> Pintailed Whydah/Viuvinha malhada			x		x
CARDUELIDAE					
<i>Serinus mozambicus</i> Yellow Canary/Xerico			x		x
<i>Serinus sulphuratus</i> Bully Canary/Xirico grande		x	x	x	x

turistas que se hospedam em hotéis da Ilha por mais de 24 horas. Os dois grupos de turistas, revelaram duas tendências: O primeiro mostrou não possuir tempo suficiente para angariar conhecimentos mais profundos sobre as características paisagísticas da ilha, e fornecia informações muito vagas sobre certas variáveis contidas no guião da entrevista. O segundo possuía uma visão mais substanciada sobre determinadas variáveis contidas no mesmo guião.

As entrevistas foram processadas usando o modelo de Leopold, de avaliação dos recursos paisagísticos cujos resultados constam da Tabela em anexo 9.

A conclusão a que se chega sobre a avaliação dos recursos paisagísticos da ilha é de que a ilha do Bazaruto é uma paisagem pitoresca natural, graças a uma combinação múltipla de elementos naturais, que a tornam singular. Para tal foi elaborada uma lista de 24 atributos pontuáveis, correspondendo cada atributo a um ponto. A escala de pontuação é de 0 a 4; (Tabela 6).

De uma pontuação máxima de 31 pontos, os atributos de grande valor atractivo em ordem decrescente são: a) com maior pontuação:

i) Mar = 21 pontos; ii) Integridade da Ilha (manutenção do estado natural) = 20 pontos

iii) Beleza natural (panoramas locais) = 15 pontos iv) Recifes de corais = 13 pontos

Côr das águas = 13 pontos. b) com uma pontuação intermédia:

i) Granulometria das areias da praia = 10 pontos ii) Relevo da Ilha (dunas de areia, vales e planícies) = 9 pontos; iii) Vegetação da Ilha = 9 pontos iv) População da Ilha = 9 pontos

v) Sossego sub-povoamento = 9 pontos vi) Desportos aquáticos = 9 pontos.

Apesar de a Ilha do Bazaruto oferecer grandes potencialidades para a prática do turismo, é importante saber escolher o tipo do turismo a desenvolver; devido aos impactos negativos que podem advir nas populações nativas, pela prática do turismo industrial. O ecoturismo seria a melhor opção, que é definido internacionalmente, como sendo o turismo que: "inclue viagens intencionadas às áreas naturais, para compreender a cultura e a história natural do ambiente, cuidando e não alterando a integridade do ecossistema; enquanto estiver produzindo oportunidades económicas que fazem a conservação dos recursos naturais que beneficiam a população local" (Holt-Biddle, 1993 Apud Ramsey, (1993:11).

O ecoturismo parece ser sustentado pelos seguintes pilares:

a) uma planificação e gestão efectiva do ambiente cultural e físico, em sociedade com a população local, para assegurar a sustentabilidade. b) uma promoção e aumento das características culturais e naturais ou especiais que são únicas numa área particular. c) assegurar que à população local que é parte do ambiente, partilha nos benefícios que ocorre do turismo.

Entre outros aspectos, o ecoturismo exige que as actividades socio-económicas planificadas centram-se, na melhoria das condições e qualidades gerais de vida de todos os envolvidos exemplo: as comunidades locais, os empresários e os turistas.

O turismo redistribui a riqueza, favorece as comunidades pesqueiras da Ilha do Bazaruto pela utilização das habilidades básicas e prospera as diversas culturas e tradições e, se devidamente gerido, encoraja a conservação.

A frequência do navio cruzeiro Symphony, que escala a Ilha do Bazaruto saindo de Durban, transportando centenas de turistas, fez brotar novos talentos nos rapazes ilhéus que, desenvolvem a escultura de pequenos objectos de arte, associados à realidade socio-cultural do seu quotidiano (barcos-à-vela, navios, aviões, peixes) bem como a tecelagem de chapéus de palha que são vendidos aos turistas a preços que variam de 3 a 15 Dólares Americanos, criando assim uma boa base de subsistência das comunidades (Est. VI, Fig.2).

A exploração do turismo com uma boa gestão, não só beneficia os operadores turísticos, como também deriva esses benefícios para a comunidade de ilhéus uma vez que os primeiros, pagam taxas regulares pelo uso dos recursos naturais paisagísticos (um bem colectivo em benefício individual).

O valor monetário dessas taxas é entregue à Direcção do PNB que, por sua vez o canaliza para a comunidade, através da construção de infraestruturas sociais como é o caso da Escola Primária do 1º Grau de Sitone a Norte da Ilha. (Est. XI Fig.2). A feitura de anilhas para os poços de água, é outro dos benefícios daí derivados.² O montante é também usado na contratação dos professores para a Escola Primária.

No que concerne à influência cultural e tradicional, alguns ilhéus têm estado a falar o Fanacaló³ e o Inglês é outra Língua falada pelos ilhéus devido ao grande fluxo de turistas, maioritariamente Sulafricanos.

² \ Projecto que começou em Setembro de 1997.

³ \ Crioulo resultante da fusão do Inglês, Afrikance, Zulo, Changana e Ndebele e que é usada para a comunicação nas minas de ouro e diamantes na Africa do Sul.

8.1 _ Mudanças de hábitos e liberdade

A ilha do Bazaruto reúne todo este conjunto de cenários naturais no seu espaço territorial que a confere uma raridade de beleza natural. No seu conjunto compreende desde as dunas de areia, as costas rochosas, e arenosas, a vegetação da base das dunas que as cobre, a fauna marinha e terrestre (tartarugas marinhas, dugongos, flamingos e aves diversas, os golfinhos e etc.). Os desportos aquáticos (mergulhos com e sem garrafas de oxigénio, o "ski" aquático, a pesca desportiva e submarina e etc.) desempenham um papel cada vez mais saliente na valorização deste recurso paisagístico. Os turistas longínquos que visitam a Ilha do Bazaruto, usam o transporte aéreo para encurtar as distâncias entre os centros das suas origens (Alemanha, Portugal, Inglaterra, Holanda Itália, Africa do Sul) e o destino. Para isso, a Ilha dispõe de momento de duas pistas de aterragem de aeronaves ligeiras e médios, em terra batida, associadas aos seus dois complexos turísticos: O "Bazaruto Lodge" situado em Sitone, e o "Sabal Bay Lodge" localizado a Sul de Zenguelema (Mapa nº 10 e Est. III, VII Fig. 1,2).

8.2 _ Choques das civilizações

A vida marítima comporta um conjunto complexo de interações entre o homem e o meio, que acabou dando origem a géneros de vida muito particulares como é o caso das comunidades pesqueiras da Ilha do Bazaruto.

Qualquer golpe assentado contra um dos elementos abala profundamente o conjunto. Pois, em certo sentido, a actividade humana voltada para o mar como a pesca artesanal que se pratica na Ilha do Bazaruto como um ecossistema insular é produto de um meio fechado.

Deste modo, a penetração do turismo numa sociedade litorânea onde vive uma comunidade que se guia por códigos de conduta social tradicionais, e esteve vários séculos fechada ao mundo ocidental, produz um verdadeiro choque de civilização.

Os fundamentos dos valores são profundamente subvertidos e abalam-se as noções de relações recíprocas. Esse quadro de relações, é traduzido pela diferença na indumentária dos ilhéus (capulana e lenço na cabeça, calções ou calças e camisa), que cobre quase todo o corpo, enquanto que os turistas apresentam-se em (fatos de banho e ou tangas). (Est. VI, Fig. 2).

Tabela 3 A avaliação final dos recursos paisagísticos segundo o modelo de Leopold

Nº de factor	Nº de avaliação					Total
1	0 ⇨0	1 ⇨13	2 ⇨0	3 ⇨16	4 ⇨0	Σ=29
2	0 ⇨6	1 ⇨7	2 ⇨0	3 ⇨16	4 ⇨0	Σ=29
3	0 ⇨3	1 ⇨9	2 ⇨2	3 ⇨16	4 ⇨0	Σ=29
4	0 ⇨0	1 ⇨10	2 ⇨0	3 ⇨20	4 ⇨0	Σ=29
5	0 ⇨0	1 ⇨2	2 ⇨0	3 ⇨19	4 ⇨0	Σ=29
6	0 ⇨0	1 ⇨4	2 ⇨0	3 ⇨27	4 ⇨0	Σ=29
7	0 ⇨1	1 ⇨6	2 ⇨0	3 ⇨15	4 ⇨0	Σ=29
8	0 ⇨0	1 ⇨3	2 ⇨0	3 ⇨19	4 ⇨3	Σ=29
9	0 ⇨0	1 ⇨1	2 ⇨0	3 ⇨26	4 ⇨0	Σ=29
10	0 ⇨0	1 ⇨1	2 ⇨0	3 ⇨12	4 ⇨16	Σ=29
11	0 ⇨0	1 ⇨3	2 ⇨0	3 ⇨26	4 ⇨0	Σ=29
15	0 ⇨0	1 ⇨13	2 ⇨0	3 ⇨16	4 ⇨0	Σ=29
16	0 ⇨0	1 ⇨5	2 ⇨0	3 ⇨24	4 ⇨0	Σ=29
17	0 ⇨0	1 ⇨5	2 ⇨0	3 ⇨24	4 ⇨0	Σ=29
18	0 ⇨0	1 ⇨5	2 ⇨0	3 ⇨24	4 ⇨0	Σ=29
19	0 ⇨0	1 ⇨9	2 ⇨0	3 ⇨18	4 ⇨0	Σ=29
20	0 ⇨5	1 ⇨5	2 ⇨0	3 ⇨19	4 ⇨0	Σ=29
21	0 ⇨7	1 ⇨	2 ⇨1	3 ⇨18	4 ⇨0	Σ=29
22	0 ⇨0	1 ⇨20	2 ⇨0	3 ⇨9	4 ⇨0	Σ=29
23	0 ⇨0	1 ⇨9	2 ⇨0	3 ⇨20	4 ⇨0	Σ=29
25	0 ⇨0	1 ⇨9	2 ⇨0	3 ⇨20	4 ⇨0	Σ=29
26	0 ⇨1	1 ⇨15	2 ⇨0	3 ⇨13	4 ⇨0	Σ=29
27	0 ⇨0	1 ⇨21	2 ⇨0	3 ⇨8	4 ⇨0	Σ=29
28	0 ⇨11	1 ⇨5	2 ⇨0	3 ⇨13	4 ⇨0	Σ=29
Total	Σ=34	Σ=190	Σ=3	Σ=438	Σ=19	Σ=29

Fonte: Mitchell B
 Recursos com maior pontuação:

Mar =21 pontos

Integridade da Ilha (manutenção do estado natural) =20 pontos

Beleza natural (panoramas locais) =15 pontos

Recifes de corais =13 pontos

Côr das águas =13 pontos

Recursos com pontuação média:
 Granulometria das areias da praia =10 pontos
 Relevo da Ilha (dunas de areia, vales e planícies) =9 pontos;
 Vegetação da Ilha =9 pontos.
 População da Ilha =9 pontos.
 Sossego sub-povoamento = 9 pontos.
 Desportos aquáticos =9 pontos.

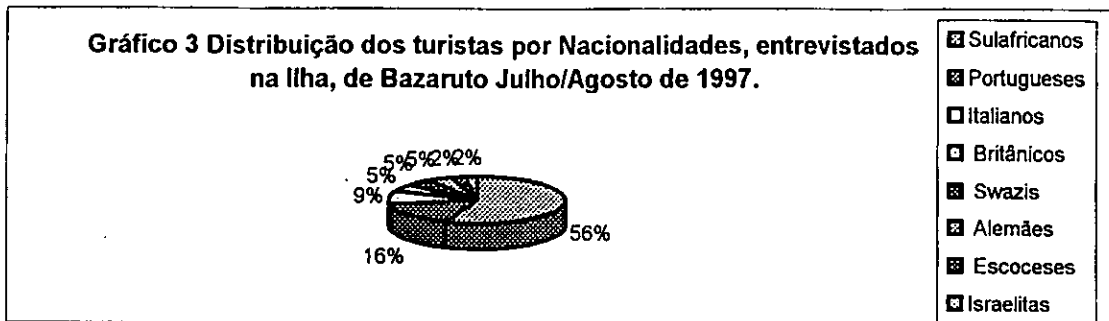


Tabela 4 _ Distribuição dos turistas entrevistados por nacionalidades

Nº/ordem	Nacionalidade	Nº de turistas entrevistados
1	Sulafricanos	24
2	Portugueses	7
3	Italianos	4
4	Britânicos	2
5	Swazis	2
6	Alemães	2
7	Escoceses	1
8	Israelitas	1
Total		43

Fonte: Entrevistas aos turistas na Ilha do Bazaruto, Julho/Agosto de 1997. Por Gilberto Ricardo

SECÇÃO 1 _ INFRAESTRUTURAS HOTELEIRAS DO "SABAL BAY LODGE"

GRUPO A: _ O complexo hoteleiro Sabal, que se situa no centro da Ilha onde outrora foram as instalações da Companhia das Pérolas do Bazaruto, é constituída pelas seguintes infraestruturas:

- 1 _ Casas de hospedagem; projectadas 60; concluídas 8.
- 2 _ Restaurante 1;
- 3 _ Bar 1;
- 4 _ Oficina de manutenção de viaturas 1;
- 5 _ Lavandaria 1;
- 6 _ Estação de bombagem e tratamento de água incluindo a de reserva deste líquido 1;
- 7 _ Posto de saúde para os trabalhadores do complexo 1; (onde havia um médico, mas neste momento está ausente);
- 8 _ Escola Primária do 1º Grau 1;⁴
- 9 _ Meios circulantes terrestres: 1 tractor, 3 "landrovers", e 1 moto avariada.
- 10 _ Pista de aterragem de aeronaves 1; com 1500 metros de comprimento por 45 de largura.
- 11 _ Centro de preparação de mergulho 1;
- 12 _ Gerador de energia eléctrica 2 geradores de 25Kva cada com 2x20 amperes.
- 13 _ Centro comunitário (Igreja) 1;
- 14 _ Piscinas 2 (em funcionamento restando apenas alguns acabamentos).

⁴ A Escola primária está neste momento encerrada por falta de motivação dos próprios alunos para estudar por um lado, e por outro, as várias gerências que o complexo já teve, que ultrapassam a 6 desde que abriu, algumas manifestaram-se desfavoráveis à existência da escola naquele local.

- 15 _ Centro de pescas 1;
- 16 _ Centro de desportos aquáticos (mergulho de epaneia, mergulho com garrafas, mergulho simples, surf, pesca desportiva _ inclui a caça submarina, pesca a linha com barco a motor, passeio com lanchas rápidas incluindo reboques, e outras modalidades).
- 17 _ Roteiro de passeio turístico
- 18 _ Roteiro de passeio para a apreciar pássaros.

O hotel foi projectado para ter 60 casas com 80 camas, mas, este projecto inicial está abandonado estando reduzido a metade, devido a motivos que não foram revelados pela fonte que forneceu os dados.

GRUPO B: _ COMPOSIÇÃO DO PESSOAL QUE TRABALHA E GERE O "SABAL BAY LODGE"

O complexo tem a seguinte repartição da ocupação do seu pessoal:

- 1 Director Geral;
- 1 Director de Alojamento;
- 1 -"- de manutenção;
- 1 -"- de comidas e bebidas;
- 1 Chefe de Relações Públicas;
- 2 sub-gerentes;
- 2 gerentes do bar;
- 2 chefes de cozinha;
- 2 chefes de manutenção;
- 1 zelador de casas;
- 1 supervisor geral;
- 2 marinheiros;
- 2 mecânicos;
- 21 trabalhadores de obras e construções;
- 12 trabalhadores da lavandaria;
- 2 técnicos de mergulho;
- Total 54 pessoas.

Alojamento: o alojamento incluindo o pequeno almoço e as refeições principais estão a 385 rands por dia por casal ou solteiro.

A pista de aterragem de aeronaves do complexo pode permitir a aterragem de aeronaves ligeiras e médias com peso máximo à descolagem de 70 toneladas.⁵

GRUPO C: _ O BAZARUTO LODGE TEM:

- 20 Chaletes em forma de A;
- 5 edifícios;
- 15 blocos e construções diversas.

⁵ Esta presunção é do autor desta dissertação, dado que parece que não foi facultada alguma informação técnica em fonte bibliográfica de consulta a este respeito. Mas, a ICAO preconiza que o peso máximo à descolagem de uma aeronave do tipo médio é de 8 a 135 toneladas. Contudo, a pista do Sabal não pode suportar até tal peso.

58. Para que fins usa essas Recursos Naturais? R.: Uso os R.N. para me alimentar.

a) Turismo

59. Quando os turistas vêm para aqui, isso tem alguma utilidade para si? R.: Sim, tem alguma utilidade. Eu, vou contar aquilo que assisti pessoalmente. Desde 1983, aqui em Bazaruto tudo tinha ardidido. O 1^o a chegar aqui foi o "Província".² Em 1986, este empresário começou a oferecer roupa pelo trabalho, foi o 1^o que chegou aqui com o plano de abrir a pista de aeronaves. As pessoas iam abrir a pista e ele pagava-lhes em roupa ou mesmo mantas. Estas picadas por onde circulam os carros, foram abertas pelas comunidades e elas recebiam em paga roupa e mantas. O empresário por vezes perguntava o que é que as pessoas que estavam a trabalhar queriam. E, estas por sua vez respondiam que queriam cigarros os que fumavam. Depois de concluir as construções, do Lodge e da pista, começaram a vir muitos turistas. Os turistas começaram depois a conflitar com as populações, quando os primeiros começaram a traçar ordens dizendo que as pessoas da Ilha, não deviam passar perto deles (turistas). Isso pareceu um insulto. Posteriormente, nós os dirigentes, reunimo-nos e achamos que isso não era uma boa vida. Os donos da terra não podem ser restringidos aos seus movimentos.

Outra coisa foi a de que onde existe um complexo turístico, os nativos deviam retirar-se e afastarem as suas residências. Então, o governo analisou a situação e viu que de facto se os turistas ou os operadores turísticos estão interessados na remoção das pessoas, deve retirá-las enquanto construíram casas, semearam árvores de fruta e compraram terrenos nesses sítios onde querem colocar as pessoas daqui retiradas. De contrário, não se lhes pode remover porque são nativos e donos da terra. Nós também tínhamos decidido que não aceitávamos a remoção. O que é importante é que nós iríamos aprender deles e eles também de nós, no que é bom. O que não fosse bom, eles também diriam. Com o tempo, foram compreendendo. Os turistas que aparecem agora na altura do Parque Nacional do Bazaruto, compreendem que os nativos sofrem de carências e façam o que for possível para apoiá-los no que lhes falta. Os do parque disseram para não cortarmos as árvores, não cultivarmos, não fazermos queimadas aqui. Portanto, é o que estava dizendo que aqui aparecem turistas. Neste momento, os turistas não parecem aquilo que eram no princípio, em que pregavam-nos um susto. Muita gente aqui dos ilhéus tinha medo. Nós também parecíamos estar contra eles porque noutras coisas havia choques e confrontações e diziam que a vida que levam não é de convivência. Vocês (turistas) não vieram aqui para expulsar pessoas. Vocês vieram aqui para desenvolver as actividades e nós autorizamos-vos a prosseguirem com o que pretendes. Esses problemas deram muito que falar até chegaram a Maputo. Quando estavam para ser evacuados aqueles residentes de lá da ponta; lá do Manuel. Então, viu-se que aqueles residentes não podiam ser evacuados porque são nativos desta terra. São os donos da terra e toda a tradição é conhecida por eles. Tirá-los de lá da ponta para ficarem apenas os brancos, foi muito trabalho e não conseguiram retirá-los. O problema foi resolvido e disseram: reparem que eles residem ali há muito tempo, tem coqueiros e cajueiros. Se quiserem que eles saiam, comecem por arranjar um lugar e, depois, idem plantar coqueiros, cajueiros. Em seguida, construam casas para eles. Quando esses coqueiros e cajueiros estiverem já a dar frutos, já podem vir retirá-los daqui. Então, os operadores turísticos viram que o assunto era complicado e decidiram desistir da ideia de remover os nativos daquela área e optaram por uma política de convivência harmoniosa com os nativos aqui residentes. Agora, existe uma colaboração entre nós e eles. Já somos amigos.

60. Fica satisfeito que os operadores da indústria hoteleira venham abrir hotéis aqui? R.: Sim, mas desde o momento que não sejam muitos. Como abriram aqui em Sitone, aqui nesta zona já não dá para abrir mais algum hotel porque a zona é muito pequena. Se os turistas gostarem de vir

² Nome com que os ilhéus alcunharam o indivíduo que abriu a 10 pista de aterragem de aeronaves na Ilha e abriu o "Bazaruto Lodge".

para aqui, que venham porque tem um hotel em Sitone e tem um outro em Zenguelema; o Sabal. Isso porque se nós enchermos muito isto de hotéis, nós os ilhéus seremos poucos e os turistas serão muitos. E, muitos não vêm aqui para ajudar, mas sim para fazer desmandos. Por exemplo, o Bazaruto Lodge, tem preços baixos na venda dos artigos de uso doméstico e por isso ajuda-nos. Por ex: eles compram o nosso pescado a bons preços. O que significa que preocupam-se conosco. Se precisarem de alugar pos nossos barcos-a-vela, alugam-os a um alto preço. O que significa que aliviam a pobreza desta terra. Portanto, os preços de compra do pescado por parte dos hotéis, é melhor que qualquer outro comprador.

61. Signica que a existência de hotéis aqui na ilha é benéfica porque oferece-vos emprego? R.: Para nós os nativos, não nos contratam para empregos, mas a causa principal é esta: os nativos daqui da Ilha, não gostam do emprego assalariado. Gostam de fazer aquele tipo de trabalhos tradicionais que cresceram aprendendo _ o trabalho da conta própria; só deles. Eles (nativos)vão trabalhar, são muitos os que estavam a trabalhar para o "Bazaruto Lodge" quando abriu, mas não se ambientaram ao regime de trabalho em vigor aí. Trabalhar nas de redes de pesca deles, é diferente de estar a trabalhar para um patrão. Por exemplo, o horário do Bazaruto Lodge é das 06:00 horas às 12:00 Horas e; das 13:00 à 17:00 horas. Assim, os ilhéus não conseguiram adaptar-se a este horário. O comportamento disciplinar dos ilhéus não se coaduna com este regime de trabalho. Por isso, não são muitos os que trabalham para o "Bazaruto Lodge".

a) Pescas

62. O que é que pescam? R.: Aqui, em 1º lugar pescamos à procura de peixe. Os tipos de peixe variam com a estação do ano. Nesta estação, pesca-se a sardinha, o peixe faca, os peixinhos brancos e curtinhos chamados "hobho" o peixe das algas marinhas não aparece nesta época do ano, foge e vai para as águas profundas. Só no período do Verão, é que aparece esse peixe.
63. Como é que pescam? R.: Chegamos ali e desembarcamos uma pessoa no meio da água de altura até ao cinto, e , depois começamos a lançar a rede, damos a volta até terminarmos o lançamento da rede. Depois, começamos a puxar a rede até sair toda. Se tiver algo, tem; e se não tiver não tem. Lançamos outra vez. Pelo menos 4 vezes a fazermos o lançamento.
64. Quem vai à pesca na família (os homens, as mulheres ou as crianças?) R.: Vão os jovens fortes, tanto homens como rapazes.
65. As mulheres vão à pesca a rede? R.: Vão muito bem. Puxam a rede e remam os barcos. Isso acontece? R.: Isso acontetec muito bem.
66. Se a pesca tem distinção de sexo e de idade? R.: As crianças do sexo masculino começam desde os 10 , 11 a 12 anos, já que aqui não há escola. Apenas aqui em Sitone é que há escola. Em Zenguelema e Pangaia, como não há escolas, tanto os rapazes como as raparigas de 10 a 11 anos vão à pesca a rede.
67. Qual é o destino do produto da pesca? (alimentação, venda?) R.:O produto da pesca destina-se à venda para a compra da alimentação. No continente bem como para a compra de material para as redes de pesca.
68. Como são administrados os rendimentos da pesca? R.:O dinheiro da venda do pescado, depois que tivermos comprado os alimentos, o que sobra é usado para outros fins. Mas eu pessoalmente, vou guardar nos correios isso para me prevenir do que vir a acontecer. Se houver uma eventualidade, eu vou levantar o dinheiro para relançar a vida. Os outros irmãos, guardam o seu dinheiro nas suas palhotas metido em garrafas à espera de usá-lo quando acabar a farinha de milho que estiverem usando.
69. Os velhos não vão à pesca? R.: Não, os velhos, quando estiverem mais idosos, ficam em casa e vão à pesca as raparigas e rapazes.
70. Então, quem trabalha para os velhos? R.: É o próprio chefe do agregado familiar por exemplo

as tias, quando estiverem vivas os sobrinhos, filhos dos meus irmãos falecidos, estão em casa e eu sou o chefe da família. Eu e os jovens vamos à praia e após a venda do produto da pesca, compramos o saco de cereais e alimentação que ainda não atingiram 10 anos.

b) Pecuária

71. Quem apascenta o gado? Os homens ou as mulheres? R.: Os cabritos como é hábito aqui em Bazaruto, não construímos curais e nem existem machambas que se pense que possam ser estragadas pelos cabritos, quando amanhece, o rebanho vai pastar sozinho aqui na zona e, quando as crianças voltam da escola, vão reunir o rebanho mesmo eu o pai, se ver que o rebanho vai pastar longe, vou reuni-lo ou recolhê-lo para casa.
72. Os carneiros e os cabritos entram no processo de lobolo quando o rapaz vai desposar uma rapariga? R.: Não, aqui em Bazaruto os cabritos e os arientinos não entram no processo de lobolo, só servem para as cerimónias do "MAFA".
73. Num casal, a manada de caprinos e arientinos pertencem ao marido ou a mulher ou ainda a ambos? R.: Se o casal tiver rebanhos, estes pertencem ao marido.
74. Quando há uma separação entre o casal, a mulher tem o direito de levar uma parte do rebanho? R.: Quando o casal se separa, a mulher não tem direito a algo; só se o marido tomar a iniciativa de se separar da mulher, pode oferecê-la três (caprinos ou arientinos) para levá-los consigo para a casa dela.

c) Agricultura

75. Que tipo de culturas produzem? R.: Aqui, produzimos mexoeira, batata-doce e mandioca.
76. Qual é a cultura que mais rende? Qual é o rendimento ao ano em Kgs/ha? R.: Rendemos muito pouco, talvez o suficiente para alimentar a família por dois meses. Considera-se que o rendimento é melhor quando forem 4 saquinhos de 50 Kg de mexoeira cada um. Como a cultura é única, não leva muitos dias a alimentar a família.
77. Usam algum adubo ou pesticida? R.: Aqui não usamos algum adubo na machamba de mexoeira, porque a mexoeira basta germinar cresce como capim e não é preciso cuidados.
78. Onde é praticada a agricultura aqui na Ilha? R.: Aqui na ilha antes de haver o Parque porque este proíbe a agricultura, cultivávamos na base das dunas de areia, ou nos vales entre dunas.
79. Quem geralmente vai à machamba na família? R.: Aqui em Bazaruto, as mulheres é que vão à machamba, enquanto o homem vai à pesca.
80. Como classifica os solos aqui da Ilha? R.: Em Xihokha, chamamos "mavhu" e podemos dividir em dois grupos: Nkhova e khuati".
81. O que é que produzem no "Khova"? R.: Plantamos bata-doce, na parte mais baixa e nas margens dos pântanos, plantamos a mendioqueira, a cana-doce, só para o consumo e não para fins de rendimento.
82. Qual é o adequado e qual o que é inadequado para a agricultura dentre os solos que enumerou? R.: Os adequados são as dunas de areia porque as dunas podem ser cultivadas porque produzem a mexoeira a tal ponto que se houvesse muito bosque na dunas, daria para produzir 4 sacos de mexoeira.
83. Que utilidade tem os solos inadequados? R.: Os solos inadequados são os pântanos uma vez que basta chover um bocadinho, enchem-se de água e por isso, não dão para a agricultura.
84. Que alternativas alimentares tem encontrado quando há uma seca prolongada e há escassez de solos adequados para a agricultura? R.: Se houver muita seca, e não houver produção, o único recurso é o corte da palmeira brava para extrair-lhe o vinho "utchema" a pesca e a apanha do mapalo.
85. Que tipos de culturas novas foram introduzidas na Ilha nos últimos anos? R.: Não introduzimos

nenhuma cultura nova. A cem anos atrás, cultivava-se milho, algodão, e amendoim aqui na Ilha, e havia muita produção, será que ainda hoje se verifica?

86. Se não, porque é que agora não há tanta produção como era nessa altura? R. : Isso sei. Nem mesmo agora, semeiamos milho no Inverno só que não chega a produzir algo. Só se semeia numa pequena parcela que não chega a render nada. Semeiamos em Maio, e em Julho colhemos. No verão, nem vale apenas porque assim que germinar, morre logo.
87. Que técnicas novas introduziu no seu trabalho e o que é que as mesmas vizam melhorar? R.:A única técnica que operamos é só semeiar nas épocas devidas de cada cultura. Experimentamos semear milho e amendoim no Verão, e não deu. Experimentamos a época fresca de Abril, Maio, Junho, semeiando amendoim, milho nas margens das lagoas e lagos, mas o milho semeado nas dunas não dá nada. Pode germinar, mas não chega a crescer.

d) Assentamentos humanos

88. De que tipo de material é feita a sua casa? R.: A minha casa foi construída de caniço e coberta de capim, em algumas áreas das paredes, pus cimento.
89. Onde vem esse material (daqui da ilha ou do continente)? R.:O capim arranjo aqui mesmo; os paus usados na parede comprei no continente.
90. A sua casa tem janelas? Se sim, quantas? R.:Sim, tem três janelas.
91. A sua casa tem alguma divisão? Se sim, quantas divisões tem? R.:Tem um quarto e uma sala, mas tenho três palhotas.
92. Quantas pessoas dormem nela? R.: Dormem 4 pessoas na casa principal.
93. A sua casa está construída perto de sua família? Se sim, qual é o grau de parentesco existente entre você e esse familiar? R.:Sim, construí perto da família.
94. Porquê construiu a sua casa perto da família? R.: Porque toda a família está junta. Os meus familiares vieram construir perto enquanto eu já tinha a minha casa aqui e fizeram isso porque eu sou o mais velho da família e tenho muitos filhos, os demais familiares mais velhos incluindo os meus pais já faleceram Eu sou tido como o mais velho e pai ao mesmo tempo. Ajudamo-nos em qualquer eventualidade quer de dia quer de noite.
95. Quem faz a construção das casas? Os homens ou as mulheres? R.: As casas são construídas pelos homens. As mulheres não sabem construir. Umas e outras que são viúvas e não tem quem cuidar delas, podem construir as suas próprias cabanas, tal que, em caso de chuva no mínimo dê para abrigar-se.

e) Na recollecção

96. O que é que recolhe (mapalo, ameijoa, holotúrias, plantas silvestres, conchas?) R.: Na apanha do mapalo, tanto os homens como as mulheres podem ir à apanha; não são apenas as mulheres. Há homens e mulheres que vão à pesca e não vão à apanha do mapalo. Mas há também homens e mulheres que só vão à apanha do mapalo. Na recolha de frutos silvestres, vão apenas as mulheres, especialmente na agricultura. Os homens aqui, não são muitos os que conhecem a agricultura. Apenas o Inácio aqui é que tem uma machamba de cana-doce.
97. Em que período do dia e época do ano é feita a recolha? R.: O mapalo, desde Janeiro a Abril é um período que muita gente não vai apanhar. Nos meses de Julho a Setembro, apanha-se o mapalo, mas essencialmente os homens é que vão à apanha do mapalo usando os barcos. As mulheres, no sítio onde vão apanhar os homens na época do Verão, não conseguem chegar porque a maré não vaza conforme ocorre no período do Inverno.
98. Pratica a apicultura? Se sim, qual é o benefício que lhe traz? R.: Não se pratica a apicultura aqui em Bazaruto.
99. Será que não existem abelhas aqui na Ilha? R.: Existem algumas abelhas em certas zonas onde

quando estiverem cortando a palmeira brava, aparecem, mas sem se saber donde vêm. Quando fosse a extrair o mel, o meu pai tinha um archote que acendia e as abelhas apanhavam o fumo e ficavam embriagadas e não conseguiam dár ferroadas.

100. Que nomes dão às diversas plantas que aqui na Ilha se encontram? Quais são os seus fins? R.: Existem plantas medicinais e plantas que são usadas para estacas de construção. As plantas medicinais que conheço são três: Há uma que é usada para dores de barriga, ou quando a pessoa tiver diarreia; há aquela que é usada para tratar ferridas grandes; há aquela que é usada para a tuberculose. Outras plantas são a casuarina, que é usada para fazer remos de barcos e chatas.
101. Onde vai buscar a lenha que usa para cozinhar, aquecer-se e outros fins? R.: Arranjo a lenha aqui no mato perto da casa.

e) Zonagem do território

102. A agricultura, pecuária, recollecção são feitas no mesmo lugar? R.: Há sítios para a pastagem dos caprinos. Os caprinos pastam nas baixas, numa certa zona. Existe uma parte para a agricultura e outra para a construção de casas de habitação.
- Porque é que não constroem casas nas dunas de areia? R.: Se não construimos as casas lá, é porque toda a gente vive da pesca. Então, pode acontecer que chova e, se encham de água as baixas. Ai, já não é possível atrasessar as baixas de lá, para cá. Por isso, é uma preocupação. Os nossos pais tinham construído lá, mas eu noto uma diferença porque a baixa e o mar não combinam porque as baixas inundam-se.

VI _ Sobre as fontes de rendimento

a) Comércio

103. O que é que vocês residentes da Ilha vendem para o continente? R.: Vendemos peixe, mapalo, cabritos, lulas. As galinhas, nunca levamos para ir vender lá.
104. O que é que compram no continente para a Ilha? R.: Compramos cereais, roupa, calçado, madeira, pregos, cimento e etc.

b) Outras

105. Quais são as fontes de subsistência e de rendimento que usam aqui na Ilha? R.: É o peixe, o mapalo, cabritos.
106. Quanto rende por ano em meticais na:
- a) Agricultura? R.: Não traz beneficios de vulto. b) Pesca? R.: Varia conforme as apanha mas pode se render 2 a 3.000.000,00 Mt.
- c) Recollecção de fruto silvestres? R.: Não nos traz beneficios.
- d) Recollecção de Plantas medicinais? R.: Não vendemos plantas medicinais.
- e) Recollecção de conchas? R.: Apanham-se conchas e algumas pessoas vende-nas. Eu nunca apanhei e nem vendi nenhuma concha. f) Outras actividades produtivas? R.: Os outros fazem medicina tradicional e os advinhos; usam raízes para tratar as pessoas e arranjam dinheiro assim.

VII _ Sobre a Autoridade Tradicional

107. Quem atribuiu-lhe a parcela de terra em que construiu a sua casa e fez a sua machamba? E, se foram os seus pais, quem lhes deu essa mesma parcela? R.: É o chefe.

108. Que chefe? O chefe das terras. O chefe desta zona é o Sarlvador Africano. O que era régulo na altura era o Bilinga que está lá em Pangaia. Mesmo aqui onde está o acampamento, é o Salvador que indicou o lugar para construir. É o chefe das terras aqui e que faz a cerimónia da missa tradicional "muphatlho" porque sabe onde são os lugares sagrados em que existem os espíritos nesta zona.
109. O que é a Autoridade Tradicional? R.: A A.T. é conhecer os segredos e as tradições, os hábitos culturais, sober que se houver um conflito em que haja derramento de sangue, a cerimónia que se deve fazer, é esta ou aquela. Tudo o que é tabu é conhecido pelo chefe tradicional que lidera as terras.
110. Como é que ele assumiu a liderança tradicional? R.: Foi escolhido por nós porque disseram-nos que devíamos escolher uma pessoa que conhecia a tradição local, para ser chefe tradicional. Escolhemo-lo por sabermos que desde sempre a linhagem deles é que chefiava aqui nesta zona. O Salvador é dos Nhadaves.
111. Entre os Nhadaves e os Dzivane Nhassengo, quem chefia o outro? R.: É o Dzivane. Os Nhadaves são enganacanas dos Dzivanes.
112. Qual é o território geográfico jurisdicional tradicional dos Dzivanes? R.: O chefe tradicional aqui deve chefiar desde a ponta Dom Carlos até o fim do Sitone; digo em todo o Sitone. O chefe de Zenguelema deve ser chefe lá e o de Pangaia também.
113. Qual deverá ser o papel da A.T. na vida comunitária? R.: O papel da A.T., deve ser o de resolver conflitos e mediar os conflitos comunitários. Por exemplo, se houver um problema familiar, não se deve correr para a esquadra. Os chefes tradicionais, sabem que se houver um problema de natureza X ou Y, deve se castigar os infractores das normas sociais. Se vier uma pessoa que queira um lugar para construir a sua casa; se houver grande seca ou calamidades naturais, que exijam uma missa tradicional, "mhamba", o chefe tradicional é quem conhece o lugar onde se deve fazer a cerimónia.
114. Como deve ser identificada a autoridade tradicional? R.: O que é necessário é que o chefe da A.T. foi escolhido e posto pela comunidade. Então, sendo assim, o chefe da A.T. não pode decidir e agir sem coordenação com o governo. Porque mesmo no tempo colonial, existiam os chefes tradicionais que exerciam o poder e recebiam orientações do governo e diziam que vocês os chefes é que conhecem as vossa tradições, usem-nas. Só que se houverem problemas que não consigam resolver, que os tragam aqui para nós resolvermos. Não resolvam os problemas de homicídios, usem apenas as normas culturais e a vossa tradição na liderança. As demais questões competem ao governo. Por isso, a posição actual da A.T. deve ser dada pelo governo e até que ponto é que podem actuar. Isso seria preocupante se a A.T. pertencer a algum partido político porque cada chefe tradicional quererá trabalhar para questões do seu partido. Isso não é liderar as comunidades. Não é tradição isso. Isso não é salutar. Quem é chefe tradicional é chefe de todos os membros da sua comunidade e chefia pessoas de todos os partidos políticos. O chefe é apartidário e resolve os problemas como chefe tradicional. Deve atender os problemas como eles são, e não deve resolver os da Frelimo e os da Renamo nada. A norma não permite isso.
115. Como deverá ser a inserção da A.T. na administração do Estado e, se ainda (i) usará distintivos (ii) como serão adquiridos (oferta ou compra?) (iii) remunerações? Se sim, quem pagará? serão iguais para todos?) R.: Os chefes tradicionais é que devem pôr as normas para que haja harmonia. E dizem que se nós formos chefes, seremos como tal e vamos resolver os conflitos da nossa comunidade. Mas o que pretendemos é ter é o fardamento que mostre que eles são chefes como era no tempo colonial. A forma de estímulo e de remuneração, era feita consoante o aparecimento de um membro da comunidade que viesse expôr os seus problemas e esses mesmos fossem resolvidos. E pediam para tirar uma certa importância em dinheiro e é esse dinheiro que o chefe recebia. Eu gostaria que na maneira de trabalhar, dos chefes tradicionais, não os distanciasse de nós a administração pública porque há certos assuntos que eles não conseguem resolver e nós intervimos aí. Nós devíamos apoiá-los e mesmo instruí-los

politicamente para não se perderem.

VIII _ Participação comunitária na tomada de decisões

116. Que tipo de articulação gostaria de desenvolver com a A.T. de modo a tornar a vida mais activa na sua comunidade? R.:.
117. Como residente da Ilha, dê exemplos da sua contribuição para a conservação dos recursos naturais? R.: O que eu faço, para preservar os R.N., é proibir as más coisas. Por exemplo, quando uma pessoa está a estragar os R.N., eu digo-lhe que isso é feio, se nós procedermos assim, vamos arruinar a nossa terra. Para que a nossa terra não seja maldita, pelos que aqui vêm e a visitam, vamos resolver os nossos problemas tendo em conta que estamos a resolver a nossa terra e não fassamos coisas segundo as quais, se elas se estragarem propositadamente não tem impotância. Amanhã, vão se estragar. Esses são os nossos princípios como dirigentes de forma a que a nossa terra não caia de modo a calarmos o barulho dos que aqui vêm para enganar-nos e mentirem. Como por exemplo aconteceu em Inhambane a quando da vacinação das crianças. Houve pessoas que desaconselharam os pais para não participarem na vacinação das crianças porque se estas crescessem e fossem a Africa do Sul, seriam descobertas que são Moçambicanos e recambiadas. Nós tivemos que trabalhar muito de forma a que as pessoas aqui fossem vacinar. É por isso que nós devemos lembrar a essas pessoas para que saibam o que é um problema.
118. Como tem sido o processo de educação ambiental? R.:O que eu faço é nos trabalhos da carne e os da mata que são naturais; comendo e deixando uma parte. O que significa que é comer e deixar uma parte e não comer para acabar tudo. Isso para que, se eu morrer, os meus descendentes também apanhem esse R.N. Porque os meus avôs deixaram uma parte e eu também devo proceder da mesma forma.
119. Quais são os exemplos de mau uso dos Recursos Naturais que conhece? R.:O mau exemplo na utilização dos R.N. é nas pescas, apanhamos o peixe que pretendemos usar e aquele que não desejamos deitamos fora. Apanhamos esse peixe enquanto temos muita pressa. Isso faz com que o pescado diminua ao longo das gerações vindouras, os nossos descendentes podem vir a morrer de fome. Se por exemplo comeres tudo o que tenhas produzido no campo incluindo a semente, na próxima época, não terás com que semear. Isso significa que toda a comunidade deve explorar e usar os recursos de forma a deixar uma parte para as gerações vindouras ou para que a nossa terra continue tendo tais recursos. Isso faria com que os R.N. não acabassem.
120. Em que medida o uso sustentável dos R.N. beneficia ou prejudica a prática das suas necessidades? R.: Encontramos o beneficio no sentido de que amanhã apanharei sempre os R.N. que tenho estado a usar.
121. Não tem mais algo a acrescentar? Não, não tenho mais nada.

Obrigado e terminado.

ANEXO 9

ANEXO 9 _ GEOLOGIA DA ILHA DO BAZARUTO

A formação geológica da Ilha do Bazaruto pertence ao Quaternário que se subdivide em duas idades:

1 _ Plistoceno; 2 _ Quaternário recente.

No Plistoceno, encontramos as seguintes sub-idades _ Grés costeiro (QGC), na costa oriental da Ilha, formando uma faixa alongada e delgada que vai desde o Farol de Bazaruto, a Norte, até próximo do Lago Nhassasse, com uma pequena descontinuidade.

Dunas interiores (QDi), que ocupam grande extensão da parte ocidental da Ilha, desde a Ponta Dundo a Sul, até ao início da Ponta D. Carlos, a norte, sendo a ocidente limitado pelas dunas costeiras.

No Quaternário recente, encontramos as dunas costeiras (QDc), que ocupam uma faixa alongada e relativamente larga, estendendo-se desde a Ponta D. Carlos, a norte, e Ponta Dundo, a sul, sendo a ocidente bordejada pelas dunas interiores e, a Leste, pelo mar e pelo grés costeiro (Vide Anexo2, mapa nº4).

9.1. _ Planícies argilo-arenosas

São caracterizadas pela ausência do relevo, cuja cota não excede os 20 m, contrariamente às zonas aplanadas circundantes. São zonas impermeáveis dada a presença de materiais argilosos que retêm água durante largo período de tempo, após a época chuvosa, de Outubro a Abril. Isto tem como consequência a formação de numerosas lagoas, geralmente pequenas, e pântanos. Elas localizam-se numa vasta área de morfologia plana no nordeste e centro-oeste da Ilha do Bazaruto, casos das Baixas Bumba e Chebobone (Barrocoso, 1968:21).

9.2. _ Grés costeiro _ Encontra-se localizado sempre junto às duas linhas de costa (oriental e ocidental), em afloramentos descontínuos, segundo uma faixa estreita e alongada. É uma rocha de grão fino, geralmente com extratificação entrecruzada, caracterizada por uma matriz calcária e má calibragem do grão onde é frequente a presença de fósseis. Geralmente, são bastante coerentes e rijas, podendo, no entanto, apresentar-se algumas vezes menos consistentes em alguns locais da

Ilha. Cox (1939), em seu estudo, atribui-lhes a idade de Pós-Pliocénico. A génese é avançada como sendo a precipitação do carbonato de cálcio existente em dissolução na água do mar com fortes poderes aglutinantes que reúne grãos de areia em locais onde as condições morfológicas detêm acumulações de material (idem,20-21). (Anexo 2, Est. I, Fig.1).

9.3 _ Dunas interiores _ Distinguem-se não só por causa do seu aspecto morfológico, como também porque estão fixadas ou em vias de fixação, apresentando as areias uma cor geralmente avermelhada.

9.4 _ Zonas aplanadas argilosas _ São áreas fortemente argilosas, que podem periodicamente ser inundadas pelas águas salgadas em virtude da posição que ocupam junto à linha da costa.

9.5 _ Dunas costeiras _ Situam-se ao longo da costa oriental da Ilha e apresentam-se geralmente altas e de formação recente. São constituídas por areias movediças de cor amarela e branca devido à acção eólica.

O aumento da areia ocorre na parte alta da praia, com o vento continental, e a erosão regista-se na parte baixa. O inverso aplica-se com o vento soprando do mar para a terra ou vento marítimo. A afirmação é sustentada pela citação que se segue: "Há uma correlação estreita entre a direcção do vento e o movimento da areia" (King, 1971:123).

As dunas ainda estão despidas ou cobertas de vegetação dispersa. A vegetação tem um efeito de estabilização nas areias soltas e também age de modo a prender continuamente a areia soprada pelo vento, o que permite o crescimento contínuo das dunas. As areias da praia são movidas sob a acção das ondas até alcançarem um estado de equilíbrio dinâmico com as condições prevaescentes. Isto é reflectido na ocorrência de pequenas baías sem entusiasmo do lado da Ilha voltado para o mar. (Anexo 2, Est. II, Fig. 1,2).

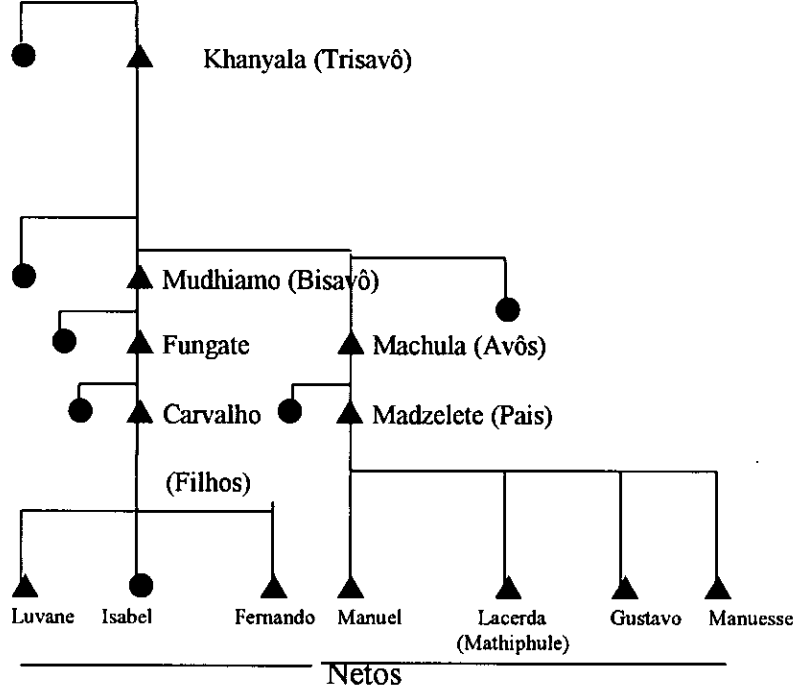
O alinhamento destas baías indica a deriva litoral dominante, cujas areias são transportadas em direcção ao norte, e têm sido depositadas no extremo setentrional da Ilha do Bazaruto, de modo a formar uma ponta extensa _ a D. Carlos.

9.6 _ Aluviões _ Constituem depósitos recentes, formadas em geral por materiais argilo-arenosas. Situam-se junto às linhas de águas e pequenas depressões entre dunas. Segundo Dutton, (1990;16) e (Barrocoso, et al. (1963:20-21) a Ilha é essencialmente composta de areias de quartzo de tamanho médio e fino, envolvidos de forma que a sua estrutura toma uma aparência oolítica, o que lhe confere grande coerência e dureza. Quando não consolidados, os grãos de quartzo são constituídos por cimento abundante, com uma componente menor de carbonatos derivados de esqueletos de organismos marinhos. Vulgarmente, este grés é fossilífero, conservando muitas vezes a fauna e as cores originais (Anexo 2, Est.I, Fig. 1).

A conclusão a que se pode chegar no caso da Ilha do Bazaruto é que as ondas e o vento marítimo da costa leste são construtivos, já que originam as dunas de areia; enquanto que o vento marítimo da costa oeste origina ondas curtas e muito destrutivas. São os casos da arriba de Zenguelema, as transgressões marinhas de Machulane no complexo "Bazaruto Lodge" e na sede do PNB bem como noutros lugares.

ANEXO 10

ANEXO 10 _ DIAGRAMA LINHAGEIRO DOS DZIVANE NHASSENCO EM SITONE, A NORTE DA ILHA.



(Elaborado por Gilberto Ricardo, 1997, segundo relatos dos membros da Linhagem).

ANEXO 11

ANEXO 11 SECÇÃO A _ METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS ILHÉUS DURANTE O TRABALHO DE CAMPO.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo é uma técnica usada no tratamento das entrevistas semi-estruturadas com os ilhéus de Bazaruto em 1997.

1 Fundamentos e objetivos da análise de conteúdo

Vala, J. (1986:103) citando Berelson (1952), definiu a análise de conteúdo como uma técnica de investigação que permite a “descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto na comunicação”.

Krippendorff (1980), citado por Vala, J. (idem), definiu a análise de conteúdo como “uma técnica que permite fazer inferências, válidas de pesquisa, a análise de conteúdo exige a maior explicitação de todos os procedimentos utilizados.”

Segundo Bardin (1979), a inferência permite a passagem da descrição à interpretação, enquanto atribuição de sentido às características dos materiais que foram levantados, enumerados e organizados.

A finalidade da análise de conteúdo é de efectuar inferências com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas; Vala, J.(1986:103)

2. A análise de conteúdo na investigação empírica

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de informação, não é um método. Como técnica, ele incorpora um procedimento lógico de investigação empírica que emprega os métodos experimentais, de medida (ou análise extensiva) e de casos (ou intensivos).

Esta técnica serve a vários níveis de investigação empírica com hierarquias de objectivos de trabalho investigativo: descrever fenómenos, descobrir covariações ou associações entre fenómenos (nível causal).

Na análise de correlação, procurou-se estabelecer relações de associação ou de correlação entre variáveis.

Estabeleceu-se níveis de investigação empírica, em que a hierarquia de objectos do trabalho de investigação: descrevem fenómenos espaciais e sociais de organização (nível descritivo), procurou-se descobrir covariações ou associações entre fenómenos (nível causal).

No nível descritivo, fez-se uma explanação axaustiva dos fenómenos espaciais e sociais de toda a Ilha do Bazaruto. Atribui-se uma importância relativa à organização social dos ilhéus, (o matrimónio, o parentesco, os rituais, as linhagens, a vida religiosa, e etc.). na análise correlacionar procurou estabelecer-se relações de associação ou de correlação entre variáveis. Pela análise de conteúdo estabeleceram-se relações entre a infirmiação e as características da organização social da ilha há 120 anos atrás descritas por Ferreri (1886) e as actuais.

Uma das vantagens da análise do conteúdo é permitir que se trabalhe sobre entrevistas abertas.

Na análise do conteúdo, durante a investigação no campo, foi feita a entrevista pós-experimental, na qual, os líderes comunitários tradicionais, foram convocados a um debate conjunto, realizado em Sitone, a 10 de Setembro de 1997, onde tiveram que produzir um consenso sobre quem de facto chegou primeiro e como assumiu a liderança tradicional na ilha, entre as linhagens actuais que a habitam, e qual o papel dos líderes comunitários e tradicionais na participação comunitária sobre a gestão dos r.n. Vala, J.; (1986:103-7).

3. Prática da análise de conteúdo

Para analisar o conteúdo, foram definidas as seguintes operações:

- i) delineamento dos objectivos e delineamento de um quadro de referência teórica orientador da pesquisa;
- ii) constituição do corpus;
- iii) definição de categorias; envolvendo factores agrupados em variáveis que estavam concebidos nos sub-tópicos das entrevistas no campo. Segundo Hogenraad (1984)¹ Um factor é um certo número de sinais de linguagem que representam uma variável na teoria do analista. Neste contexto, um factor é composto por um termo-chave que indica a significação central do conceito de análise e de outros indicadores que descrevem o campo semântico do conceito das variáveis envolvidas. Assim, factor é um conjunto de variáveis que concorrem para um resultado na teoria da análise que se pretende realizar. A construção de factores, foi feita após a realização das entrevistas. O plano de factores definido, faz parte do corpo do texto da dissertação e, revela simultaneamente a problemática constatada e das características concretas da análise dos pressupostos, dos objectivos e do material colhido “na análise das entrevistas realizadas com vista ao estudo dos factores, que influenciam as atitudes face ao trabalho”. Herzberg et al (1959) usaram este percurso.
- iv) definição de unidades de análise; As unidades de análise usadas nesta análise de conteúdo foram as formais, considerando uma frase mais ou menos comum contida na entrevista. Unidade de contexto É o segmento mais longo de conteúdo examinada na característica da unidade de registo. A unidade de enumeração _ é a unidade na base da qual se procedeu à quantificação. Neste estudo, usou-se a unidade aritmética baseada na unidade de registo. A enumeração consistiu na atribuição de valores aos factores, das variáveis e da afirmação do respondente à entrevista efectuada.

v) A quantificação recorrendo à análise dimensional incorporou 48 variáveis em 16 factores. Esta técnica engloba também a análise factorial que foi julgada a mais adequada na análise dos dados colhidos. Lagarde (1983), Kruskal e Wish (1978). Por outro lado, a técnica de análise de dependência permite determinar o grau de associação ou de causalidade entre as variáveis ditas dependentes ou explicar certas variáveis ditas independentes das explicativas.

“Na Geografia, as observações raramente se colocam de forma exacta sobre uma linha de regressão, ou seja, é raro que elas tenham um relacionamento linear perfeito. Normalmente, y é só parcialmente explicado através de x. Isto segundo Norcliffe (1977:216-217) ocorre em função das duas razões principais:

- a) Os fenómenos que o Geógrafo estuda são geralmente de carácter multivariado, ou seja, uma dada variável é influenciada através de muitas outras variáveis de tal maneira que a variável independente é influenciada através de muitas outras variáveis de tal maneira que a variável independente é só responsável por uma parte da variação em y. Nesta situação podemos aplicar a regressão múltipla e a variável x é substituída através de um vetor de variáveis, xi, de tal forma que $y \rightarrow x_1, x_2, x_3, \dots, x_n$.
- b) Por outro lado, uma variação ou fenómeno pode ser atribuído a um conjunto de variáveis explanatórias, sobre um comportamento predisível de forma inerente que é atribuída a acontecimentos acidentais como sejam enchentes, abaixamentos da temperatura ou mortes inesperadas numa família.” Gerardi e Silva; (1981:92)

Os princípios acima citados, ditaram a que se escolhem as análises de regressão de correlação múltipla. O coeficiente de correlação “r” pode variar de +1 a -1. Ele é positivo, se com crescentes valores de x os valores de y aumentam também e negativo se com crescentes valores de y diminuem. Assim, $r=+1$ indica uma perfeita associação positiva [...], $r=-1$ uma perfeita associação negativa. Se $r=0$ não temos correlação entre [as] variáveis” Gerardi e Silva (1981:101).

¹ \ Referenciado por Vala, J. (1986:110).

O coeficiente [r] indica a percentagem de variação de y explicada pela regressão. 0% indica que nenhuma variação em y é associada com a variação em x e 100% indica que toda a variação em y é associada com a variação em x” (ibidem:96).

“Em termos gerais, coeficientes dentre +0,5 e +1 e entre -0,5 e -1 são altamente significativos, enquanto que se os valores que se acham entre -0,5 e +0,5, há pouca significância na correlação que se espera” Gregory, S. (1973:192-3). Uma grande preocupação a ter em conta é de que o valor do coeficiente não indica porquê é que existe esta relação; e não prova que algumas causas produziram os efeitos, já que podem ter havido factores diferentes que interagiram para produzir as alterações nessas áreas.

Recorrendo à análise factorial, “uma técnica na qual um grande número de categorias de dados e as suas inter-correlações podem ser reduzidas a um pequeno número de “factores básicos”, para simplificar uma análise posterior dos dados” Sawyer e Levine (1966) usaram a análise factorial na investigação da “Amostra Etnográfica do Mundo de Murdock” que consiste numa tabela de 30 características económicas básicas, ecológicas sociais e políticas de uma amostra de 565 sociedades. Pelto, P.J.(1970:198).

A análise factorial incorpora-se na análise de conteúdo e, havendo uma semelhança entre o conteúdo dos factores de Murdock e os concebidos para o estudo da Ilha do Bazaruto, foram elaborados para o efeito 16 factores, dos quais derivaram-se 48 variáveis. Empregando o programa estatístico “EXECUSTAT STUDENT EDITION”, fez-se o cruzamento de todas as variáveis entre si, que forneceram coeficientes de correlação que variam de $-1 < r_{xy} < +1$ para $\alpha=0,05$ (5%).

Em função dos objectivos, problemas e pressupostos definidos, seleccionaram-se aquelas variáveis que fornecem os resultados desejados.

A elaboração dos mapas temáticos (5, 8, 10 e 12), de densidade dos povoamentos e demográficos (hab/km^2) de toda a Ilha do Bazaruto, tomando como fontes os levantamentos GPS 1997, obedeceu a “técnicas estatísticas para o agrupamento dos dados, ou mais especificamente,

para a selecção dos intervalos de classe visando o mapeamento”; Gerardi e Silva; (1981:137 e 142). Usando o programa Mapinfo, delinearão-se e calcularão-se as áreas habitadas e o seu número de habitantes. Os intervalos de classe foram obtidos automaticamente e fizeram-se pequenos ajustamentos tornando-nos ambos fechados.

A técnica provou ser “extremamente útil para a regionalização uni ou multidimensionais além de poder ser aplicada para identificar grupos de variáveis homogéneas”, aquelas que têm densidades populacionais semelhantes; Gerardi e Silva (1981:135).

As relações espaciais obtidos pela mapeamento através das densidades populacionais vizam a detecção e análise dos padrões espaciais. Isto é nitidamente sustentado por Haggett et al. (1977, p.1) como “(1) descrevendo os arranjos dos agregados no espaço, (2) detectar estes arranjos, e (3) o uso desta informação em aplicação ”; citados por Wilson & Bennett (1985:72). Como muitos dados específicos dos lugares são muitas vezes recebidas pelos pesquisadores como dados dos pontos, por exemplo os atributos da habitação, a análise matemática dos assentamentos humanos da Ilha, tinha como objectivo então a percepção das teorias e processos espaciais matemáticas, e como isto é transformado e também transforma a estrutura espacial.

4 _ Conclusões à luz do cruzamento das variáveis

Pressuposto nº 1: com os dados colhidos no campo por intermédio de entrevistas, fez-se o cruzamento das variáveis A7, B7, C7; D7; A9, B9, C9; com as variáveis A10, B10 C12, A13, a h13 e obtiveram-se os seguintes resultados:

A7→A9=0,9844	A9→B10=0,7999	B7→B9=0,9974
A7→B9=0,9861	A9→A11=0,9994	A9→A12=0,9994
A7→C9=0,9817	A9→B11=0,9994	B7→C9=1,000
B7→A9=0,9994	A9→C11=0,9994	

Pressuposto 1 As variáveis A7 e B7 em que a autoridade tradicional opera, quando cruzadas com as variáveis A9, B9 e C9 dos rituais, apresentam uma forte correlação positiva, acima de 99,77% de explicação de que a autoridade tradicional tem uma forte relação com a utilização comunitária dos recursos naturais.

A7→A10=0,7666 C7→B10=0,8192
B7→B10=0,8192 D7→B10=0,7472

Os resultados fornecidos pelo cruzamento das variáveis vão de 74,72% a 81,92% o que mostra uma forte correlação e positiva de explicação de que na (sociedade patrilinear,) em que o esposo coabita com com o pai, tem fortes implicações com o não envolvimento da mulher na pesca por rede de arrasto para fora. Alias, na Sociedade Moçambicana, uma nora não deve estar perto do sogro com uma endumentária indecente. O facto de se ir à pesca com roupas rotas agravado pelo facto de estas ficam molhadas, concorre muito para o não envolvimento das mulheres na pesca de rede por arrasto com os homens (equilíbrio de género).

As conclusões a que se chegou são as seguintes:

Pressuposto 3, de uma forma geral, a recolção de (mapalo, caranguejo, frutos silvestres e plantas medicinais é tido como um uso sustentável dos recursos naturais para que rejuvenesçam e produzam mais e, tem uma forte correlação e positiva de 97 a 100% de explicação. (Cruzamento das variáveis A16 com A13 a H13.

A10→B10=0,8192 B12→A12=0,8192 A11→C11=0,8192
A11→B11=1,0000 B10→A12=0,8197 B10→B12=0,8197

Pressuposto 4: as conclusões derivadas das análises das correlações do género, sugerem a inexistência das relações de género no uso e aproveitamento dos recursos naturais. O homem mostra dominar mais de 80% das actividades em exclusão da mulher ou seja as correlações entre as variáveis explicam entre 82 a 100% das actividades que são exercidas pelos homens sozinhos ou pelas mulheres sozinhas sem o equilíbrio do género. (cruzamento das variáveis A10 a B12) entre si. Mas as correlações são apenas uma tentativa matemática de explicar um fenómeno social que não se manifesta de forma linear.

B9→A11=0,9973 B9→C11=0,9973
B9→B11=0,9973 B9→A12=0,9973
B9→B12=0,9994

O cruzamento das variáveis B9 com as variáveis A11, B11, C11, A12 e B12 ou seja o envolvimento de curandeiros nas pescas, na pecuária e na agricultura, apresentam uma forte correlação e positiva acima dos 99% de explicação.

C9→A10=0,3245	C9→B13=0,6140	C9→H13=0,9817
C9→C13=0,6140	C9→B10=0,8192	C9→B12=1,0000
C9→D13=0,9993	C9→A11=1,0000	C9→A13=0,4613
C9→E13=0,2333	C9→B11=1,0000	C9→G13=-0,0442
C9→F13=1,0000	C9→C11=1,0000	C9→A12=1,0000

Os resultados dos cruzamentos das variáveis C9 com as: B10, A11, B11, C11, A12, B12, D13, F13, e H13, apresenta, uma forte correlação positiva que vai de de 81,92% a 100%, enquanto que o cruzamento das variáveis C9 com as A10 a A13, têm uma fraca correlação. O cruzamento das variáveis C9 com as variáveis E13 e G13, apresentam uma fraca correlação e negativa.

A10→B10=0,8043	B10→A11=0,8192	A11→A10=0,3445	B11→A10=0,3245
A10→A11=0,3245	B10→B11=0,8192	A11→B10=0,8192	B11→B10=0,8192
A10→B11=0,3245	B10→C11=0,8192	A11→A11=0	B11→A11=1,0000
A10→C11=0,3245	B10→A12=0,8192	A11→B11=1,0000	B11→B11=0
A10→A12=0,3245	B10→B12=0,8192	A11→C11=1,0000	B11→C11=1,0000
A10→B12=0,3245	B10→A13=0,8793	A11→A12=1,0000	B11→A12=1,0000
A10→A13=0,9879	B10→B13=0,9490	A11→B12=1,0000	B11→B12=1,0000
A10→B13=0,9449	B10→C13=0,9490	A11→A13=0,4613	B11→A13=0,4613
A10→C13=0,9449	B10→D13=0,8328	A11→B13=0,6140	B11→B13=0,6140
A10→D13=0,3441	B10→E13=0,3584	A11→C13=0,6140	B11→C13=0,6140
A10→E13=0,8430	B10→F13=0,8192	A10→D13=0,9993	B11→D13=0,9993
A10→F13=0,3245	B10→G13=0,5284	A11→E13=-0,2333	B11→E13=-0,2333
A10→G13=0,9295	B10→H13=0,9117	A11→F13=1,0000	B11→F13=1,0000
A10→H13=0,4982	B10→B14=0,9117	A11→G13=-0,0442	B11→G13=-0,0442
A10→B14=0,4982	B10→C14=0,7166	A11→H13=0,9817	B11→H13=0,9817
A10→C14=0,9846	B10→D14=0,8367	A11→B14=0,9817	B11→B14=0,9817
A10→D14=0,3543	A11→C14=0,1871	B11→C14=0,1871	B11→D14=0,9995
A11→D14=0,9995			

**ANEXO 11 SECÇÃO B _ TABELA DE ANÁLISE FACTORIAL PARA AS ENTREVISTAS
DA ILHA DO BAZARUTO**

Factores

ANTROPOLOGIA

SISTEMAS DE CASAMENTO

1A _ Patrilineares.

1B _ Idade de casamento do rapaz (16 a 20 anos).

I 1C _ Idade de casamenmto da rapariga (14 a 18).

FORMAS DE MATRIMÓNIO

2A _ Endogamia intra e enter-linhageira.

II 2B _ Casamento tradicional empregando o lobolo e "MAFA".

RELAÇÕES DE PARENTESCO

3A _ Parente é a pessoa com quem convivemos.

3B _ Parente é a pessoa que nos ajuda em momentos difíceis.

III 3C _ Os filhos nascidos dum casal usam o apelido do pai.

ASSENTAMENTOS HUMANOS

4A _ Segundo a estrutura de família alargada.

IV 4B _ Segundo a estrutura de família nucleada.

4C _ Segundo a estrutura do acaso.

4D _ Segundo a estrutura de afinidade sanguínea.

DEMOGRAFIA E PLANEAMENTO FAMILIAR

5A _ É tabu o pai pegar no bebé depois de um acto sexual extra conjugal.

V 5B _ O marido só deve manter acto sexual com a esposa depois do bebé desta ter 18 meses de idade.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO EMPREGUE

VI 6A _ Precário local (caniço, paus, capim, matope)

AUTORIDADE TRADICIONAL

VII 7A _ O filho que lobolou uma esposa, permanece em casa dos pais (coabita com ele).

7B _ O filho chama seu pai ou um ancião da família para fazer as cerimónias tradiçionais. na sua casa.

7C _ Apenas os mais velhos é que podem fazer cerimónias tradicionais "kuphatlha ou mhamba".

7D _ Os chefes tradicionais são quem atribui as terras aos membros da comunidades dos ilhéus.

MITOS

VIII 8A _ Na Ilha existem cereias "djondjis".

8B _ O incesto é tabu.

RITUAIS

IX 9A _ Premissas de lançamento de uma nova rede de pesca.

9B _ Emprego do curandeiro ao iniciar acampamento e posse de rede de pesca.

9C _ Lançamento de novos barcos de transporte de passageiros.

9D _ Prática de cerimónias tradicionais "muphatlho" e existência de réplicas de palhotas em miniatura nas casas.

USO DOS RECURSOS NATURAIS

PESCA COM REDE DE ARRASTO PARA FORA

X 10A _ Envolvendo mulheres.

10B _ Não envolvendo mulheres.

PECUÁRIA

- 11A _ Rebanho de arietinos e caprinos pertence ao homem.
- XI 11B _ Rebanho de arietinos e caprinos pertence à mulher.
- 11C _ Criação de galinhas e patos é feito pelas mulheres e pertence só a elas.

AGRICULTURA

- XII 12A _ Envolve também os homens.
- 12B _ Envolve apenas as mulheres.

RECOLEÇÃO DE

- 13A _ Caranguejo e Mapalo, envolve homens.
- 13B _ Caranguejo e Mapalo, envolve apenas mulheres.
- XIII 13C _ Caranguejo e Mapalo, envolve homens e mulheres.
- 13D _ Frutos Silvestres, envolve homens.
- 13E _ Frutos Silvestres, envolve apenas mulheres.
- 13F _ Frutos Silvestres, envolve homens e mulheres.
- 13G _ Plantas medicinais, envolve apenas curandeiros.
- 13H _ Plantas medicinais, envolve não apenas aos curandeiros.

FONTES DE RENDIMENTO

- 14A _ Pesca.
- XIV 14B _ Pesca e Pecuária.
- 14C _ Pesca, Pecuária e fabricação de bebidas caseiras.
- 14D _ Pesca, Pecuária e extração do vinho da palmeira brava "utchema".

ZONAGEM DO TERRITÓRIO

- XV 15A _ Os ilheus têm noção de zonagem do seu território.
- 15B _ Os ilheus não têm noção de zonagem do seu território.

USO SUSTENTÁVEL DOS R.N.

- 16A _ Uso racional dos R.N. para que rejuvenesçam e produzam mais, é um programa de uso sustentável dos R.N.
- XVI 16B _ O uso sustentável dos R.N. beneficia as gerações vindouras anualmente.
- 16c _ Pescar e deitar fora o pescado, usar redes mosquiteiras e de sombra para a pesca e derrubar árvores de fruto é um mau uso dos R.N.

Chave de classificação das variáveis

- 0 _ Não; não se verifica; não é verdade; não existe; não envolve; não participa
- 1 _ Sim, é; verifica-se; é verdade; existe; participa; envolve;
- 3 _ Não sei; nem sim, nem não; neutro.
- 4 _ Sem informação.

ANEXO 11 SECÇÃO C - CRUZAMENTO DE VARIÁVEIS

Para a satisfação do objectivo geral 2, as variáveis 13D, 13E, 13F 13G e 13H, foram cruzadas com as variáveis 14B, 14C e 14D, para aferir até que ponto os r.n. não marinhos contribuem para a subsistência e aumento dos rendimentos dos agregados familiares.

O objectivo específico a), pode ser aferido através do cruzamento das variáveis 9A 9D, com as variáveis 7A a 7D.

O objectivo específico b), pode ser aferido através do cruzamento das variáveis 10A a 14D entre si.

O objectivo específico c), pode ser aferido através do cruzamento das variáveis 15A com a 7D e 4A a 4D entre si.

O objectivo específico d), pode ser aferido através do cruzamento das variáveis 10A, 10B a 13H entre si..

Os problemas levantados na pesquisa, foram respondidos em:

Para aferir o problema 1, as variáveis 14A a 14D, demonstram o resultado do problema. A variável 7D, confere uma amostra de até que ponto, a A.T., intervê na forma de organização do acesso ao uso dos R.N.

As variáveis 7A a 7D, forem cruzadas com as variáveis 9A a 13H, para conferir uma solução.

Ocorreram profundas mudanças nos ecossistemas, que se manifestaram na predação das tartarugas marinhas, pelos ilheus. Nessa altura, quando se praticava a caça das tartarugas marinhas, se os ilheus apanhavam um desses animais, ofereciam uma das peças das suas presas aos chefes tradicionais. Com a proibição da caça desses quilóneos, os chefes tradicionais já não recebem mais esse tipo de ofertas como tributos em reconhecimento do seu poderio. A A.T., parece que não estabelece uma ligação directa na relação subordinado/subordinante, estando apenas reservado o papel da organizador os elementos de coesão das relações da estrutura de parentesco na forma de linhagem familiar.

Pressupostos:

1) Para a verificação do pressuposto 1, deve se aferir cruzando as variáveis 7A a 7D; 9A a 9D, com as variáveis 10A a 10B; 11A a 11C; 12A a 12B; 13A a 13H.

2) Para a verificação do pressuposto 2, deve se aferir cruzando as variáveis 10A a 14A entre si.

3) Para a verificação do pressuposto 3, deve se aferir cruzando as variáveis 16A a 16C, com a 11A e 11B, mas não vão indicar algo. Só a observação visual é que deve indicar os resultados, visto que as questões não foram colocadas no terreno no sentido de o que é que fazem e como fazem; mas sim, no sentido do que acham que é ou não o uso sustentável.i.

4) Para a verificação do pressuposto 4, deve se aferir cruzando as variáveis 9A a 9D, com as variáveis 13A a 13F.

APÊNDICE A : NOMES DE USO QUOTIDIANO NA ILHA DO BAZARUTO PARA A DESIGNAÇÃO DAS COISAS

Línguas nacionais	Língua oficial	Português	linguagem científica	Inglês
Xitsua	Gitonga	Português		
rale	rale	tapioca		granuls of cassava
tsembula	dhari	mandioca		cassava
mhathapa	mathapha	Folhas da mandioqueira		
mubhave	nganga	cacana	<i>Momordica balsamina</i>	wild cucumber
mukakatsuko	Nkakata			meal of cassava
dzwiphaki	sivhia	milho		maize
mihambu	silungo	batata-doce		sweet potatoe
phuphu	wughubhi nya	sivhia	farinha de milho	meal (various)
riwa	lirigiri	abódora		pumpkin
nyawa	nyemba	feijão cafreal		beans
tihaka	dzikhanga	frutos da cacana		fruit of wild cacumber
khalavatlha	lidzwani	melancia		sweet mellon
sowori	dzilongue	piri-piri		periperi
mahila	maphila	mapira		sorgum
mahlala	maramba	massala	<i>Strycnos spinosa</i>	
kwakwa	Nguagua		<i>S. innocua</i>	
Nkhanye	nganye	canhueiro	<i>Sclerocaryo caffra</i>	
mareru			<i>Eugenia caffra</i>	
titjinzo	dzikhindro	tamarindeiro	<i>Phoenix reclinata palm</i>	fruit of Phoenix reclinata palm
Ntjinzo	khindro		<i>Phoenix reclinata palm</i>	Phoenix reclinata palm
hanga	ligueo	Palmeira Brava	<i>Hypaene natalensis palm</i>	
utchema	utchema	vinho da palmeira brava		wine from H. natalensis palm
titi	titi		<i>Artabotrys branchypetalus</i>	
matiti	matiti			fruit of Artabotrys branchypetalus
Nkhuri	n'gure	Árvore de jambalão	<i>Syzygium cordatum</i>	
tikuri	dzikure	jambalão		fruit of Syzygium cordatum
madhokomela	madhogogomela		<i>Landolphia kirkii</i>	
mabhobho	mabhobho			fruit of Salaicia kraussii
tsobe			<i>Dovialis longispina</i>	
titsove				fruits of Dovialis longispina
tlhanzua			<i>Mimussops caffra</i>	
mbimbi	vhimbi		<i>Garcinia livingstonei</i> T. ANDERS	

APÊNDICE A : NOMES DE USO QUOTIDIANO NA ILHA DO BAZARUTO PARA A DESIGNAÇÃO DAS COISAS (continuação)

Material de construção "thinhy taku aka ha tona tiyidro" house building material
 "misimbo nya gu bhaye dzi nhyumba"

Línguas nacionais	Língua oficial	linguagem científica	Inglês
Xitsua Gitonga	Português		
n'kahlane n'guene	_____	<i>Tabernaemoutana elegans</i>	STAPP
lhelho wheuho	_____		shampoo creeper
mavilwa masilwa	_____	<i>Vangueria tomantosa</i>	HOCHST
n'rova livhudzu	Anoneira ou ateira brava	<i>Annona senegalensis</i>	Pers
hangula uhângula	mulala	<i>Euclea schimperi</i> ou <i>natalensis</i>	thuth brush
tshunga _____	_____	<i>Acacia karroo</i>	roots that keep away snakes
mahanga magueuo	_____		leaves of <i>H. natalensis</i> palm
titsulu dzimbosi	juncos	<i>Juncus</i> sedge	(for mat making)
jheka muasi nya magueta	capim de cobertura	serrated sedge	(used for thatching)
lhangá dzitsava	caniço	<i>Phragmites</i> reeds	reeds(used for building houses)
numbi nyandra	molho de caniço	_____	bundle of <i>Phragmites</i>
dzuanhy muasi	capim em geral	_____	grass in general
n'sululwane sululwane	casuarina	<i>Casuarina equisetifolia</i>	

Habitats

fuse lifuse	mata	_____	thicket
khuati likhabhi ou guipópo	floresta	_____	forest
xitivana guitivana	lagoa	_____	small lakes
tivha litiva	lago	_____	large lake
phani liphani	planície	_____	wetland
nkhovha _____	vale	_____	grassland
xitsunga guighomo	monte (elevação)	_____	dune or mountain
tjongo tsongo	rio	_____	river

Alavanca de locomoção do barco de pesca:

Boating and fishing gear:

ngalava n'galava	barco-a-vela	_____	sailboat
nanga guirikiso	âncora	_____	anchor
tanga litanga	vela	_____	sail

APÊNDICE A : NOMES DE USO QUOTIDIANO NA ILHA DO BAZARUTO PARA A DESIGNAÇÃO DAS COISAS (continuação)

Línguas nacionais	Língua oficial	linguagem científica	Inglês
Xitsua	Gitonga	Português	
xirumbha; toni	girumbha	lula	squid
nyathinili	nyathindrili	holotúria	Holothuria scabra
thewo	lithewo	concha lâmina	rezor shells
mapalo	mavhalu	ostra de areia	<u>Pinctada imbricata</u>
matwitwi	_____	_____	Pinctada imbricata sand oister
nhamujala	_____	_____	Big Murex
manzithula	_____	_____	Tridacne clam

Água doce:

xidrhuwane	gidzhuwane	peixe da água-doce	Oreochromus mozambica	Oreochromus mozambica
tlhavi	n'dzondzi	peixe preto da água-doce	Clarius mozambica	Clarius mozambica

Animais em geral:

hawu ya	dzongo nya	macaco simango	_____	samango monkey
simango	simango	_____	_____	_____
guirila	libwanga	esquilo	_____	night ape
xhindzi	tshindri	esquilo vermelho	_____	red squirrel
mangulu	mangulu	mangulo	_____	red duinker
dhamarelo	_____	gala-gala	_____	Gecko
kwatlhe	kwahle	jacaré	_____	Veranus
khondlro	lighondzo	rato	_____	rat
nhongane	phúgha	mosca	_____	fly
suná	tsuna	mosquito	_____	mosquito

Desinações gerais

Xiloso	lisaho, gibhongo	apelido	_____	surname
mhamba	mhamba	sacrifício; oferenda ritual	_____	ritual
kuphàhlà	mhamba guphasa mhamba	oferecer sacrifício	_____	to offer a sacrifice

APÊNDICE A : NOMES DE USO QUOTIDIANO NA ILHA DO BAZARUTO PARA A DESIGNAÇÃO DAS COISAS (continuação)

Material de construção "thinhy taku aka ha tona tiyidro" house building material
 "misimbo nya gu bhaye dzi nyumba"

Línguas nacionais	Língua oficial	linguagem científica	Inglês
Xitsua Gitonga	Português		
kasya likasya	remo		oars
xikilo lemi	leme de condução		rudder for sailboat
mulonguati ninguati	mastro		mast
kiya kia	quilha		keel
musimo phondrua	verga		boom
xangua xangua	cana de pesca		fishing rod
xinda mika sifi	fio-de-pesca		handline
xilowe guilowe	anzol		hook
xukwa nyambwa	isca		bait
ku ringuela gu lovha	pescar		to fish
xirhikhiso kuly	chumbo		sinker
kunhupela gumila	mergulhar		to dive
mahule uhuhule	gamboa		fish trap
mutsembelo gulombela	premissa da inauguração da gamboa	first	day of fishing with mahole
thumbu lithumbu	grande rede de pesca por arrasto para a terra		seine net
xinia ginia	rede de pesca por arrasto de malha fina		gilnet
muranga rangha	armadilha ou gaiola de pesca		fiscage

Tempo:

musika siga	vento sul
muronga rongga	vento norte
palamanda	vento sudoeste
ga musika	
palamanda	vento leste
ximandi guimandre	vento weste
hunguvha hunguvha	nevoeiro

Weather:

south wind
north wind
east wind
south/west wind
west wind
mista

APÊNDICE A : NOMES DE USO QUOTIDIANO NA ILHA DO BAZARUTO PARA A DESIGNAÇÃO DAS COISAS (continuação)

Línguas nacionais		Língua oficial	linguagem científica	Inglês
Xitsua	Gitonga	Português		
wheti	nguima	lua		moon
gambo	lidhambo	sol		sun
Ambiente marinho:			Marine environment:	
bhimbi	livhimbi	baía, mar		bay
bhimbi ga	livhimbi nya	oceano		open sea
hombe	likhonolo			
tsuani	phuani	praia		beach
mango	fungu	banco de areia		sandbanks
khuluti	liguluti	maré-viva		high tide
mafamati	mafamati	maré-morta		low tide
nonga	phiri	canal		channel
mahata	mahata	algas marinhas		sea grass and algae
mātala	sifungu	bancos de areia sempre cobertos de água		sand banks wich are always conerd with water
Animais marinhos:			Marine animals:	
nguluvedjandji	tseste	dugongo		dugong
xinholo	gikole	tartaruga marinha		longgerhead turtle
hasi	gikole	"-		green turtle
xihambamutwitwi	"-	"-		hawksbill turtle
mukololo	"-	"-		leatherback turtle
phapha; xivhingui	guivhingui	tubarão		shark
malundu	nyabhugue	senene	peixe papagaio	blue parrot fish
tinguihi	dzinguhi			surgeon fish
nyabhukwe	nyabhugue		<u>peixe papagaio vermelho</u>	red parrot fish
Ajudas à navegação:			Navigational aids:	
tinyeleti	dzinyeledzi	estrelas		stars
maltlhatlhe	thandra	Venus (guia para os pescadores)		Venus